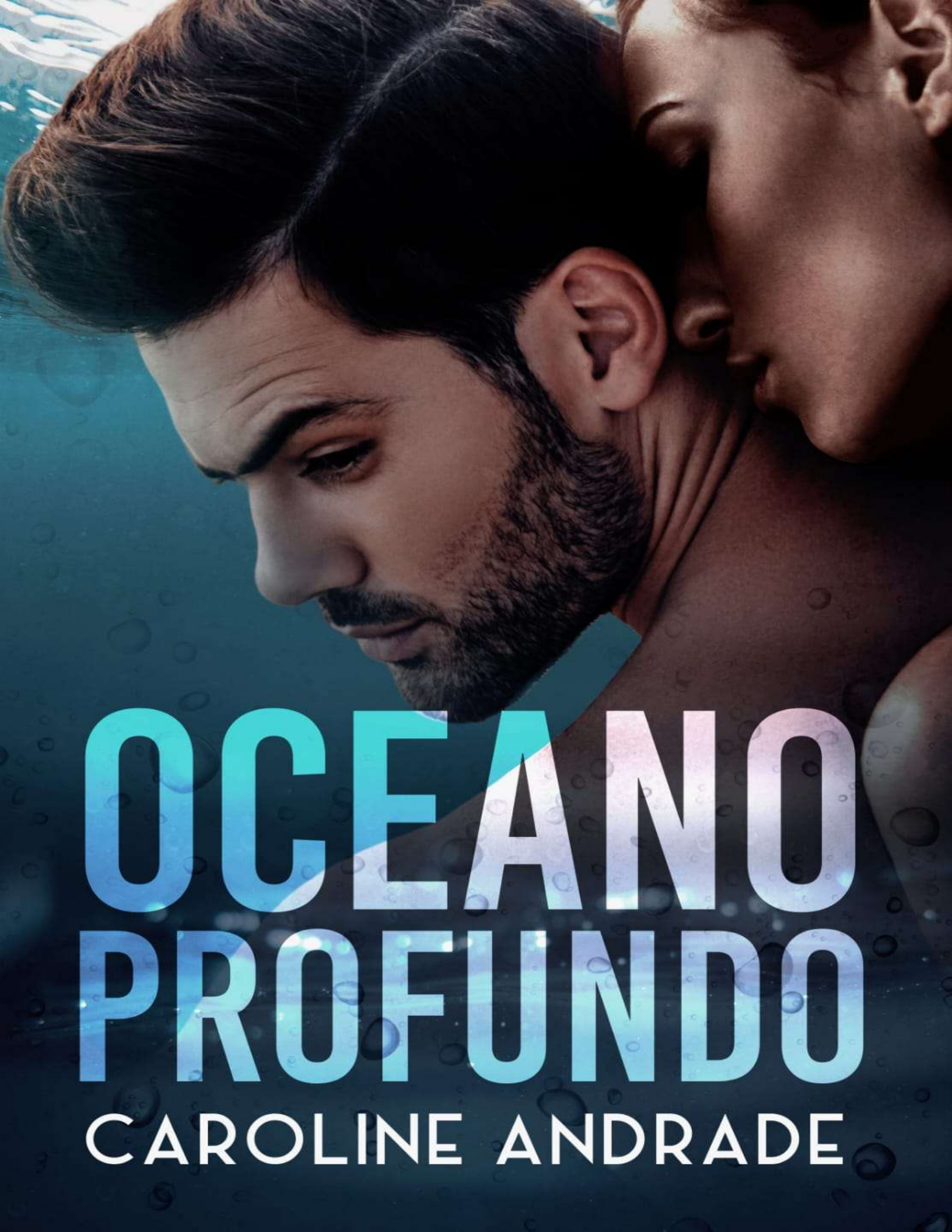
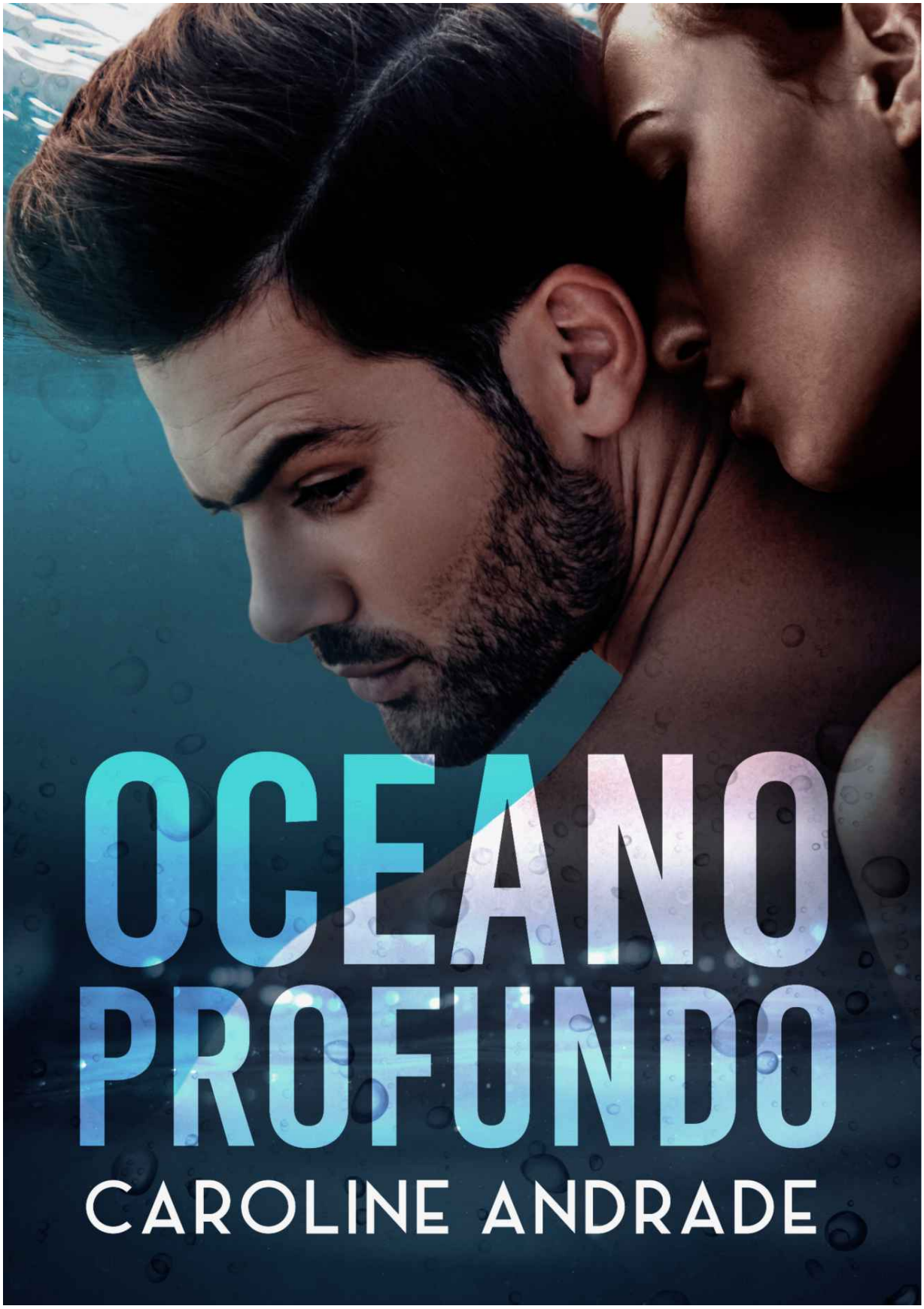

OCEANO
PROFUNDO
CAROLINE ANDRADE


OCEANO
PROFUNDO
CAROLINE ANDRADE

OCEANO PROFUNDO

CAROLINE ANDRADE

Sumário

Sinopse
Playlist
Introdução
    O NÁUFRAGO
        ALAN SPENCER
Capítulo 01
    A PEQUENA FLOR DE HAVANA
        ALAN SPENCER
Capítulo 02
    UMA FLOR NO ESCURO
        SELINA LOPEZ
Capítulo 03
    SEREIA
        SELINA LOPEZ
Capítulo 04
    ABÓBORA
        ALAN SPENCER
Capítulo 05
    O HÓSPEDE
        SELINA LOPEZ
Capítulo 06
    OLHOS DE PRATA
        ALAN SPENCER
Capítulo 07
    O AJUDANTE
        SELINA LOPEZ
Capítulo 08
    O CANTO DA SEREIA
        ALAN SPENCER
Capítulo 09
    HADES
        ALAN SPENCER
Capítulo 10
    TEMPESTADE
        SELINA LOPEZ

Capítulo 11
A SOLIDÃO
SELINA LOPEZ
Capítulo 12
A SENTENÇA
ALAN SPENCER
Capítulo 13
MARIPOSA
ALAN SPENCER
Capítulo 14
A DÍVIDA
SELINA LOPEZ
Capítulo 15
MARÉ BRAVA
SELINA LOPEZ
Alan Spencer
Capítulo 16
A PESTE DO MAR
ROB SALES
Capítulo 17
O FAROL
ALAN SPENCER
Capítulo 18
A MALDIÇÃO DA SEREIA
ALAN SPENCER
Capítulo 19
LA LHORONA
SELINA LOPEZ
Capítulo 20
2X2
ROB SALES
Alan Spencer
Rob Sales
Capítulo 21
MINHA ESCOLHA
ALAN SPENCER
Capítulo 22
LUZ DO FAROL

ALAN SPENCER
Capítulo 23
O TROCO
ROB SALES
Capítulo 24
UMA CANÇÃO NO ESCURO
SELINA LOPEZ
Capítulo 25
O ALTAR
ALAN SPENCER
Capítulo 26
OCEANO PROFUNDO
ALAN SPENCER
Capítulo 27
A DESOLAÇÃO DA SEREIA
SELINA LOPEZ
Capítulo 28
A FÚRIA DO KRAKEN
ALAN SPENCER
Capítulo 29
UMA RAINHA PARA UM REI
SELINA LOPEZ
Capítulo 30
CAOS
MANOLO SALES
Selina Lopez
Capítulo 31
A VINGANÇA DE POSEIDON
ALAN SPENCER
Capítulo 32
A SEREIA SEM ESCAMAS
SELINA LOPEZ
Capítulo 33
MEU MUNDO
ALAN SPENCER
Epílogo
SELINA LOPEZ
Alan Spencer

O Vira-lata e a Bruxa
Donna Cortéz
Agradecimentos
OUTRAS OBRAS
Outras obras:
Únicos

Copyright © 2023** por **Caroline Andrade
Oceano Profundo | *1ª Edição*
Todos os direitos | Reservados
Livro digital | Brasil

Esta é uma obra de ficção.

Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos aqui são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a prévia autorização por escrito do escritor, exceto no caso de breves citações incluídas em revisões críticas e alguns outros usos não-comerciais permitidos pela lei de direitos autorais.

***Capa**: Mellody Ryu*
***Leitura crítica:** Valdirene Gonçalves*
***Revisão**: Gramaticalizando assessoria*
***Diagramação**: Mellody Ryu*

O **artigo 184 do Código Penal** tipificava como **crime**, apenado com detenção de 3 (três) meses a 1 (hum) ano, ou multa, a **violação** de **direito** de autor que não tivesse como intuito a obtenção de lucro com a reprodução da obra intelectual protegida.

Sinopse



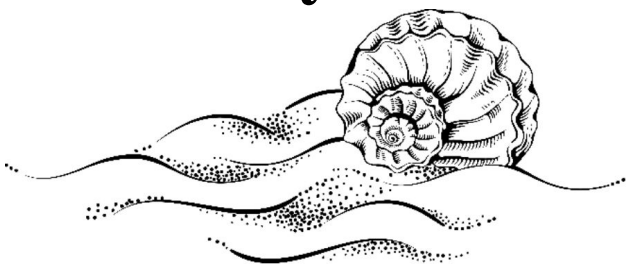
Dado como morto pelos ladrões que mataram seu pai, Alan Spencer retorna após quinze anos, pronto para dar o troco. Durante todos esses anos, ele alimentou sua fome por vingança assiduamente. Alan chega em Havana para acertar as contas com aquele que foi responsável por apertar o gatilho que tirou a vida do seu pai. Mas nada na vida sai como planejado, o destino sempre tem uma pequena armadilha em seu caminho, e Alan conhece a dele quando é socorrido por uma sereia. Uma sereia com pernas de mulher e olhos tão prateados como diamantes, que despertarão sentimentos novos na alma morta do assassino de aluguel, a qual ele julgava ser tão inabitável e escura quanto o mais profundo oceano.

Aviso de Dark Romance, contém gatilhos. Indicado para maiores de 18 anos.

Gatilhos: tortura, morte, palavrão, sexo explícito, agressão física contra mulher, agressão física contra animal e agressão psicológica.



Playlist

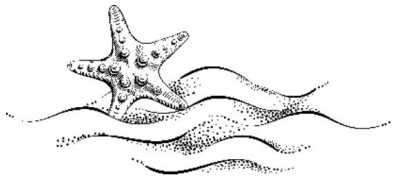


Para ouvir a playlist de *Oceano Profundo*, basta clicar abaixo:

https://open.spotify.com/playlist/6hUkLFODXnsp8ogy9N110q?si=24c4aa855544464c

“Nós vivemos e morremos por belas mentiras
Você sabe disso
Oh, nós dois sabemos disso
Esta casa em chamas, não sobrou nada
Está queimando
Nós dois sabemos disso
Nós temos a noite inteira para nos apaixonarmos
Mas, em um estalar de dedos, desmoronamos
Estamos quebrados.”

Nothing Breaks Like a Heart – Mark Ronson (feat. Miley Cyrus)



Introdução



O NÁUFRAGO

ALAN SPENCER

Em algum lugar no Oceano Pacífico

— Apenas o deixe fora disso, está bem?! — Meus dedos se prendem à mão do meu pai ao ouvir a voz nervosa dele. — Já conseguiram o que queriam, por favor, não façam isso...

— Vamos embora, já pegamos tudo, Sales. Você disse que levaria o dinheiro e os deixaria vivos — o homem grande à minha frente fala sério, me encarando, enquanto o outro rapaz está com um revólver apontado para o peito do meu pai. — Alguém vai encontrar esse veleiro à deriva e vai resgatá-los. Quando isso acontecer, estaremos longe.

— Eles viram o meu rosto. É tão inocente assim, Black? — O homem com a arma automática mantém sua mira em meu pai ao responder seu comparsa. — Acha mesmo que ele não vai vir atrás de mim, assim como irá atrás de você, seu burro?!

— Eu juro, juro pela minha vida, que nunca vou atrás de vocês! — Meu pai solta meus dedos e espalma sua mão em meu peito, me colocando atrás dele lentamente.

— Por favor, Sales, abaixe essa arma. Eu não aceitei participar de assassinatos. Sabe que apenas concordei porque preciso do dinheiro...

— Cala a porra da boca, Black! — Ouço os gritos dos ladrões ao discutirem.

Meu rosto gira e olho o mar revolto, que quebra suas ondas na lateral do barco. Sinto as gotas de chuva caírem sobre minha cabeça, e não compreendo o que está acontecendo. Tínhamos saído de viagem uma semana atrás, uma aventura dos Lobos do Mar, como meu pai a tinha nomeado. Eu havia aguardado pelas férias escolares para poder ter esse momento com ele, iríamos cruzar o Pacífico até chegar ao Golfo do

México. Ele tinha alugado um veleiro com o Capitão Black, que nos levaria para nossa viagem, apenas para podermos fazer essa aventura juntos.

O amor ao mar sempre foi nossa paixão em comum, a qual eu aprendi a ter com ele. Meu pai é dono de uma das maiores empresas de transporte de contêiner, sempre está viajando, mas as férias são sagradas. Nessa época ficamos juntos, e eu anseio por essas férias todo ano. Minha mãe morreu ao me dar à luz, meu pai é tudo que eu tenho, mas, dessa vez, nessa viagem, tudo está estranho.

Acordei com os gritos do Capitão do barco, que me tirou da minha cama quinze minutos atrás, me arrastando para fora da cabine, onde vi meu pai ajoelhado, com a boca sangrando, tendo uma arma apontada para sua cabeça. Ao lado do veleiro, uma lancha estava ancorada. Meu pai tinha dado tudo o que eles pediram: nosso dinheiro e seu relógio de ouro, só que ainda assim eles não abaixaram a arma.

— Por favor, por favor, não façam isso... Black, por favor...

— Se despeça do seu pai, garoto! — Sales cospe no chão, tombando seu rosto para o lado.

É tudo muito rápido. Vejo as costas do meu pai ficando eretas, e em um rompante ele se vira para mim, batendo forte sua mão em meu peito e me lançando ao mar quando me empurra com força para fora do barco.

— PAIIIIIIII...

Sinto como se tudo estivesse em câmera lenta: meu grito de desespero, os olhos do meu pai me encarando com tristeza, o som do tiro, a mancha de sangue se espalhando em sua camisa, o baque do meu corpo ao cair na água e afundar no mar... Vejo metade do corpo do meu pai ficando dependurado pela lateral do barco, com seus braços esticados, como se fosse para me alcançar.

Quando submerjo das ondas, a correnteza do mar vai me jogando para longe, me arrastando com ela. A chuva que tinha se iniciado se transforma em um temporal. Luto, tentando retornar à superfície, nadando com agonia e medo, tentando voltar para o veleiro, que tem a lancha se afastando dele. E até penso que estou conseguindo chegar até a embarcação, mas uma grande explosão me joga novamente para o fundo. Uso um pedaço

da popa do veleiro para boiar, enquanto vejo o resto dele afundando, sendo engolido pelas ondas do mar.

Três dias depois, naufragando e segurando um pedaço de madeira, tendo apenas medo e as faces dos homens que mataram o meu pai consumindo minha mente, com meu corpo completamente desidratado e com insolação, sou resgatado por um navio mercante.

Aos dezesseis anos perdi a única pessoa que eu amava.

Capítulo 01



A PEQUENA FLOR DE HAVANA

ALAN SPENCER

Havana, capital de Cuba

Ao chegar ao hotel decadente que estou hospedado, depois de ter ajudado com o descarregamento do navio, fui para o quarto e tomei um banho rápido. Vesti roupas limpas e saí para o bar que tem na esquina do local. Sento-me em uma mesa ao canto e peço uma dose de rum. Faz duas semanas que cheguei em Havana, sem nenhuma pressa de voltar para casa. Hoje só quero beber até apagar por completo a minha mente. Desejo poder dormir uma única noite que seja sem ter aqueles malditos rostos me assombrando em meus sonhos, sem ter que reviver noite após noite a morte do meu pai. O celular em meu bolso toca e o retiro lentamente, observando o nome do meu primo na tela. Ele cuida de toda a parte burocrática da firma de transportes.

— Não me diga que já sente minha falta — o provoco assim que atendo sua chamada.

— *Imensa, não tem ideia, quase nem durmo pensando em você todas as noites.* — Rio com a resposta dele e me encosto na cadeira, erguendo meu rosto e observando o garçom deixar meu copo de bebida sobre a mesa.

— Sempre tão amável, Tony. — Abaixo meu braço e bato lentamente a ponta dos meus dedos na mesa.

— *Sabe como eu sou sentimental* — ele fala mordaz, e quase posso o visualizar sentado atrás da sua mesa, com seu terno azul engomado e sua face irônica.

— Tanto quanto uma mamãe ganso cuidando do seu ovo de ouro. — A risada alta dele se faz do outro lado da linha.

— *Exatamente, e é por isso que essa mamãe ganso está mandando um jato para Havana para lhe buscar amanhã*.

— Oh, meu Deus, me prometeu que esqueceria de mim por um mês, Tony! — Seguro minha bebida e a levo à boca. — Preciso de descanso.

— *Poderá descansar o tanto que quiser depois que morrer, e enquanto esse dia não chega, preciso de você aqui, na firma. O trabalho não tira férias, Alan.*

— Quando diz trabalho está se referindo a você, certo?! — Solto o ar com desânimo, não acreditando que esse puto já quer me fazer retornar. — Não entendo por que fui a favor de você ficar à frente da gerência da firma, comandando os associados, se eu preciso estar aí.

— *Porque enquanto você se diverte, alguém precisa fazer o trabalho sujo!*

— Pensei que eu fosse o responsável pelo trabalho sujo. Me lembrarei disso no próximo serviço. — Sorrio e viro meu rosto para a janela, observando a movimentação da rua.

— *Qual é?! Apertar o gatilho de um rifle, até a filha de seis anos da minha assistente consegue, agora ficar usando terno o dia todo, dentro desse escritório, é para poucos*. — Ele ri, me provocando.

— Me pareceu um bom acordo, afinal, foi escolha sua ficar com o colarinho branco enquanto eu sujo as mãos de sangue!

Essa é a minha vida, sem passado, presente ou futuro, apenas seguindo para o próximo serviço, usando o disfarce de um trabalhador comum entre os funcionários da minha própria empresa de transporte de contêiner marítimo. Cada mês em um porto diferente, sendo rápido e limpo a cada serviço.

— *Tenho certeza de que ficaria bem melhor aqui, cuidando da empresa junto comigo. Aprenderia a confiar mais nas pessoas.*

— A última vez que meu pai confiou na palavra de alguém, isso lhe custou a vida, Tony! — falo sério, esmagando meus dedos no aparelho.

— *Qual é, Alan, um dia vai ter que aprender a confiar em alguém!*

— Confio em você, e sabe muito bem que eu prefiro morrer do que ficar trancafiado dentro de um escritório doze horas por dia, engravatado, por isso ficou à frente da empresa e eu com os negócios sujos do titio. —

Ouço as reclamações dele do outro lado da linha, enquanto tento me livrar desse retorno. — Você é bom no que faz, não precisa de...

— Temos uma reunião com a Motorsimports quarta-feira, me sentiria mais seguro se estivesse presente como meu guarda-costas pessoal.

Abaixo meu copo e repuxo minha boca, esfregando minhas têmporas com os dedos, fechando meus olhos.

— Não me diga que vai foder com as minhas férias apenas porque não quer se encontrar com a representante rabuda da empresa, Jessica Pinch — digo sério, abrindo meus olhos e encarando o copo.

— Você sabe que ela me odeia, e você nem está de férias! Férias, para mim, sou eu bebendo um drinque no Havaí, com uma bela mulher ao meu lado, de biquíni, na praia, não fingindo ser um batedor de carga falido.

— O jeito que gosto de levar minha vida não vem ao caso agora. Você dormiu com ela em um sábado e comeu a filha dela no domingo, Tony, é óbvio que ela lhe odeia. — Nego com a cabeça, erguendo meu braço e pedindo outra dose para o garçom. — Não vou ser arrastado para Nova York porque não soube controlar seu pau, parceiro. Não precisa de um guarda-costas, mas sim de um cinto de castidade!

Depois de mim, Tony é dono das maiores ações da empresa, o encarregado de cuidar de toda parte burocrática e liderança, enquanto todo o resto dos associados pensa que o herdeiro do finado Stuart Spencer é um excêntrico recluso que fica trancafiado dentro da mansão Spencer, preferindo viver isolado. Foi o próprio Tony que espalhou esses boatos, a meu pedido. Meu primo é apenas três anos mais velho do que eu, mas desde novo sempre foi um homem pragmático, com uma mente rápida para os negócios. Depois da morte do meu pai, minha guarda ficou com meu tio, um homem com quem não tinha muito contato na época que meu pai era vivo. Porém, ele era o único familiar que eu tinha, um militar que depois de receber baixa, começou a fazer pequenos trabalhos seletos para antigos amigos da marinha, como mercenário.

Fui criado pelo velho mercenário junto com meu primo Tony. Meu tio percebeu grande potencial em mim durante as caças de servos que

fazíamos nos fins de semana, descobrindo que o jovem órfão silencioso não era bom apenas em retirar peles de coelhos, mas também em acertar um alvo em movimento a quilômetros de distância. Quando dei por mim, já estava aceitando o acompanhar em seu trabalho paralelo, e aos vinte anos já trabalhava sozinho, como assassino de aluguel. Tony, por sua vez, se transformou no melhor alicerce que a empresa que eu herdei do meu pai poderia ter, por conta da sua mente brilhante. Se eu sou rápido com uma arma, Tony é duas vezes mais com o raciocínio. E, juntos, nós dois expandimos a empresa, a usando como fachada para lavar o dinheiro do meu trabalho paralelo, até a mesma estar espalhada pelo mundo.

No entanto, nem todo ser humano é perfeito. O que Tony Spencer tem de cérebro brilhante, ele possui em cretinismo com as mulheres. Jessica é um exemplo vivo do desvio de caráter do meu primo. Tony viajou para uma conferência de importação no Novo México no mês passado, e conheceu uma bela executiva que caiu no encanto do seu cinismo. Foi um caso de uma noite, jogo rápido, uma coisa normal na vida de Tony. Bom, seria normal se no outro dia ele não tivesse ido à piscina do hotel, onde conheceu uma jovem hispânica sedutora, que também caiu no encanto de Spencer. A merda é que Jessica é a representante da Motorsimports, uma empresa grande no ramo de motores automobilísticos da Fórmula 1. A face de surpresa do meu primo foi impagável quando ele viu Jessica entrando na sala de reuniões, e sua cara de susto perdeu apenas para a expressão de espanto quando a secretária entrou atrás dela. A secretária é a filha de Jessica, a hispânica sedutora que ele comeu na piscina do hotel.

— *Eu já disse um milhão de vezes, como eu ia saber que a secretária dela era a filha?* — Ele faz uma pausa, me deixando o ouvir conversando com Lince, seu secretário. — *Preciso que retorne para cá, Alan. Você já está há três anos sem retornar para casa.*

— O mar é a minha casa, sabe que eu não desejo voltar.

— *Alan, está acabando com sua vida nessa maldita busca. Isso não é o que o seu pai desejaria para você.*

Ranjo meus dentes e fecho meus olhos, inalando o ar com força. Tony é o único que sabe o que eu verdadeiramente busco nessas viagens marítimas a cada novo serviço que aceito. Caço por Manolo Sales. Dois

anos atrás finalmente consegui ficar cara a cara com um daqueles homens que participaram da morte do meu pai, o Capitão Black, o dono do veleiro em quem meu pai confiava, e o mesmo homem que o entregou para Sales. Black estava decadente e moribundo, largado em um píer na Costa Rica. Cheguei até ele através de informações que fui recolhendo em cada bar frequentado por pescadores e marinheiros, que trabalhavam nos píeres que eu passava entre as minhas viagens de trabalho, a bordo dos cargueiros da minha empresa, disfarçado de batedor de carga. Quando encontrei Black, ele já estava entrando nos últimos estágios da cirrose hepática[1]. O consumo em demasia de bebidas alcoólicas ao longo da sua vida finalmente tinha cobrado seu preço.

Queria poder dizer que senti algum tipo de empatia pelo maldito homem que se encontrava em um estado cadavérico, com seus olhos amarelos e barriga inchada, que fedia igual a um animal morto, mas eu não senti nada, nenhuma emoção além de ódio e raiva, as mesmas que me consumiram durante anos. Black confessou que fez aquilo por causa da grana, para pagar uma porcaria que ele precisava. E não tendo como levantar o dinheiro rápido, Sales o ajudaria se Black avisasse a ele sobre alguns navios e veleiros onde Sales podia encontrar algo de valor. Black vendeu o meu pai depois de ouvir uma conversa dele com alguém da firma. Um navio de nossa transportadora estaria levando uma grande carga de tapeçarias e pedras preciosas da Índia para Nova Orleans. Sales não invadiu o veleiro aquela noite apenas para poder roubar um relógio de ouro e alguns trocados, mas sim porque queria a rota precisa que o cargueiro percorreria. Sales atirou a sangue frio e covardemente nas costas do meu pai quando ele me empurrou para fora do veleiro, e Black explodiu a embarcação depois que eu já estava na água.

Meu pai havia entregado a rota para eles antes de Black ir me tirar da cabine. Black tinha certeza de que Sales não iria fazer nada contra nós, porque esse tinha sido o trato, mas não foi assim que aconteceu. Sales destruiu a minha vida, tirou de mim a única pessoa que eu tinha. A única coisa que aquele maldito contrabandista não contava, era que um menino de dezesseis anos sobreviveria ao naufrágio e que iria até as portas do inferno para vingar a morte do seu pai. Larguei Black no píer com um tiro na

cabeça, o qual disparei a sangue frio, depois de o assistir sangrando na sarjeta igual a um rato de esgoto, como ele merecia.

Fui atrás de cada pista de Manolo Sales após isso, o caçando, e a última pista que tinha encontrado me trouxe até Havana, onde um traficante chamado Tobias morava e poderia me dizer onde encontrar Sales. Por isso eu vim todos os dias nesse bar, pois sabia que mais cedo ou mais tarde Tobias apareceria por aqui.

— Eu não posso desistir, não agora — falo sério, abrindo meus olhos e encarando o mar do lado de fora da janela.

— Já se passaram quinze anos, Alan. Esse homem pode estar em qualquer lugar desse mundo, assim como também já pode estar morto.

— Ele não está! Eu tenho certeza disso — brado, não contando para ele sobre minha pista. — E quando ele morrer, será pelas minhas mãos.

— Alan, preciso de você aqui, volte para casa!

— Quer ajuda, eu lhe dou. Ofereça um acordo que ela não poderá refutar. Jessica é ambiciosa, se ela ganhar um acordo vantajoso entre as empresas, talvez esqueça por alguns segundos que você é um cretino que fodeu com ela e comeu a filha dela no dia seguinte.

— Nem tudo se trata de dinheiro, Alan.

— Tudo é dinheiro, todos têm um preço. — Uma coisa que aprendi rápido nessa vida, é que tudo tem valor. Lealdade, favores, ninguém faz nada de graça. — Descubra o valor do ódio dela e você não terá mais problema!

— Buscando por emoção novamente, bebê?

Sou interrompido da minha conversa com o meu primo por duas garotas com quem tomei uma cerveja aqui no bar semana passada. Elas sentam uma de cada lado de mim, raspando suas unhas em meus braços.

— Tony, preciso desligar. — Sorrio para elas.

— Aproveite sua noite, bebê, amanhã cedo a mamãe ganso quer seu rabo Spencer de ouro em Nova York!

— Sem chance! — respondo, soltando uma risada. — Vou jogar esse celular fora e só mês que vem eu te ligo!

Escuto sua gargalhada descarada antes dele desligar, encerrando a chamada. Guardo o aparelho no bolso da minha camisa.

— Vai pagar uma bebida para nós hoje, bebê? — uma delas fala com a voz doce, alisando meu peito e escorregando sua mão para dentro da minha camisa.

— Lhe vi hoje cedo no píer... — A outra chama minha atenção quando sua unha passa por minha orelha. — Trabalha por lá?

Balanço minha cabeça em positivo, confirmando sua pergunta e a encarando.

— Não tem cara de pescador... — sussurra com a voz melosa, quase se assemelhando a uma criança falando. — Ele parece um pirata, não acha, Marilu?!

— Oh, sim! Um mercenário do mar, um saqueador que roubou meus pensamentos a respeito de quando vai me convidar para passear na praia à noite... Meu pirata...

Seguro o pulso dela com força e abaixo meu rosto, olhando sua mão dentro da minha camisa. Retiro sua mão lentamente de perto de mim e ergo meu rosto para ela, a encarando por um tempo.

— Não sou seu! — Mantenho meu semblante fechado, aproximando minha face da sua. — E não me chame de pirata novamente.

Solto o braço dela e a vejo o deixar encolhido em cima das suas pernas. Desejo não ter sido tão ríspido em meus gestos e palavras, mas a simples comparação com o tipo de lixo humano que matou o meu pai me faz sair do sério. Respiro fundo e afasto meus olhos dela, observando o pequeno bar lotado. Está cheio de marinheiros e pescadores, com algumas prostitutas se oferecendo para eles. Algumas mulheres estão sentadas nos colos de outros fregueses, que estão do outro lado do bar, jogando cartas. Mas minha atenção é roubada pela porta que é aberta. Por ela entra um pequeno corpo feminino de pele negra, com cabelos compridos e volumosos, de baixa estatura e um sorriso gentil em seus lábios. Os óculos escuros emolduram sua face, destacando seus lábios grossos, que possuem um tom rosado natural. Ela caminha entre todas as pessoas, sorrindo, conversando com eles. Talvez o que me faça ficar preso nela é ver a

pequena mulher nesse lugar tão inapropriado, que a faz parecer uma flor perdida entre o lodo.

A curiosidade de saber o que ela está fazendo num lugar como esse vai tomando conta de mim, me deixando mais atento a ela. Não pelo fato dela ser mulher, e sim por ela não parecer em nada com as outras que oferecem seus corpos a troco de dinheiro nesse bar. E em meio ao cheiro de cigarro, charutos cubanos e perfumes de putas baratas, meu nariz é invadido por um aroma de jasmim quando o ventilador velho de ferro na parede se move na direção dela, a acertando com seu vento, o trazendo para mim, aguçando meu olfato de uma forma tão instigante, que se eu fechar meus olhos posso até me ver deitado sob a luz do sol, em um campo de flores de jasmim. Ela aumenta seu sorriso, caminhando em direção ao balcão, segurando uma cesta em sua mão. Os homens sentados nas banquetas, de frente para o bar, se levantam, dando passagem para ela quando a mesma se aproxima. Meus olhos acompanham seus gestos calmos. Ela retira de dentro da cesta várias bandejas, deixando-as sobre o balcão.

Observo as cortinas de lantejoulas, que tem atrás do balcão, se movendo, e um armário ambulante de dois metros de altura, com a cara fechada, fica com a expressão risonha quando a avista. Me pego olhando com atenção a forma como ele estica sua mão e alisa a bochecha dela, a fazendo rir para ele. Meus olhos se abaixam quando o corpo dela se inclina para perto do balcão, e quase rio ao notar seus pés nas pontas da sandália, para a deixar mais alta. O vestido marca cada linha suave do seu corpo feminino, chamando mais minha atenção para seu quadril volumoso.

— Ei, não vai levar a gente para o quarto hoje? — uma das garotas sentada ao meu lado pergunta.

— Não — respondo sem desviar minha atenção da criatura perdida dentro desse buraco. — Podem sair da minha mesa, por favor?!

— Ridículo! — a tal Marilu resmunga com raiva e se levanta, levando a outra com ela.

Não compreendo o fato que não consigo parar de olhar a pequena mulher. Mantenho minha atenção nela, assistindo-a se afastar do balcão e andar entre os clientes, parando perto das mesas e oferecendo o que tem dentro da sua cesta. Sinto uma frustação por não poder ver seus olhos, que

estão escondidos atrás dos óculos escuros bregas, os quais eu adoraria retirar da sua face, apenas para observá-la. Pisco, confuso, com essa ideia que me assalta, não entendendo desde quando me sinto atraído por esse tipo de mulher, que mais parece uma jovem que fugiu da escola. Meus pensamentos são nublados pelo aroma doce do perfume de jasmim dela, que cada vez mais se aproxima de mim. Estudo suas mãos finas e delicadas, que seguram sua cesta. O vestido rosa marcado na cintura e a saia rodada lhe dão um aspecto mais juvenil ainda, e meu pau responde rápido à imagem dela, pulsando dentro da calça.

E pateticamente percebo que pareço um adolescente, que nutre a esperança de que ela me note. Me sinto agitado, com a garganta seca e uma inquietação que eu nunca tive me tomando a cada passo que ela se aproxima de mim. E quando finalmente ela está a poucos passos da minha mesa, um cara levanta rapidamente e a empurra com a cadeira. Seus pés se atrapalham, a desequilibrando. Meu corpo é mais rápido e levanto em um rompante, agindo por impulso, a pegando antes que ela caia de cara no chão. Só percebo o que eu fiz quando sinto a maciez do seu corpo colado ao meu.

— *Dios mío*[2] — ela fala nervosa quando a pego. Meus olhos se abaixam para sua mão espalmada em meu ombro, enquanto ela respira rápido.

— *Estás a salvo, chica.*[3] — Meu corpo se endireita e a trago junto comigo quando sento novamente em minha cadeira, a deixando em meu colo.

— *Gracias, señor.*[4] — Sua voz soa baixa e tímida, ainda tendo seus dedos trêmulos se apertando em meu braço.

Meus olhos ficam perdidos no delinear da sua boca, e não consigo recordar de quando foi a última vez que fiquei tão atraído por uma mulher dessa forma.

— Perfeita... — murmuro em inglês, ainda perdido na delicadeza dos traços do seu rosto.

— Bom, espero que o *senõr* esteja falando da sua agilidade em me segurar antes que eu caísse no chão, e não se referindo a mim. — Sou pego

de surpresa quando ela fala rápido em um inglês perfeito.

— Na verdade, minha coordenação motora é péssima, horrível. — Tento soar corriqueiro, não demonstrando como ela me deixou desconfortável por ser pego admirando-a. — Mas hoje ela foi perfeita, assim como você, *chica*!

Um vergonhoso sorriso nasce em seus lábios, ficando parado na lateral deles, com ela me apertando com mais força, mantendo sua cesta presa por sua outra mão. Seu aroma é mais sedutor do que eu poderia imaginar. Escorrego minha mão, que estava espalmada atrás do seu ombro, em sua cintura lentamente, acompanhando os movimentos suaves que seu peito faz a cada respiração morna dela. Pequena, macia e cheirosa, o que me faz a assemelhar com uma delicada e mágica sereia, que encanta e prende os homens no canto lírico da sua voz. Seu cheiro doce de jasmim, o qual eu aprecio, me faz imaginar meu nariz deslizando por cada centímetro da sua pele, farejando, e com toda certeza nunca me enjoaria disso.

— É um galanteador, *señor*, mas agradeço por ter me ajudado a não me deixar cair.

— Enquanto eu estiver por perto... — Minha voz está baixa, com o timbre rouco, ao passo que tento fazer minha mente retornar ao normal. — Pode contar com meus braços para segurá-la.

— Realmente as mulheres desse bar caem nessa conversa? — Sua voz risonha soa baixa, não passando despercebido que ela caçoa de mim.

— Para ser franco, não digo isso a elas. Porém, a meu favor, posso garantir que nenhuma delas caiu literalmente em meus braços, como aconteceu com você.

— Um nato Don Juan[5].

— Acho que sou mais charmoso do que ele! — falo em minha defesa, tentando parar de parecer patético com a forma como a aproximação dela me deixa.

Desejo chutar meu rabo assim que compreendo como soei ridículo, mas quem leva um tombo sem ter ninguém para se segurar sou eu, assim que ela abre um largo sorriso e solta uma risada espontânea, salientando as covinhas das suas bochechas. Sua mão diminui a força que ela me segura, e

sinto seus dedos subirem por meus ombros lentamente. Ela toca meus cabelos, alisando uma mecha de mansinho.

— Um Don Juan — diz em um sussurro, soltando a mecha de cabelo e dando um suspiro baixinho.

Sua mão volta a percorrer meu ombro e vai até meu pescoço, o dedilhando devagar e subindo lentamente pelo meu rosto. Me sinto elétrico com a delicadeza e minuciosidade dos seus toques curiosos. Seus dedos tímidos traçam cada centímetro da minha face, contornando desde os meus lábios até a ponta do meu nariz.

— Qual seu nome, marinheiro? — pergunta com sua voz doce, não tendo mais o sorriso brincalhão em seus lábios.

— Como pode ter tanta certeza de que sou marinheiro, *chica*? — indago baixo para ela, gostando de sentir seus dedos me tocando com timidez. — Posso muito bem ser só um turista a passeio.

— Suponho que o fato desse bar ser frequentado apenas por marinheiros e pescadores, além dos rapazes que trabalham no píer, tenha contribuído para essa lógica. — Ela retorna a sorrir para mim, me capturando em seu sorriso, demonstrando ser esperta. — E, por fim, seu aroma tem a fragrância do oceano, o que me diz que prefere passar mais tempo embarcado em alto-mar do que em terra firme. Sinto o odor de maresia vindo de você, mas não de peixe, o que descarta você ser um pescador. Sua mão esquerda, que está confortável espalmada em minhas costas, possui a textura da pele grossa, mas não tão grossa como a dos pescadores, que passam horas trabalhando com a rede de pesca. Presumo que seja um batedor de carga. A propósito, acho que agora é aquele momento que você solta a minha cintura com sua mão direita, para que eu possa sair do seu colo.

Olho seu corpo tão perfeito sentado de lado em minhas pernas, parecendo algo tão natural e pessoal, que não me sinto propenso ainda a deixá-la partir.

— Não quero correr o risco de deixar você se levantar e acabar se machucando, ainda pode estar abalada por conta do susto que levou — digo, rindo, levando minha mão de suas costas para sua cintura e afagando

sua pele por cima do tecido do vestido. — Estou apenas pensando no seu bem-estar!

Aproximo um pouco mais meu rosto do seu e sinto sua respiração morna tocar minha pele. Ela solta um suspiro baixinho, chamando a atenção dos meus olhos para sua boca assim que seu lábio superior suga o inferior, deixando as pontinhas dos dentes à mostra. Sem conter os impulsos dos meus gestos, minha outra mão se ergue e aliso seus cabelos, os empurrando lentamente para trás da sua orelha. O arrepio da sua pele não passa despercebido sobre minha atenção, e sinto o ar sendo sugado ainda mais forte para dentro dos meus pulmões enquanto respiro agitado. Gosto da forma como ela está relaxada, sentada em meu colo, do seu calor, do seu aroma e da forma como não esconde a reação do seu corpo ao meu toque. É como se aqui, sentada em minha perna, fosse seu devido lugar, e a vontade de nunca mais soltá-la, a tirando desse estabelecimento promíscuo, que não combina em nada com a inocência que exala dela, me invade de uma maneira assustadora.

— Já estou bem para ficar de pé agora*, señor* — ela diz envergonhada, encolhendo seus braços. — Mais uma vez, obrigada por ter me ajudado.

Sua mão espalma em meu peito e empurra lentamente seu tronco para trás, mordiscando seus lábios. Eu queria arrancar seus óculos para olhar em seus olhos, descobrir se são tão negros quanto seus cabelos, se ficariam brandos e me olhariam com timidez se eu aproximar um pouco mais minha boca da sua. Respiro seu cheiro de jasmim sabendo que está se tornando afrodisíaco para mim. Ela se mexe em meu colo, para poder arrumar suas pernas e se levantar, o que acaba fazendo sua bunda roçar em meu pau, que responde instantaneamente aos seus movimentos, deixando meu pau ainda mais rígido. Ela para de se mexer na mesma hora, ficando como uma estátua ao sentir minha ereção, que a essa altura do campeonato não tem como esconder.

— Selina, você está bem? — O grandão que a tinha recebido no balcão, quando ela chegou, está parado diante de nós, me encarando.

Ele passa seus olhos entre mim e ela, ficando um tempo observando meus dedos parados na cintura da pequena. Logo ele estica seu braço e

retira a cesta das mãos dela, voltando a me encarar, parecendo um leão de chácara[6]. Devolvo a mal-encarada que ele me dá, não desviando meus olhos dos seus.

— Estou sim, Zapata! — ela responde e dá um risinho envergonhado. — Esse respeitável *marinero*[7] me pegou antes que caísse de cara no chão, sabe como sou desastrada.

Ela retira sua mão do meu peito, o que me faz sentir uma perda estranha dentro de mim, desejando que ela fique um pouco mais. Seu pequeno corpo se inclina para frente, para se levantar, e antes que eu possa ajudar, a grande mão do gigante se estica, segurando a dela.

— Venha, *pequeña*[8]! — diz e solta sua mão depois que a ajuda a se levantar, entregando a cesta na outra mão dela.

Ela sorri para ele com carinho e arruma a cesta em seu braço, ajeitando seu vestido.

— *Muchas gracias, marinero*.[9] — Seu sorriso tímido volta a adornar seus lábios, com ela virando lentamente para mim. Sua mão se estica para dentro da cesta e a vejo retirar um pequeno saco com *casadielles*[10]. — Sei que é pouco, mas é tudo que tenho para oferecer em gratidão.

Seu braço fica esticado, segurando o saco de doce com os pequenos pastéis em minha direção. Ergo meu braço e o pego com demora, deixando meus dedos tocarem propositalmente os seus, notando o abalo que é causado em seu peito, que sobe e desce rapidamente, com sua respiração descompassada.

— Alguma chance de retirar esses óculos como agradecimento, Selina? — Solto seus dedos, pegando o pacotinho de doce e lhe perguntando, não desviando meus olhos da face dela.

— Espero que goste do doce, eu tenho que ir agora. — Ela vira rápido, esticando sua mão, que logo é agarrada pelo gigante do balcão. — Zapata, poderia me ajudar a chegar até a saída?

Ele não espera por um segundo pedido, a leva para longe rapidamente, se afastando com ela. O homem gira seu rosto por cima do ombro e me dá uma última encarada, retornando a olhar para frente. A vejo

sair com ele para fora do bar, e em um piscar de olhos todo o estabelecimento retorna a ser o que era antes, um lixo.

Capítulo 02



UMA FLOR NO ESCURO

SELINA LOPEZ

Passei o resto da tarde fazendo as entregas dos meus doces caseiros para os meus clientes, alguns restaurantes, lanchonetes e mercearias, tendo o estranho Don Juan do bar invadindo meus pensamentos constantemente depois do nosso desastroso encontro, com o timbre grosso da sua voz repercutindo em minha mente. O barulho de um relâmpago no céu me avisa que a chuva está chegando. O vento gelado não traz mais o mormaço do calor que teve no decorrer do dia. Ando mais depressa, cortando caminhos e pegando a direção das vielas, a qual eu sei que o fluxo de carro é menor. Conheço o porto de Havana como a palma da minha mão, sei onde está cada pedra e buraco em suas ruas. Cresci andando pelos becos, ladeiras e passarelas dessa cidade. Minha mãe sempre me disse que eu tinha que ser independente, para não precisar de ninguém.

Quando tinha seis anos, minha mãe, que trabalhava em uma fábrica de tingimento de tecido em Cuba, me levou com ela para o trabalho, por não ter com quem me deixar. Eu estava brincando, correndo entre os corredores de tonéis de tinta, quando vi uma borboleta amarela. Me encantei por ela e a segui. Ela pousou em uma estrutura de ferro, então andei até ela, desejando poder vê-la de perto. A passarela de ferro na qual eu andava estava condenada, por estar enferrujada, e o chão cedeu, me levando a cair dentro de um tonel gigante. Eu mergulhei com os olhos abertos. Fui resgatada por um dos funcionários, que chamou os paramédicos.

Uma semana depois, quando estava em casa, recordo que um dos primeiros sintomas que senti foi a ardência em meus olhos. A sensação era de que eles estavam queimando. Minha visão foi ficando embaçada a cada dia que se passava, e eu fui perdendo a visão pouco a pouco. Minha mãe chorava todos os dias depois que o médico contou para ela que eu tinha sofrido uma queimadura química ocular grave, e que eu ficaria cega se não fizesse uma cirurgia, porém não tínhamos condição de pagar. Meu pai, nessa época, nos abandonou, penso que ter uma filha cega era uma carga

que ele não queria. Por isso, ele aceitou um trabalho em um navio de carga e nunca mais retornou, abandonando tanto eu quanto a minha mãe. Sem ter como ir trabalhar e pagar as contas de casa, e com uma filha deficiente visual, minha mãe retornou para Havana, onde minha finada avó materna tinha deixado uma casa simples para ela. Mamãe pensava que os médicos de Havana poderiam me curar, que teriam outro tratamento ou alguma ajuda para custear a minha cirurgia. Quando os especialistas de Havana desenganaram minha mãe com a esperança dela sobre minha cegueira ser temporária, lhe confirmando que eu jamais voltaria a enxergar novamente, ela começou a me ensinar a me virar sozinha. Aprendi a contar meus passos, a saber quanto quilômetros percorro da minha casa até as docas e o píer, a andar no meio da floresta que tem atrás da casa da minha avó. Ela me ensinou a fazer seus doces quando cheguei à adolescência, assim como me instruiu a mexer no fogão e cuidar de mim mesma sem depender da pena das outras pessoas. Desta maneira, fui me tornando cada vez mais independente e forte.

Sempre fui esperta, aprendia rápido, desenvolvia meus outros sentidos, conseguindo sobreviver com eles. Minha mãe me ensinava tudo o que podia, quase como se ela soubesse que me deixaria cedo. Eu tinha dezessete anos quando ela faleceu com pneumonia dupla, me deixando solitária. No dia que enterrei minha mãe, lembro que fiquei parada perto do penhasco das rochas, próximo da minha casa, chorando sozinha. Me sentia solitária e perdida. No entanto, continuei trabalhando, fazendo os doces que ela me ensinou e os vendendo, me tornando o que ela tinha me ensinado a ser: independente.

Pelo som das buzinas que está ficando distante, e dos gatos miando, revirando a lixeira à minha esquerda, sei que já estou chegando ao beco que tem atrás do bar de Zapata, que fica ao fim da rua. Já deve ser quase 20h da noite. Os barulhos dos gatos me avisam isso, pois na esquina do beco tem um restaurante de frutos do mar, e eles só tiram o lixo depois das 19h. Suspiro, cansada, sentindo dor em meus pés pelo tanto que andei hoje, mas graças a Deus consegui vender todos os doces, e estou retornando para casa com a cesta vazia. Um som alto de algo caindo no chão com força me faz parar de andar, e ouço o som de uma discussão, com vozes masculinas alteradas.

— Pega a porra da arma! — Escuto uma voz nervosa gritar. — Quero ver esse filho de uma puta bater no meu irmão de novo!

Pulo para trás, com o coração na boca, quando um gatinho salta perto de mim, se esfregando em minha perna e me fazendo sentir o coração na boca. Me concentro nos miados dele, e quando ele se afasta, ando devagar, o seguindo. Minha mão se ergue e sinto a textura áspera e bruta da parede, e me encolho perto dela, respirando rápido e rezando para que os homens não me vejam.

— Seu irmão não passa de um merda! — Meu rosto gira para a esquerda quando reconheço essa voz, é do Don Juan do bar. — Leal a um assassino — ele diz, rindo com dificuldade.

A voz dele é cortada por um disparo alto e potente, que faz meus tímpanos doerem, vindo seguido de um grito de dor. Ouço o corpo cair ao chão, desabando.

— Ele ainda está vivo, Rob! — Uma voz masculina aguda se faz presente, soando nervosa. — O que vamos fazer com ele? Precisa dar outro tiro!

Acho que não tenho noção do perigo que estou correndo, mas apenas me agacho, ofegante, tateando minha mão no chão, atrás de alguma pedra. Ao sentir a textura grossa em meus dedos, seguro-a com força e a arremesso com todo vigor na direção que eu vim, o que acaba fazendo um barulho enorme quando a pedra acerta uma janela e quebra o vidro, causando um estrondo alto de vidraça se partindo.

— Anda logo, Tobias, deixa esse bosta para morrer aqui! — Ouço uma maldição e logo os passos de pessoas correndo.

Me colo ainda mais à parede, quase como se pudesse fazer parte dela, rezando para que eles não me vejam. E quando tudo fica silencioso, desencosto da parede, deixando minha mão espalmada nela, e caminho de mansinho. Nessa hora, imploro a Deus para que me ajude, e pela primeira vez em minha vida me odeio por ser cega.

— Por favor... Por favor, faz qualquer som, somente um barulho. — Sinto as lágrimas queimarem em meus olhos, e o desespero me ataca enquanto respiro rápido. — Deus, por favor, o faça fazer qualquer barulho...

Como resposta às minhas preces, escuto um gemido de dor bem baixo. Largo minha cesta ao chão, desesperada, e fico em meus joelhos, engatinhando e batendo minhas mãos nos cascalhos do beco. Não demora muito para eu sentir a viscosidade de sangue em meus dedos.

— Não... não... Cadê você... — Bato meus dedos no chão, caçando pelo dono desse sangue, que deve estar esparramado. Minha mão resvala em algo, o que me faz retornar para a direção certa, e logo sinto suas pernas. — Oh, meu Deus, obrigada...

Minhas mãos seguem o comprimento das suas pernas, até se aproximarem do seu quadril. Ao tatear sua barriga, percebo que o fluxo de sangue é maior nessa região. Seguro seu pulso e noto que sua pulsação está ficando fraca. Rasgo a bainha do meu vestido, buscando com meus dedos pelo seu ferimento, e assim que o encontro, pressiono o tecido em cima dele. Meus dedos percorrem por cima do seu peito, subindo o ombro e descendo por seu braço, até eu conseguir encontrar sua mão. A ergo e a deixo depositada em cima do pano em sua barriga.

— Não me deixa, *marinero,* por favor — balbucio entre as lágrimas. — Preciso que aguente.

Levanto cambaleando e tento lembrar em qual ponto do beco estou. Sei que do outro lado da rua tem uma entrada que leva direto para os fundos do bar. Atravesso o beco e vou batendo desesperadamente minhas mãos pela parede. Respiro apressada, sentindo o suor em meu corpo e o sangue colando em meus dedos, enquanto conto baixo cada passo, quase como se fosse uma oração. Preciso de mais dez passos para encontrar a maçaneta da porta que vai me levar à cozinha do bar. Nunca andei tão rápido para chegar até ela, e com muito esforço, depois que a encontro, dou graças por Zapata ainda não ter a fechado. Abro e entro, chamando aflita por ele:

— Zapata... Zapataaaa! — Sinto duas mãos pousarem em meus ombros, o que me faz soltar um grito, assustada.

— Selina, o que pensa que está fazendo aqui nesse horário? — Zapata me pergunta, me virando lentamente para ele. — Sabe que depois que escurece é perigoso ficar andando por esses becos. Oh, céus, está machucada, isso é sangue em suas mãos...

— Zapata, me ajuda, por favor. — Ergo minhas mãos e as deposito em seus ombros, chorando assustada. — O beco... nos fundos... acabaram de atirar em um homem, ele está vivo ainda.

Ele é rápido quando segura minha mão e me leva junto com ele de volta para fora. Acho que sente meu coração desfibrilando enquanto ando e rezo para não tropicar.

— Droga! É aquele idiota que estava bebendo no bar! — A voz de Zapata sai brava quando ele para de andar. — Cuidado, está a um passo da cabeça dele.

— Como ele está? — pergunto ao meu amigo, soltando sua mão e me abaixando lentamente. Fico com meus joelhos dobrados no chão, e meus dedos se esticam. Sinto a sua cabeça e espalmo meus dedos na lateral do seu rosto, o depositando lentamente em minhas pernas.

— Esse palerma arrumou uma briga feia com o filho de Arruda. Eu o vi indo embora depois da discussão, mas devia ter imaginado que ia dar merda. — Zapata respira pesado, se agachando perto de mim e me deixando sentir sua mão tocando em meu ombro. — Tem que sair daqui, Selina. Se ele não morrer agora, irá assim que a polícia chegar. Sabe que Arruda tem toda a guarnição comendo na palma da mão dele, por conta do seu irmão Manolo.

— Zapata, ele está baleado, não podemos deixá-lo morrer como um cão sarnento só porque ele bateu naquele filho mimado de Arruda — falo entre o choro, negando com a cabeça. — Por favor, ele precisa de um médico.

— Você não entende, Selina. Esse daí selou sua sentença de morte quando bateu em Tobias. Nenhum médico, em toda Havana, vai querer pôr as mãos nele. — Zapata segura meu braço, tentando me erguer.

Puxo com força meu braço de volta, não o deixando me afastar do homem baleado.

— Não... — Estico meus braços, os deixando por cima do peito dele. — Não vou deixar esse homem morrer, mas eu não posso fazer isso sozinha.

— Selina, não podemos fazer nada...

— Zapata, por favor! — Choro, negando com a cabeça, sentindo uma dor forte em meu peito. — Me ajude a levá-lo até minha casa, então. Belinda vai cuidar dele para mim. Ela nunca negou ajuda a ninguém.

— Você não pode realmente estar falando sério, ao acreditar que uma velha eremita, que mora no meio do mato, possa salvá-lo — ele me diz com a voz nervosa.

— Zapata, por favor!

O som da respiração dele fica ainda mais pesada, com seu grande corpo se levantando e sua voz brava resmungando, antes de sentir o corpo do homem baleado sendo tirado dos meus braços.

— Vou me arrepender disso! — Zapata resmunga, bravo. — Anda, venha, vamos sair logo daqui!

Capítulo 03



SEREIA

SELINA LOPEZ

— Deixe-o em minha cama, Zapata — digo para ele ao abrir a porta de casa, dando espaço para ele entrar.

Zapata nos levou com seu carro até a minha casa, que fica afastada da aglomeração da cidade.

— Por que quer tanto salvar esse homem? É só mais um marinheiro bêbado! — Zapata diz com a voz grossa, brigando comigo.

— Talvez seja pelo mesmo motivo que minha mãe salvou você! — falo brava para ele, contando sete passos da entrada da sala até a porta do meu quarto. — Independentemente do que ele seja, ainda assim é uma vida.

Ouço os passos pesados de Zapata sobre o chão de madeira, que estala com seus movimentos. Não demora muito para o rangido da cama velha se fazer presente quando o corpo do homem é depositado sobre ela.

— Desnecessário trazer sua pobre mãe para essa conversa, Maritiza foi uma santa para mim — diz, ressentido, me deixando saber que ficou magoado.

— Eu sinto muito!

— Fique aqui, Selina, vou atrás daquela velha para você — fala, caminhando para fora do quarto e me deixando ouvir seus passos se afastando. — Mesmo eu sabendo que é uma perda de tempo querer salvar esse homem.

— Oh, meu Deus, Zapataaa! — brigo com ele, o ouvindo sair da casa ao bater a porta da frente com força.

Me retiro do quarto e vou para a cozinha, contando meus passos. Puxo a cortina embaixo da pia quando sei que parei de frente para ela. Estico meu braço e pego a bacia, a erguendo na pia e a enchendo com água. Puxo um pano de prato na gaveta do armário e deixo meus dedos na borda da bacia, para saber quando a água já chegou ao nível que preciso. E assim que enche, caminho para o meu quarto, a levando comigo, com o pano de

prato em meu ombro. Paro perto da cama e me abaixo, deixando a bacia no chão, ao meu lado. Molho o pano dentro dela e o torço um pouco, estendendo meu braço para o homem e espalmando meus dedos em seu braço. Movo meus dedos para cima, até chegar em seu rosto, e uso o pano para limpar sua face.

— Papai, vem comigo!

Paro meus movimentos na mesma hora, ao ouvir sua voz. Sinto sua mão se fechar no meu pulso com uma força de ferro, enquanto ele retorna a chamar pelo pai. Ele está agitado, com a respiração forte, gemendo de dor. Deposito minha outra mão em seu peito com carinho e o afago, fazendo círculos, tentando acalmá-lo.

— Está tudo bem, *marinero*! Está a salvo agora — digo com a voz suave para ele. — Você vai ficar bom de novo...

— Sereia... — ele balbucia, mantendo sua mão presa em meu pulso. — Pequena Sereia...

O som da madeira rangendo na varanda, na entrada da minha casa, avisa que Zapata retornou, junto com Belinda.

— Vejo que a criança já começou a cuidar dele. — A voz amável da velha Belinda sai alta, com ela entrando no quarto e parando ao meu lado. — Fez bem, meu anjo. Agora deixe eu ver que tipo de animal quer salvar dessa vez. É igualzinha à sua mãe, não pode ver um cachorro vira-lata machucado que já quer cuidar!

— Entendi muito bem o que quis dizer, velha! — Zapata entra no quarto resmungando.

— Pelos céus, jura?! Achei que esse corpo todo imenso não pensava! — ela o provoca, falando diretamente com ele.

Tento me levantar para dar espaço para Belinda, mas o homem ferido não me solta.

— Não vá embora, Sereia! — A voz agoniada e com dor sussurra, com ele apertando mais forte o meu pulso.

— Deixa eu te ajudar. — Sinto as mãos fortes de Zapata tentando me libertar do aperto.

— Zapata! — Dou um tapa em suas mãos, para que ele não faça isso.

Levanto de mansinho, ficando na beirada da cama, ao lado dele, perto da sua cabeça.

— Não, não... Esse ferimento está muito feio! — Belinda murmura.

Sinto uma dor em meu peito ao ouvir isso, imaginando que ele não possa resistir. Me aproximo mais dele, usando minha outra mão para alisar sua cabeça.

— Você vai salvar ele, não é, Belinda? — pergunto para ela, com medo da resposta.

Sua mão amável alisa meu ombro, e ela solta um baixo suspiro.

— Vou fazer de tudo, minha criança, eu prometo — fala e se afasta de mim. — Anda, gigante, vá pegar água quente, e preciso que esquente uma faca também, e tem que ser bem afiada. Temos que cauterizar esse ferimento.

— Velha mandona! — Zapata resmunga, se afastando em seguida.

— Cristo, não sei o que Maritiza tinha na cabeça quando salvou esse parrudo!

— Mamãe sempre dizia que ele tem o coração bom — murmuro, sentindo o aperto dos dedos do homem ficando mais relaxado conforme aliso seus cabelos.

Meus dedos acariciam seu rosto agora, e sinto novamente sua barba rala, que tinha feito cócegas nos meus dedos quando o toquei dentro do bar. Eu nunca tinha sentido a forma estranha como meu coração ficou disparado ao ficar tão próxima dele, e gostei do som da sua voz, dos efeitos que ela me causava.

— Como o bonitão conseguiu esse tiro, você sabe? — Belinda me pergunta baixo.

— Na verdade, eu não sei. Zapata apenas disse que ele discutiu com o filho de Arruda. — Fico em silêncio, ouvindo a respiração dele. — Por que o chamou de bonitão?

— Porque ele é. Pena que mexeu com gente errada... — O som dos passos de Zapata voltando para o quarto a faz parar de falar. — Você tem que segurá-lo, gigante, pois assim que a lâmina quente da faca encontrar a pele dele, ele vai pular que nem um cavalo bravo.

Não demora muito para o cheiro de carne queimando invadir o quarto. O grito agonizante que ele solta é de dor na alma. Ele aperta meu braço com uma força maior, e Zapata o imobiliza, segurando seu corpo que se debate. Inclino meu corpo para perto dele, deixando meu rosto próximo ao seu.

— Vai acabar logo*, marinero* — digo para ele com tristeza, sentindo como se sua dor fosse dentro de mim. — Por favor, se acalme, é para o seu bem.

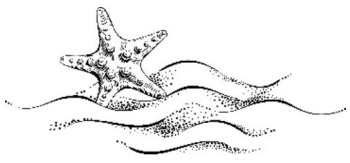
Duas horas depois, entre os gritos agonizantes e quatro desmaios que ele teve, Belinda consegue cuidar do ferimento. Retiramos suas roupas sujas e trocamos a roupa de cama com a ajuda de Zapata, que o segurou nos braços. Estou sentada no chão, perto da sua cama, tendo a mão dele presa em meus dedos, não me soltando, quando ouço a voz de Belinda:

— Não vou mentir, meu amor, ele perdeu muito sangue... — Sua voz é cansada quando fala, enquanto alisa meu rosto. — Se ele conseguir passar dessa noite, a vida dele está garantida, Selina.

— Obrigada, Belinda, por ter o salvado.

— Na verdade, eu ainda tenho minhas incertezas se ele vai sobreviver, por isso vou passar a noite aqui hoje, vai precisar de ajuda, criança.

Fico quietinha, respirando assustada, sentindo tanta dor dentro de mim, além de medo de algum mal acontecer a ele.



Acordo no sofá, com o som dos pássaros cantando lá fora. Escuto os passos lentos de Belinda dentro da casa, e o cheiro de café, vindo da

cozinha, juntamente com o odor de charuto cubano que entra pela janela, me deixa saber que Zapata está sentado na varanda. Me sento lentamente e estico meus braços, soltando o ar devagar pela minha boca com um bocejo.

— Bom dia, Selina! — A voz carinhosa de Belinda fala comigo, vindo da direção da entrada da cozinha.

— Bom dia. Como ele está? — pergunto para ela, girando meu rosto na direção do meu quarto. Ouço-a caminhar até mim e segurar meus dedos, deixando uma xícara em minhas mãos.

— Ele teve um pouco de febre à noite, e falava Sereia a cada segundo — diz, rindo. Aperto meus dedos na xícara e a ergo para perto da minha boca, sentindo o aroma de café. — Fora isso, achei que ele havia morrido umas duas ou três vezes. Mas, no fim, ele está bem, sobreviveu a esta noite.

Fico feliz com essa notícia e sorrio, tomando um gole de café e ouvindo a risada dela.

— Eu nem sei como agradecer, Belinda! — Abaixo a xícara de perto da minha boca e sinto um alívio dentro do meu peito.

— Não tem o que agradecer, meu anjo! Na verdade, quem salvou ele foi você, não eu — ela diz, depositando um beijo no topo da minha cabeça. — Deixei uma sopa para ele comer quando acordar em cima do fogão, à noite eu volto para ver como ele está.

Ela me dá mais um beijo em cima da cabeça e se afasta, em seguida ouço seus passos indo em direção à porta.

— Já está voltando para o túmulo, múmia? — Zapata a inferniza, fazendo-a xingá-lo.

Escuto os passos pesados dele pela casa, vindo em minha direção.

— Por que tem que implicar tanto com ela, Zapata? — digo brava a ele, negando com a cabeça.

— Ela também implica comigo, desde a época da sua mãe! — ele se defende.

Rio e me levanto, indo devagar para a cozinha. No fim, sei que a implicância dos dois é a única forma que eles têm de se recordar da minha

mãe. Eu tinha quinze anos quando minha mãe encontrou Zapata ferido na beira da praia, ele tinha sido espancado brutalmente. Minha mãe o trouxe para casa e cuidou dele, fez a mesma coisa que eu, pediu ajuda à Belinda para poder cuidar dos ferimentos graves que ele possuía. Um dia, ouvi as duas conversando, e Belinda aconselhava minha mãe a tirá-lo de dentro de nossa casa, pois Zapata não tinha um passado bom. Mesmo assim, minha mãe não se importou. Ela cuidou dele até ele sarar, e mesmo depois que ele ficou bom e foi embora, Zapata nunca deixou de vir em nossa casa.

Eu sempre perguntava à minha mãe se ela gostava dele, mas ela sempre negava, porém eu penso que eles tinham algo sim. Zapata sofreu muito quando ela morreu, Belinda me contou que o viu chorando no enterro, e até hoje ele ainda vai visitar o túmulo, ficando horas perto da lápide dela. Ele se transformou em um bom amigo, em um guardião que sempre cuida de mim.

— Você vai ficar bem sozinha com ele aqui? — Zapata pergunta para mim.

— Vou, não se preocupe, está bem?! — lhe respondo, deixando a xícara em cima da pia.

— Eu ainda não sei se é uma boa ideia, não sabemos quem ele é...

— Zapata, vou ficar bem! — Viro, sorrindo, tentando o acalmar.

— Eu tenho que ir conferir se Tulio fechou o bar certinho, depois vou ver como estão os boatos pelo píer, saber se tem alguma pessoa que sabe de algo. Selina, pelo seu bem, ninguém deve saber que ele está aqui.

— Sim, eu sei! — Deixo meu sorriso morrer, balançando minha cabeça em positivo.

O problema todo em si, não é o fato do estranho homem ter batido no inútil do Tobias, o verdadeiro problema é o irmão mais velho de Arruda, o tio de Tobias. Manolo Sales não tem fama de ser benevolente com ninguém, e com toda certeza já deve saber que o corpo do homem que bateu no sobrinho dele sumiu, e vai querer descobrir quem foi que o tirou de lá.

— Não saia de casa hoje — Zapata diz, baixo. — Melhor ficar fora de vista até esse homem sair de dentro da sua casa, Selina.

— Eu tenho encomendas... preciso...

— Mais tarde passo aqui e venho buscar os doces, deixa que eu mesmo entrego — fala ranzinza. — Não saia de casa até esse homem partir.

Ele me dá um beijo na testa e vai embora, não me dando chance de dizer nada. Apenas escuto o barulho do carro dele, se afastando, enquanto estou na cozinha, tentando analisar o que eu fui fazer quando decidi salvar a vida desse estranho.

Caminho para o meu quarto e vou em direção à cama. Sinto as pontas dos seus dedos, e minha mão se aperta em volta da sua. Na sequência, sento-me de mansinho na beirada da cama.

— O que eu fui inventar para minha cabeça, mãe?! — murmuro, não tendo ideia de quem é esse homem, de onde veio, o que faz e, principalmente, qual motivo o levou a arrumar briga com essas pessoas.

Capítulo 04



ABÓBORA

ALAN SPENCER

O cheiro de jasmim é como um guia que vai me conduzindo para fora dos meus sonhos conturbados, um farol que ilumina o caminho entre as ondas bravas do mar que me engolia em meu sonho. Sinto uma dor em minha cabeça, como se ela estivesse rachando, e um gosto amargo nos lábios, não sentindo minhas forças. Mas o cheiro, esse doce cheiro que tinha ficado tatuado em minha memória, invade as minhas narinas a cada ar que puxo para os meus pulmões. A voz calma ao fundo conversa com brandura, soltando uma risada repleta de alegria, a qual há muito tempo não ouvia.

— Cadê você, Abóbora?! — Abro meus olhos lentamente, ao ouvir sua voz com mais clareza, o que me faz compreender que não é um sonho.

Encaro o teto sobre mim, tombando meu rosto lentamente para o lado, e vejo o cômodo simplório que não possui divisa. Meus olhos percorrem por toda parte e faço uma vistoria rápida. A casa de madeira não demonstra muita segurança, não suportaria um temporal se fosse atingida, mas em seu interior existem tantas cores vivas e vibrantes, desde a manta de retalho no sofá até as almofadas e as cortinas. Atrás do sofá vejo o que presumo ser a cozinha, novamente sem portas e divisórias, apenas uma abertura larga e espaçosa, com móveis antigos dentro dela, igual à sala. Vou deixando meus olhos percorrerem tudo com atenção, tentando entender que lugar é esse. No entanto, minha atenção fica presa aos pés da cama, onde a criatura alaranjada e peluda está me observando com atenção. O som dos passos vindo da direção da cozinha me faz girar meu rosto para lá na mesma hora.

Seus cabelos negros caem sobre seus ombros, e um vestido verde-claro está adornando seu corpo, tendo apenas uma fina alcinha em seus ombros ficando até altura das suas coxas. Não tenho a mínima ideia de como vim parar aqui, mas reconheço a pequena flor assim que meus olhos a enxergam. Ela anda tranquila pelos cômodos sem divisórias, vindo direto para o quarto e parando no meio dele. Seus olhos, por trás dos benditos

óculos escuros, se mantêm escondidos, igual no dia que a conheci. O bichano gordo se move, andando lentamente por cima da cama e subindo nas minhas pernas, sem desviar seus olhos de mim. Sinto que estou sendo julgado por um gato, que me repreende por estar deitado na cama dele. Ele vira de forma esnobe, pulando no chão com graciosidade, balançando sua longa cauda.

— Te achei, sua bola de pelo encrenqueiro! — ela diz, parando ao lado da cama, se abaixando perto dele quando ele acaricia a perna dela com seu rosto, se esfregando e ronronando. Ela senta no chão, ficando com seus joelhos dobrados e o pegando no colo.

Fico em silêncio, admirando o sorriso que tem em seus lábios ao afagar o gato preguiçoso. A grande cara redonda alaranjada fica séria, me encarando como se estivesse me dizendo para nem tentar chegar perto da sua dona.

— Estava preocupada com você, passou dias vadiando fora de casa, Abóbora!

O gato mia com dengo, voltando a esfregar a cara peluda nela, ronronando, gostando dos carinhos que recebe. Sinto uma fisgada em meu abdômen quando tento me sentar. Paro no lugar e ergo lentamente a coberta que tapa o meu corpo, vendo minha barriga totalmente enfaixada, com o resto do meu corpo despido. Ela fica abaixada próxima à cama, segurando o animal nos braços, com seu corpo imóvel. A jovem está a um braço de distância de mim, mas não compreendo por que estou sendo ignorado por ela. Por que ela não me olha? Por que não fala comigo? Respiro com força e solto uma lufada de ar dos meus pulmões. Seu rosto se ergue em um movimento rápido na mesma hora na minha direção.

— Achei que passaria mais um dia dormindo — murmura timidamente, soltando o gato no chão.

— Como vim parar aqui? — pergunto, sentindo minha boca seca e amarga. — Preciso de água.

Ela levanta devagar, girando sem me responder e caminhando rumo à cozinha. Não demora para retornar, vindo em direção à cama e trazendo em suas mãos uma caneca. Assim que para perto da cama, se abaixa e deixa

a caneca no chão. Sua mão se estica, se apoiando na beirada da cama, e senta lentamente. Suas mãos tateiam por cima da coberta e sobem sem pressa pelo meu corpo. Seus dedos tímidos param atrás da minha cabeça, levantando o travesseiro para mim, e suas mãos passam pelos meus ombros, seguindo o caminho até meus braços, com seu corpo se inclinando por cima do meu e ela colando seu peito ao meu.

— O que você está fazendo, Sereia? — pergunto baixo, inalando seu cheiro calmamente, gostando de sentir seu corpo perto do meu. — Não quero parecer um cara qualquer, mas ainda prefiro algumas preliminares antes do jogo final.

— Fique quieto, sim?! Estou lhe ajudando a sentar, Don Juan.

Ela ergue meu corpo, me auxiliando a ficar com meu torso um pouco inclinado, com minhas costas amparadas pela cabeceira da cama. Sinto um leve movimento na cama quando o gato sobe nela, ficando sério e me encarando. Dou um sorriso para ele.

— Penso que apenas fez isso, porque queria me abraçar — a provoco, tentando disfarçar a dor que sinto em meu corpo.

— Vejo que seu humor não mudou em nada, Don Juan! — fala, rindo, afastando seu corpo do meu. A delicada mulher se abaixa e estica seu braço, pegando a caneca. — Você vai precisar me ajudar. — Sua voz sai baixinho, com um sorriso triste estampando seus lábios. — Não quero molhar você.

Sua mão vem em minha direção vagarosamente, parando a centímetros da minha boca. Fecho meus dedos sobre os seus e fico sério, olhando a face dela. Sinto a maciez da sua pele enquanto acaricio sua mão, trazendo a caneca para minha boca. Ao sentir água refrescante em minha garganta seca, seguro forte a caneca, querendo virar tudo de uma única vez para matar minha sede, mas seus dedos pousam em meu ombro, me levando para trás.

— Beba com calma. — Ela puxa delicadamente a caneca dos meus dedos, balançando a cabeça em negativo. — Está há dias sem ingerir nada, eu molhava seus lábios para não ficarem ressecados, mas ainda assim seu estômago está vazio.

Ela desce a caneca novamente, a deixando no chão, e respira com calma. Ergue seus dedos e empurra seus cabelos para trás dos seus ombros.

— Você ainda não me disse como vim parar aqui, Sereia. — Seguro suas mãos entre as minhas quando ela abaixa seus dedos, os deixando repousar em suas pernas.

Ela encolhe seus ombros e mantém sua cabeça inclinada, como se estivesse olhando para o chão por trás desses óculos horríveis.

— Você foi baleado atrás da boate de Zapata, acho que se envolveu em uma briga de cachorro grande com Tobias — diz, baixo, para mim.

Forço meu cérebro a lembrar do que aconteceu. Recordo que tinha finalmente encontrado o tal traficante que poderia me dizer sobre o paradeiro de Manolo... De repente, tudo fica claro em minha mente... Eu o encontrei e consegui conversar com ele, paguei uma bebida para Tobias, fingi ser um pescador endividado que precisava levantar dinheiro rápido para pagar minhas dívidas de jogo, perguntei se ele conhecia alguém que poderia me ajudar a ganhar muito dinheiro de forma rápida. Não consegui esconder minha reação quando ele disse que seu tio, Manolo Sales, que comandava o porto de Havana com o contrabando, poderia me ajudar. Manolo estava aqui, se escondendo em Havana há mais de dez anos. Fui com muita cede ao copo, essa é a verdade, queria ir até ele o quanto antes. Tobias desconfiou, achou que eu era da polícia e estava disfarçado. Ele iria fugir, eu não podia deixar. Nós dois discutimos, saímos no soco, então eu fingi sair, para ele pensar que eu fui embora, e assim, quando ele saísse, eu poderia pegá-lo. Quando ele saiu do bar fui atrás dele, mas tinha outro cara esperando por ele, e eu não sabia, foi tudo muito rápido. Levei uma coronhada na cabeça e fui arrastado para um beco, lembro do barulho do revólver disparando em minha direção. E daí para frente não me recordo de mais nada.

— Há quanto tempo estou aqui? Preciso do meu telefone, onde estão minhas coisas?

— Já tem mais de quatro dias que só dorme — fala, levantando seu rosto e o virando para mim. — Por um momento achei que não iria aguentar, que não resistiria. Não tinha nada com você, só sua roupa do

corpo. — Ela tenta puxar sua mão da minha, mas aperto mais, deixando-a presa em meus dedos.

— Ainda não me disse como vim parar aqui — digo sério, olhando para ela.

— Zapata me ajudou. Ele é dono do bar que você estava bebendo, e o trouxe para cá, e uma velha amiga, que mora aqui perto da minha casa, foi quem te salvou. — Suas mãos estão geladas, com sua respiração nervosa e seu peito subindo e descendo rapidamente. — *Señor*, por favor, me solta, está começando a machucar meus dedos com seu aperto.

Solto suas mãos ao ouvir sua voz amedrontada, mas ainda assim sinto que tudo está confuso, como se ela estivesse se esquivando de algo, escondendo alguma coisa de mim. Ela tenta levantar da cama, mas a puxo outra vez, fazendo seu corpo cair próximo ao meu, com seu tórax sobre meu peito. Sua respiração está acelerada, com sua mão livre espalmada em meu ombro. Ela solta um pequeno grito de medo quando a prendo pela cintura, a imobilizando, para ela parar de se mexer.

— Não vou lhe machucar, mas preciso saber o que está escondendo. Por que me trouxe para sua casa, pensa em me entregar vivo?

— *Dios, no!*[11] — ela fala assustada, negando com a cabeça. — Se fosse para fazer algo assim, por que eu o teria salvado, *señor*?

— Por dinheiro, talvez me entregar com vida daria uma boa recompensa!

— Por favor, *déjame ir*[12] — diz com a voz chorosa, negando com a cabeça. — Não salvei sua vida para ganhar dinheiro, *señor*.

— Já vivi muito nessa vida para saber que ninguém faz nada sem esperar algo em troca, Pequena Sereia, e sei que está escondendo algo. Olhe nos meus olhos e me conte a verdade. — Antes que me dê conta, minhas mãos vão até seu rosto e retiro seus óculos, para lhe confrontar olho no olho.

— Não faça isso...

Ela tenta tirar sua cabeça de perto de mim, a empurrando para trás. Fica nervosa, se debatendo ainda mais, como um animal arisco. Minhas mãos seguram seus ombros e fazem pressão neles, a obrigando a me olhar.

Mas ao confrontar sua face sou engolido por seus olhos pratas, como se fosse uma joia brilhante. Eu nunca vi algo assim. Olhos quase transparentes, que deixam suas íris prateadas, de uma forma opaca, como se no lugar das íris ela tivesse dois diamantes.

— *Déjame ir!* — diz com puro medo e abaixa sua cabeça, escondendo seu rosto com os cabelos que caem à frente da sua face.

— Seus olhos, eles, eles... — As palavras não saem da minha boca. A lembrança dela tocando minha face no bar com os seus dedos, a entrada dela no quarto, não notando que eu estava acordado e a observando... — Você é cega.

— E você é um ingrato — diz baixinho, virando seu rosto para o outro lado. — Salvei sua vida não porque queria dinheiro, apenas porque sou uma cega tola. Agora, por favor, me solte.

— Eu sinto muito, eu... — Diminuo a pressão que faço em seus ombros e a permito se afastar de mim. Vejo a tristeza em sua face quando ela gira para mim, o que faz eu me odiar por tê-la magoado. — Me desculpe.

Ela apenas balança a cabeça em positivo, ficando de pé rapidamente e se afastando da cama, abraçando seu próprio corpo. Em seguida, vira de costas para mim, me deixando ver seus ombros encolhidos.

— Eu realmente sinto muito, *chica*. Apenas queria lhe olhar nos olhos e saber que não estava mentindo.

— Espero que tenha gostado do que viu — fala com a voz magoada, encolhendo seus ombros. — Vou avisar à Belinda que você acordou. Abóbora, venha!

Ela descruza seus braços e bate sua mão ao lado do corpo, chamando pelo bichano, caminhando para longe. Viro meu rosto e encontro o gato nos pés da cama, me encarando com reprovação, feito um demônio que me condena. Ele gira, indo atrás dela.

— Merda, Alan! — murmuro e fecho meus olhos, me recostando na cabeceira da cama.



Sou acordado com a sensação de estar sendo observado. Assim que abro meus olhos sou surpreendido por uma velha curiosa de bobes rosados no cabelo. Ela ergue a colcha sobre meu corpo em um rompante, me estudando.

— Não se preocupe, o que tem aí no meio das suas pernas já vi em todos os tamanhos e cores — diz, dando um tapa em minhas mãos e me afastando quando eu tento segurar a porra da colcha, para ela parar de ficar encarando o meu pau. — Vejo que está cicatrizando bem. Você o limpou ontem à noite, Selina? — a velha senhora de estatura baixa e cabelos grisalhos pergunta, sem virar sua cabeça.

Giro meu rosto, procurando por Selina, e encontro apenas uma grande cortina esticada na divisão do quarto, que mostra a sombra dela do outro lado.

— Eu o limpei. — A voz dela sai baixa, enquanto se mantém fora do quarto.

— Percebo que não esqueceu nada, não é?! — a velha diz, rindo, abaixando a coberta e erguendo seus olhos para mim.

— Belinda! — Sua voz brava recrimina a velha bisbilhoteira, e ela se afasta de perto da cortina.

— Preste bem atenção no que eu vou lhe dizer, rapaz — a velha fala, me olhando séria. — Seu machucado está sarando. Se não ficar inventando nada de grave para fazer, acredito que daqui alguns dias já pode querer sair da cama apenas para ir sentar no sofá, nada de exagero, se não ele vai abrir novamente. — Seu dedo enrugado se ergue e aponta para minha cara. — Entendeu?

— Sim, obrigado por... — Ela me faz calar, abrindo sua mão em sinal de pare e deixando perto do meu rosto.

— Não me agradeça. Se não fosse por Selina, eu nem teria saído de casa para te olhar, quanto mais salvar sua vida. — A velha se abaixa mais próxima a mim, e seus olhos ficam me analisando sérios, como se estivesse me estudando. — Vejo muita ira em seus olhos, uma alma seca. Essa raiva que você alimenta dentro do seu ser nunca te trará nada de bom — sussurra, me dando um último olhar antes de virar e sair do quarto, me largando sozinho outra vez.

Selina apenas retorna para o quarto quando a noite já caiu. A vejo entrando silenciosa, trazendo uma bandeja em suas mãos.

— Consegue se alimentar sozinho*, marinero*? — pergunta baixo, ficando parada perto da cama.

— Não, sinto meus braços fracos — minto, apenas para ter um motivo para ela se aproximar outra vez de mim. — Acho que vai ter que me dar comida na boca.

Ela respira fundo e vira seu rosto para o lado, batendo seu pé lentamente no chão, demonstrando sua impaciência, como se estivesse ponderando meu estado. O gato alaranjado preguiçoso entra no quarto e mia para ela, vindo em direção à cama e pulando no colchão, ficando sentado em suas patas traseiras, me encarando com sua cauda peluda. Ele balança para os lados, mantendo seu olhar infernal em mim, como se soubesse que estou mentindo para sua dona.

— Se você tentar qualquer gracinha novamente, eu vou jogar esse prato de comida quente em cima de você!

— É justo — respondo, desviando meus olhos do gato para os óculos escuros, os quais ela se esconde por trás deles. — Prometo que vou me comportar direitinho.

O gato solta outro miado, como se discordasse de mim, mantendo seus olhos felinos acusadores me fuzilando.

— Esse gato não gosta muito de gente, ou é só comigo que ele parece não ter afinidades? — questiono, olhando com raiva para o gato enquanto sento na cama.

— Só com você! — ela responde baixo, caminhando para perto de mim e parando ao lado da cama.

Seu corpo senta com cuidado na beirada da cama, ao meu lado, segurando a bandeja, que deposita em suas pernas na sequência. Suas mãos seguram firmes a colher em seus dedos, inalando o ar profundamente e girando a cabeça para mim.

— Abra a boca e, por favor, fique quieto e em silêncio — diz com seus lábios semicerrados.

— Ok, mas posso apenas dizer que acho esses óculos horríveis...

Ela leva a colher para frente de uma única vez, quase acertando meu nariz, me dando tempo apenas de virar meu rosto e abocanhar a colher, para que a sopa não caia sobre mim. Sinto o sabor bom da comida morna com a qual ela me alimenta, gostando da sua consistência.

— Vou tentar pensar que isso foi um acidente, e não que quase me acertou de propósito com a colher — falo baixo, relaxando meus ombros e arrumando a coberta em minha cintura.

— Oh, céus, jura que eu quase fiz isso?! Eu não vi — diz de forma doce, não escondendo o deboche em sua voz.

Vejo o pequeno sorriso lateral em sua boca, enquanto ela abaixa a colher, a levando ao prato e enchendo-a novamente.

— Por que usa esses óculos tão feios, Sereia? — Ela para com a colher no ar quando eu faço a pergunta.

— Gostava mais de você quando se encontrava semimorto, sabia?! Não consegue ficar calado?

— Não, na verdade, eu detesto — respondo, erguendo minha mão e a deixando em cima da sua, segurando a colher.

A auxilio a levar a colher até meus lábios, observando a face dela tão delicada enquanto eu como. Sua mão, junto com a minha, se abaixa, soltando a colher no prato lentamente, ficando tímida quando escorrego meu anelar por cima da sua palma.

— Não quis parecer um ingrato, e muito menos lhe desrespeitar, Pequena Sereia — falo baixo para ela, desejando que ela tire esses óculos feios e pare de se esconder atrás deles. — Não fiz por maldade, eu apenas tenho dificuldade em confiar nas pessoas.

— Não peço para que confie em mim, apenas desejo que se recupere logo, *marinero*! — Sua voz sai baixa e ela encolhe seus ombros, puxando seus dedos dos meus lentamente. — E meu nome não é Sereia, Don Juan.

— Obrigado por ter salvado minha vida, Selina! — Sem conseguir conter mais meus movimentos, meus dedos se erguem e aliso os cachos do seu cabelo, os empurrando devagar para trás da sua orelha.

Ela baixa sua cabeça e fica com sua face voltada para a bandeja, sem me responder.

Capítulo 05



O HÓSPEDE

SELINA LOPEZ

— Ainda acho que deveria mandá-lo embora! — Zapata murmura entre resmungos e cochichos bravos, se servindo de uma xícara de café na cozinha.

Mantenho o ritmo do meu trabalho manual, abrindo a massa de pastelzinho doce em cima da mesa com o rolo de massa, enquanto tento me concentrar no meu serviço e no grande homem que está tagarelando em meu ouvido dentro da cozinha.

— Zapata, assim que ele tiver forças para ficar de pé, ele vai embora — falo séria para ele. — Me passe a faca, por favor. — Estico minha mão, deixando o rolo de lado.

— Andei por todo o píer, perguntei nos cargueiros, mas ninguém sabe quem ele é. Não tem uma referência ou amigo, pode muito bem estar abrigando um fugitivo da polícia dentro da sua casa — Zapata fala preocupado, me estendendo o cabo da faca.

— Oh, pelos céus, Zapata! — Sou obrigada a rir, ao imaginar que aquele homem irritante, deitado em meu quarto, possa ser algum foragido. — O único crime que ele poderia cometer, é o de não saber ficar com a porcaria da boca arrogante fechada.

Ouço a bufada brava de Zapata, o que me deixa saber que ele ainda está descontente com minha decisão.

— Chuta o rabo dele para fora dessa casa!

— Ele ainda está fraco. — Estico meus dedos, os usando para fazer a contagem de dois dedos de distância para cortar a massa de uma fatia da outra. — Mal consegue sair de cima da cama, por conta de todo sangue que perdeu.

— Não seja por isso, eu mesmo o tiro de lá e o deixo onde ele quiser. — Ergo meu rosto na direção da sua voz, negando com a cabeça.

— Assim que Belinda disser que ele pode ir, ele vai! — O som do miado de Abóbora se faz. O gato se esfrega entre minhas pernas, passando sua cauda em minha panturrilha. — Olha só quem resolveu aparecer, o vadio descarado!

Sorrio ao ouvir seu miado seguido de ronronados, enquanto ele mantém sua cabeça se esfregando na minha canela.

— Um homem que não conta de onde vem, para onde foi e por qual motivo entrou em uma briga que o fez ser baleado, não é um homem de confiança.

Sei que Zapata tem razão. Meu silencioso hóspede não contou nada sobre o porquê de ele ter sido baleado, de onde ele vem e quem realmente é. Eu não tinha feito muitas perguntas para ele. Não tenho nem ideia de qual é seu nome, mas isso não porque ele não quis me dizer, e sim porque não perguntei. Eu me mantenho afastada do Don Juan, como o apelidei. Depois daquele episódio constrangedor de cinco dias atrás, quando ele arrancou os meus óculos, me sinto desconfortável e triste ao ficar perto dele. Deixo sua refeição no quarto e saio logo em seguida. Belinda vem em minha casa todo dia, para poder o ver e trocar o curativo, e conta como ele está, que ainda está fraco. O ferimento precisa de mais tempo para cicatrizar.

Quando a noite cai, fico no sofá e durmo na sala. Tento não responder suas implicâncias com as porcarias dos óculos, ou a falta de parede nos cômodos, e muito menos sobre a estampa de girassol da cortina improvisada que Belinda me ajudou a pôr entre o meu quarto e a sala. Deixar a casa assim, toda livre, sem empecilhos para eu me locomover, tinha sido ideia da minha mãe. É mais fácil e confortável para mim não ter que me preocupar com as paredes, lidando com o chão sem tapete e os poucos móveis. Ela tinha deixado tudo prático para mim. Eu conheço bem a minha casa, memorizei cada objeto, móvel, roupa, talher, tudo, sei onde está cada coisa.

— Não gosto nada da ideia de você ficar sozinha com ele aqui, não gosto nada disso!

— Afinal de contas, o que realmente está lhe preocupando, Zapata? — Me viro lentamente e caminho na direção do fogão, esticando meus dedos e pegando a panela com o recheio do pastel.

— Bom, só o fato de você ficar aqui sozinha com um homem já é o suficiente, não acha?! Você é uma *niña*[13], Lina!

— Oh, pare, pelo amor de Deus! — Eu quase me engasgo com minha própria saliva ao ouvir seu disparate. — Zapata, eu tenho vinte e um anos, não sou uma *niña*!

— Prometi a *tu madre*[14] que cuidaria de você, e é o que estou fazendo! — ele fala zangado para mim. — Não quero esse *cabrón*[15] perto de ti.

— *Dios, hombre*[16]! O que acha que um pobre coitado acamado pode fazer contra mim? — Bato com força a panela em cima da mesa, a depositando zangada. — Não sou o tipo de mulher que corre perigo na mão de um homem, Zapata, com toda certeza não sou uma donzela prestes a ser deflorada, não tem com o que se preocupar!

Dessa vez, quem se engasga e começa a tossir é Zapata, me fazendo rir da forma como ele fica bravo, tossindo e murmurando maldições. Eu queria dizer a ele que não devo ser o tipo de mulher que chama a atenção de homens como o Don Juan. Belinda tinha me descrevido como ele é, e com toda certeza não seria por uma criatura desengonçada como eu que ele se arriscaria a querer cometer uma violação de inocência. Ele é bonito, com ombros largos, os quais já tinha notado quando o limpei no segundo dia que ele estava desacordado em minha casa. Tem músculos definidos e mãos grandes. Cristo, eu quase senti meu corpo todo se incendiar de vergonha quando, sem querer, meus dedos tocaram onde não deviam. Sou cega, não burra, e só porque nunca vi um pênis não quer dizer que eu não saiba o que é um. Está certo que eu nunca toquei em um, mas minha mãe contava para mim sobre essas coisas de homem e mulher.

— É teimosa como *tu madre*, Selina.

— *Sí*[17], e foi graças a teimosia dela que você está vivo hoje! — falo baixo para ele. — Imagine se minha *madre* não tivesse cuidado de você, se tivesse lhe jogado para fora de casa por ouvir os conselhos que Belinda dava a ela?

— Aquela velha é uma mexeriqueira...

— *No*[18], ela gostava de *mi madre* e se preocupava com ela, igual você se preocupa comigo. Quando você chegou em Havana, ninguém lhe conhecia, era tão estrangeiro quanto ele, mas minha *madre* não se importou, ela não julgou você. — Sorrio com carinho, recordando da minha mãe. — A diferença é que você ficou, Zapata, cuidou dela, e mesmo que tanto você como ela nunca admitiram, vocês se amaram.

— Selina...

— *No*, Zapata. Eu sei a verdade, assim como você também sabe, mas comigo não tem com o que se preocupar — murmuro para ele, suspirando com pesar. — E é por isso que não me incomodo de onde ele vem e quem ele é, porque independentemente da resposta, aquele *hombre* irá partir logo.

— É geniosa como *tu madre.* — Ouço os passos dele se aproximando e logo o seu braço repousa sobre meu ombro. — Prometa-me que irá me contar se qualquer coisa dele te desagradar, *sí*?

— *Sí* — respondo, sorrindo para ele e recebendo um beijo estalado em minha testa na sequência. — Não tem com o que se preocupar, provavelmente ele irá partir antes da semana acabar!



Na última vez que entrei no quarto, sua respiração era baixa e lenta, sabia que estava dormindo. Deixei a bandeja de comida em cima de uma cadeira, ao lado da cama, e fui para a cozinha preparar meus doces para entrega, e depois estender a roupa no varal. Tento não pensar em todas as coisas que Zapata disse, pois no fim eu sei que ele está certo. Não digo em relação a se preocupar que o hóspede tentará alguma coisa contra mim, mas sim por ele dizer que não sabe por que tinha sido baleado. Eu apenas quero que ele fique bom logo e vá embora. Não consigo compreender por que eu sempre fico agitada com a presença dele dentro da casa, é quase como uma irritação. Confesso que nunca havia me sentido envergonhada da minha situação de deficiência visual, mas depois daquele dia que ele retirou meus

óculos, me senti feia, incompleta, por ficar exposta diante de alguém. Até dei graças a Deus de conseguir sair de lá sem chorar.

Desde pequena, quando fiquei cega, aprendi a usar os óculos escuros. A cor prateada que tinha tomado o lugar do preto em minhas íris foi ficando cada vez mais intensa com o passar dos anos, e minha mãe me contou como eles tinham ficado, o que acabava chamando mais atenção para mim, e os óculos se tornaram meu escudo, minha proteção. Apenas perto da minha mãe eu ficava sem as lentes escuras. Nunca, ninguém além dela, tinha visto meus olhos, como o hóspede viu. Então, quanto mais rápido ele se curar, mais rápido essa irritação durará, pois logo ele partirá. E são nesses momentos que eu mais sinto falta da minha mãe, de ter alguém para conversar sobre esses pensamentos e sentimentos incomuns que ando sentindo.

Já é noite quando entro em casa. Tinha evitado o máximo passar o dia dentro dela. A casa está silenciosa, mas sei que ele está acordado. Tinha levado um prato de comida para ele algumas horas atrás e saí do quarto logo em seguida. Estou fechando a casa, para poder me preparar para deitar, quando ouço o som de barulhos dentro da casa.

— Inferno! — A voz masculina grita brava, vindo da direção do quarto.

— Você está bem, aconteceu alguma coisa? — pergunto e caminho lenta para o quarto, erguendo minha mão e empurrando de mansinho a cortina.

Escuto a respiração pesada, seguida de xingamentos e gemidos abafados de dor.

— Fica aí, eu só preciso de um minuto!

Mantenho minha atenção nos sons que ele faz, e logo ouço o baque de um corpo caindo no chão.

— Merda!

— Tentou se levantar, não foi?! — o recrimino, chateada, e ando para o centro do quarto lentamente, tentando descobrir em qual lugar ele está, pelo som dos gemidos de dor dele.

— Estou farto de estar deitado na cama! — ele fala bravo, resmungando entre gemidos.

— Preciso que me diga onde está, *marinero*. — Ergo meus braços e continuo caminhando lenta. — Não posso chegar até você, para te ajudar, se não me falar!

— Não preciso de ajuda, ok? — Ouço o estalo da parede de madeira, o que me diz que ele deve estar do outro lado da cama, se apoiando para tentar levantar. Um baque se faz novamente, com ele soltando um palavrão em seguida.

— *Hombre tonto!*[19] — Ando até ele, dando a volta nos pés da cama e parando assim que sinto a ponta dos dedos do meu pé tocando sua perna. Me abaixo e estico meus braços para ele, o deixando se apoiar em mim. — Por que saiu da cama, afinal?

— Eu queria ir ao banheiro — ele fala bravo, passando seu braço esquerdo pelo meu ombro.

— E por que não me chamou? — indago, negando com a cabeça enquanto nós dois ficamos de pé, com ele apoiado em mim. — Vai falar que ficou com medo de que eu o espiasse?

Tento o provocar, para que ele ria um pouco, mas nenhum som sai da sua boca, a não ser o da sua respiração pesada e zangada.

— Quer que eu lhe ajude a chegar até o banheiro?

— Não! — responde roucamente, e ouço seu gemido de dor. O ajudo a chegar até a cama e o deixo se apoiar em mim para poder se sentar.

— Você tem certeza? Pode falar se quiser alguma coisa... — Sinto suas mãos segurarem as minhas entre as suas.

— Quero que retire esses malditos óculos!

Solto suas mãos em silêncio, negando com a cabeça. Vou até a cozinha buscar um dos remédios que Zapata conseguiu comprar para ele com um dos clientes do bar, que é casado com uma menina que trabalha na farmácia. Pego um copo com água e volto ao quarto, parando ao lado da cama.

— Tome esse remédio, irá lhe ajudar com a dor. — Estendo para ele, e em seguida sinto seus dedos retirarem o comprimido e o copo de água das minhas mãos.

— Me chamo Alan! — Sua voz fala baixa, com traços de dor. — Alan Spencer.

— Olá, *señor* Spencer — murmuro seu nome.

— Senhor Spencer era o meu pai, você pode me chamar apenas de Alan. Não sou um fugitivo da polícia, Selina, nem pretendo fazer nenhum tipo de mal a você. — Meu sorriso morre lentamente ao ouvir sua voz chateada, me deixando saber que ele tinha ouvido todas as loucuras que Zapata falou.

— Acho que isso eu já sabia, *señor* Alan. — Meus dedos se apertam no tecido do vestido ao lado do meu corpo, e eu solto um suspiro melancólico. — Lamento pelo que ouviu, Zapata às vezes exagera com sua proteção.

— Não lamente. Se eu estivesse no lugar dele, já teria jogado qualquer homem que se aproximasse de você para fora, afinal, é isso que os pais fazem, não é?! Eles protegem.

— Zapata não é meu pai biológico, mas o tenho em meu coração como se fosse. — Cruzo meus braços em volta do meu corpo, sorrindo timidamente. — Fui criada por *mi madre* desde quando era uma *niña*, *mi padre*[20] partiu e largou-a para criar sua filha sozinha.

— O que ela fez muito bem, devo dizer — ele fala calmo, respirando mais tranquilo. — Onde está ela, por falar nisso?

Abaixo minha cabeça e encolho meus ombros, dando um sorriso melancólico.

— Ela morreu. — Solto um suspiro e ergo meus braços, os cruzando acima do meu peito. — Zapata e Belinda são o mais próximo de uma família que eu tenho desde então. Por isso, não fique magoado com ele por ter dito aquilo, ele é um bom *hombre.*

— Eu perdi o meu pai cedo também, não porque ele me deixou, mas sim porque ele foi tirado de mim. Poderia dar um passo à frente, por favor, para pegar o copo?

Descruzo meus braços e balanço minha cabeça em positivo na mesma hora, dando um passo à frente e esticando meu braço. Seu toque é delicado quando segura meus dedos e me puxa devagarinho, prendendo meus dedos aos seus.

— Assim que eu tiver condição de sair dessa cama, eu vou embora, ok?! — sussurra em tom calmo. — Não quero que tenha medo de mim, Selina.

— *Sí* — o respondo baixo, sentindo seus dedos soltarem os meus, passando o copo vazio para que eu o pegue.

— Selina... — A voz dele soa de uma forma estranha, a qual não sei distinguir o seu tom.

— Deseja mais alguma coisa, *señor* Alan?

Fico em silêncio, à espera da sua resposta, mas apenas ouço sua respiração sendo liberada pesadamente.

— Retiraria esses óculos feios se eu pedisse?

— *Buenas noches*[21], *señor* Alan! — sibilo, me virando e saindo do quarto, negando com a cabeça.

Capítulo 06



OLHOS DE PRATA

ALAN SPENCER

— Eu preciso de um banho, um banho de verdade — falo alto, para que ela me escute.

Nessas intermináveis sete semanas que se arrastaram desde quando eu acordei na casa dela, fico me sentindo um inválido, sem serventia para nada. Nunca na minha vida tinha ficado tão inútil como estou agora. Uma vez ao dia, Zapata vem até a casa de Selina, mesmo a contragosto, para me ajudar a tomar banho. Selina conversa pouco comigo, o único ser vivo que entra na porcaria do quarto é o maldito gato, que faz questão de ficar sentado aos pés da cama, me encarando com sua face peluda e mal-humorada. Três dias atrás começou uma chuva que não parou mais, o que causou preocupação pelo estado do imóvel. Observava a situação precária da casa, a qual me deixava saber que há muito tempo não tinha reparos. Mesmo sob as reclamações de Selina, eu forçava meu corpo a se recuperar, dando pequenos passeios pela casa, indo da cama ao sofá, e do sofá à cozinha.

— Selina! — grito seu nome, chamando por ela, que está o dia todo me ignorando. — Sei que você está me ouvindo.

— *Sí,* estou te ouvindo, *marinero* escandaloso. — Ela entra brava no quarto, empurrando a porcaria da cortina feia, a qual ela usa para me deixar excluído do resto da casa. — Sou cega, não surda. Até os peixes no fundo do mar ouviram seus gritos histéricos dentro dessa casa, *hombre.*

Sorrio, vendo a pequena mulher com um coque na cabeça, sua testa suja de trigo e um avental, levar as mãos à cintura e bater seu pé impaciente no chão. O aroma doce dela invade o quarto, me enchendo os pulmões.

— Anda, diga o que quer! — Ela assopra uma mecha que cai acima do seu olho, falando brava.

— Preciso tomar um banho!

— Não tem como! — A pequena boca cerra, com ela negando com a cabeça. — Zapata não tem como chegar até aqui com esse pé d'água que está caindo lá fora. As ruas estão todas bloqueadas por conta da lama.

— Eu tenho condições de tomar banho sozinho — falo sério, me sentando na cama e apoiando meus pés no chão. — A menos, é claro, que queira me dar banho no lugar dele.

Sua boca, que estava se abrindo para me responder, se fecha na mesma hora, com ela bufando pelas narinas.

— *No*, nunca que vou dar banho em você! — ela me responde apressada, soltando suas mãos da cintura.

— Então apenas prefere chegar perto de mim quando estou dormindo... — digo para ela, a provocando ainda mais. — Porque se bem entendi a conversa daquela velha estranha na primeira vez que a vi, você me limpava cantinho por cantinho!

— *Dios*, é o homem mais irritante e ingrato que eu já conheci! — fala com raiva, saindo do quarto batendo o pé. — Vou arrumar seu maldito banho, e vai calar essa sua boca.

Esfrego meu rosto, relaxando meus ombros, observando as roupas grandes em meu corpo. Zapata trouxe roupas emprestadas para mim, para que eu pudesse usar. A pequena mulher retorna, bufando zangada.

— Quer ajuda para ir até o banheiro ou consegue andar sozinho até lá? — Ergo meu rosto e olho para ela, ficando pensativo sobre sua pergunta.

— Talvez eu precise de ajuda — falo baixo, olhando para ela.

A verdade é que eu posso ir andando até o banheiro, mas sentir seus braços circulando meu corpo é algo tentador demais para que eu possa resistir. Fecho meus olhos e bufo, negando com a cabeça, ciente que é uma péssima ideia.

— Mas acho que consigo sozinho, vou tirar essa roupa primeiro!

— Vossa Majestade deseja que eu me vire, assim pode se despir sem perigo algum de ser espiado?! — A voz dela brava tagarela, enquanto caminha para o armário e o abre.

— Quem está sendo irritante agora?! — Jogo meu cinto ao chão quando o desafivelo. Abro o botão da calça e a empurro lentamente, ficando apenas com a cueca.

— Estou cheia de trabalho para fazer, e você apenas age como um grande bebê chorão que *quiere*[22] constantemente *atención*[23].

— Não fico dessa forma! Me desculpa se eu preciso de pelo menos um banho para continuar tendo um pouco de dignidade.

Abaixo minha cabeça e observo a faixa em minha cintura. Solto o ar lentamente, enquanto vou desenrolando-a, deixando o ferimento exposto. A carne vermelha à sua volta ainda tem o nervo visível se fechando lentamente, o que me garante que ficarei com uma bela e grande cicatriz.

— Droga! — murmuro, cerrando meus dentes.

— O que foi, está bem? — A voz preocupada dela sai baixinho, não tendo mais os traços de impaciência e implicância que ela tinha ao entrar no quarto. — *Señor* Alan, me diga onde está!

A vejo espremer a toalha limpa em suas mãos, dando passos em minha direção. Termino de retirar a faixa e a solto no chão, junto com a calça. Estico meu braço e seguro em seu cotovelo, a trazendo para perto de mim lentamente.

— Estou bem aqui — falo brando, a acalmando. — Vai dizer que está preocupada comigo, *chica*? — Sorrio e levanto meus dedos, tirando a centelha de trigo em cima de sua testa.

— É claro que me preocupo. Se você não se recuperar, não vai embora logo da minha casa — ela fala rápido, afastando sua cabeça. — O que está fazendo?

— Estou tirando trigo da sua testa — a respondo, rindo, segurando sua cintura quando ela tenta se afastar.

— Estava trabalhando quando você me interrompeu, chorando feito um bebê — sussurra, virando seu rosto para outra direção. — *Suéltame*.[24]

Ela empurra a toalha para meu corpo e tenta se esquivar do meu toque em sua cintura, que a traz para mais perto de mim.

— Opa, *chica*, que isso não é o chocalho do bebê! — digo rindo para ela, quando sua perna passa raspando em minha virilha sem querer.

— *Dios mío!*

Seu corpo todo fica em choque, com ela paralisada, segurando em meu ombro, e sua respiração acelerada me acertando com o ar quente que sai dos seus lábios.

— *Señor, suéltame!* — ela fala baixo, me deixando ver seus lábios trêmulos sugando a lateral da sua bochecha. — Alan, sua água vai esfriar.

— Estou acostumado com água fria — respondo, deixando meus olhos se perderem em sua face quando ela ergue seu rosto para mim.

Tão tentador que não consigo resistir, e antes que possa controlar minhas vontades, retiro seus óculos, livrando seus lindos traços daquele adereço feio, que ela usa para esconder os olhos mais lindos que eu já vi, me deixando hipnotizado no efeito prateado de diamantes que suas íris têm.

— Por que tem que ser tão teimoso? — fala com sua voz triste, fechando seus olhos. — Está tão entediado que gosta de me fazer de seu divertimento?! É muita ingratidão da sua parte, *señor* Alan.

Jogo os óculos sobre a cama e aliso seu rosto lentamente, desejando que ela abra seus olhos para mim.

— Não faço isso para me divertir, e muito menos por tédio — respondo sério para ela, segurando seu queixo e fazendo-a erguer seu rosto para mim. — É linda, Selina, não devia se esconder atrás desses óculos feios. Não quando possui o olhar mais belo que eu já vi.

— Não há nada de belo na escuridão, *marinero* — murmura com melancolia, abrindo seus olhos para mim. — Por um acaso você viu alguma fila de pretendentes na minha porta? Não viu, não foi?! — Ela sorri sem nenhum traço de felicidade, negando com a cabeça. — A única coisa que existe na escuridão é a solidão! E não digo isso para me vitimizar, digo porque é a verdade.

Suas mãos espalmam em meu peito e empurra seu corpo para trás, dando um passo para longe e se afastando de mim.

— Já sabe onde fica o banheiro, agora eu preciso voltar a trabalhar.

Capítulo 07



O AJUDANTE

SELINA LOPEZ

— Então, o que eu faço agora?

— Pode voltar para o quarto — o respondo baixo, mantendo minha concentração no meu trabalho.

— Estou farto de ficar na cama, posso ser mais útil aqui, lhe ajudando. — O som da cadeira da cozinha sendo arrastada se faz, enquanto ele provavelmente se senta, me deixando saber que eu não vou conseguir me livrar dele dentro dessa cozinha. — Nunca fui de ficar muito tempo na cozinha, mas creio que não deva ser tão difícil assim fazer um pastelzinho doce.

— Alan, estou falando sério. Irá me ajudar muito mais se ficar no quarto. — Seguro um ovo, o quebrando dentro da bacia, junto com os outros condimentos, para preparar a massa de pastel.

— Ficaria surpresa por saber que eu tenho algumas qualidades culinárias. — Ele se mantém tagarelando, não me deixando em paz. — Há quanto tempo faz isso? Digo, cozinhar sem ajuda de ninguém?

— Desde menina — respondo, jogando a casca do ovo dentro da sacolinha aberta que deixei ao lado da bacia, em cima da mesa. — Minha mãe me ensinou a cozinhar cedo.

— E você nunca teve medo de se machucar por conta da sua... — Ele se cala e solta um baixo pigarro.

— Cegueira! — falo a palavra por ele, passando meus dedos na mesa e encontrando o pote à esquerda. O abro lentamente, trazendo para perto do meu nariz, e o cheiro, confirmando que é o pote de açúcar. — Pode dizer cega, *señor* Alan, não me sinto incomodada. E não, não tinha medo de me machucar. Qualquer pessoa que começa a cozinhar está propensa a errar até aprender corretamente, apenas porque sou cega não quer dizer que

preciso me limitar à minha condição. Posso fazer as coisas como qualquer outra pessoa, apenas de uma maneira diferente e no meu tempo.

Suspiro baixo, enquanto viro lentamente o açúcar na bacia. O som de Abóbora miando perto da janela da sala, junto com a chuva que cai lá fora, me deixar saber que ele está chateado por estar mais um dia trancado dentro de casa.

— Está com dor ainda? — pergunto para ele, me virando e abrindo a primeira gaveta do armário atrás de mim, puxando uma colher de pau de dentro dela.

— Os remédios me ajudaram com a dor — responde baixo, inalando o ar profundamente. — Você já nasceu cega?

— Vejo que acordou disposto a ficar me enchendo a paciência e me interrogando — digo, rindo, me virando devagar e retornando para a mesa.

— Pode se dizer que sim, afinal, ou é isso ou ficar sendo encarado pelo seu gato rabugento. — Ouço sua cadeira se mover, com ele se levantando, caminhando devagar pela cozinha.

— Abóbora não é rabugento — defendo meu gato, sorrindo e negando com a cabeça. — Eu sofri um acidente quando tinha seis anos, em Cuba, onde eu morava com minha *madre* — o respondo calma, batendo minha massa. — Minha vez de perguntar!

— Justo! — Solta uma risada, que vem da direção da geladeira. Escuto o som da cartela de comprimidos sendo aberta.

— Por que foi baleado?

O silêncio cresce dentro da cozinha, me deixando ouvir apenas os miados baixos de Abóbora. Meus movimentos cessam, enquanto seguro a bacia perto do meu ventre, esperando por sua resposta, a qual demora para ser dita.

— Briga de bar. — O timbre da sua voz muda quando ele responde de forma breve.

Solto um suspiro baixo, batendo a massa dentro da bacia, sabendo que ele está fugindo do assunto.

— Nunca pensou em fazer uma cirurgia? Para o seu caso é possível?

— Seria, se eu tivesse feito a cirurgia logo após o acidente, mas era muita cara e minha *madre* não tinha condição de pagar. — Sorrio com tristeza, recordando do choro de desespero da minha mãe, porque ela sabia que não íamos ter condição de pagar a cirurgia. — Os médicos de Cuba e Havana falaram que, desta forma, a minha cegueira seria irreversível com o passar dos anos.

Abaixo a bacia sobre a mesa e solto a colher de pau, deixando minha mão espalmar na borda da bacia com a ponta do meu indicador, tocando a massa, para saber se ela já está homogênea. Ergo meu dedo para minha boca e o resvalo no cantinho dos meus lábios antes de o sugar, provando a massa doce e confirmando que está no ponto. Viro lentamente, me afastando da mesa e indo para o armário, me abaixando e esticando meu braço para pegar as forminhas para os assar.

— Então, fora arrumar briga em bar, *marinero* — inicio, me virando e retornando para perto da mesa —, o que lhe trouxe até Havana?

O que lhe entrega é a respiração morna à minha esquerda, que acerta o topo da minha cabeça. Meu rosto gira no mesmo instante, e tenho conhecimento que ele está perto demais de mim.

— O mar. — A voz baixa masculina sai séria, enquanto sinto meu coração ficar congelado quando o toque da sua mão se faz presente na lateral do meu rosto. — Caiu uma gotinha de massa...

Seu polegar raspa o canto da minha boca, o limpando. Meus dedos presos nas forminhas, as seguram com mais força, ao passo que tento entender por que meu corpo inteiro se arrepiou e meu coração congelou segundos atrás. Agora ele está completamente disparado, assim como minha respiração, que se torna ofegante. O som dos lábios dele sendo entreabertos e soltando sua respiração ainda mais perto da minha face, me faz ficar imóvel, quase como se tivesse me transformado em uma estátua.

— Doce! — ele fala baixo, tendo o som do estalo dos seus lábios repercutindo, igual o barulho que eu faço quando sugo meu dedo em meus lábios quando provo os recheios dos doces.

— O que... está fazendo... — balbucio, sentindo o ar entrando mais rápido.

— Experimentando. — O som rouco da sua voz fica mais forte, assim como sua respiração, e sinto sua outra mão repousar em meu ombro, o sustentando quase como se estivesse segurando meu corpo inteiro.

— *Marinero...* Creio que deva retornar para a cama, já ficou muito tempo de pé... — falo baixinho, virando meu rosto para o lado.

— Estou cansado de ficar deitado. — A mão em minha face desliza para o meu queixo e o puxa lentamente de volta para a direção dele. A temperatura da sua respiração está mais quente e próxima ao meu rosto. — Mas irei se fizer algo para mim, *chica.*

— Oh, céus, já tomou seu banho... — Começo a balbuciar, mas minhas palavras morrem quando sua mão se estica e retira os óculos da minha face novamente. — Por favor, pare de fazer isso, Alan...

— Não enquanto insistir em se esconder atrás dessas lentes. — Meu coração bate mais rápido, tendo minha mente gravando cada deslizar dos seus dedos em minha face. Ele sobe lentamente pela lateral e empurra uma mecha para trás da minha orelha. — Não desejo fazer-lhe nenhum mal, Selina...

Meu corpo está agitado, estranho, de um jeito como nunca ficou, me deixando confusa e sem reação. O som de Abóbora miando alto me faz piscar rapidamente, dando um passo para trás e me desvencilhando de Alan, quase como se fosse um alerta dito pelo próprio gato para que retornasse ao meu controle.

— Por favor, vá se deitar. — Inalo o ar rapidamente e dou as costas para Alan, respirando depressa. — Preciso terminar meu trabalho, lhe levarei algo para comer em breve.

O som da respiração pesada se faz alta, sendo seguida de seus passos quando ele sai da cozinha. Minhas pernas estão trêmulas, e meu coração disparado.

— *Miaaauu!* — O miado de Abóbora é baixo, tendo sua cauda resvalando em minhas pernas, como se me dissesse:

Está com um parafuso solto, Selina, esse marinero é cheio de segredos!

— Sim, eu sei — sussurro e viro lentamente, depositando as forminhas em cima da mesa e concordando com Abóbora.

Capítulo 08



O CANTO DA SEREIA

ALAN SPENCER

Fico em silêncio, deitado na cama, ouvindo o barulho da dobradiça da janela estalando a cada soco forte que o vento da chuva desfere contra a vidraça, o que dá a impressão que a qualquer momento a casa de madeira irá se desmanchar com a força da tempestade. Empurro a coberta para longe e me sento, esfregando meu rosto, jogando meu pescoço para a esquerda e suavizando a rigidez do meu ombro quando o massageio. Eu odeio temporal, minha mente se perde em lembranças que não desejo reviver a cada relâmpago e trovão, sinto como se estivesse vendo o assassinato do meu pai novamente. E saber que estive tão perto de chegar até aquele desgraçado, de finalmente o fazer pagar pelo que fez ao meu pai, me faz sentir tanto ódio e raiva por estar impossibilitado de conseguir chegar até aquele assassino.

Levanto lentamente e sinto uma fisgada de dor em meu abdômen, que tem o ferimento da bala cicatrizando. Caminho devagar em direção à janela, observando os relâmpagos cortarem o céu negro, seguidos dos trovões. As grandes árvores com troncos finos, com galhas longas e repletas de folhas, balançam, sendo castigadas pela chuva densa. Viro mansamente, me afastando da janela e olhando em volta, para o quarto feminino que exala o odor de jasmim, desde as fronhas até a grande cortina colocada para fazer uma pequena divisória do resto da casa. Ando a passos vagarosos, e meus olhos se movem, observando novamente a cômoda de carvalho ao canto, com cinco gavetas, e o porta-retratos pequeno em cima dela, onde tem a imagem de uma mulher com cabelos cacheados curtos na praia, de maiô, tendo uma pequena jovem ao seu lado, sorrindo e segurando um picolé que está derretendo em sua mão. O pequeno sorriso na face da jovem é quem me conta que é Selina antes do acidente, assim como as pequenas covinhas em suas bochechas, que são inconfundíveis, e os olhos negros idênticos aos dela. Os cabelos curtos cacheados são idênticos aos da mulher da foto.

Desvio meus olhos da fotografia para a cortina e caminho em sua direção. Meu braço se estica e a empurro, abrindo passagem para mim, evitando fazer qualquer barulho, para que não acorde a minha jovem anfitriã, já que provavelmente passa das 23h. Só que no sofá antigo, com a delicada colcha de retalhos, tendo um lençol esticado sobre as almofadas e um travesseiro com fronha de margaridas, não é Selina que está adormecida, mas sim seu gato roliço e preguiçoso. A grande cabeça alaranjada dele se ergue, tendo seus olhos esverdeados sérios me encarando, praticamente me julgando por ser um intruso na sala. De forma presunçosa, sua cabeça felina se vira para o outro lado, como se minha presença não fosse digna da sua atenção.

— Também não sou seu fã — rosno baixo, falando com o gato arrogante, sabendo que cheguei no limite do meu tédio, por estar conversando com o gato esnobe.

Não demora muito para minha mente descartar a bola laranja peluda, esparramada no sofá, pois meu cérebro se concentra em achar quem não está deitada nele. Meus olhos vasculham a sala com pouca luz, pois apenas a lâmpada da cozinha está acesa, iluminando a sala. Ando na direção da cozinha e a encontro igual à sala, vazia, sem a presença da sua dona. Franzo minha testa e viro meu rosto para a janela da cozinha, constatando que a chuva ganhou ainda mais força, o que me faz descartar a possibilidade de Selina estar lá fora com esse temporal. Caminho devagar para o único cômodo da casa que contém uma porta, fora as das saídas para a rua. Fico parado, encarando a porta do banheiro, a vendo fechada, tendo apenas o silêncio lá dentro. Fisgo o canto da boca e ranjo meus dentes, protelando se devo chamar por ela ou não.

— Droga! — sibilo entre resmungos, antes de esticar meu braço para bater na porta. — Selin...

Minha voz se cala quando o bichano passa de forma metida por entre minhas pernas, batendo sua cauda em minha panturrilha, empurrando sua cabeça na porta do banheiro e adentrando o cômodo.

— *Miauuuu...* — O miado dele se faz forte, enquanto ouço a risada baixinha vindo de dentro.

— O que veio fazer aqui, *señor* Abóbora? — O barulho de água correndo se faz, tendo o gato soltando outro miado, a fazendo rir. — Não me diga que quer tomar um banho também...

— *Miauuuuu!* — Ele mia mais alto, como se estivesse negando o convite para o banho.

Me sinto um intruso, praticamente um depravado parado diante da porta do banheiro, ficando como uma estátua que está presa no doce som da sua risada. Fecho meus olhos e nego com a cabeça, sabendo que o correto é me virar e sair daqui, sem que minha presença seja notada por Selina. Só que não me movo, e isso faz eu me sentir duplamente mais tolo. Solto uma bufada de ar e esfrego meu rosto, me obrigando a girar e retornar ao quarto.

— Espero que não esteja parado perto da porta, me espionando como um tarado. — Meu corpo congela quando a voz baixa dela se faz calma dentro do banheiro.

Viro meu pescoço e encaro a porta, esmagando meus lábios, desejando que ela não tivesse notado minha presença.

— Perdeu o sono, *marinero*? — ela pergunta baixo, mantendo o tom de voz calmo.

— Sim, estou sem sono. — Inalo o ar com força, a respondendo, abaixando minha cabeça e olhando o gato sair do banheiro. — E não, não estou te espionando. Foi seu gato esnobe que abriu a porta do banheiro, deixando uma fresta com o corpo roliço dele.

O grande felino alaranjado ergue sua cabeça para mim, me encarando e soltando um som arisco, quase como se soubesse que eu estou falando dele.

— Oh, não o chame de roliço. Abóbora não é gordo, e sim fofinho, por conta dos pelos...

— Ele é obeso! — falo a verdade, pois o grande gato preguiçoso está tão gorducho que parece uma bola peluda alaranjada.

Ergo meu rosto para a porta do banheiro, ouvindo o som da risada dela, e uma estranha calmaria me pega, me fazendo esquecer a inquietação que o som da tempestade me causa.

— Eu também não consigo dormir quando tem temporal. — Fico em silêncio, a ouvindo falar baixinho, mudando completamente o assunto. — Engraçado, não é?! Uma pessoa que vive na escuridão ter medo de chuva e trovão, tanto quanto um *marinero* que vive no mar e tem medo de tempestade.

Um suspiro lento escapa dos seus lábios, me deixando ouvir o som da água quando ela se mexe novamente, murmurando as palavras com pesar.

— A dobradiça da janela está gasta — murmuro, dando as costas para a porta do banheiro, me encostando na parede ao lado, não confirmando para ela que não gosto de tempestade. — Não vai aguentar o próximo temporal que vier no estado que está.

— Eu sei... — Ela solta outro suspiro, me respondendo com tristeza. — Assim que tiver um tempo, vou ter que arrumar, assim como várias coisas que precisam de conserto nessa velha casa.

Meus olhos percorrem pela sala e os ergo para o telhado, que tem marcas de umidade, com pequenas goteiras espalhadas. Abaixo meu rosto para o chão, o estudando, vendo as marcas das gotas. A casa de madeira, com toda certeza, precisa de reparos, principalmente pelo fato de abrigar uma moradora como Selina. Minha mente calcula as grandes chances da pequena mulher acabar escorregando e tendo uma queda feia por causa do piso molhado. Isso sem falar da porta, que não me passa nem um pingo de confiança. Basta a empurrar com força para abrir, nem precisaria ser estourada para invadir. A casa toda é completamente desprotegida, e para piorar, é afastada de qualquer vizinho que possa ouvir os gritos dela, caso alguém entre aqui para lhe fazer algum mal.

— Não devia ficar sozinha nessa casa, não é seguro para uma jovem como você.

— Deixa adivinhar. Diz isso porque pensa que uma cega não deveria morar sozinha... — ela responde, rindo.

— Não — retruco ríspido, a cortando. — Digo isso pelo fato de ser uma *chica* sozinha morando afastada de qualquer ajuda. O lugar mais perto

que poderia ter para correr é o penhasco, que te levaria à morte. Isso se conseguisse escapar...

— Escapar do quê? — ela pergunta risonha.

Fecho meus olhos e respiro fundo, não lhe respondendo e muito menos compartilhando com ela todas as hipóteses de riscos que ela corre morando sozinha nessa casa afastada da cidade, completamente isolada. Meu cérebro calcula todos os riscos, desde um ladrão em busca de algo para roubar, a um verme desgraçado que pudesse a seguir até essa casa, confirmando que ela mora sozinha e entrasse aqui para lhe fazer mal. Lembro dela entrando no bar, como a presença dela chamou a atenção de muitos, não apenas a minha.

— Há muitos perigos por aí, Selina, principalmente para você.

— Moro praticamente minha vida inteira aqui, Alan. Posso te garantir que ninguém está interessado em fazer mal algum a uma cega pobre — ela fala de forma despreocupada, o que me faz ficar de mau humor, por ela não levar a sério.

Selina não tem a percepção masculina de um homem ao olhar para ela, não sabe como a face jovial é um chamariz, assim como as curvas femininas despertam tanto a imaginação de um homem quanto o desejo. Minha presença nessa casa demonstra seu descuido. Por mais que nunca lhe machucasse, ainda assim, mesmo sem se importar em me ajudar, ela colocou um assassino de aluguel dentro da sua casa.

— E eu posso te garantir que já vivi e vi o bastante para saber que a alma de um homem não vale nada quando ele deseja obter alguma coisa — rosno, erguendo meu rosto. — Deveria levar mais a sério seu bem-estar, e parar de confiar tanto assim nas pessoas.

— Oh, me aconselhou o homem que arrumou uma briga dentro do bar, acabou sendo baleado na rua de trás do estabelecimento e não gosta de falar sobre o assunto. — Sua voz é embargada de riso enquanto me provoca. — Já parou para pensar que é justamente o fato de eu confiar nas pessoas que salvou a sua vida, *marinero*? Talvez seja você que deva começar a confiar um pouco mais nos outros e não esperar tanto assim pelo pior delas...

Meu rosto vira, comigo pronto para lhe responder que espero o mal das pessoas porque é assim que eu ganho a vida, matando o tipo de gente como eu. Vi muitas coisas ao longo da minha vida, conheço a maldade do coração de um homem, desde os vícios, as ambições e as traições. E não apenas pelo que aconteceu ao meu pai, que confiou no homem errado, mas também por cada porto que cruzei em meu caminho. Só que as palavras morrem, se silenciando em minha mente, tendo tudo ficando nublado, com meus olhos presos no reflexo do espelho do banheiro que consigo ver pela fresta da porta que o gato gorducho deixou entreaberta quando entrou no banheiro. Seu corpo está esticado na banheira, com seu pescoço inclinado para trás, repousado no encosto da borda. O deslumbre dos seios submersos na água calma é tão belo quanto a gota de água que escorre por sua garganta quando ela ergue sua mão e passa a esponja na pontinha do seu queixo. Os cabelos longos estão erguidos em um coque frouxo, com mechas teimosas escapando da amarração.

— Deveria tentar isso, sabia?! Confiar um pouco mais nas pessoas... Pode se surpreender. — A voz de Selina sai baixinha, e ela solta um suspiro, abrindo seus olhos e encarando o teto.

Minha mente, presa ao reflexo do espelho, faz eu me sentir enfeitiçado, como se estivesse admirando uma sereia com canto doce e olhar mágico e hipnotizante.

— Ainda está aí, *marinero*? — Sua cabeça se move lenta, com ela tendo seus olhos de diamantes prateados presos à porta, abaixando seu braço dentro da água e brincando com as espumas.

Pigarreio e limpo minha garganta, a sentindo secar, girando meu pescoço para frente e imediatamente desviando meus olhos de Selina. Não gosto nem um pouco da forma como meu corpo reage a ela, e muito menos a minha mente, que simplesmente para de funcionar.

— Estou. — Minha voz sai grave e em um tom ríspido, enquanto rosno baixo e sinto a porra do meu pau reagir à visão de Selina dentro da banheira.

— Como é a vida no mar, Alan? — Sua voz curiosa me pergunta de forma animada. — Fico pensando como deve ser repleta de aventuras, conhecendo várias pessoas, novas culturas e costumes...

O barulho da água dentro da banheira fica mais forte, o que me faz girar o rosto novamente, não conseguindo controlar essa maldita falta de controle que ela me causa. E me arrependo no segundo que meus olhos repousam no espelho e a vejo de costas agora. Seu corpo se move de lugar e ela ergue seus braços, ensaboando seus ombros. As espumas percorrem sua nuca de forma íntima e preguiçosa, fazendo eu sentir inveja delas, com minhas mãos desejando ser aquelas gotas que descem por sua pele.

— Está tudo bem? — Sua pergunta em tom preocupado me obriga a sair do transe que a estranha Sereia me aprisiona.

— Sim. — Ranjo meus dentes e desvio meus olhos do espelho, encarando a pia do banheiro.

— E então? — Minha cabeça se ergue no segundo que o som da água se faz e a vejo se erguer lentamente, se apoiando na borda da banheira e se mantendo de costas para a porta. — Como é a vida no mar, *marinero*?

— Perfeita...

A palavra escapa baixa da minha boca, com meus olhos fixos na visão proibida das curvas de Selina, com a água escorrendo por suas costas, me fazendo segurar o ar dentro dos meus pulmões, com meus dedos se esmagando ao lado do meu corpo, comigo admirando cada centímetros dela, tendo a porra do meu pau se concentrando ainda mais na visão do seu belo rabo redondo e carnudo, que parece ter sido criado para fazer um homem se ajoelhar aos seus pés, apenas para ter o prazer de tocá-la.

— Eu amava tomar banho no mar quando pequena, porém, depois do acidente, nunca mais senti a água salgada tocar o meu corpo ou os meus pés pisarem na areia. Mas ainda penso que deva ser maravilhoso como antes. — Sua voz soa branda, como um canto perigoso de uma sereia traiçoeira.

Viro e encaro o sofá, inalando o ar com força, me sentindo um pervertido de merda ao ter a consciência que meu pau está ereto, como se fosse um adolescente cheio de hormônios, que não consegue se controlar.

— Deve ser legal não ter parada nem ficar preso a nada ou ninguém, apenas desbravando os mares. — Escuto o som dela saindo da banheira enquanto fala de forma risonha.

— Nunca pensou em sair daqui, Selina? — pergunto sério, erguendo meu braço e coçando minha nuca, me recusando a olhar novamente para o reflexo do espelho do banheiro.

— Para onde eu iria, *marinero*? — ela suspira, falando com tristeza. — Aqui é seguro, Alan. Não tem perigo para mim.

Eu falho, falho miseravelmente, como um canalha que é controlado pela voz doce e baixa de Selina, e me pego a observando novamente pelo reflexo do espelho. Uma camisola branca de algodão está em seus dedos, com ela passando a roupa por sua cabeça. Meus olhos ficam presos nos bicos dos seios redondos, com a pele arrepiada e as aréolas marrons, firmes e empinados para frente. Meu pau pulsa dentro da minha calça e minha boca seca, imaginando como poderia os sugar por horas, arrancando gemidos dos seus lábios enquanto meu pau se afundaria dentro do seu corpo. Acompanho sedento, como um cão vadio, o caimento lento da camisola sobre sua pele, tapando seus seios, sua barriga, e me demoro olhando o centro das suas pernas, não sabendo quando foi a última vez que vi uma mulher sem sua boceta depilada. Mas, nela, em Selina, os pelos que cobrem sua vagina me fazem desejar ainda mais lhe tocar, imaginando se seriam sedosos e macios como seus cabelos cacheados. Me obrigo a me virar imediatamente, me afastando da porta, tendo meus pulmões se enchendo de ar, enquanto minha mente está em choque ao estar com a porra de uma ereção e pensamentos sacanas com uma criança inocente como Selina.

— Você realmente está bem? — pergunta preocupada quando abre a porta do banheiro. — Sua respiração está descompassada, está com alguma dor...

— Não! — respondo, rosnando com raiva, abaixando minha cabeça para a porra da tenda que se forma na frente da minha calça e sentindo meu pênis latejando dentro dela. — Irá esfriar ainda mais essa noite, você vai precisar de algo mais quente do que apenas esse lençol em cima do sofá.

O aroma de jasmim entra em minhas narinas quando inalo o ar com força. Viro e encaro a Pequena Sereia parada atrás de mim, diante da porta do banheiro, com seus cabelos soltos e seus olhos de diamantes observando o chão.

— Eu vou ficar bem com meu lençol, *marinero* — ela fala baixinho e dá um sorriso tímido no canto dos seus lábios. — Deveria retornar para sua cama.

— Posso dormir no sofá, não vejo necessidade de continuar dormindo na cama...

Dou um passo para o lado quando ela se move lenta e caminha em direção ao sofá.

— Boa noite, *marinero.*

Fico imóvel, a observando dá a volta no sofá, abaixando sua mão quando seu braço se estica ao sentar-se. O gato preguiço mia, como se quisesse lhe avisar que ele já está deitado, esperando por ela. Meus olhos ficam presos no lençol fino esticado no sofá, o qual ela usa para se cobrir.

Capítulo 09



HADES

ALAN SPENCER

— Vou demorar para retornar, aquele mercado sempre está repleto de gente. — A voz dela sai baixa, me comunicando que irá ao Mercado Municipal, porque precisa comprar mantimentos para a casa e para os doces que ela vende. — Ainda bem que hoje a chuva deu uma trégua, assim Zapata conseguiu chegar até aqui.

— É, ainda bem — falo sério, tendo meus olhos presos no armário gigante do lado de fora, o observando pela janela, encostado na porta do carro, aguardando por Selina.

— Bom, acho que você vai ficar bem, não é? — Viro meu rosto para ela, a olhando tão delicada em seu vestido verde-limão, com alcinhas fininhas nos ombros.

Admiro seus cabelos soltos acima do ombro, por cima dos seus seios, o que me faz ter automaticamente o vislumbre do corpo dela nu, sendo projetado por minha mente, que me atormentou a madrugada inteira, após ter gravado cada centímetro do corpo dela. Ela arruma os óculos escuros em sua face, o que me faz repuxar o canto da boca com desgosto, odiando as lentes horrorosas que ela usa como escudo para esconder seu olhar. As mãos inquietas dela passam pela lateral do vestido, o arrumando, tendo seus pés nas sapatilhas batendo lentamente no chão. Sinto como se estivesse sendo observado, e não demoro muito a encontrar o par de olhos verdes do felino sentado na janela, me encarando de forma rabugenta.

— Eu sim, já não posso dizer o mesmo do gato gordo. — Dou um passo à frente e me aproximo dela quando sua cabeça se ergue ao ouvir minha ameaça ao meu rival felino.

— Já lhe disse que Abóbora não é gordo, ele é fofinho — ela resmunga, negando com a cabeça. — E não se atreva a fazer nada com ele, ou juro que chuto seu rabo para fora da minha casa quando voltar.

Rio e caminho para ela, gostando de ver a forma como suas covinhas ficam ainda mais destacadas quando ela está zangada.

— Seu gato gordo estará bem quando retornar, *chica*!

— Por favor, pare de ficar me chamando de *chica*, já sou maior de idade, sabia?! Não sou uma *niña*, tenho vinte e um anos.

— Uma criança — falo sério, inalando o ar com força, encarando-a. Realmente o que Selina é, é uma *chica* escondida no corpo de uma mulher.

— *Marinero terco*[25]! — ela fala rindo, negando com a cabeça. — Fique longe do meu gato, ouviu?

Seu sorriso é doce, tão belo que me enfeitiça, me fazendo sentir vontade de segurá-la em meus braços, apenas para enterrar meu nariz em seu pescoço e inalar esse seu cheiro de jasmim que embriaga minha mente e nubla meus pensamentos com tanta facilidade.

— Vi pela janela que tem um carro dentro daquela garagem de madeira, perto das palmeiras... Ele não funciona? Por isso Zapata te leva no carro dele? — Desvio meus olhos dela, mudando de assunto e obrigando minha mente a se manter lúcida e minhas mãos longe dela.

— Oh, não, ele funciona, sim. É velho, bem velho, mas funciona, pertencia à minha *madre* — ela suspira ao falar baixinho. Desvio meus olhos de Selina para a janela, olhando na direção da garagem de madeira. — Zapata é quem sempre o liga, para funcionar. Ele prefere usar o carro dele quando preciso ir ao mercado, por causa da carroceria.

— Entendo. — Mudo a direção do meu olhar da garagem para o homem do lado de fora, que está sério, com seus braços cruzados. — Como conheceu o leão de chácara?

— Quem, Zapata? — ela pergunta, rindo. — Zapata teria um colapso nervoso se ouvisse você o chamar assim. Ele não é um leão de chácara.

Sim, ele é, e posso apostar minhas vísceras que o brutamonte parado perto do carro, com os braços cruzados, que a protege feito uma sentinela, tem um rastro longo de sangue por onde ele passou. Mas, de alguma forma, a Pequena Sereia tinha ganhado a confiança e lealdade dele.

— Uma noite, minha mãe o salvou, depois disso ele nunca mais se afastou de nós. — Giro meu rosto para Selina, que caminha lenta na direção

da porta. — Penso que deva ser mal de família, resgatar qualquer moribundo baleado e trazer para casa e cuidar!

— Tomarei isso como um elogio, *chica*, e não um insulto! — rosno baixo, cruzando meus braços e vendo o sorriso arteiro em sua face.

— Oh, mas não foi, realmente quis lhe insultar — diz, rindo, tateando a porta, buscando pela maçaneta com seus dedos. — Fique aqui dentro, está bem, não saia da casa.

Seu tom de voz muda, com ela mordendo o cantinho da boca e não soando mais como uma criança arteira, mas sim tendo uma ruga na sua testa franzida.

— Não me diga que está preocupada com esse moribundo?! — Não consigo controlar, meu braço age por impulso, assim como minha mão, quando espalmo na lateral da sua face e aliso sua bochecha.

— Não... Não, não estou. — Sua voz falha quando ela murmura de forma tímida. — Apenas não quero que arrume "outra briga de bar" e acabe manchando o piso da minha casa, odiaria chegar e ver o meu chão impecável manchado com seu sangue.

— Engraçadinha — falo sério e dou um passo à frente, me aproximando lento dela e inalando mais forte o ar, sentindo seu aroma de jasmim.

— O que foi? É uma piada... — diz, rindo, mas se cala quando minha mão retira os óculos da sua face. Os grandes olhos prateados estão abertos.

— Você é estranha, *chica* — sussurro, pensativo, a olhando com atenção, não compreendendo essa estranha criatura.

— Não sou estranha, *marinero*, apenas enxergo as coisas literalmente como elas são, e não uso isso para me vitimizar ou me amargurar. — Ela tomba seu rosto de ladinho, o deixando amparado em minha mão espalmada em sua bochecha. — Por favor, não saia da casa, as pessoas com quem arrumou confusão são perigosas, e penso que você já deva saber disso. Então fique aqui, quietinho e escondido, até eu voltar.

É quase incontrolável a forma como ela tem o poder de acalmar meus demônios, toda aquela raiva e ira, os silenciando dentro de mim,

enquanto me encanta com seu olhar e seu canto de sereia em sua voz doce. Me vejo enfeitiçado, com minha face se inclinando para frente e com meus olhos presos em seus lábios, desejando os roubar para mim.

— SELINA, VAMOS! — O som alto da voz do leão de chácara zangado, a chamando, a faz virar seu rosto na direção da porta, dando um passo para trás e se afastando de mim.

— Até mais, *marinero*. — Selina estica sua mão, esperando que eu entregue seus óculos quando se despede.

Mas ao invés de lhe entregar, eu mesmo os arrumo em sua face, não deixando passar despercebido o leve tremor que ela tem, e como seu peito sobe e desce apressado.

— Até mais, *chica*!

Ela abre a porta e caminha por ela, andando lentamente e descendo os degraus da varanda.

— Pensei que ficaria o dia todo aí dentro — Zapata fala para ela, tendo seus olhos presos em mim, me encarando sério.

— Estava procurando meus óculos, não seja ranzinza. — Ele segura seu ombro lentamente, a ajudando a se aproximar do carro, lhe conduzindo para a porta do passageiro.

Zapata a auxilia a entrar no carro, fechando a porta e dando a volta no veículo, sem desviar seus olhos dos meus. Balanço minha cabeça para ele, o cumprimentando, o vendo fisgar o canto da boca e bufar pelo nariz, antes dele entrar no carro e dá a partida. Ainda fico alguns segundos parado na porta, vendo-os se afastar, seguindo para uma estrada de terra, antes de girar minha cabeça e ficar sério, olhando a garagem de madeira perto das palmeiras.

— Cuida da casa, gato! — falo sério, fechando a porta atrás de mim e descendo os degraus da escada da varanda, caminhando até a garagem.

Sim, eu sei exatamente com quem eu tinha arrumado briga, só que o que Selina não sabe é que eles não têm ideia de quem está os caçando.



Desligo o carro velho, o estacionando do outro lado da rua do hotel que tinha me hospedado quando cheguei em Havana. Arrumo a aba do boné surrado, que encontrei na garagem quando fui pegar o carro, na minha cabeça, e observo os pedestres passando na rua, transitando despreocupados. Estudo a entrada do hotel, conferindo o perímetro para saber se está seguro. Abro a porta da lata velha enferrujada com uma cor preta desbotada e lataria manchada. Me mantenho de cabeça baixa, caminhando para a esquerda, não atravessando a rua, seguindo outro rumo ao invés da entrada do prédio.

Meus olhos focam na jaqueta de moletom estendida em uma cadeira de bar, que está na calçada da rua. O bar lotado tem todos os clientes focados em um jogo de futebol que passa na televisão, e todos gritam, se levantando quando um gol é feito. Preciso de apenas esse segundo de distração para capturar o moletom, logo virando a esquina e atravessando a rua, indo para o lado do hotel. Porém, não vou em direção à entrada principal. Mantenho meu caminho, seguindo reto. Visto o moletom e uso o capuz para cobrir minha cabeça, tapando ainda mais o meu rosto. Fisgo o canto da boca ao sentir uma pontada de dor em meu abdômen quando pulo um muro baixo da rua de trás do hotel, que me dá acesso a uma lavanderia que fica ao lado do prédio. Eu havia estudado o perímetro inteiro na primeira noite, quando me instalei nele, buscando acessos rápidos e práticos de entrada e saída em caso de emergência.

Passei anos da minha vida entrando e saindo de confusão, na minha busca pelo assassino do meu pai, lidando com todo tipo de gente, não confiando nem na minha própria sombra e nunca abaixando a guarda. Subo as escadas de incêndio da lavanderia, que tem a coluna da parede colada com a do hotel, dando acesso à escada de incêndio deles. Olho a janela do meu quarto e caminho na direção dela. A estouro, abrindo e entrando rapidamente, varrendo meus olhos pelo quarto. Vejo a porta fechada, tendo minhas coisas exatamente onde deixei, e caminho para a porta, para ter certeza de que está trancada. Assim que constato que está, giro, andando

para o armário, o abrindo. Minha mala está dentro dele, exatamente como eu deixei. Rodeio e observo a cama desarrumada. O copo de uísque está pela metade, com uma mosca boiando morta dentro do líquido, e o ambiente está com um odor ruim, de local fechado, o que me diz que o gerente cumpriu sua palavra, garantindo sua taxa extra. Uma coisa que sempre faço, ao me hospedar, é procurar o pior pardieiro que existe na cidade e pagar entre dois e três meses adiantado do quarto, mesmo que vá ficar uma semana, duas ou um mês dentro dele. Também dou mais uma bonificação para o gerente se ele não deixar ninguém entrar enquanto não encerrar minhas diárias. Esses homens não perguntam, muito menos se importam com qual intuito eu tenho em manter o quarto isolado. Eles se fodem para se você está se drogando, comendo uma puta ou desmembrando um corpo, a única coisa com a qual eles se importam é com a grana alta que ganharão.

— Droga! — rosno baixo, rangendo meus dentes e amparando minha mão no meu ferimento quando estico meu braço e puxo a minha mala.

A levo até a cama e a abro, retirando minhas roupas de dentro dela. Ao abrir o zíper do fundo falso vejo um maço de dólares e um maço de pesos cubanos guardados, dois passaportes falsos, meu revólver, munição e um telefone descartável. Encaixo a bateria, ligando o aparelho, vendo se ainda está funcionando. Assim que ele liga, me mostrando que está estável, disco rapidamente o número da única pessoa que posso confiar.

— *Tony Spencer falando*. — A voz rouca do meu primo, do outro lado da linha, se faz depois do quarto som de chamada.

— Sou eu! — falo rápido, caminhando para perto da janela e fechando a cortina.

— *FILHO DE UMA PUTA!* — Tony rosna, bravo, me deixando ouvir o soco que a sua mão dispara em algo. — *Não, merda, não estou falando com você, Edgar. Anda, sai da sala, preciso conversar ao telefone, já retornamos à agenda de reuniões.*

Escuto-o despachar seu secretário, enquanto rosna com raiva.

— Tem ideia do que eu passei todos esses dias, tentando o encontrar, seu merda?! Onde estava, Alan?

— Também estava com saudade — o respondo, usando meu ombro para apoiar o aparelho em minha orelha, retirando a arma da bolsa, junto com as munições.

— Cretino! Acho bom me contar que bebeu até perder a noção e estava preso em uma ilha com uma gostosa, a fodendo.

— Quase isso — falo breve, carregando a arma, e assim que termino, a levo para trás do cós da calça. — A diferença é que não bebi e não fodi ninguém.

— Você ainda vai me matar, escuta o que estou falando. Vai me fazer ter um infarto fulminante antes dos quarenta anos, com essa sua maldita busca...

— Eu o encontrei — corto Tony, antes que ele comece com seu discurso de mamãe ganso superprotetora com a sua galinha dos ovos dourados.

— Está de sacanagem?!

— Não. — Pego o maço de dinheiro, o contando. — Não estou. Manolo Sales está em Havana. Finalmente encontrei o puto, Tony, finalmente terei minha vingança concluída...

Sinto as palavras saindo de forma amarga pela minha boca, como se fosse fel. Quinze anos, quinze longos anos imaginando o que eu faria com esse homem quando o achasse, e finalmente o encontrei.

— Porra! Então isso quer dizer...

— Que Manolo Sales terá uma morte muito pior que a que dei a Black. — Fecho meus olhos e inalo o ar com força, sentindo meus pulmões se encherem. — Já sabe o que você tem que fazer, não é, primo?!

— Alan, não precisa terminar assim...

— Desejo paz à minha alma, Tony, desejo realmente esquecer de uma vez por todas esse inferno para o qual fui arrastado. E terei minha paz assim que mandar Manolo para o inferno...

— Só que não será apenas Manolo que irá morrer. Você encontrará essa sua paz, que tanto acha que terá, ao matar esse filho de uma puta, e eu perderei de vez o meu primo.

— Sempre soube o que aconteceria quando eu o encontrasse, Tony — respondo sério e abro meus olhos, não querendo conversar sobre isso novamente. — Vai ficar bem, apenas precisa pensar mais com a cabeça de cima do que com a de baixo. É o cretino engenhoso mais brilhante e calculista que eu conheço, sobreviverá sem mim. Assim que estiver perto da partida, irei entrar em contato com você uma última vez.

Caminho lento em direção à janela e abro apenas um pouco a cortina, deixando meus olhos ficarem perdidos na direção do porto, encarando o oceano, quase podendo sentir a paz que tenho quando estou embarcado, tendo apenas o som do mar ao meu redor.

— Hades estará pronto, irei providenciar tudo, e arranjarei alguém de extrema confiança para o levar até Havana — Tony fala baixo, me deixando ouvir seu suspiro longo. *— Quando ligar, ele já estará ancorado no mar de Havana, apenas precisa me passar suas coordenadas. Vai precisar de mais alguma coisa, fora ele?*

— Não, tudo que irei precisar está dentro do meu veleiro. — Me afasto da janela e pego o maço de pesos cubano, o guardando no bolso da calça e fechando a mala. — Mas tem uma coisa que quero que faça, não para mim. Há uma pessoa em Havana, e antes de terminar minha pendência com Manolo irei passar os dados dela e a localização de onde ela mora, e quero que a ampare financeiramente quando eu me for.

— Uma mulher? Está me dizendo que quer que eu cuide de uma garota sua? — Sua voz curiosa pergunta, ele está intrigado.

— Ela não é minha garota, e muito menos pedi para que cuide dela — rosno baixo, não querendo imaginar o canalha de Tony flertando e jogando seu charme em cima de Selina. — Mantenha a porra do pau longe dela, assim como suas mãos, está me entendendo?! Quero ela financeiramente amparada, e não consolada em sua cama.

— Deixa ver se eu entendi... Quer deixar dinheiro para uma mulher, acaba de me proibir de tocar nela, e ainda assim diz que ela não é sua

garota?! — Tony, de forma escrota, gargalha, me provocando. — *Ora, ora, Alan Spencer preocupado com alguém, isso para mim é novidade. O que ela tem de diferente das outras para ter conseguido chamar sua atenção, primo?*

— É uma dívida, Tony — respondo ríspido, não querendo conversar sobre Selina com ele. — Apenas uma dívida que pagarei, ela não é esse tipo de mulher.

— *Hum, interessante. Isso para mim é novidade. Acho que em todos esses anos, fora aquele veleiro, você nunca se preocupou com nada nem ninguém.*

— Apenas faça o que lhe pedi, Tony! — grunho baixo, inalando com força o ar.

— *Sabe que farei* — ele tagarela, rindo. — *Presumo que não vai me contar mais sobre ela, a não ser o que for necessário para a deixar amparada, correto?*

— Te ligarei assim que estiver perto da minha partida. — Encerro a chamada sem despedida, desligando o celular.

Retiro a bateria do aparelho e guardo tanto o celular quanto a bateria dentro do bolso do agasalho de moletom. Pego o maço de dólares e os documentos falsos, os levando ao bolso da calça, antes de fechar a mala. A guardo no local que a retirei, encostando a porta do armário, e caminho para perto da cama. Abaixo e retiro a maleta comprida negra escondida. A destravo com a senha numérica em seu cadeado, a abrindo, e passo meus olhos rapidamente no rifle de longo alcance, na pistola com silenciador à esquerda, perto da automática prateada, e na machadinha de lâmina negra pequena, de tática, com cabo de pérolas. Fecho a maleta e a ergo, andando na direção da janela do quarto e saindo dele sem olhar para trás.

Capítulo 10



TEMPESTADE

SELINA LOPEZ

— Já está na hora de tirar esse homem da sua casa. — Fecho meus olhos e encosto minha cabeça na vidraça da janela, ouvindo a voz séria de Zapata.

— Ele irá partir assim que tiver condições de ir. Não posso o jogar na rua com o ferimento ainda cicatrizando — respondo e solto um suspiro, negando com a cabeça.

— Se você não pode, eu posso. Apenas precisa pedir, e jogo aquele homem para fora da sua casa.

— Zapata! — resmungo, cansada. — Ele irá partir quando for a hora, sim?! Por favor, pare de implicância, logo ele partirá, e nunca mais saberemos dele.

— Não é implicância, é preocupação. Esse homem é perigoso, Selina. — Solto o ar lentamente pelos meus lábios e retiro os óculos, esfregando minhas têmporas, ainda tendo Zapata zangado. — Não confio nele, não descobri nada sobre esse homem. Você mesmo disse que ele não lhe contou nada também, o que apenas comprova minhas ressalvas em relação a ele.

— Talvez ele só não tenha nada a dizer, por isso não quis conversar — respondo com desânimo. Eu compreendo a preocupação de Zapata, mas, dentro de mim, eu não sinto que Alan é alguém ruim.

— Ou ele tem muito a esconder. Um homem que diz pouco esconde muito, ninã — Zapata fala mais sério, deixando seu tom de voz grosso. — Escute o que digo, Selina, esse homem fede à morte, caminha de mãos dada com ela. Ele a idolatra como uma amante, posso ver isso nos olhos dele, que busca pela morte como uma mariposa à luz. Quanto mais rápido ele partir da sua casa, menos perigo você correrá.

— Gato ordinário!

Ouço a voz brava resmungando ao entrar na cozinha, me fazendo sair dos meus pensamentos, da conversa que tive com Zapata na volta para casa, depois que ele me levou ao mercado. Desligo a torneira da pia e estico meu braço para a parede, para alcançar o pano de prato que sempre deixo pendurado a dois dedos de distância da janela.

— Seu gato obeso cagou dentro do meu sapato! — Me viro, secando meus dedos, reprimindo um riso ao ouvir o som zangado da voz de Alan.

— *Miauuu...* — Meu gato mia, me deixando senti-lo perto das minhas pernas, se esfregando nelas como se viesse pedir proteção.

— Abóbora, que coisa feia... — Abaixo lentamente e estico meus braços por minhas pernas, escorregando devagar, até alcançar o bichano e o pegar no colo.

Ele ronrona, esfregando sua cabeça em meu pescoço, miando com dengo.

— Juro que ainda vou fazer um cachecol dele!

— Pare de o ameaçar. — Sorrio, acariciando a cabeça de Abóbora, ouvindo seus ronronados. — Ele não fez por mal, está apenas estressado por conta da chuva — argumento a favor do felino arteiro.

— Seu gato me odeia, e eu tenho certeza de que ele fez isso de propósito! — Alan rosna bravo, me deixando ouvir o som forte da sua respiração.

— Abóbora não te odeia, ele apenas está entediado por não poder sair de casa, por conta da chuva que retornou. — Me inclino e o deposito no chão, rindo e negando com a cabeça.

— Não sei por que não pode ter um cão, seria mais útil em lhe proteger do que a porcaria de um gato gordo e preguiçoso! — O barulho de Abóbora arisco, fungando para Alan, se faz alto, como se dissesse que realmente cagou de propósito no sapato dele.

— Ande, se sente, velho chato! — digo, rindo, me virando e retornando a lavar a minha mão. — Vou lhe dar algo para comer, minha *madre* sempre dizia que homem com fome fica mal-humorado.

Ouço a cadeira se arrastar e o peso do seu corpo sendo solto nela. Abro o armário e retiro um prato de dentro dele. Puxo a gaveta de talher e busco um garfo e uma faca. Antes de me virar em direção à mesa, dando cinco passos para chegar até ela, deposito o prato sobre a mesma e solto o garfo, ficando apenas com a faca na minha mão.

— Poderia me passar o palitinho de dente? Está à sua esquerda, perto do saleiro, na ponta da mesa — peço baixo, esticando meu braço para ele. — Por que está tão zangado hoje? Pensei que gostaria de ter um tempo sozinho em casa.

— Não estou zangado — ele responde ríspido, me passando o palito. — Como foram as compras?

— Boas, consegui comprar o que precisava. — Sorrio, batendo minha mão na mesa, procurando pela travessa de torta salgada. Assim que a encontro, puxo-a devagar para perto da borda da mesa. — Consegui fechar uma grande encomenda para semana que vem, encontrei uma cliente minha no mercado, ela quer doces para a festa da sua filha.

Uso o tato da ponta dos meus dedos para encontrar o centro da torta e enfio o palito. O pequeno palitinho serve como ponto de referência, que uso para cortar a torta de uma ponta a outra, a girando e repetindo os mesmos processos até ter quatro grandes pedaços.

— Será um pouco corrido por conta do tempo curto, mas conseguirei fazer os doces para ela.

— Quanto ela lhe pagará, por ter feito essa encomenda em cima da hora? — Rio com a pergunta dele sendo tão séria.

— O marido dela começará a trazer leite e ovos para mim da fazenda pequena que eles têm. — Deposito a torta no prato, o segurando e me virando para a direção de onde vem sua voz.

— O quê? — Sua voz é grave quando fala sério. — Está me dizendo que seu pagamento será ovos e leite?

— Sim. Não iria cobrar uma fortuna, é mais um presente meu para a pequena filha dela. Cecilia e seu esposo trabalham muito na fazenda e ganham bem pouco com o que vendem na feira da cidade, e tiveram muito prejuízo com essa chuva, não iria cobrar dinheiro deles — falo sorrindo,

ainda o aguardando pegar a torta. — Não pensa que vou lhe servir na boca, não é?

Brinco com ele, esticando meu braço novamente, tentando o fazer rir, mas a única coisa que escuto é seu resmungo zangado seguido de uma bufada.

— Inacreditável! — Ele pega seu prato de forma rabugenta. — A janela está podre, o telhado praticamente uma peneira, de tantos buracos, sem falar da casa em si, que está prestes a desabar com um vento, e só Deus sabe como ainda está de pé, e você trabalhando a troco de ovos e leite!

— Eu preciso de ovos e leite para trabalhar e vender mais. Com o dinheiro que ganhar vou dar um jeito de arrumar o que preciso — falo séria, me afastando da mesa e dando um passo para trás. — E por mais que minha casa não esteja em ótimas condições, *marinero*, ainda assim há algo nela que funciona perfeitamente bem.

— O quê?

— A porta da rua! — o respondo seriamente, esticando meu braço e apontando na direção da sala. — Pode sair por ela no segundo que achar que minha casa não é boa o suficiente para você.

Inalo o ar com força e abaixo meu braço, virando de costas para ele e caminhando em direção à saída da cozinha, parando apenas quando sinto o vento forte do lado de fora acertar meu rosto quando chego à varanda. Abraço meu corpo e me encolho ao ouvir o som da chuva.

— Precisa de algo? — pergunto baixo, me mantendo de costas para o homem que tem a respiração forte atrás de mim. — Ou esqueceu de mais alguma coisa para insultar a minha casa...

— Não disse aquilo para insultar a sua casa, *chica*! — Seu rosnado é baixo, enquanto inala o ar forte.

— Jura? — questiono de forma irônica, negando com a cabeça. — Pois para mim não pareceu que estava elogiando.

— Também não estava elogiando, mas sim dizendo a verdade. Como pode ser tão ingênua ao ponto de trabalhar de graça, mesmo sabendo que está precisando de dinheiro? — A sonoridade da voz masculina fica mais grossa, tendo o assoalho da varanda estalando com seus passos

pesados. — Tenho uma dívida com você, e pretendo pagá-la, só que tenho até medo de pensar o que fará se tiver dinheiro em suas mãos.

— Não estou precisando de dinheiro, *marinero* — falo brava, me virando na direção da sua voz e descruzando meus braços, por ele sequer insinuar que lhe ajudei apenas por interesse, pensando em receber algo em troca. — Muito menos do seu. Se salvei seu rabo arrogante foi porque quis, não porque desejava algo em troca! Insulta minha casa, e agora me insulta ao dizer isso de mim!

— Não ouse pôr palavras em minha boca! — A respiração quente é solta em meu rosto, sendo seguida de um rosnado alto, como se fosse a própria tempestade diante de mim. — Nunca disse que me salvou por interesse, o que disse é que tenho uma dívida com você e eu vou pagar...

— Pois irá perder seu tempo*, marinero*! — Meu corpo inteiro treme, da cabeça aos pés, enquanto nego com a cabeça. — Seu dinheiro para mim tem tanta serventia quanto aquele carro dentro da garagem não me servirá para nada.

Minha voz trêmula pela raiva sai zangada, e sinto a porcaria dos meus olhos ardendo pelas lágrimas que ameaçam a descer.

— Droga, mulher teimosa! — ele rosna com ira, prendendo suas mãos em meus ombros. — Não entende?! Irei lhe deixar segura, amparada, isso que estou tentando lhe explicar. Estou partindo, Selina, e preciso saber que quitei a minha dívida com você...

— *No necesito tu dinero, mucho menos tú.*[26] — Tento empurrá-lo, impulsionando meu corpo para trás, mas isso apenas faz com que a porcaria dos óculos escape do meu rosto e caia ao chão. — *Déjame ir!* Vá embora! Pode partir, *hombre*, com sua mente tranquila, não me deve nada!

Mordo minha boca com raiva quando sua mão se espalma em meu rosto, me obrigando a ficar de frente para o seu. Sinto a temperatura da sua respiração acertar minha pele, enquanto meu peito bate rápido e as malditas lágrimas rolam por minha face.

— É a criatura mais teimosa e estranha que cruzou meu caminho, *chica.* — Sua respiração está ainda mais perto do meu rosto, e o timbre da sua voz muda, ficando mais grosso e rouco.

— O que... que... — Meu peito sobe e desce rápido, disparado, e não sei mais se é de raiva ou pela forma como meu corpo está febril e trêmulo ao sentir seu polegar deslizar por meus lábios. — O que está fazendo, *marinero?*

— Me condenando, Sereia! — Fico confusa, sem entender, mas minha mente não tem tempo de formular uma pergunta para que ele me dê uma explicação.

Meu corpo inteiro explode, como se uma onda de eletricidade me cortasse, como se o próprio relâmpago da tempestade tivesse acabado de me atingir, assim que seus lábios encontram os meus e os toma com brutalidade, tão firmes, quentes e possessivos, forçando minha boca a se abrir para ele. Me pego respondendo de forma imediata, não resistindo, nem sequer tentando o impedir. Nunca tinha sido beijada na minha vida, e não sei qual reação deveria ter. Meu corpo apenas o responde, se entregando sem barreira alguma ao seu beijo avassalador, me rendendo ao ponto de me sentir como se estivesse derretendo, com minhas pernas ficando molengas e meu coração disparado. Meus dedos se erguem e busco em sua camisa um apoio, como se assim eu pudesse ter algum pilar para me sustentar dessa tempestade que me devassa com seus lábios brutos, me castigando com seu beijo selvagem. Suas mãos circulam meu corpo, tendo um braço me prendendo pela cintura, colando meu peito ao seu, e a outra mão espalmada atrás da minha cabeça. E do jeito explosivo como começou, ele para. Alan se afasta de mim de forma abrupta, tendo apenas os sons das nossas respirações aceleradas se misturando ao barulho da chuva.

— Merda! — O escuto xingar com raiva, antes do rangido da madeira se fazer forte, com seus passos pesados caminhando por ela, se afastando.

Capítulo 11



A SOLIDÃO

SELINA LOPEZ

— Darei um jeito de alguém entregar o carro da sua mãe para você.

Fico de costas perto da janela da cozinha, ouvindo o som da chuva que cai lenta, sentindo a brisa gelada do vento tocar minha pele, enquanto sua voz fala atrás de mim.

Apenas balanço a cabeça em positivo, me mantendo em silêncio, sentindo os bigodes de Abóbora se esfregando em meu tornozelo quando ele transita entre minhas pernas. Sua cauda balança de um lado ao outro e bate em minhas pernas quando ele fica ao lado do meu pé. Precisei de alguns segundos antes de me recompor da tempestade que me acertou na varanda, quando seus lábios tomaram os meus. Quando entrei em casa, ouvi os sons altos dos seus passos dentro do quarto, a respiração masculina pesada. Penso que era como se soubesse que ele estava partindo, me lembro de ter sentido essa mesma sensação quando mi padre me visitou, dizendo a mi madre que retornaria em breve, mas dentro de mim eu sabia que ele não voltaria. Ou quando a ambulância levou minha mãe às pressas para o hospital. Me recordo da voz dela dizendo que ia ficar tudo bem, que logo retornava. Só que eu sabia que ela também não voltaria, como se a solidão me contasse em segredo, em meu coração, que eu ficaria sozinha.

E com ele não foi diferente. Talvez o som, os movimentos mais fortes do passo do pé esquerdo para o direito enquanto ele atravessava o caminho do quarto, passando pela sala até parar na porta da cozinha, já me contasse. Ou sua respiração mais densa que o normal. Antes mesmo da sua boca se abrir, eu já sabia que ele partiria naquele segundo.

— Selina, aquilo que aconteceu na varanda...

— Adeus, marinero! — o corto, falando breve, não o deixando terminar a frase.

Ele inala mais forte, puxando o ar com toda força e soltando um baixo resmungo.

— Se cuide, chica!

Eu ainda fico parada de frente para a janela, sentindo a brisa do vento, tentando fazer meu cérebro focar nas gotas da chuva que caem, e não nos passos caminhando em direção à porta. Apenas quando o som distante do motor do carro da minha mãe se distanciado se faz, me permito ser fraca, com as lágrimas quentes rolando por minha face.

— Miauuuu... — Meu corpo se abaixa lento e uso minhas mãos para me apoiar na pia, procurando por Abóbora, que mia baixinho, como se me dissesse:

É só nós dois novamente.

Ele pula em meu colo e esfrega sua cabeça em meu pescoço, enquanto eu lhe abraço. O gato funga e morde minha boca.

— Então ele realmente se foi? — Belinda questiona, sentada no sofá, tomando seu café. — Cristo, Zapata vai querer ter um infarto quando souber que o carro de tu *madre* foi roubado!

— Não foi roubo, Belinda. — Cruzo meus braços e encosto minha cabeça no batente da porta, ouvindo o som do vento batendo nas galhas. — Ele disse que será devolvido.

— E você acreditou? — O aroma de cigarro de Belinda se faz quando ela o acende. Pelo barulho dos chocalhos das suas correntinhas em seu tornozelo, posso a ouvir se levantar e caminhar para perto da porta.

— Tanto faz, a verdade é que não me tinha serventia alguma aquele carro. — Solto um suspiro lentamente e descruzo meus braços, me virando de ladinho.

Levo meus braços para trás das minhas costas e fico encostada na porta, com meu rosto tombado para o lado, apenas ouvindo o som do chuvisco.

— Quer saber, foi melhor assim. — Ela traga seu cigarro e bate sua mão em meu ombro. — Não gosto de admitir, mas talvez o cabeça-dura do Zapata tivesse razão. Aquele homem traz algo muito sombrio dentro dele, Selina. Não era seguro pra ti o ter por perto.

— É — respondo e dou um sorriso lento, balançando minha cabeça em positivo.

— Por que não me parece que você ficou aliviada com a partida dele? — A voz baixinha dela pergunta com interesse.

— Não, eu fiquei — falo rapidamente, endireitando meu corpo, me virando de costas e caminhando para a sala. — Apenas estou preocupada com essa chuva que não passa. Se continuar a chover assim, daqui a pouco terei que colocar um barco dentro da casa.

Tamborilo as pontas dos meus dedos no encosto do sofá quando fico parada ao lado dele, mudando de assunto. Não quero conversar com Belinda sobre Alan, pois ela contaria para Zapata, o que se tornaria ainda mais constrangedor quando ele viesse com aquele jeito paternal querendo saber se aconteceu algo entre mim e Alan.

— Já lhe disse mil vezes para ir pra minha casa. Sabe que tem lugar para você lá — ela responde, falando atrás de mim.

— Eu gosto da minha casa, e assim que possível vou arrumar o telhado. — Forço um sorriso no rosto quando me viro e fico de frente para ela. — Está tudo bem, tanto eu quanto Abóbora gostamos de ficar nessa casa. Não é, Abóbora?

Chamo pelo gato, rindo, mas não ouço seu miado como resposta. Fico em silêncio, prestando atenção nos sons, para saber se ele está por perto.

— Abóbora? — o chamo novamente, mas não tenho resposta.

— Ele deve estar a vadiar por aí — Belinda diz, rindo. — O tempo está se fechando para outro temporal, daqui a pouco já volta. Gordo e preguiçoso daquele jeito, ele não vai muito longe...

— Belinda! — Sorrio, negando com a cabeça ao ouvir a risada dela.

— Bom, já vou indo também, preciso chegar em casa antes que esse temporal caia. — Ergo minha mão e toco a ponta dos seus dedos quando ela alisa meu rosto. — Ficará bem?

— Claro que sim. — Sorrio com carinho para ela, balançando minha cabeça em positivo. — Vou ficar bem, sempre fico bem.

— Eu sei — ela suspira devagar e alisa meu rosto. — Tu *madre* se orgulharia, e muito, da mulher que se transformou, Selina. Ela sempre soube que seria uma boa moça.

— Igual a ela — murmuro e solto um suspiro, sentindo saudade da minha mãe.

— Sim, igual a ela, pequena — ela fala com brandura e beija minha testa. — Ande, vá fechar essas janelas, a chuva será impiedosa essa noite.

Capítulo 12



A SENTENÇA

ALAN SPENCER

Meu dedo se mantém colado ao gatilho, enquanto observo a mira perfeita do rifle, que está apontado para Rob, o irmão de Tobias, que disparou contra mim. O filho da puta está suando feito um animal enquanto fuma um charuto, sentado na grande varanda da casa à beira-mar, conversando com seu irmão, Tobias. Dois estúpidos e patéticos. Foi tão fácil chegar até eles, precisei apenas acessar o servidor do celular descartável, quebrando os códigos criptografados e rastreando meu aparelho telefônico que eles levaram quando me balearam. Que tipo de assassinos ficam com os pertences das vítimas? Eu digo qual: os otários!

Me mantenho em silêncio, com meu corpo deitado dentro do forro da casa, o qual acessei pelo telhado, tendo a mira mais perfeita que um atirador de elite poderia desejar. Eu sou bom no que faço, me mesclando às pessoas, entre os trabalhadores da minha empresa, me misturando a eles e me tornando um camaleão, mas se tem algo que eu sou melhor ainda, é com uma arma. A morte é algo que te rastreia feito uma cadela depois que você dispara o gatilho pela primeira vez, acabando com uma vida. Até que chega um ponto que ver os corpos caindo no chão se torna apenas algo normal em um cotidiano vazio e fodido.

— Já contou para nosso tio? — A voz covarde de Tobias sai baixa, ao passo que caminha impaciente na varanda.

— Claro que não, seu estúpido! — Rob ergue a cabeça e olha para Tobias, rosnando com raiva. — O que acha que ele vai fazer com você, quando souber que além de quase se misturar com um policial disfarçado, nós o matamos e perdemos o corpo?!

— Idiotas! — pronuncio baixo, fechando meus olhos e negando com a cabeça.

Os dois patetas acham que sou um policial disfarçado, mas observo um ponto positivo na burrice dos dois. Abro meus olhos e mantenho a mira no peito de Rob. Se eles acham que estou morto e sou da polícia, então

Manolo Sales não tem conhecimento da minha presença em Havana, e nem quem eu realmente sou, que não estou aqui para prendê-lo, e sim para matá-lo.

— Tem certeza de que já vasculhou tudo? Não pode simplesmente um corpo sumir e ninguém saber de nada — Rob rosna com raiva.

— Já, cada esgoto e sarjeta de Havana — Tobias fala nervoso, mantendo seus passos agoniados, andando de uma ponta à outra da varanda. — O cretino desapareceu, Rob! Precisamos contar a Manolo, será mil vezes pior se ele descobrir sozinho, vai arrancar nossas peles.

— Quem irá contar? — Rob resmunga, esmagando o charuto em seus dedos. — Porque eu que não vou até ele dar essa notícia. Quem é responsável por essa merda é você, seu idiota!

— Tobias irá contar! — Meus olhos desviam de Rob para o velho gordo que sai de dentro da casa, ficando parado na porta e encarando os dois palermas.

— *Padre...* — Tobias para de andar e vira para o homem.

— *Cállate,* imprestável! — A mão dele se ergue, falando com raiva e silenciando Tobias. — Irá até seu tio e contará a ele o que fez.

Repuxo o canto da boca e esmago meus lábios, sentindo o desejo de morte ficando maior dentro de mim. Finalmente o inútil de Tobias fará o que tinha que fazer desde o início, me levar até Manolo Sales.

— *Padre*, eu não...

— Lhe dei uma ordem, Tobias. Vá! — A cabeça do velho se move em direção ao carro, estacionado no pátio, não demonstrando benevolência com seu filho.

O vejo esfregar seu rosto e soltar um grande suspiro no segundo que o corpo dele se move, caminhando em direção às escadas da varanda. Travo o rifle e abaixo minha mira, arrastando meu corpo lentamente para trás. Acertarei minha velha dívida com Manolo primeiro, depois retornarei para visitar Rob.

— Não olhamos em todo lugar, deixamos algum ponto cego — Rob fala zangado, soltando uma bufada.

— A vendedora de doce... — A voz do velho sai alta. — Dona da propriedade de palmeiras, vive isolada no lado norte, em meio aos matos e mosquitos. Já foram conferir por lá?

— A cega! — Meu corpo congela, ficando imóvel quando Tobias fala alto.

— É Selina, aquela *muchacha* de tetas fartas que vive no bar de Zapata. — Rob levanta-se, falando e rindo. — Não fomos até lá verificar.

— É verdade, lá não fomos. Se esse puto estiver vivo, lá seria um bom lugar para se esconder — Tobias fala baixo, parando nas escadas. — Posso ir lá dar uma olhada.

— Não, irá até seu tio, Tobias. — Meu corpo se mantém rígido, e ainda fico em alerta, prestando atenção na conversa. — Anda, vá logo!

— Estou indo, estou indo, Arruda! — O vejo sair da varanda, caminhando na chuva em direção ao carro.

— Deixe que irei até lá, *padre* — Rob murmura. Ergo o rifle novamente, o mantendo na minha mira. Preciso apenas de três segundos para explodir a cabeça dele e do velho.

— Não, ligue para Jacó — o velho fala sério. — Ele saberá fazer a cega dizer a verdade, se teve alguém em suas terras ou não.

Viro meu rosto na direção do carro, quando ouço o motor do veículo de Tobias sendo ligado e partindo para ir se encontrar com Manolo.

— Jacó, onde está? Tenho serviço para você. — Quando volto meu rosto na direção de Rob, o vejo passando pela porta da frente da casa, conversando ao telefone.

Sinto a gota de suor escorrer por minha testa, meu coração bater acelerado, enquanto o ronco do motor vai se afastando. O barulho do trovão estourando o céu me faz ranger meus dentes, e seguro o rifle com mais ódio.

— Se despeça do seu pai, garoto! — Sales cospe no chão, tombando seu rosto para o lado.

É tudo muito rápido. Vejo as costas do meu pai ficando eretas, e em um rompante ele se vira para mim, batendo forte sua mão em meu peito e

me lançando ao mar quando me empurra com força para fora do barco.

— PAIIIIIIII...

Sinto como se tudo estivesse em câmera lenta: meu grito de desespero, os olhos do meu pai me encarando com tristeza, o som do tiro, a mancha de sangue se espalhando em sua camisa, o baque do meu corpo ao cair na água e afundar no mar... Vejo metade do corpo do meu pai ficando dependurado pela lateral do barco, com seus braços esticados, como se fosse para me alcançar.

Pisco rapidamente e me arrasto para perto da telha, saindo exatamente por onde entrei. Sinto as gotas da chuva me acertarem a face, enquanto observo a direção que o carro tomou.

Quinze anos, tinha esperado quinze anos por esse encontro, para finalmente matar o único filho da puta que realmente sonhei.



O carro em alta velocidade freia bruscamente quando meu pé pisa no freio, derrapando na terra que ficou lamacenta por conta da tempestade. Tive apenas dois segundos para torcer o volante, fazendo o carro derrapar, virando de lado, quando o vulto pequeno foi iluminado pelos faróis. Meus dedos rígidos esmagam o volante, se comprimem mais forte a ele, e giro meu rosto, olhando para a esquerda, tendo meus olhos confirmando que não tive uma alucinação, realmente vi Selina parada na frente da varanda da sua casa, completamente ensopada, com seu corpo pequeno trêmulo se abraçando.

— Que pensa que está fazendo, mulher?! — Abro a porta do carro e grito alto com ela, por conta do temporal.

— *Marinero*, é você... — O rosto pequeno vira na direção da minha voz, desabraçando seu corpo e esticando os braços para mim.

Caminho mais depressa em sua direção, observando seus olhos vermelhos de choro, com ela tremendo feito um galho de árvore que é

castigado pela chuva, com sua camisola branca já completamente transparente, de tão ensopada que está.

— Está ferida, Selina? — Seguro seu ombro, a trazendo para perto de mim, ouvindo seu choro enquanto ela esconde seu rosto em meu peito, se agarrando ao meu braço. — Alguém lhe machucou...

— Não — ela me corta, falando assustada. Meus braços passam por baixo da sua perna e a tiro do chão, caminhando para a varanda com ela.

Não sei quanto tempo tenho antes do homem que Rob mandou chegar até aqui. Levei o carro à sua extrema potência, forçando o motor a ir o mais rápido que podia quando me vi tomando a decisão de vir atrás dela ao invés de seguir Tobias e encontrar Manolo. Não entendi o porquê fiz isso, e nem como pude abrir mão de finalmente poder olhar nos olhos do desgraçado que matou meu pai e amaldiçoou a minha vida por quinze anos, me fazendo o caçar como um animal raivoso. Mas eu o fiz, porque algo dentro de mim se sente protetor à Selina, e imaginar alguém lhe ferindo traz o pior do meu ser à tona.

— Venha, precisa entrar — digo rápido, olhando para a rua e buscando por algum sinal do visitante que está para chegar.

— Não, não posso. Abóbora... — ela balbucia nervosa, se empurrando, tentando me fazer a pôr no chão. — Ele está sozinho, está preso em algum lugar, e eu não consigo o encontrar...

— Cristo, mulher, tem que entrar na casa! — rosno com raiva, chutando a porta da casa e a abrindo.

— Não vou entrar, preciso o salvar... — Ela nega com a cabeça.

— Preciso salvar a porra do seu rabo agora, depois você procura seu gato gordo! — Entro com ela na casa e caminho na direção do sofá, a sentando e sentindo seu corpo completamente frio tremendo por inteiro. — Como pôde sair debaixo desse temporal para procurar o gato?!

Dou um passo para trás e tiro a pistola da minha cintura, a destravando, tendo meus olhos varrendo a casa.

— Alan, ele precisa de ajuda, está com medo. Escute o desespero dele... — Selina levanta e tenta passar por mim, voltando para a porta. — Precisa me deixar ir buscá-lo...

— Escutar? — A seguro pelos ombros, a impedindo de sair. — A única coisa que estou ouvindo é a loucura saindo da sua boca, em querer sair dessa casa tendo um temporal desabando lá fora. Tem ideia do risco que está correndo, Selina? — rosno com raiva, não a deixando sair da casa.

Se não tivesse voltado para cá, e o desgraçado que Rob mandou tivesse chegado aqui primeiro, Selina seria a porra de um alvo fácil, a qual se entregou de bandeja por conta da porcaria de um gato.

— Por favor, solte-me, preciso chegar até ele... — ela fala com mais desespero, tentando me empurrar. — Preciso encontrar Abóbora, escute como ele está assustado...

Viro meu rosto e olho por cima do ombro, não ouvindo nada além dos trovões e das galhas se batendo por conta da ventania.

— Não está lá fora, esqueça o gato. — Retorno meu rosto para ela e abraço sua cintura, a tirando do chão quando a ergo para a levar ao quarto. A esconderei embaixo da cama.

— Nãoooo... — ela grita mais alto, se debatendo. — Não, por favor, por favor, Alan... Preciso encontrar Abóbora.

Ela me arranha como uma felina, chorando e se debatendo para que a solte, completamente desesperada por conta do gato.

— Não vou permitir que acabe com sua vida por causa da porra de um gato gordo! — grunho alto, gritando com ela para que pare de se debater.

Apenas tenho noção de como minha ira extravasou forte demais quando a vejo encolhida, completamente imóvel, chorando como uma criança em meus braços, tapando seu rosto e chocalhando seus ombros enquanto funga amedrontada.

— Preciso que fique escondida, Selina, por favor — falo, tentando soar mais calmo, não gostando de ter lhe assustado. — Deixe o gato...

— Eu não posso... Não posso... Abóbora foi tudo que sobrou da minha *madre*... — Sua mão escorrega por seu rosto, com ela murmurando entre o choro e me olhando com tristeza. — Se algo acontecer com ele, eu estarei sozinha de vez.

Como diamantes, grandes diamantes tristes, belos, marejados e cravados em sua face, brilhando junto às lágrimas, seus olhos me demonstram todo o amor que ela sente pelo animal, me calando, deixando-me saber por que o felino é tão importante para ela. Inalo o ar com força e o solto com raiva antes de a depositar em cima da cama, esmagando meus dedos ao lado do corpo.

— Fique aqui dentro e não saia! — Minha voz sai baixa, mas em comando, e viro, caminhando para a porra da porta. — Não tira a porra do rabo de cima dessa cama!

Guardo o revólver na cintura e olho para a rua escura, não conseguindo ver nada além do breu.

— Inacreditável! — resmungo com raiva, descendo as escadas. — Abriu mão de quinze anos, quinze anos, para salvar uma mulher louca e caçar a porra de um gato obeso debaixo desse temporal!

Mas é ela, sei que é por Selina que eu o procuro, foi por ela que eu voltei para cá, ao invés de seguir o carro de Tobias. Mesmo não entendendo o porquê, não consigo imaginar algo de ruim acontecendo a ela. Além de Hades, o veleiro que tinha construído ao longo dos anos, nunca tinha me preocupado com nada, e não entender por que ela causa esse sentimento em mim me deixa irritado. Caminho com ódio, desejando esmagar o pescoço do animal teimoso como a dona.

— Bicho burro, para que que tinha que sair debaixo dessa chuva?! GATO! — chamo por ele, gritando e andando debaixo do temporal. — GATOOO!!!

Levo minha mão à frente do rosto e tento bloquear um pouco da chuva, forçando minhas vistas e caçando pelo felino. Como ela pode dizer que estava o ouvindo? A única coisa que posso escutar são os estrondos dos trovões cortando o céu e o assobio agudo do vento, que parece um grande apito ecoando. Já estou a ponto de desistir, largando o gato para lá, não conseguindo ver nem mais um palmo à minha frente, quando em meio à tempestade um miado agudo se faz. Selina estava certa, o gato realmente está por perto. Eu não tinha prestado atenção em um primeiro momento, com minha mente focada em escondê-la e lhe proteger, não tinha me atentado ao fato que a audição de Selina é mais aguçada que a minha.

Pessoas com deficiência visual, como Selina, tendem a ter seus outros sentidos muito mais aguçados. Provavelmente, os sons do temporal e dos trovões lhe deixaram confusa da localização do animal, mas sim, ela realmente o ouviu. Viro meu rosto e olho na direção da pequena garagem, andando às pressas para lá quando o segundo miado se faz.

— Abóbora! — chamo por ele novamente, ficando parado diante da entrada da garagem, o esperando miar novamente. — ABÓBORAAA!!!

E quando o gato mia, noto que é do lado de trás que vem seu som. Corro para lá, dando a volta na pequena garagem de madeira, erguendo meu rosto para cima e encontrando os olhos do gato, que está assustado, em cima do galho de uma árvore.

— Merda! — rosno, baixo, observando a árvore comprida, tentando descobrir como chegarei até ele, já que os galhos dela ficam no alto, não tendo nenhum para eu poder segurar.

Levo minha mão para a lateral da minha cintura e retiro a machadinha tática, a fincando na árvore, em seu tronco, o máximo que posso. A uso como apoio para o meu pé quando impulsiono meu corpo para cima, para alcançar um galho, e ajo rápido. Uso um braço para abraçar o tronco e outro com intenção de segurar o galho, mas escorrego por conta da chuva que deixa o tronco da árvore liso com seus musgos. Meu corpo desaba ao chão, de costas, quando caio como uma fruta podre.

— *Miauuuuuu...* — O gato mia alto, tombando seu rosto para o lado e olhando para mim, como se me julgasse como incompetente por não conseguir subir na árvore.

— Tá olhando o quê, gato?! — grunho com raiva, me levantando e o fuzilando com meu olhar, retornando a repetir o mesmo movimento quando pulo e piso no cabo da faca.

Minha mão se fecha no galho no segundo que meu braço se agarra ao tronco, fazendo-me conseguir me prender a ela. Subo, a escalando lentamente, negando com a cabeça.

— O gato não consegue nem caçar um rato de tão gordo e preguiço que é, mas subir em uma árvore ele consegue.

— *Miauuu!* — Ergo meu rosto e o olho balançando seu rabo de um lado ao outro, com arrogância.

— Cala a boca! — o respondo com irritação quando subo no galho. — Deveria lhe deixar aí, sua laranja peluda!

Ele ergue sua cabeça e uiva, é um miado alto e prolongado. Abóbora encolhe seu corpo quando estico meu braço, me deitando no galho para conseguir me aproximar dele. Assim que o toco, noto que seu pelo está encharcado, com ele trêmulo, completamente gelado.

— Não vou machucar você, venha! — falo sério para ele, enquanto o puxo com cuidado, para não o ferir. — Só quero entregá-lo para ela, gato.

Como se soubesse o que estou tentando lhe dizer, que o levarei para sua dona, Abóbora caminha para mim, se aproximando, me deixando o retirar do galho.

— É o seguinte, nós dois sabemos que não nos gostamos, mas nos preocupamos com Selina. — Olho sério para ele, desviando meus olhos dele para o chão. — Por isso abriremos uma trégua. Não vai me arranhar e eu não te jogo dessa árvore. Preciso voltar para aquela casa e proteger sua dona, gato.

— *Miauuu...* — Ele mia de forma rápida, e olho para ele, não acreditando que estou conversando com o gato obeso.

— Tomarei isso como uma bandeira branca. — Olho para baixo, tentando descobrir como vou descer com o gato.

Sabendo que preciso das minhas mãos livres, repuxo meu nariz e ergo minha camisa quando a uso como abrigo para ele, enfiando a barra dentro da calça, para o manter preso a mim. Saio do galho usando o bico do meu coturno para me apoiar no tronco, o segurando com um braço e com o outro preso ao galho. Olho para baixo e conto até três, antes de soltar o tronco e pular no chão.

— *Miauuuu!* — Abóbora mia zangado, espremendo sua cabeça para fora da gola da camisa.

— Se estiver reclamando da descida, posso te deixar no mesmo lugar que te achei e você sai por conta própria, laranja peluda! — Viro e estico meu braço, retirando a machadinha do tronco.

— *Miauuu!* — Ele retorna a esconder sua cabeça, se mexendo dentro da camisa.

— É, foi o que pensei! — falo baixo, caminhando para longe da árvore e dando a volta na garagem, segurando a parte de baixo da camisa para que ele não caia.

Corro na direção da varanda o mais rápido que posso, mas paro assim que vejo uma moto ao canto, estacionada na lateral da casa. O gato empurra sua cabeça para fora, ficando ouriçado novamente, olhando para a porta aberta da casa. Balanço o cabo da machadinha na minha mão quando a rodo, a segurando firme, caminhando a passos lentos e subindo os degraus, evitando fazer barulho. Meus olhos se concentram no chão enquanto observo pegadas lamacentas no assoalho, as quais sei que não são minhas e muito menos de Selina. Minha cabeça se ergue quando passo pela porta e encontro um homem de costas para mim, perto da cortina do quarto, segurando um revólver em sua mão.

Capítulo 13



MARIPOSA

ALAN SPENCER

Mantenho o passo firme e lento, para que não faça um som sequer no piso e o avise da minha presença. Levo a machadinha para minha cintura, a guardando, e estico meus braços. É tudo rápido, como se o trovão detonando no céu, do lado de fora, estivesse caindo dentro da casa quando o ataco. No segundo que o cretino nota a minha presença, antes mesmo de erguer o revólver, seu pescoço é quebrado, enquanto sustento seu peso e respiro depressa, o abaixando devagar. A arma, que estava em sua mão, cai ao chão, fazendo barulho.

— Alan, é você? — Ergo meu rosto na direção do quarto e enxergo o que o filho de uma puta fazia, para estar parado, a olhando.

Selina está sentada na beirada da cama, com seus cabelos soltos, ainda usando a roupa ensopada, que está transparente e colada ao corpo, como uma pequena sereia solitária.

— Sou — respondo e solto lentamente a cabeça dele no chão, com seu pescoço retorcido. Rosno baixo assim que meus olhos param na braguilha da calça do desgraçado, que tem uma ereção dentro dela.

O gato se espreme na minha camisa, saindo pela gola dela, pulando em cima do peito do morto e virando seu rosto, olhando do morto para mim. Ergo meu dedo para frente dos meus lábios, encarando o gato e esmagando meus dedos na lateral do pescoço do filho da puta, o girando de vez, como de uma galinha, e o quebrando por inteiro.

— *Miauuu!*

— Abóbora! — A voz alegre dela sai rápida, com seu corpo se levantando. — Oh, Deus, você o encontrou!

Ele vira seu rosto e enfia suas garras no peito do morto, como se não passasse de uma grande caixa de areia, empurrando suas patas traseiras para trás, desfilando por cima do corpo, fazendo dele sua passarela.

— Abóbora... — Selina dá um passo à frente, chamando por ele, parecendo uma criança contente ao encontrar seu animal de estimação.

— Fique onde está, *chica.* — Ergo minha mão, soltando o desgraçado. — O chão está molhado, pode escorregar e cair — digo baixo, com a voz calma, para que não tenha perigo de trombar no cadáver.

— Trouxe ele para mim... — Ela se abaixa e abre seus braços quando o gato se esfrega em suas pernas. — Seu arteiro, quer me matar do coração, Abóbora?! Achei que tinha lhe perdido...

Selina o abraça e enterra seu rosto na cabeça redonda do gato, o espremendo em seus braços, enquanto ele ronrona e a lambe. Me abaixo lentamente e pego a arma no chão e o celular no bolso do cara. O abro e retiro a bateria e o chip, o quebrando.

— *Gracias, marinero!* — O pequeno rosto delicado dela se ergue, me fazendo a olhar, observando-a sentada no chão, perto da cama, completamente inocente e delicada.

Enquanto aos meus pés, um corpo de um homem está esticado, o qual o mataria de uma forma mil vezes pior se tivesse encostado em um fio de cabelo sequer dela. E, por Deus, eu podia o despedaçar vivo, parte por parte, o desmembrando.

— Não se mova, vou pegar uma toalha para você — sussurro e viro as costas, caminhando em direção ao banheiro e pegando uma toalha. Sinto raiva e ira me consumirem junto com a adrenalina.

Apenas fecho a porta da frente da casa antes de ir para o quarto. Ergo minha perna e passo por cima do corpo, indo em direção a ela, que mantém o gato gordo preso em seus braços, o espremendo, raspando a ponta do seu nariz no topo da cabeça dele.

— *MIAUUUU...* — Abóbora mia, me olhando quase como se estivesse pedindo socorro para o retirar dos braços carinhosos da sua dona, que o enche de beijos.

Ele demonstra já ter chegado ao limite na sua cota de demonstração de carinho, miando entre resmungos, se mexendo para ela o deixar ir ao chão.

— Vá, seu arteiro! — Selina ri e curva seu tórax para frente, o soltando. O gato salta graciosamente e vai ao chão, saindo do quarto e balançando seu rabo de um lado ao outro. — Obrigada por ter o ajudado a voltar para casa, Alan.

Meu braço se estica automaticamente para ela e seguro seu ombro, a ajudando a endireitar sua postura.

— Sabe que posso me secar sozinha, não é?! — ela sussurra, dando um sorriso tímido quando passo a toalha em seus ombros.

Fico em silêncio, tocando a toalha em seu rosto e a secando, assim como seus cabelos. Tenho noção que devia entregar a toalha a ela, que deveria a deixar se secar sozinha, mas não quero, preciso manter minha mente focada nela.

— Sim — respondo, mantendo os movimentos das minhas mãos, secando seus cachos.

Permaneço concentrado, secando seus cabelos, como se assim eu pudesse manter meu controle, não saindo de dentro da casa e indo atrás de Rob e do velho desgraçado do Arruda, que tiveram coragem de mandar um mercenário vir intimidá-la, um filho da puta escroto que a machucaria.

— Você voltou — murmura, erguendo sua cabeça e soltando o ar lentamente por suas narinas.

— Sim! — respondo breve, deixando meu foco ir em seus braços, passando a toalha por eles.

Selina suspira e balança a cabeça em positivo, encolhendo seus ombros e virando sua face para o lado, enchendo seus pulmões de ar quando respira. O tórax se empurra para frente, deixando ainda mais destacadas as mamas coladas na camisola molhada e transparente. Me agacho e fico diante dela, secando suas pernas, passando a toalha da sua coxa até seus tornozelos e finalizando em seu pé, não movendo meus olhos na direção da sua virilha, pois o pano molhado em seu corpo mostra perfeitamente bem o montículo suave da sua boceta nua por baixo do tecido molhado.

— Por quê? — Minha mão para, segurando a toalha, quando a pergunta dela sai de forma tímida.

Eu não tenho essa resposta. Talvez, lá no fundo eu saiba, mas ainda assim prefiro acreditar que o fato de ter uma dívida com ela, por ter salvado minha vida, seja a razão por estar aqui.

— Não gosto de ter débitos abertos — respondo sério, retornando a lhe secar e indo para sua outra perna. — Vire-se!

Afasto a toalha e aguardo ela se virar, observando seus dedos agitados batendo na lateral do seu corpo.

— Vire-se, Selina! — A ordem sai por meus lábios, e quase que instantaneamente seu pequeno corpo se vira.

Meu rosto tomba para o lado e inalo o ar com força, encarando o desenho perfeito do seu corpo marcado pela camisola, com seu rabo a centímetros da minha face. Meus dedos se erguem e seco sua panturrilha, subindo lento por suas coxas.

— Acho que a última vez que alguém me secou, era quando eu era criança. — Meu cérebro desconcentra quando os pequenos arrepios se fazem em sua pele, com ela suspirando baixinho.

A gota que escorre do interior da sua coxa desliza lentamente pela lateral da pele, enquanto a acompanho marcando a pele de Selina. Rosno baixo e ranjo meus dentes quando percebo que minha boca está seca, quase sedenta, ao ponto de deixar minha língua capturar a gotinha de água. Giro meu rosto por cima do ombro e encaro o corpo do mercenário, fisgando minha boca e arranjando um ponto para meu cérebro se concentrar em saber em como vou sumir com ele, ao invés do pequeno corpo da mulher à minha frente, a qual não tem ideia de como meus demônios estão agitados desde o segundo que percorri o caminho da sua casa, precisando protegê-la.

— Está tudo bem? — ela pergunta baixinho e vira lentamente, o que me faz ranger meus dentes, esmagando meus dedos na toalha, ao ter meus olhos na altura do seu ventre, tendo a visão perfeita da sua boceta.

— Sim! — Minha voz falha, saindo mais rouca que o normal. — Precisa trocar essa roupa molhada, *chica*!

Me levanto rápido e dou as costas para ela, encarando o cadáver, tendo meus nervos no limite, ainda sentindo raiva e ira dentro de mim, imaginando o que ele poderia ter feito a ela se eu não tivesse chegado a

tempo. Tenho vontade de desmembrar cada parte do corpo dele, começando pelos olhos, por ter posto seu olhar nela, a vendo assim, uma perfeita personificação de uma sereia, que arrasta qualquer homem ao inferno apenas para tocá-la.

— Sua respiração está igual ao dia que me espiou no banheiro, *marinero* — Selina sussurra e dá um pequeno risinho.

— Eu não te... — Viro, a respondendo, mas me calo no segundo que meus olhos a encontram.

A vejo a dois passos de mim, com seus cabelos negros caídos em seus ombros, seus seios eretos e redondos despidos, assim como o resto do seu corpo, com a camisola molhada aos seus pés, no chão. Uma Vênus, uma delicada e fatal Vênus, com curvas belas e coxas grossas, que faz a porra do meu pau pulsar dentro da calça, não conseguindo desviar meus olhos dela, dos diamantes pratas em suas íris, os quais me sugam em sua inocência. Selina ergue sua perna e dá um passinho para o lado, empurrando a camisola com seu pé, batendo as pontinhas dos seus dedos em sua coxa, antes de dar um passo à frente, em minha direção. Minha perna vai para trás e recuo, mas paro e viro meu rosto para o filho da puta, ficando imóvel. Sei que se der mais um passo tombará em suas pernas esticadas. Assim que olho para frente novamente, meu corpo fica rígido, a tendo a poucos centímetros de mim. O aroma de jasmim invade minhas narinas, me fazendo sugar o ar com tanta força que penso que meus pulmões estão em brasa, sendo incendiados pelo perfume de Selina.

— Eu sei que algo te segura em Havana, e apenas por isso ainda não partiu — sussurra, tombando seu rosto para o lado, fazendo seu peito se mover lento e gracioso, para cima e para baixo, quando ela suspira. — E que partirá assim que resolver seus assuntos.

— *Chica*... — pronuncio lento, parecendo mais um sussurro do que um alerta para ela parar quando sua mão se ergue e se espalma em meu peito.

— Tenho vinte e um anos, *marinero,* e sei exatamente o que me espera para o resto da minha vida. — Fecho meus olhos e sinto as pontinhas dos seus dedos subindo lentos, como se estivesse me desenhando para ela.

— Uma longa jornada escura e solitária, mas desejo pelo menos um vez viver algo real em minha vida.

— Selina...

Ergo minha mão e fecho meus dedos em seu pulso, quando a mão dela se move para meu rosto. Inalo o ar mais forte, abrindo meus olhos e encarando a face delicada dela, com seus lábios doces entreabertos, tão convidativos e sedutores quanto um canto de uma sereia que induz o marinheiro às profundezas do oceano.

— Não faça isso, *chica*! — Tento manter o resto de controle que eu tenho, sentindo um inferno inteiro me consumindo por dentro, desejando sentir o sabor dos seus lábios novamente. — Não sou o homem certo para isso, Selina.

— Não, com toda certeza também acho que não é. — Ela sorri de forma tímida, balançando a cabeça para os lados. — Só que, ainda assim, eu prefiro que seja você.

Ela dá outro passo à frente, movendo suas mãos para baixo junto com meu pulso, e me vejo sendo enfeitiçado por ela, que de forma tímida conduz minha mão até sua cintura. A textura da pele quente e macia me faz respirar mais forte, não resistindo ao desejo de tocá-la e esmagando meus dedos com pressão na lateral do seu corpo. Meu pau pulsa dentro da calça quando um gemido baixinho escapa da boca dela.

— Selina, pare... — rosno e arfo meu peito, fechando meus olhos quando sua mão toca meu queixo, com ela dedilhando minha face.

— Não preciso de dinheiro, Alan, o que preciso é saber pelo menos uma vez na minha vida o que é ser uma mulher tocada por um *hombre.*

Seu corpo se alavanca e ela fica na pontinha dos pés, causando a fricção da minha camisa molhada em seus seios quando ela se aproxima, depositando um tímido beijo em minha garganta, que me faz queimar em brasa.

— Não posso te tocar, *chica.* — Fecho meus olhos e esmago meus dedos mais forte em seu quadril, apenas para me condenar ao ouvir outro gemido saindo dos seus lábios.

Não estou sob controle nesse momento, meu ímpeto é de jogar seu corpo sobre a cama e enterrar meu pau tão fundo dentro dela, arrancando todos os sons de prazer que proporcionaria ao seu corpo, mas a adrenalina ainda está alta, assim como o ódio, a ira e o medo de não ter a protegido, por esse filho da puta ter a olhado e chegado perto demais dela. Tudo que quero nesse momento é marcar essa mulher, fodê-la com loucura, como eu nunca fodi com nenhuma outra, como um homem das cavernas marcando sua fêmea, tendo seu oponente abatido a poucos passos de nós.

— Me disse que tem uma dívida comigo, *marinero.* — Abro meus olhos quando a voz dela sai baixinha, afastando sua boca do meu pescoço.

— Não, não faça isso, Selina — rosno, comprimindo ainda mais meus dedos em sua pele, para que entenda o que está prestes a fazer.

Ela morde o cantinho da boca quando geme baixinho e ergue sua cabeça, fazendo eu me perder em seu olhar de diamante.

— Quero que a pague. — De forma tímida e tão inocente, que ao mesmo tempo chega a ser avassalador, Selina cola seu corpo ao meu e esmaga seus seios em minha camisa quando circula seus braços em minha nuca. — Escolho receber meu pagamento assim, quero que faça eu me sentir uma mulher de verdade, Alan.

Poderia ter me afastado, lhe impedido de aproximar sua face da minha quando ficou na pontinha dos pés novamente, esfregando seu corpo ao meu, mas não o fiz. Como um condenado diante do seu carrasco sedutor, permaneço imóvel, sentindo os beijos lentos dela, como uma tortura em meu queixo, subindo de mansinho até a minha boca, me rendendo com seu beijo casto e tímido quando encontra meus lábios. E nessa pequena fração de segundo, o resto de controle que ainda tinha se dissipa. E o beijo dela, que começou tímido e inexperiente, se transforma em posse quando tomo o controle do beijo, a tomando com luxúria, deixando todas as emoções, que estavam gritando dentro de mim, livres. Selina geme baixinho entre meus lábios quando minhas mãos escorregam do seu quadril para o seu rabo, o esmagando em meus dedos, chocando sua pélvis contra a minha virilha, para que ela entenda o que está pedindo, a deixando sentir como meu pau parece a porra de uma rocha, pulsando a cada segundo que a beijo, sedento para foder sua boceta.

— É realmente isso que deseja, *chica*?! — Minha voz fala roucamente perto dos seus lábios, tendo uma das minhas mãos soltando seu rabo e se prendendo em seus cabelos, puxando lentamente sua cabeça para trás.

Uma pequena sereia traiçoeira, com uma áurea de inocência, mas um corpo infernal que transborda luxúria, com lábios inchados e a respiração ofegante.

— Sim. — Sua voz não falha quando ela me responde entre sua respiração descompassada, balançando sua cabeça em positivo, prendendo seus dedos em meu ombro. — Eu tenho certeza, *marinero*!

Se ela tem, eu não.

Nem certeza, controle ou raciocínio, apenas sou governado pela estranha magnetização que Selina desencadeia em mim, um desejo implacável, exagerado e incontrolável, como se fosse atingido por um raio, que descarrega 100 milhões de volts pelo meu corpo, eletrocutando cada nervo e célula, nos ligando. Minha boca busca pela sua, aplacando esse desejo insensato que apenas aumenta a cada sabor dos seus beijos e gemidos que ela solta. Minha mão em seu rabo esmaga com pressão sua bunda, alavancando o pequeno corpo feminino que exala luxúria, a tirando do chão e segurando sua cabeça, com meus dedos embrenhados em seus cabelos. Selina me abraça, se entregando ao beijo sem restrição, não demonstrando medo nem dúvida quando enlaça suas pernas em minha cintura. Caminho com ela presa a mim em direção à cama, a deitando sobre o colchão e cobrindo seu corpo com o meu, deslizando minha língua por sua garganta, raspando meus dentes em sua pele, que vibra quente abaixo de mim.

— *Dios*... — murmura quase sem fôlego, prendendo sua mão em meu ombro.

A escorrego por minhas costas, até ter seus dedos se fechando na barra da camisa e a puxando para cima. Me afasto dela apenas o suficiente para lhe ajudar a me despir. Meus joelhos ficam posicionados em cima do colchão quando empurro meu tronco para trás, e meus olhos estudam a mulher deitada na cama comigo, com suas pernas flexionadas. Levo minha mão para trás do cós da calça e retiro o revólver e a machadinha, os jogando

ao chão. O rosto de Selina vira, seguindo o som seco das armas caindo no piso.

— Alan... — ela fala assustada.

— Estou aqui! — Seguro seu rosto e o trago de volta para mim, a beijando com fome, com um apetite selvagem e possessivo. — Apenas eu e você, *chica*! — sussurro entre o beijo, escorregando minha mão pela lateral do seu corpo e deixando minha boca livre para beijar sua garganta, lambendo sua pele e sendo intoxicado pela doçura dela.

Selina arfa seu peito e o estufa para cima, respirando mais depressa quando meus dentes raspam em seu seio. Sorrio e a beijo quando respira mais depressa, se segurando em meus ombros. O capturo dentro da minha boca e o sugo, mordiscando o bico sensível, que a faz espremer suas coxas na lateral do meu quadril, me torturando de forma inocente com cada som que sai de seus lábios, me fazendo sentir como um dominador sobre o pequeno corpo que se descobre com meu toque. Minha cabeça se move e vai para o outro seio, dando a ele a mesma atenção que dei ao outro, a fazendo gemer com mais luxúria, com seus dedos inquietos soltando meus ombros e se embrenhando em meus cabelos. Os sugo sem pressa, os tomando em minha boca como a fruta mais suculenta que meus lábios já provaram. Uma fruta proibida, que me condenaria por desejar tanto a possuir. Beijo o vale das suas mamas, lambendo e beijando seu ventre na sequência, enquanto meu corpo vai se abaixando e escorrego minha língua pela pele febril de Selina.

— Ohhhh... — Ela suga o ar e respira mais depressa, com seu peito subindo e descendo descompassado quando assopro em cima da sua boceta.

— Perfeita... — murmuro, com meus olhos presos nos cachos pequenos e sedosos que esfrego em meu nariz.

Deposito um beijo lento em cima da sua vagina e empurro meu tronco para trás novamente, usando só Deus sabe o quanto do resto de controle que me resta, para não a tomar feito um animal sem raciocínio algum, tendo a necessidade de estar tão fundo dentro de Selina que seu corpo reconheça apenas a mim como o dono dela, a tornando minha. Minha mão se estica e aliso a ponta do seu seio inchado, a vendo respirar mais

depressa, mordendo o canto da sua boca, segurando seu gemido. Minha mão acaricia o outro, tocando apenas com a ponta do meu indicador.

— Não os segure — falo sério, encarando sua face e a vendo repetir o mesmo ato ao morder sua boca.

— Alan...

— Os deixe sair, *chica*. — Meu dedo traça o caminho lento, percorrendo cada ponto que minha língua lambeu entre o vale dos seus seios e seu ventre. — Cada som, gemido, suspiro, grito... Liberte todos, porque quando estiver dentro de você, lhe tomarei por inteira, arrancando todos de você.

Ela arfa seu peito, segurando a respiração e ficando com sua boca entreaberta quando meu dedo toca seu ventre, o escorregando em sua boceta em seguida. O desço lentamente entre os lábios da sua vagina, a massageando com a ponta do meu dedo quando encontro seu clitóris, levando minha outra mão para seu seio e passando meu dedo sobre seu bico.

— Ohhhh... — ela geme, dessa vez não prendendo seus sons.

Observo suas coxas ficarem rígidas quando empurro lentamente meu dedo dentro dela. Meu pau me castiga e fica ainda mais firme, pulsando com dor, preso dentro da calça ao sentir a forma molhada que ela está, imaginando a tortura prazerosa que será estar com ele fundo dentro da sua boceta quente e apertada. Meu rosto se ergue para Selina e vejo sua face expressiva, não escondendo nada que está sentindo.

— Cristo, *chica*! — Minha voz sai rouca, com meu coração batendo disparado.

— Alan, por que meu corpo está queimando... — Ela respira com força, cravando suas unhas no lençol, ao lado do seu corpo. — Ohhhh, *Dios...*

Mantenho minha concentração presa em sua face, tendo meu dedo se empurrando mais um pouco, com o bico do seu seio sendo esmagado entre meu indicador e polegar, a fazendo soltar um grito. Seus olhos prateados se abrem, junto com sua boca, que fica perfeita. É a visão mais bela que meus olhos já viram, assistir Selina queimando de prazer. Abaixo

meu rosto e beijo a parte interna da sua coxa, a mordiscando. Me levanto da cama e afasto com relutância minhas mãos dela, retirando meu sapato e abrindo minha calça. Descarto a peça rapidamente, da mesma forma que retiro a cueca. Faço o colchão se afundar com o peso dos meus joelhos quando me posiciono entre suas pernas. Minha mão passa por suas costas e a levanto, a trazendo para mim e a tirando do colchão, colando seu peito ao meu.

— Alan... — ela murmura, assustada, ao ser puxada em um rompante, abraçando meu pescoço. Minha mão escorrega por suas costas e seguro suas coxas, a passando por minha cintura, a fazendo circular suas pernas ao redor de mim.

— É isso mesmo que deseja, pequena? — Inalo seu cheiro e encosto minha testa em sua garganta, raspando minha boca por seu ombro, sentindo sua boceta molhada se esfregando em minha barriga.

Seus dedos soltam minhas costas e puxo seu braço lentamente, até ter suas mãos em minha cabeça. Meus olhos se fecham, a tendo tão carinhosa tocando meu rosto com a ponta dos seus dedos, fazendo eu me sentir um condenado por a desejar tanto, e ser um puto fodido que, no fundo, sabe que não merece o que ela está me entregando. Meus olhos se abrem e encaro a direção do corpo caído no chão. Abraço-a com mais posse, sabendo que mataria a todos, um a um, não só por vingança, mas por ela.

Tinha empunhado uma adaga nos nossos destinos, a cravando, no segundo que matei o mercenário dentro dessa casa. Não calculei os danos colaterais, nem as consequências, porque apenas a imagem dele perto dela, a observando e segurando aquele revólver, foi o suficiente para me fazer matá-lo. E teria feito mil vezes pior, se ela não tivesse a poucos metros de nós. Essa é minha alma, meu mundo cheio de sangue e morte, mas tudo se silenciou ao tê-la tão colada a mim, segura em meus braços.

— Sim, é isso, *marinero*. — Meus olhos se voltam para a face de Selina quando ela sussurra.

Retiro minha mão de sua perna e subo para seus cabelos, os prendendo em meus dedos. Ergo meu rosto para o dela e a beijo com fervor. Selina geme, se entregando a cada deslizar de língua, segurando meu rosto

em suas mãos. Meu pau raspa a entrada da sua boceta quando alivio a pressão em suas costas, a fazendo ir descendo pouco a pouco. Sinto sua boceta quente tão apertada, ao ponto de me fazer rosnar, a beijando com mais paixão assim que a cabeça do meu pau a invade. Selina geme baixinho e retrai seu corpo, apertando mais forte suas coxas ao redor da minha cintura. Empurro meu quadril para cima, forçando minha passagem e sentindo os músculos internos dela me esmagando a cada centímetro que vou adentrando.

— Ohhh... Alan! — Ela quebra o beijo e morde sua boca, abraçando minhas costas e esmagando seus seios contra o meu peito.

Puxo seu rosto para mim, não a deixando se afastar e a beijando de forma lenta, do mesmo jeito que meu pênis vai se empurrando dentro dela até sentir a pequena fina camada do hímen. Em trinta e um anos, nunca, em nenhum momento, meu pau se afundou dentro de uma boceta sem estar capado com a camisinha. Nunca tinha permitido foder mulher alguma desprotegido, e por mais tesão que tivesse, eu não as fodia se não tivesse proteção. Só que Selina é como a tempestade que desaba do lado de fora: bela, selvagem e pura, e me toma para ela, me tirando o controle, me fazendo a querer com tanta fome, que dentro de mim nada importa. E a única coisa que estoura dentro do meu peito, com meu coração disparado, é ser o primeiro homem a lhe tocar. E eu quero lhe sentir por inteira. E com minha alma tão fodida e gananciosa, a tomo sem arrependimento ou restrição alguma, ao empurrar meu quadril contra o seu, a penetrando. Seu corpo se agita e ela choraminga em meus lábios assim que meu pênis força o rompimento da fina membrana, enquanto a beijo não mais com lentidão, e sim com possessividade, tomando o que é meu.

— *Chica!* — rosno, nos empurrando para a cama e tombando suas costas no colchão, sentindo a tortura prazerosa que é ter meu pau tão fundo dentro da sua boceta quente, que me esmaga com suas paredes apertadas.

— Ohhh... — Ela respira rápido e crava suas unhas em meus ombros, esticando seu pescoço e empurrando sua cabeça para trás, afundando no travesseiro.

Meus movimentos começam lentos, tendo minha boca presa em sua garganta, a lambendo, retirando meu pênis apenas um pouco de dentro dela,

e retornando a entrar vagaroso, beijando seu queixo, lhe tomando com cuidado, até sentir que ela está relaxando seu corpo.

— Apenas sinta, Selina — sussurro perto do seu ouvido, mordiscando sua orelha. — Sinta a forma como me tem dentro do seu corpo...

— Alan... — Ela tomba seu rosto para o lado, murmurando meu nome e buscando por minha boca.

— Sinta como meu pau se sente fodidamente bem tomando cada canto da sua boceta, pequena. — Minha boca se cola à sua e a beijo com desejo, aumentando gradualmente o ritmo do entra e sai do meu pênis dentro dela, arrancando gemidos da sua boca.

Minha mão se ergue e para na lateral do seu rosto, o acariciando, enquanto a beijo e lhe fodo lentamente, tendo meu corpo inteiro ligado apenas a ela. Já tinha transado muito, fodido com várias mulheres em cada porto que passei, não tendo nada mais que corpos e suores sendo trocados, mas pela primeira vez na minha vida não fodo um corpo, eu o amo lentamente e sem pressa. Sugo sua boca, raspando meus dentes em seu lábio inferior, entrando e saindo de dentro dela, tendo sua vagina ficando a cada estocada ainda mais melada. Selina queima em meus braços, ficando ainda mais acesa e viva, de forma única, me deixando sentir prazer em não apenas lhe tomar, mas em assistir cada expressão, respiração acelerada e gemido que ela me entrega.

Colo minha testa à sua quando minha mão se ergue e prendo a cabeceira da cama, me empurrando mais fundo dentro dela, com a outra mão agarrada à sua coxa. A cabeceira estoura na parede a cada impacto do meu corpo contra o dela, tendo os sons se misturando com as trovoadas e a chuva densa que cai do lado de fora. Aumento o ritmo, a possuindo com a mesma urgência que ela se entrega para mim. Sinto sua boceta ficar ainda mais apertada, me engolindo dentro dela ao ponto de fazer meu pau quase não conseguir se mover. Selina grita, com suas unhas agarradas aos meus braços, me perfurando como uma felina, me arranhando. Meu corpo me avisa que não vou durar muito se ela continuar me sugando dessa forma. Empurro meu tronco para trás, a puxando pelo quadril e chocando sua pélvis à minha, a fazendo ficar com seus joelhos flexionados e seus pés

apoiados no colchão. Meu dedo massageia seu clitóris, o estimulando, e a fodo com mais força, sentindo a resposta do seu corpo instantaneamente, com seu orgasmo a tomando com força.

— Alan... — Seu corpo pequeno se treme, tendo sua boceta me sugando com mais agonia, com ela gozando em meu pau.

Sua pequena boca está entreaberta e seu peito arfa, sem fôlego, ao passo que ela chama por meu nome. Meu pau estoura dentro de Selina com mais loucura, e sinto minha própria mente prestes a explodir. Ainda a penetro mais cinco vezes antes de puxar meu quadril para trás, com meu pau soltando minha porra para fora, me fazendo sentir minha própria respiração ao extremo, com meu coração batendo rápido, como se fosse sair do meu peito. Apoio o peso do meu corpo em meus cotovelos quando tombo em cima dela, tendo minha testa encostada entre suas mamas, ouvindo seu coração batendo acelerado, assim como o meu. Seus braços passam por minhas costas e ela desliza sua mão em meus ombros, respirando ofegante. Minha mente está silenciosa, como nunca esteve antes, me deixando sentir algo que há quinze anos eu não sentia.

Uma calmaria no meu coração e os demônios da minha alma se calando.

Capítulo 14



A DÍVIDA

SELINA LOPEZ

Resmungo com preguiça quando a pequena coceira persistente se faz na ponta do meu nariz, como se um chato mosquito estivesse pousando nele. Meu corpo molenga rola para o lado, enquanto me nego a despertar, soltando um suspiro.

— *Miauuuu!*

A patada rápida e macia, com pelos sedosos, que recebo em meu rosto, seguida do miado zangado de Abóbora, me faz saber que não é um mosquito chato que está me incomodando, e sim o autoritário gato ranzinza.

— Sério? — Ergo minha mão à frente do rosto, abanando meus dedos, coçando meu nariz no travesseiro. — Me deixa ficar mais cinco minutos deitada. Já vou me levantar para dar sua ração — falo entre um bocejo, tentando o persuadir a me deixar ficar de preguiça mais um pouco na cama. Me estico, me espreguiçando e passando meu braço pela cama vazia.

— *Miaauuu!* — Ele me castiga, miando alto no meu ouvido e mordiscando minha orelha.

— Oh, céus, acordei! — Sento rápido, esfregando a pontinha da orelha onde Abóbora cravou seus dentes afiados, que parecem pequenas agulhas. — Sabia que não sou sua escrava?! — questiono, rindo, e ouço seu ronronado, enquanto se espreguiça ao meu lado e esfrega seu rabo felpudo em mim.

Solto um suspiro e tombo meu rosto para o lado. Empurro a coberta e sento de lado na cama, deixando meus pés tocarem no chão. Mas não me movo, não me levanto, tendo a consciência que minha pele está completamente nua, tendo mais atenção em como sinto cada músculo do meu corpo sensível, posso até dizer doloridos, mas de um jeito agradável, como nunca tinha sentido antes. E então, como um chute de realidade que meu cérebro me dá, a resposta se faz clara: *eu perdi a minha virgindade com Alan*.

Minhas mãos se erguem e tocam meus lábios, os sentindo inchados. Giro meu rosto, com minhas narinas dilatando, e inalo o ar lentamente, com meus pulmões sendo preenchidos pelo aroma de Alan, pelo perfume masculino com notas marcantes, quase como se fosse o próprio oceano que tivesse se deitado na minha cama. O leve raspar do dorso da minha mão em meu nariz me confirma que não é apenas o lençol e fronhas que carregam seu perfume marítimo, mas minha pele também, quase como se meus poros tivessem abertos e gravado entre meu próprio suor o aroma de Alan. Apoio minhas mãos na cama, enquanto me levanto e fico de pé, tendo ainda mais noção das sensações novas do meu corpo, da sensibilidade da minha vagina, que se contrai quando dou um passo à frente. Meus seios, que estão com os bicos sensíveis, se arrepiam quando uma brisa fresca passa pelo meu corpo, me dando uma pequena sensação de que eles estão inchados.

— *Miauuuuuuu!* — O miado de reprovação de Abóbora sai baixo, quase como se fosse uma velha chata me dando uma bronca, batendo sua cauda em minha panturrilha quando seu corpo peludo passa entre minhas pernas.

— Eu não fico te julgando quando sai para ficar vadiando em cima dos telhados com as gatas no cio! — digo baixinho para ele, dando um pequeno sorriso.

Não vou ser mais tão severa ao julgar as gatas que miam a noite inteira em cima do meu telhado, quando aparecem no cio, atrás de Abóbora, porque na noite passada agi praticamente como elas.

— *Miauuuu!* — Como um gato exibido, ele mia para mim em resposta.

Caminho lentamente, contando oito passos para a esquerda, até o meu guarda-roupa, abrindo a porta dele e encontrando o robe que deixo pendurado. O visto rápido, cobrindo meu corpo e fazendo um laço em cima da minha barriga. Passo meus dedos em meus cabelos, os empurrando para trás da minha orelha e inalando o ar depressa, ainda sem saber se, como Abóbora, Alan tinha partido depois do coito, o que acho que é quase certeza. Eu me preparei para despertar sozinha dentro dessa casa, não criei expectativa e muito menos a ilusão que ele pudesse ficar. Me lembro dele ter nos rolado na cama, deixando meu rosto em cima do seu peito, enquanto

sua mão acariciava meus cabelos e uma moleza tão imensa me engolia junto com o sono.

Meus passos param quando me aproximo da cortina que divide os cômodos. A empurro com meu braço para passar e paro, virando meu rosto para o lado assim que o odor diferente, o qual já senti em algum lugar, mas não dentro da minha casa, entra em minhas narinas. Está fraco, porém presente no ar. É um cheiro forte de rum e charuto cubano, misturado com peixe.

A tempestade na noite passada veio forte demais, o que deixou meus sentidos confusos, trazendo cheiro do mar, da terra, das flores, da chuva que caía, da lama, tudo se misturando, não me deixando concentrar em apenas um deles. E o nervosismo, pelo sumiço de Abóbora, me fez ficar ainda mais dispersa. Estico minha mão para a cortina, a puxando lentamente e farejando o odor que parece ter ficado mais forte no tecido, me concentrando, para tentar lembrar onde já tinha sentido esse fedor e, principalmente, como ele veio parar dentro da minha casa.

— Café? — A voz masculina em tom baixo me assusta, o que me faz pular para trás, soltando a cortina.

Abaixo meu rosto e cruzo meus braços à frente do meu corpo, dando um sorriso tímido, sendo pega de surpresa ao saber que ele não partiu e que eu nem notei sua presença. Talvez deva culpar o perfume dele, que está agarrado ao meu corpo, confundindo meu olfato, o deixando ainda mais bagunçado.

— Bom dia, *chica*! — Escuto o som dos seus passos lentos e pesados, que caminham em minha direção.

— *Buenos días, marinero.* — Me mantenho parada, incerta do que dizer ou fazer. Acho que não passou pela minha cabeça que ele ainda estaria aqui.

Meu peito se estufa, com o perfume dele ficando ainda mais marcante e forte quando ele para perto de mim e solta o ar lentamente sobre o topo da minha cabeça. O cheiro de café com pasta de dente nunca me pareceu uma combinação tão perfeita quanto está sendo agora, a cada sopro de ar que sai da sua boca.

— Algum problema com a cortina? — ele pergunta baixo, fazendo os pelos da minha nuca se arrepiarem quando seu braço se estica e raspa no meu ombro.

— Oh, não! Apenas pensei ter sentido um cheiro diferente nela... — Bato as pontas dos meus pés no chão e ergo meu rosto, mordendo o cantinho da boca. — A chuva de ontem me deixou com o olfato bagunçado, deve ser isso.

Dou dois passinhos para o lado e estico minha mão para tocar na parede, fugindo do homem que está parado à minha frente.

— Bom... e-eu... eu preciso... — Ando apressada, falando nervosa e me apoiando na parede até encontrar a porta do banheiro, entrando dentro dele. — Já volto.

Minhas costas se amparam na porta quando a fecho, e inalo o ar depressa, erguendo meus dedos e esfregando meu rosto. Mordo o canto da boca e viro minha face para o lado quando abaixo minhas mãos. Ouço os passos dele, o som da respiração próxima à porta do banheiro, me deixando saber exatamente onde ele está. Acho que seguro a minha própria respiração, conseguindo respirar de volta quando o som dos passos dele se faz, com o mesmo se afastando, indo na direção da cozinha. Minhas pernas covardes estão trêmulas, assim como meu coração bate acelerado. Eu não achei que ele estaria aqui, não tinha pensado em como agir se ele ficasse, apenas me preparei para acordar sozinha dentro da casa, retornando para minha solidão costumeira. Me afasto da porta e dou um suspiro, coçando minha nuca, desfazendo o laço do meu robe e o deixando cair no chão quando o retiro do meu corpo. Em seguida, estico meu braço e ligo o chuveiro.

— Está machucada?

— Oh, meu Deus! — Me sobressalto, gritando e quase caindo ao tropeçar na banheira quando a voz masculina pergunta seriamente, abrindo de uma única vez a porta do banheiro.

Sinto sua mão se esticar e prender meu braço, me puxando rápido para ele, me colando ao tórax despido e esmagando meus seios em seus peitos.

— Quer me matar do coração?! — O estapeio, para que me solte, respirando depressa, com meu peito subindo e descendo.

Eu tinha ouvido seus passos se afastando na direção da cozinha, mas não o ouvi retornando. Ele agiu como se fosse o próprio Abóbora, andando pela casa com suas patas felinas silenciosas.

— Que diabo pensa que está fazendo aqui? — pergunto séria, me desvencilhando dele, tentando me abaixar para pegar meu robe.

O grande par de mãos masculina se prende aos meus ombros, impedindo que eu me abaixe, respirando pesadamente ao me deixar presa em seus dedos.

— Está machucada? — Sua voz é séria ao repetir a pergunta, me fazendo ficar ainda mais confusa.

— O quê...

— Machucada! — Sou obrigada a estapear sua mão novamente, quando ela descaradamente solta meu ombro e para entre minhas coxas. — Está sentindo dor dentro da sua boceta?

Não sei o que me faz ficar boquiaberta, com meu corpo em choque e minha mão congelada no ar, se é sua pergunta direta ou a respiração masculina sendo solta diante do meu ventre quando Alan se abaixa em um rompante.

— Alan, o que está fazendo?! — Respiro mais rápido, sem saber se o estapeio ou o empurro, para ele tirar seu dedo enxerido de cima dos meus pelinhos.

— Estou verificando se está machucada. — Um rosnado baixo sai da sua boca, e ele estica sua outra mão, segurando meu quadril com pressão ao esmagar seus dedos na minha pele, para me manter imóvel. — Não está sangrando, talvez seja mais uma dor interna...

Sua voz sai pensativa, enquanto meu corpo todo se agita, tendo consciência do seu dedo passando por cima dos lábios inchados da minha vagina.

— Oh, meu Deus, é claro que não! — nego rapidamente, decidindo o estapear, para que ele pare de ficar me examinando.

— Não precisa ter vergonha em contar. Seu corpo não está acostumado com isso, e eu não estava no meu melhor momento de autocontrole na noite passada... — Um outro rosnado sai dos seus lábios, como se estivesse chateado.

Só que a resposta que meu corpo tem ao sentir a respiração morna sendo disparada em cima do pequeno nervo da minha vagina não é de aborrecimento, e sim de uma eletricidade, como se meu corpo fosse um fio desencapado e estivesse tendo uma grande carga de energia passando por ele.

— Alan, não estou machucada, certo?! — falo nervosa e espalmo meus dedos nos ombros largos, tentando o empurrar.

Mas creio que se tentasse afastar minha parede de lugar seria mais bem-sucedida do que com o homem agachado à minha frente.

— Fugiu para o banheiro — ele me corta, falando preocupado, como se realmente acreditasse que tinha me machucado. — Lhe disse que eu não era o homem certo para fazer isso, *chica*!

A mão em meu quadril se esmaga com mais brutalidade, causando uma dor e uma sensação de euforia em meu corpo, quase como se fossem memórias de toques do tato sendo despertadas em minha pele.

— Não desejava lhe causar mal, Selina. — Sua respiração quente é assoprada com mais intensidade em minha vagina quando ele solta uma bufada.

E eu fico confusa com a forma como meu corpo está ficando, com os bicos dos meus seios eretos e a pele arrepiada.

— Alan, por favor, fica de pé... — Fecho meus olhos e mordo minha boca, esmagando meus dedos em seus ombros, não sabendo como controlar essas sensações.

— Preciso que me diga a verdade*, chica* — ele murmura, suspirando com preocupação.

Ter sua respiração tão próxima do meu ventre causa o dobro de euforia dentro de mim, e sinto minha vagina umedecer, o que me faz ficar confusa e ainda mais nervosa.

— Não, não me machucou! — falo com mais urgência, negando com a cabeça e soltando seus ombros com agonia, dando um passo para trás. — Eu apenas não imaginei que estaria aqui, ok?! Achei que já teria partido.

As palavras saltam por minha boca, saindo apressadas, enquanto respiro depressa e cruzo meus braços em cima do meu peito, tentando parar a reação que eles estão tendo. Um grande silêncio se faz, consumindo o pequeno cômodo, que é engolido pela presença masculina de Alan.

— Eu não sou tola e nem tão ingênua assim, *marinero* — sussurro envergonhada. — Eu sei o que lhe pedi, Alan, assim como sei que não ficará em Havana. Não quero que pense que tem alguma obrigação comigo, quando lhe pedi para me tocar eu tinha conhecimento da sua partida. Então, por favor, não pense que estou machucada ou que me feriu, eu estou bem.

Dou um passo para trás, me encolhendo, me desvencilhando da sua mão presa em meu quadril.

— Não precisa se prender, está livre para partir. — Dou as costas para ele e descruzo meus braços, batendo minhas mãos lentamente na lateral do corpo. — Se sinta com a dívida paga, *marinero* — digo e dou um riso forçado, tentando soar tranquila, para que ele saiba que está tudo bem, que eu realmente tinha me preparado para a partida dele.

— Por favor, feche a porta da casa quando sair. — Sinto a borda da banheira tocar meu joelho quando dou outro passo à frente. Ergo minha perna e entro dentro dela, fechando a cortininha rapidamente, a tendo como uma frágil ideia de proteção da presença dele.

Escuto sua respiração sendo puxada com força e o som do seu corpo se levantando, e sinto como se tivesse virado uma estátua, completamente imóvel e congelada, de pé, dentro da banheira. Dessa vez ouço o som dos passos dele quando parte, saindo do banheiro. Meus dedos vão ao registro do chuveiro, o ligando, e enfio minha cabeça embaixo da água quando ela desaba sobre mim. Espremo meus olhos com toda força e seguro as lágrimas, para que elas não rolem. Não quero lágrimas, não será assim que irei me lembrar do momento mais bonito que tive na minha vida, o momento que realmente me senti viva.



Saio do banheiro secando meus cabelos, e solto um suspiro baixinho, com meu corpo coberto pelo robe. Minha cabeça se ergue assim que a fragrância entra em meus pulmões como fogo, se alastrando pelas minhas vias respiratórias.

— Para um homem que até ontem estava desejando a partida da minha casa, está parecendo meio difícil hoje de eu lhe colocar para fora. — Abaixo a toalha, a segurando em meus dedos, na frente do corpo, ouvindo a respiração baixa dele.

— Estava aqui pensando sobre a minha dívida. — Sua voz séria sai baixa ao me responder.

— Alan... — Ergo minha mão e esfrego meu rosto, suspirando. — Sua dívida está paga, já pagou ela na noite passada...

— Penso que não paguei ela toda. — O som dos seus passos se faz pesado quando ele caminha em minha direção, parando a poucos centímetros e me deixando sentir sua respiração perto de mim.

— Olha, se abrir sua boca para falar de dinheiro, juro por *Dios*, *cabrón*, que chuto seu rabo...

A mão que se prende atrás da minha nuca, em meus cabelos, me pega de surpresa, mas são seus lábios que me calam quando ele me beija com dominação, fazendo meu cérebro se desligar e os batimentos do coração acelerarem, tomando todo o meu fôlego, até meu corpo estar fraco e completamente envolvido na perversa e sedutora artimanha que ele usa como manobra para me silenciar. E antes que perceba, estou feito uma gata novamente, ronronando com dengo, me sentindo presa em seus braços. A toalha cai dos meus dedos, indo ao chão, com meus braços circulando seu pescoço quando suas mãos esmagam meu rabo e alavancam meu corpo, me tirando do chão e me colando a ele. Minhas coxas enlaçam seu quadril e gosto de sentir meus dedos dedilhando suas costas nuas, o desbravando como um mapa que me levará direto ao tesouro.

— Acho que prefiro usar minha boca para outras coisas do que falar de dinheiro — ele murmura, rindo, e mordisca meu lábio inferior, estufando seu tórax para frente e abraçando minhas costas. — E tenho certeza que sua boca também prefere a minha assim...

— Oh, *sí*...

Antes que possa segurar minha língua, já estou concordando com ele, que me beija com mais força e me envolve em seus braços, caminhando lento pela sala.

— Alan, o que está...

Minhas palavras se emudecem, sendo abafadas pela forma traiçoeira como seus dentes mordiscam meu queixo, arrastando suas mãos por minhas costas, com uma subindo para meus cabelos e a outra esmagando minha coxa. Sou aterrissada na almofada do sofá, com o corpo dele sobre o meu. O ar fica preso em meus lábios, como se todos os músculos do meu abdômen se contraíssem ao sentir o impacto da sua pélvis sobre a minha quando ele as choca. Isso faz meu corpo inteiro recordar de como foi sentir seu pênis dentro de mim, preenchendo cada cantinho e lacuna, me esticando e tomando-me por inteira.

— *Dios*, Alan...

— Minha dívida não está paga — diz, baixo, com a voz rouca, me condenando a cada tortura lenta que faz e raspando sua boca em minha orelha. — Na noite passada paguei apenas a primeira parcela...

Meus olhos se abrem, enquanto fico em silêncio, sentindo meu coração quase parando, ainda incerta se ouvi bem o que ele disse.

— Está querendo dizer que não vai partir agora? — sussurro, deixando minhas mãos se espalmarem em seu peito quando ele se alavanca sobre mim e inclina apenas um pouco seu tronco para trás.

A respiração quente, com aroma de pasta de dente e café, acerta meu rosto, enquanto engasgo e mordo meus lábios, ao ter o tecido da calça jeans raspando sobre minha vagina, quando sua cintura se empurra para frente, se colando a minha.

— *Sí, chica!* — Seus dedos curiosos, que esmagaram minha coxa com força, estão se infiltrando por baixo do tecido do robe e subindo

lentamente pela lateral do meu corpo. Ele para sua mão em cima do meu seio, usando o anelar para acariciar o bico.

Meu cérebro ainda está confuso, completamente enevoado com a química forte que Alan desperta dentro de mim, não conseguindo pensar bem. Eu não tinha pensado sobre ele ficar, na verdade, eu nem tinha certeza de que ele iria aceitar me tocar uma única vez que fosse, quanto mais que quisesse continuar fazendo sexo comigo depois. Meus olhos se fecham e mordo minha boca, segurando um gemido, sendo consumida por cada toque dos seus dedos em cima do meu seio, sentindo minha vagina se contraindo, quase ao ponto de eu sentir dor. E dentro do meu cérebro, uma voz distante, da minha consciência, tenta me alertar que já tinha sido um erro me entregar para ele da primeira vez, que o permitir continuar me tocando seria suicídio, porque não seriam lembranças de uma noite que me acalentariam para o resto da minha vida quando ele partisse, mas sim uma saudade cruel que jamais me abandonaria.

Mas o que Alan está fazendo é trapaceiro, deixando meu corpo e meus instintos serem governados apenas pelo desejo, calando minha consciência, não dando ouvido para ela. Me perco nos arrepios que sinto, com o raspar da sua boca em minha garganta, na língua que desliza sobre a pele, me lambendo de forma sacana, me deixando vulnerável e receptível a tudo que ele está fazendo, nem sequer me atentando ao momento que ele desamarrou meu robe. Somente flutuo, flutuo em fogo quando sua boca se abaixa e se fecha sobre meu seio, sugando o bico sensível em seus lábios, causando picos de dor e adrenalina dentro de mim. As coxas em seu quadril o esmagam com pressão, sendo um ato desesperado do meu corpo, que inflama, e sou engolida por esse homem que me devora por inteira.

— Alan... — Tombo meu rosto para o lado e mordo meus lábios, gemendo baixo, quase chorando com agonia, sem saber lhe explicar que meu corpo está em chamas.

— Tão sensível, *chica*. — O timbre rouco da sua voz sai baixo, com seus dentes raspando em meu seio quando termina de sugá-lo, indo para o outro e o capturando com a mesma urgência que fez com o primeiro.

— Ohhhhh! — Minhas mãos se seguram com mais desespero em seus ombros, com meu quadril se movendo contra o dele de forma

involuntária, como se meu próprio corpo estivesse falando por mim.

— Não! — Ele range seus dentes e ronrona baixo, como se fosse um grande felino arteiro, que me nega seus carinhos, assim que empurra sua pélvis sobre a minha e me faz ficar imóvel.

— *Dios!* — Comprimo meus olhos e choramingo, sentindo dor e angústia por ter meu corpo imóvel abaixo do seu. — Alan, por favor...

— Está com sua boceta molhada — ele murmura e dá um riso baixo, me fazendo engasgar quando se empurra de propósito com seu pau duro dentro da calça sobre minha vagina. — Posso apostar minha alma que se enterrar meu pau dentro de você agora, ela estará um inferno de quente e úmida!

Ele se move de mansinho, subindo seu corpo para cima e o retornando para baixo, rosnando, com sua respiração ficando mais forte, e eu sinto que meu corpo está a um passo de explodir apenas de o ter raspando sua calça jeans sobre minha vagina.

— Cristo, Selina! — Ele esmaga sua mão na lateral do meu corpo e ergue sua boca para o meu queixo, o mordiscando. — Sua boceta tá encharcando minha calça e condenando meu pau a me amaldiçoar dentro da porra dessa calça!

— Eu... eu não sei como controlar isso... — balbucio nervosa, desejando que ele estivesse sem essa calça, que me tocasse como me tocou na noite passada.

— Porque não foram feitos para serem controlados, *chica*. — Meu rosto é virado pela palma da sua mão, que se prende em minha bochecha e volta meu rosto para frente, me deixando sentir sua respiração a centímetros de mim. — E muito menos negligenciados. Seu pequeno corpo é uma perdição, Selina, sendo a ruína de um homem ao se perder em seus beijos doces, assim como no vulcão que é quando se enterra dentro da sua boceta.

Ele mantém meu rosto preso com sua mão, e fala com a voz rouca, me fazendo quase chorar ao ter seu peitoral esmagando meus seios contra ele, empurrando seu quadril no meu com mais força.

— Sinta como meu pau está duro feito rocha, desejando mais do que tudo se afundar dentro do seu corpo, lhe fodendo nesse sofá a manhã

inteira, *chica*. — Alan brinca com meus sentidos, da mesma forma como suas palavras roucas sendo sussurradas em meu ouvido mexem com meu cérebro.

Isso me faz contrair debaixo dele, e tento me mover um pouco que seja para me esfregar contra ele. Mas seu peso sobre o meu não permite, me imobiliza como se fosse um grande gato que segura sua bolinha preferida de lã entre suas patas, a mantendo presa às suas garras.

— Alan... — choramingo, não conseguindo mais suportar essa agonia.

— Mas por mais tentador que seja, não irei fazer isso, pequena. — Sua voz é séria quando fala perto do meu rosto, sugando meu lábio inferior com sua boca. — Seu pequeno corpo agora precisa de um café da manhã e descanso, Selina.

— Não vai me tocar, me tocar como na noite passada? — indago, mordendo o canto da minha boca, não conseguindo disfarçar minha tristeza.

— Não, pequena... — Ele ri e alisa meu peito com sua mão, o massageando e abaixando sua cabeça, depositando um beijo sobre meu seio. — Por mais tentador que seja, não vou.

— Por quê? — pergunto baixo, não entendendo por que ele não quer me tocar. Posso sentir que ele me quer, o pênis rígido cutucando minha vagina por dentro da calça me confirma que ele também deseja isso.

— Porque essa pequena boceta quente e molhada não irá sentir prazer depois que eu terminar. — Nem tenho tempo de argumentar, não quando sua mão já está sobre meu ventre e ele alavanca seu quadril, dando passagem para seus dedos me tocarem.

— Ohhhh... — Minha cabeça se empurra para trás, com um gemido saindo dos meus lábios e meu fôlego completamente desregular, tendo seu dedo se empurrando lentamente dentro do meu corpo.

Alan leva outro dedo para dentro e os empurra pouco a pouco, me fodendo lento. Ouço a respiração dele ficar forte e sua boca sugar o ar. Sua mão em meu rosto afaga minha pele, contornando meus lábios com seu dedão.

— Como eu disse, quente e molhada como um pecaminoso vulcão. — Seus dedos se movem com preguiça, me fazendo quase gritar, desejando que ele pare de me torturar dessa forma. — Mas sensível e completamente inchada. Se meu pau se afundar agora dentro da sua boceta não sentirá prazer, *chica*!

Sua boca cobre a minha quando ele se move rápido, me beijando com tanta intensidade e me envolvendo em seus beijos lentos e dominadores.

— Vai gozar para mim, mas não com meu pau dentro de você, Sereia. — Meu corpo está em chamas, sendo envolvido por sua voz, pelo calor do seu corpo sobre o meu, pelos movimentos de condenação dos seus dedos fodendo minha vagina.

Ele me toma, me faz saber que eu escolheria a saudade que me acompanharia para sempre depois que ele partisse, a nunca ter me entregado a ele. Estou gemendo em seus lábios, com meu corpo trêmulo transpirando, embriagada pelo seu perfume, intoxicada pelo prazer que ele me desperta. A palma da sua mão se força em cima do nervo inchado da minha vagina, o esfregando com lentidão, na mesma sincronia que os dedos dentro de mim me fodem.

— Quero que goze em meus dedos, *chica*, assim como irá gozar em minha boca quando eu lhe chupar por inteira. — Minha pele toda está arrepiada, consciente do caos que a voz dele sendo sussurrada em meu ouvido causa, me enchendo de prazer. — Como vai gozar em meu pau, o lambuzando quando ele se afundar dentro de você, como irá gozar quando me sentir tão fundo dentro do seu rabo gostoso, lhe tomando por inteira...

— Ohhhh... — Meu corpo estremecido se enrijece e meus músculos inteiros ficam retraídos. Sou envolvida pela voz sedutora que enche minha mente de desejos que até então eu nem sabia que poderia ter.

— Vai gozar para mim depois que meu pau foder essa boca carnuda, vai gozar para mim em cada canto desse seu pequeno corpo cheio de prazer que meu pau lhe foder, porque, minha doce Sereia... — ele rosna e aumenta o ritmo dos seus dedos dentro de mim, me levando ao extremo. — Fodidamente vou pagar essa dívida em muitas parcelas lentas e prazerosas.

— Alan... — Me agarro a ele, com meu corpo sendo cortado de dentro para fora, completamente eufórico, como se uma grande carga de energia fosse jogada dentro de mim.

— *HIJO* DA PUTAAAAA!

Minha mente está completamente dispersa, sendo rasgada pelos orgasmos que iniciam, mas tudo é interrompido drasticamente. Demoro para reconhecer o rosnado alto de Zapata, como um rugido gritado, em uma explosão de xingamentos. O corpo de Alan é tirado de cima de mim por um ataque de fúria, e em questão de segundos tudo vira um caos. Sinto a mão que se fecha em meu pulso e me puxa com brutalidade do sofá, me fazendo gritar de dor quando me machuca pela força que emprega em seus dedos.

— Zapata, me solta! Está me machucando... — grito, chorando, e puxo meu braço para que ele me solte, me sentindo envergonhada e assustada.

— Não devia ter feito isso, leão de chácara. — O rosnado alto de Alan estoura perto de mim quando ele me puxa para trás dele, pela cintura, sendo seguido de um grande som de algo estourando na parede.

Meus pés se atrapalham enquanto tento fechar o robe apressadamente, cambaleando para trás. Minha cabeça vira e ouço o som de corpos caindo no piso, com um impacto assustador.

— VOU MATÁ-LO, *CABRÓN*!

— ZAPATAAAA! — grito com medo ao ouvir a voz enfurecida de Zapata.

Meu corpo já está virando, comigo caminhando às pressas para a cozinha e contornando o sofá. Estico meus braços e tento encontrar a porcaria da vassoura.

— Oh, *Dios*! — Fecho meus olhos e mordo minha boca quando bato meu quadril na quina da mesa, quase chorando com a dor que sinto.

— Desgraçado! — A voz alta de Alan, junto com coisas quebrando e caindo no chão, me faz esquecer a dor, não tendo tempo para me preocupar agora com isso.

Consigo chegar até a parede ao lado da pia, e estico minha mão, tateando meus dedos na parede até encontrar a vassoura.

— *Miaaaauu!* — O miado de Abóbora se faz alto, vindo da direção da janela da cozinha, como se dissesse: *eu avisei para não deixar outro gato vira-lata entrar na casa.*

— Agora não, Abóbora! — falo zangada, me virando às pressas e segurando firme a vassoura na minha mão, tentando retornar para a sala.

Assim que paro na entrada da sala, tentando me concentrar, para saber em qual lugar estão os dois, pulo para trás quando o piso perto do meu pé treme, com os corpos rolando no chão.

— Sempre soube que não prestava, *hijo* da puta! — A voz alta de Zapata é quem me guia, junto com as respirações pesadas de Alan, que rosna feito um animal raivoso.

— *Miaaaaau!* — Abóbora mia perto das minhas pernas, batendo seu rabo lentamente em minha panturrilha, como se me alertasse que se eu tivesse ido dar a ração para ele, ao invés de ficar de safadeza no sofá, podia ter evitado isso.

— EU SEI, TÁ LEGAL?! — grito com ele. — Não preciso de um sermão agora, Abóbora.

Dou um passo à frente, assim que tenho certeza que as respirações alteradas dos dois homens estão a poucos passos de mim. Não sei quem eu acerto primeiro com o cabo da vassoura, apenas não paro e bato com força, acertando-o neles.

— Oh, porra, Selina! — A primeira voz a rugir é de Alan, que grita bravo.

— *Dios!* — A segunda é de Zapata, quando acerto com mais raiva.

— *YA BASTA!* — grito brava, respirando depressa. — CHEGA DE BRIGAR OS DOIS, OU JURO QUE VOU ENXOTAR VOCÊS PARA FORA DA MINHA CASA! — esbravejo zangada e dou um passo à frente.

Reconheço a respiração pesada e forte atrás de mim de Alan, e escuto o som de Zapata se levantando à minha frente, enquanto xinga e amaldiçoa em espanhol.

— Nem mais um passo sequer, vocês dois!

Capítulo 15



MARÉ BRAVA

SELINA LOPEZ

— Querem brigar como *dos animales*[27], façam isso lá fora, não dentro da casa de *mi madre!* — Respiro mais forte e esmago meus dedos na vassoura. — *Mi madre* quebraria essa vassoura inteira em sua cabeça, Zapata, se lhe visse brigar desse jeito dentro da sala dela!

— *Lo siento*.[28] — A voz dele sai séria entre a respiração pesada. — Mas tenho certeza de que ela sabe que apenas lhe protejo, e que não ficaria brava comigo, ainda mais por causa desse verme que se aproveitou de uma *ninã*!

— Zapata, não sou mais criança, *Dios*! — Bato meu pé no chão, com zanga.

Ranjo meus dentes ao falar para ele, ouvindo sua respiração a alguns metros de mim.

— Não pode simplesmente entrar em *mi* casa e sair batendo...

— Vai por mim, *chica*, ele não me bateu — Alan rosna atrás de mim, respirando com raiva, como um animal. — Já ele não pode dizer o mesmo...

— *Cállate tú también!*[29] — Me viro com raiva e ergo a vassoura no ar, pronta para acertar o cabeça-dura do Alan.

— *Tenías razón cuando dijiste que él lleva la muerte*[30] — Zapata fala com raiva atrás de mim. — Esse *hijo* da puta está marcado por ela, e a trouxe até você.

— O quê? — Abaixo a vassoura lentamente, ouvindo as palavras de Zapata, me virando para ele.

— *Chica*... — A respiração de Alan muda, ficando mais rápida e forte, com o tom de voz dele saindo nervoso.

— Esse *hijo* da puta está marcado pelos filhos de Arruda. Vim para cá para lhe tirar daqui. Jacó foi mandado para sua casa ontem e não

retornou.

— Jacó... — pronuncio lentamente o nome do homem asqueroso que trabalha com os filhos de Arruda. Todos sabem que quando eles mandam Jacó à casa de alguém, essa pessoa nunca mais é vista com vida.

Às vezes ele ficava do lado de fora do bar de Zapata, e tinha um odor insuportável. Minha cabeça se ergue e fico em silêncio, tendo minha mente lembrando do odor na cortina. Conheço aquele fedor, apenas não recordei de onde na hora. É o mesmo odor forte que Jacó exala, de rum com charuto e peixe.

— Ele esteve aqui... — murmuro e sinto meu peito bater rápido.

— Selina... — Reconheço o toque quente dos dedos de Alan em meu braço, quando me vira devagar para ele. — Eu pretendia lhe explicar, Sereia...

— Por que Jacó foi mandado até a minha casa, Zapata? — pergunto, inclinando meu rosto para o lado, sentindo a pressão que os dedos de Alan fazem em meu braço, com sua respiração ficando mais densa.

— Dê um passo para trás, pequena, se afaste desse mercenário — Zapata fala sério atrás de mim, enquanto meu cérebro fica preso na última palavra dele. — Lhe avisei que esse *cabrón* era perigoso, que trazia o mal com ele. Os filhos de Arruda são burros, pensam que ele é um policial, mas eu conheço os olhos de um assassino. Solte-a, *asesino*[31].

— É verdade? É verdade o que Zapata está dizendo, *marinero*?

— Me escuta, *chica*! — Alan dá mais um passo à frente, me deixando ouvi-lo, e segura meu rosto em suas mãos. — Nunca desejei lhe fazer nenhum mal, apenas quero lhe proteger...

— Proteger? — balbucio, soltando a vassoura. — De Jacó? Por isso voltou? Foi por isso que voltou para *mi* casa...

Sinto dor dentro de mim, como uma mão que esmaga meu coração, porque mesmo não dizendo em palavras, no fundo, bem no cantinho mais escondido da minha alma, como um segredo guardado, eu acalentei a esperança que ele tinha voltado por mim. E foi esse segredo do meu coração tolo que me fez ter coragem de me oferecer para ele, o escolhendo para ser o primeiro e o único homem a tocar o meu corpo.

— Não era para eles saberem onde eu estava, e muito menos que você estava envolvida. Eu apenas ia te esconder até ele ir embora, mas quando o vi...

— Ele o matou, a porcaria do corpo do verme está dentro da garagem, eu mesmo vi! — Zapata corta Alan, falando rápido e rugindo com raiva. — Matou o filho da puta de Jacó e colocou um alvo nas suas costas, *ninã*. Querem tanto ele como você mortos!

— Oh, meu Deus...

É muita informação, muita coisa sendo jogada de uma única vez sobre mim, e minha mente e meu coração tentam organizar o caos, como se tivesse sido pega por uma maré brava, que me engole com suas ondas furiosas.

— EU A PROTEGI, PORRA! — Alan grita com raiva. — Tem ideia do que ele iria fazer com Selina? Estava dentro da casa, parado na porta do quarto, a poucos passos dela!

Minha cabeça se ergue ao ouvir as palavras de Alan. Eu não tinha ouvido passos de ninguém entrar, a tempestade estava muito alta, tudo estava confuso, tanto meu olfato como minha audição. Respiro mais rápido, com todas as informações entrando de uma única vez na minha cabeça.

Em qual segundo Alan o matou?

— Você a condenou! Isso que fez, ajudante da morte! Solte-a! — Zapata grita e retorna a xingar. Meu corpo é movido por Alan, que me leva para trás dele.

— Vai ter que passar por mim para chegar até ela, monte de merda — Alan rosna, prendendo seus dedos em minha cintura. — E não pense nem por um segundo que não vou te matar se tentar isso!

— Pode ter certeza de que lhe mato primeiro, *hijo* da puta. Estão caçando-a, foram até o bar atrás dela! — Zapata grita com raiva. — Apenas não apareceram aqui, porque a estrada foi bloqueada pelo temporal, por causa das árvores caídas, que trancaram a rua.

Alan grunhe com ira e esmaga mais forte seus dedos em minha cintura.

— Não foi a tempestade, fui eu. Eu derrubei as porras das árvores e bloqueei a estrada. Acha mesmo que eu não iria protegê-la... — Alan se cala, ficando em silêncio, tendo seu corpo inteiro enrijecendo, como se seu corpo tivesse virado um paredão de aço. — Por onde entrou, para conseguir chegar até aqui, Zapata?

— Pelas terras da casa de Belinda. Acha mesmo que me impediria de vir atrás dela...

— Seu gigante burro! — Alan respira mais depressa. — Trouxe eles até ela!

Alan me prende em seus braços e me puxa com ele. Meu cérebro está a mil, enquanto tento me soltar dele para que me largue. Antes mesmo de chegar à cozinha, meu corpo, junto com Alan, é arremessado para dentro dela, quando a casa balança e o telhado cai com uma explosão. O corpo dele sobre o meu serve de proteção.



Alan Spencer

O zumbido da bomba de curto alcance ainda se faz na minha cabeça. Me alavanco rapidamente e abaixo meu rosto para ela imediatamente, a vendo com seu peito subindo e descendo acelerado. Eles nos acharam, tinham chegado até ela por conta do gigante burro de Zapata. Passei a madrugada inteira, depois que ela adormeceu, fechando a estrada, usando cordas e o carro para derrubar as árvores, as tombando na rua de terra. A mata ao redor é fechada, e sabia que eles não conseguiriam entrar. Minha ação seria apenas um preventivo para proteger Selina, me dando algumas horas de vantagem até eu a tirar daqui. Mas Zapata fez exatamente o que eles queriam, mostrou como chegar até ela. Levanto e a tiro do chão, a erguendo comigo, enquanto ela grita e tapa os ouvidos. A faço ficar encolhida, passando meus braços por seus ombros, vendo os raios de

infravermelho da mira dos rifles apontarem para dentro dos escombros da casa.

— Zapata... Zapataaaa... — Ela chora, chamando por ele. — Onde está Zapata?

Viro meu rosto e olho para trás, observando apenas os pés dele para fora, com um bloco enorme de telhado esmagando o corpo dele.

— Vamos! — falo rápido, a puxando comigo.

— Não... Não, Alan. Zapata, onde está Zapata... — Selina se segura na minha camisa, gritando assustada quando o tiroteio começa. A jogo para debaixo da mesa, virando o móvel para proteger o corpo de Selina.

Uso a mesa como escudo, arrastando até perto da porta aberta da cozinha. O carro da mãe dela, que usei para derrubar as árvores, está a poucos passos da porta. Tinha calculado duas rotas de fuga, deixando a moto do cara que matei na lateral da casa, se precisássemos fugir pela janela, e o carro estacionado perto da porta da cozinha, na parte de trás da casa. A puxo pelo braço e a levo para ele, com os tiros vindo como chuva dentro da casa. Abro a porta e a faço entrar primeiro. Dou a volta e entro no carro. O acelero assim que ligo, girando o volante e derrapando na terra com os pneus traseiros.

— OHHH, *DIOSSS*! — Selina grita e tapa os ouvidos quando o vidro traseiro do carro estoura, com eles atirando em nós.

— Fique abaixada! — Empurro sua cabeça e a faço ficar abaixada. Viro meu braço para trás no mesmo segundo que giro a cabeça, dando a ré no carro e o acelerando.

O atirador vira um quebra-molas embaixo dos pneus quando passo por cima dele, o atropelando. Meu rosto volta para frente e vejo a bola peluda obesa de Selina, que mia, saindo da porta da cozinha. Passo por cima do atirador novamente quando desengato a ré e acelero o carro. Paro poucos centímetros à frente e abro a porta de Selina, rosnando com raiva.

— GATO, ENTRA! — grito com ele, que não demora nem um segundo para me obedecer, pulando para dentro e ficando nos pés de Selina, que o agarra em seus braços e o segura com força.

Puxo a porta e a fecho rápido, dando a ré novamente, com o carro balançando ao atropelar o corpo de novo. Giro o volante e derrapo o carro, o virando na direção da minha rota de fuga. Acelero o carro, tendo o corpo de Selina se encolhendo o dobro, e ela se tremendo quando a segunda explosão se faz, mandando o resto do que sobrou da casa para os ares. Meu rosto desvia da estrada apenas uma vez, para olhar o chalé pequeno de madeira que está queimando em labaredas altas, com o corpo de Belinda pendurado na porta por uma corda, enforcada, com sua casa em chamas. Esmago meus dedos no volante e continuo acelerando o carro, virando meu rosto para frente. Desejo que Zapata não tivesse sido tão burro, condenando a velha à morte quando passou por dentro das suas terras para chegar até a casa de Selina, trazendo esses filhos da puta até ela e causando a sua própria morte.

Mas ele tinha razão, no segundo que eu a escolhi, pus um alvo nas suas costas, e, por Deus, eu os mato um a um antes de deixá-los lhe fazer algum mal.

Capítulo 16



A PESTE DO MAR

ROB SALES

As cabeças baixas dos homens dentro da sala se erguem quando o primeiro passo pesado se faz no corredor. O som de botas pisando firmes lentamente, como se fossem batuques em tambores, causam em todos angústia, e o silêncio impiedoso os fazem até segurar a respiração, por saberem quem está a caminho. Rob sente o suor escorrer por sua testa, da mesma forma que a palma da sua mão transpira e seus olhos se fixam nas pernas frouxas e covardes de Tobias, seu irmão caçula. Ergue devagar seu olhar pelo corpo magrelo acanhado, que está encolhido no canto da sala, parando no rosto machucado que contém o olho esquerdo roxo e o supercílio cortado. A lateral da boca traz o hematoma grande, o qual Rob sabe que tinha sido causado por Manolo. Arruda, seu pai, está sentado na cadeira de couro atrás da escrivaninha, dentro do escritório, e bebe seu uísque, tentando se manter sério, mas as pontas dos seus pés batendo rapidamente no chão, as quais Rob estuda por debaixo da mesa, ao mesmo tempo que seus dedos se esmagam no braço da cadeira, lhe confirmam que o velho está tão nervoso quantos os outros rapazes dentro da sala.

Tobias tinha sido um idiota, tinha posto uma arma engatilhada na cabeça de todos ao se aproximar de um forasteiro. E o desaparecimento de Jacó, que colocou todos em alerta quando não retornou da visita que foi mandado fazer na casa da cega, deixava explícita a incompetência deles. Rob ergue sua cabeça quando a porta da sala é aberta, sendo o único a encarar o diabo que passa por ela, assobiando de forma despreocupada, quase fazendo qualquer pessoa que o veja e não o conhece, acreditar em sua expressão tranquila.

— Olá, senhores! — Manolo os cumprimenta de forma risonha, levando as mãos à sua cintura e passando seu olhar em cada um dos homens que estão dentro da sala. — Sobrinho!

Ele para seu olhar em Rob, balançando a cabeça para ele, com um sorriso largo aos lábios. Um sorriso que faz até a carcaça óssea de Rob

sentir arrepios. Rob conhece seu tio muito bem, para saber que não é com a face séria que precisa se preocupar, mas sim com a risonha. Peste do mar, como ficou conhecido por alguns ao longo da vida criminosa que Manolo sempre levou, tem uma péssima demonstração de ódio. Arruda, o pai de Rob, sempre alertou seu filho: *não é da face fechada do seu tio que precisa ter medo, mas sim da alegre, pois é quando ele está imaginando um jeito de lhe matar.* Seu tio está bravo, isso é um fato do conhecimento de todos. Olhar para a cara estourada de Tobias quando retornou ontem à noite para casa tinha sido um aviso claro de que Manolo não tinha gostado nadinha do que o sobrinho lhe contou. Manolo anda lento até perto da mesa do escritório, repousando sua atenção em seu irmão antes de se virar. Leva as mãos ao bolso da calça e senta na beirada da mesa, balançando sua perna esquerda.

— Então, senhores — fala de forma corriqueira, inclinando sua face para os lados, passando seus olhos em cada um. — Alguém quer começar?

As respirações pesadas dentro do cômodo, com o ar carregado de medo, ficam mais fortes, tendo apenas o silêncio como resposta.

— Tobias? — A face de Manoel se vira para o sobrinho caçula, e o encara, estalando o canto da boca. — Não, acho que não... Irmão, quem sabe você?

Ele desce da mesa dando um pequeno salto, e abre o botão do seu terno, andando lento para perto do quadro na parede, à esquerda, como se realmente a pintura a óleo lhe chamasse atenção.

— Irmão... — Arruda busca as palavras para conversar com seu irmão sobre a idiotice dos seus filhos.

— *Cállate, imbécil!*

O rosnado alto carregado de ódio de Manolo, silencia as palavras de Arruda. Ele vira devagar para os rapazes, os encarando e dando um sorriso tranquilo, nem demonstrando ser o mesmo homem que segundos atrás rosnava.

— Rob, se aproxime. — Ele retira seu braço do bolso da calça e o estica, chamando pelo sobrinho. — Venha, conte ao seu tio. Por que perdi um dos meus homens?

Rob desvia seus olhos para seu pai e inala o ar com força, observando a face do velho pálida e nervosa.

— Não, não olhe pra *tu padre, pero sí para mí*.[32] — Manolo o faz olhar para ele quando ri e nega com a cabeça. — Conte para mim. Por que além de perder um homem ontem, eu perdi outro essa manhã? Dois, *sí*?

Ele ergue o dedo e dá um sorriso de lado, balançando a cabeça em positivo. O olhar do seu tio, preso ao seu, o avisa que Manolo já está a par do que tinha acontecido na casa da cega, sobre o atirador que foi encontrado morto na parte de trás, entre os destroços da casa que explodiu quando seus homens foram mandados para lá para atacar.

— *Sí*, dois homens. — Ele ergue sua mão, gesticulando no ar. — Não que fossem os melhores, o que julgo que não, já que estão mortos, mas ainda assim gosto de saber o porquê de meus homens estarem morrendo.

— Tenho quase certeza que o homem que matou Jacó também foi responsável pela morte de um dos nossos atiradores.

— Tem quase certeza, *sí*? — seu tio fala irônico, soltando um suspiro. — Suponho que você tenha quase certeza de que o mesmo homem que matou esses dois incompetentes seja o mesmo homem que meu sobrinho, esse imbecil aqui, se aproximou... — Seu braço se abre, com ele apontando para Tobias. — O policial disfarçado que queria chegar até mim?

— Sim, tio...

— E tem certeza de que esse homem é o mesmo em quem você — ele vira o braço e aponta seu dedo indicador para Rob — atirou e não se certificou que o *malparido*[33] estava realmente morto?

— Tio, eu...

— *PERO* TEM CERTEZA! — Ele cala Rob, direcionando seu indicador para cima e o balançando no ar. — Que é o mesmo homem que vocês perderam depois de atirarem nele e revirarem Havana, e o perderam outra vez, como se fosse num passe de mágica?! — As mãos dele se aproximam uma da outra diante da face de Rob, se abrindo e fechando, enquanto ele sorri, olhando o sobrinho. — E tem certeza que no fim era o mesmo homem que estava escondido dentro da casa de uma cega, que também sumiu junto com o homem novamente?

Suas mãos se abaixam e retornam para o bolso da calça. Ele puxa o canto dos seus lábios para a esquerda e dá um sorriso cruel a Rob.

— Por favor, me diga, é isso que tem certeza... — Um rosnado baixo sai da sua boca e inala o ar com força. — Me corrija se estiver errado, se não entendi bem *la mierda* que você e o puto do seu *hermano* fizeram.

— Foi exatamente isso, tio. — Rob abaixa sua cabeça e desvia seus olhos de Manolo, não tendo como justificar a cagada de Tobias, já que quem poderia ter acabado com o desgraçado seria Rob, quando atirou nele e o largou na ruela sangrando como um porco.

— *Sí*, foi! — Manolo retira a mão do bolso da calça e estica seu braço até ter seus dedos esmagando o ombro de Rob.

A cabeça do seu sobrinho se ergue, com seus olhos fixos nos do homem que está a um palmo de distância do seu rosto.

— Vai achar esse *malparido* e o trazer vivo para mim. — Suas palavras são como o chocalho de uma cobra perigosa sibilando diante de Rob. — E se, por *Dios*, você falhar novamente, juro pela carcaça podre de *mi madre* que será seu corpo que será desmembrado pedaço por pedaço. Fui claro?

Rob balança a cabeça em positivo, não duvidando por um segundo sequer da ameaça do seu tio, pois sabe que ele fará o que prometeu.

— Não vou falhar, tio.

— *Muy bien!*[34] — A mão de Manolo levanta e bate devagar na cara do garoto, espalmando seus dedos na lateral do rosto dele antes de inclinar para frente e beijar sua testa. — Sabia que não iria me desapontar novamente, és o *hijo* que nunca tive!

Manolo abaixa suas mãos e volta a assobiar, desviando de Rob e caminhando na direção da saída.

— E a garota, o que faço com ela? — Rob gira o rosto, olhando para o lado e perguntando.

Os passos de Manolo param quando chegam a porta, e ele bate a ponta do seu pé lentamente no chão.

— Pouco me importa. Brinque com ela se for da sua vontade, e quando cansar a jogue para os homens, dê a cadela de presente — responde de forma prática. — Se sobreviver, ao fim ainda pode ser vendida para alguma casa de prostituição que aceite uma cadela larga.

A face de Rob retorna na direção de Tobias, o encarando enquanto ouve o som dos passos do seu tio se afastando ao partir. Ele rosna com raiva e esmaga seus dedos ao lado do corpo.

— Coloque os homens em ação, quero cada casa, bueiro, esgoto e até as bocetas das vagabundas sendo reviradas nessa cidade, nenhum buraco ficará sem ser revistado. — Dá uma ordem rápida e direta a Tobias. — E reze para o encontrarmos, Tobias, pois juro que antes de Manolo me pegar por conta da sua burrice, eu lhe mato, *cabrón*!

Capítulo 17



O FAROL

ALAN SPENCER

Fico em silêncio, observando o carro ao fim do rochedo sendo tragado pelo mar, que o engole entre as espumas e as ondas que se quebram nas rochas onde será sepultado pelo oceano. Viro lentamente e encaro o farol antigo desativado no alto da colina. Abaixo e pego a mochila, caminhando devagar na direção dele. Tinha sido o único lugar seguro que encontrei para escondê-la quando saímos da sua casa durante o ataque. Nos primeiros dias, quando cheguei em Havana, tinha feito uma pesquisa de campo, sabia que precisaria de um ponto seguro para ficar até Hades ser trazido para mim. Eu não tinha certeza ainda se encontraria Manolo, mas sempre gostei de me antecipar a qualquer situação. Era a primeira regra de um serviço, entrar e sair, mas sempre deixando um ponto de esconderijo pronto caso precisasse. E o antigo farol condenado pela estrutura judiada pelo tempo, tinha sido um ponto perfeito de difícil acesso, por conta da colina e das pedras imensas que o contornam, e o acesso rápido ao mar aberto facilitava minha partida.

O preparei para 24 horas no máximo, garantindo munição o suficiente para se alguém viesse atrás de mim. Mas a mudança de plano foi inevitável quando tive que usá-lo antes da hora, para poder abrigar Selina, garantindo sua segurança. Havia a deixado presa, trancada dentro do farol, para poder ir buscar comida, roupas e água potável para ela. Caminhei entre a vila de pescadores que tem a alguns quilômetros do farol, usando do velho artifício dos dedos ligeiros e mão rápida para roubar as coisas que ela precisa. Ela não conversa comigo, nem sequer deixa eu me aproximar dela, e tinha ouvido seu choro triste pelos três dias que ficou dentro do quarto que deve ter pertencido ao antigo faroleiro que morou no local.

Minha única companhia, que não me ignora, é o gato gordo. Posso garantir que o que ele faz é duplamente pior do que o silêncio de Selina. O felino arrogante fica sério, me encarando de forma acusadora, me julgando culpado pela tristeza da sua dona. Mas não posso a deixar ir, preciso garantir a segurança dela, já que eles estão nos caçando. Tinha sondado de

longe a movimentação das ruas de Havana, e homens armados estão andando a olho nu durante o dia entre as pessoas, debaixo dos olhos da polícia corrupta que come na palma da mão da família Sales.

Viro e olho para trás, fazendo uma rápida varredura quando chego diante da porta do farol, garantindo que ninguém me seguiu, antes de destrancar a porta de aço maciço. Entro e a fecho rapidamente. Inalo o ar com força e retiro a mochila do meu ombro. Minha cabeça se ergue e olho a escadaria de caracol, observando a porta no fim dela do lado esquerdo, onde a pequena mulher está. Fecho meus olhos e fisgo o canto da boca, tendo ainda a memória do som do seu choro entrando em minha mente.

— Selina, vamos! — Abro a porta do carro às pressas, a puxando pelo braço.

— Não... Não, temos que voltar. — Ela se debate, segurando meu ombro e negando com a cabeça. — Zapata, não podemos deixar Zapata...

— GATO, VEM! — chamo por ele quando a ergo nos meus braços, a jogando em meu ombro e caminhando rápido com ela em direção ao farol.

Selina se debate, gritando e implorando para que eu a solte e a deixe ir ao chão. Mas não faço o que ela pede, apenas solto seu corpo quando atravesso a porta do farol e entro no interior dele junto com ela, trancando a porta assim que o gato passa para dentro.

— Alan... Alannn... Déjame ir! — ela grita, socando minhas costas. — Zapata... precisamos voltar para ajudar Zapata! — esbraveja com mais raiva enquanto seguro suas pernas, a impossibilitando de me acertar.

Abro a porta do quarto e a fecho com meu pé em seguida, caminhando para a cama e a colocando nela. Me agacho e seguro seu rosto, fazendo uma ligeira avaliação corporal, verificando se ela possui algum ferimento.

— Para! — Selina bate no meu braço, tentando me afastar para se levantar, mas a mantenho sentada.

— Sente alguma dor no corpo? — pergunto sério, me concentrando nela. Tinha usado meu corpo para lhe proteger. Tenho o dobro do tamanho

de Selina, meu peso pode ter a esmagado, machucado algum osso. — Sua cabeça, sente algo?

A faço abaixar a cabeça, para que possa olhar se ela bateu com força no piso. Sinto um leve galo, o que me faz rosnar com raiva. Seu roupão está rasgado e sujo com poeira e cinzas, o que foi causado pela explosão quando fomos arremessados ao chão.

— Estou bem, pare! — fala rápida, negando com a cabeça. — Quem não deve estar é Zapata... Precisamos voltar... voltar para minha casa...

A voz dela se cala enquanto respira depressa, tombando seu rosto para o lado e me deixando ver as lágrimas escorrendo pelos seus olhos.

— Minha casa, o que aconteceu com a minha casa...

— Uma explosão. Uma bomba de curto alcance, granada militar, eu acho. — Me levanto e ando na direção da janela, olhando para baixo e conferindo o perímetro. — Preciso tirar essa roupa de você. Levante-se, quero ver se está machucada.

— Explosão... — Giro e a vejo sentada, com sua face perdida, balbuciando baixinho. — A casa de mi madre explodiu...

— Levante-se, chica, deixe eu examinar você...

— Zapata! — Ela ergue seu braço, o esticando e fazendo um sinal de pare com sua mão, falando rápido e ficando de pé. — Zapata... ele... ele está...

— Morto — respondo, não mentindo. — O telhado da sala caiu em cima dele, Zapata não sobreviveu à explosão.

— Oh, Dios... — Ela abraça sua cintura quando abaixa seu braço e encolhe seu corpo, soluçando entre o choro.

— Selina, eu lamento pelo...

— Não, não! — Ela chora e nega com a cabeça. — Não quero ouvir, não quero. Me deixa ir embora, quero ir embora — fala entre o choro e dá um passo à frente.

Caminho para ela e seguro-a com cuidado pelos ombros, enquanto seu pequeno corpo se encolhe, chorando ainda mais.

— Me deixa ir embora, Alan.

— Não posso lhe deixar partir, chica — falo baixo, alisando seus cabelos e trazendo-a para perto de mim, querendo que ela entenda que estou lhe protegendo. — Está em perigo.

— Não, não, Zapata precisa de mim, ele... ele pode ter sobrevivido. — Seus dedos se agarram à minha camisa com desespero, falando como uma inocente criança que realmente deseja acreditar em suas palavras.

— Ele não sobreviveu, Selina — falo calmo com ela, desejando a erguer em meus braços novamente e a deixar presa entre eles, para que saiba que está segura.

— Não, não pode ser... Belinda pode ter ido até lá, ela deve ter ouvido a explosão... — fala entre o choro, soluçando com dor. — Ela o encontrou e o ajudou, preciso ir ficar com eles...

— Chica! — Fecho meus olhos e inalo o ar com força, recordando do corpo da velha enforcado entre a casa em chamas.

— Belinda o encontrou, Alan, ela o encontrou...

Abro meus olhos e a levo lentamente para perto da cama novamente, a sentando com cuidado enquanto seguro seu rosto.

— Belinda não o encontrou, Selina — murmuro para ela, abaixando meus olhos para seu colo.

— Não, não, está enganado. Não a conhece, ela jamais deixaria...

— Belinda está morta também, pequena. — Ergo meu rosto, sabendo que condenaria minha alma mil vezes ao inferno apenas para que ela não tivesse que sentir essa dor de ter alguém que você ama sendo tirado de você de uma forma tão cruel. — Eles a mataram, Sereia.

Seu pequeno corpo fica rígido e ela respira rápido, com seu tórax tremendo.

— Não... não... — Suas mãos se erguem e ela tapa sua boca, abafando seu choro.

— Zapata, no desejo forte de lhe proteger, não percebeu que foi uma armadilha, eles o usaram para conseguir achar uma maneira de chegar até você, já que eu tinha bloqueado a estrada. — Solto seu rosto, desejando

tirar toda essa dor dela. Não a queria metida nisso, não queria que eles soubessem dela. — Quando ele atravessou as terras de Belinda, provavelmente se certificaram de matá-la antes de ir atrás de nós.

Selina inclina seu torso para frente e tomba o tórax, até seu rosto ficar escondido em seus joelhos, com ela abraçando seu corpo, chorando.

— Acredite em mim quando digo, pequena, que sei exatamente o que está sentindo... — Minhas palavras se calam quando estico meu braço para lhe tocar, mas ela levanta seu tronco e ergue suas pernas, se empurrando para trás no colchão, se afastando de mim.

— Zapata tinha razão, mas eu não o ouvi. Não o ouvi... — Ela chora, fechando seus olhos e flexionando suas pernas, se abraçando enquanto soluça entre o choro. — La muerte camina de la mano contigo, marinero.[35]

Sim, ela caminha. É a única companheira que tenho. Por longos anos da minha vida foi minha amante, minha amiga e mais fiel parceira que já tive, e andávamos lado a lado, como se buscássemos um ao outro. E entre minha busca a levei até a casa de Selina, causando dor na única pessoa que me importei nessa vida depois que perdi meu pai. Levanto e inalo o ar com força, esfregando minha mão em minha nuca e esmagando meu maxilar.

— Não posso deixar você partir, chica — falo sério, com o tom de voz firme, a deixando saber que não se afastará de mim. — Preciso finalizar o que me trouxe para Havana, mas para fazer isso preciso ter certeza de que está segura...

O som triste e abafado do seu choro dentro do quarto silencia minhas palavras, ao passo que a observo encolhida no centro da cama, abraçando suas pernas, com sua cabeça colada aos joelhos, sofrendo por sua perda.

— Miauuuuu!

Abaixo meu rosto quando paro diante da porta, olhando o gato que lambe sua pata. Ele vira sua cabeça peluda para mim e me encara brevemente, mantendo seu olhar acusador, antes de retornar a se lamber, como se me ignorasse.

Levo a mão direita ao bolso da jaqueta e retiro o peixe enlatado, o balançando em meus dedos, mostrando para ele, chamando sua atenção. Abóbora me olha e abaixa devagar sua pata, parando-a de lamber. Fica atento aos meus movimentos abrindo sua lata. Em seguida, me abaixo e a deixo no chão, perto da parede.

— Pode continuar bravo ou comer — digo sério para ele, que mantém seus olhos em mim de forma acusadora. — Ou se preferir, pode voar pela janela também, sempre quis saber se gatos realmente caem de pé.

Ele solta um miado alto, fungando com o nariz, como se bufasse, balançando sua cauda para os lados e se levantando em suas quatro patas, caminhando como um gato esnobe na direção da lata de peixe.

— Foi o que pensei. — Dou um sorriso lento de lado, observando o gato gordo comer o peixe. Sabia que igual sua dona, ele também sentia fome, apenas é teimoso demais para admitir.

Mas a diferença de Abóbora para Selina é que ele não está me castigando com sua tristeza e seu silêncio, me privando de me aproximar dele, repelindo qualquer aproximação minha. Ergo meu rosto para a porta, deixando Abóbora se alimentar e caminhando na direção dela.

— Selina, trouxe roupa limpa. — Bato na porta, avisando da minha chegada, tendo outra vez apenas o silêncio como resposta. — Pensei que poderia querer, é melhor do que esse robe rasgado.

Fisgo o canto da boca, rosnando baixo, recordando dela saindo do banheiro que tem dentro do quarto com os cabelos molhados, usando o robe ao invés da minha camisa que deixei em cima da cama para ela poder se trocar.

— Vou entrar — aviso, para que saiba que estou entrando. Não desejo impor minha presença, mas sim que ela me deixe cuidar dela.

Abro a porta do quarto e meus olhos vão direto para a cama. A vejo vazia e dou outro passo, girando meu pescoço na direção do banheiro.

— OHHH, PORRA! — rosno com raiva quando a pancada se faz seca nas minhas costas, me fazendo cair de joelhos no chão.

Viro meu rosto a tempo de ver a pequena mulher segurando a barra de ferro da cortina de plástico do chuveiro, abaixando seu braço, pronta

para me acertar de novo. Me jogo de vez no chão, desviando do golpe que acertaria minha nuca. Ela se escora na parede e solta o ferro, a usando como apoio para chegar até a porta. Rolo e estico minha perna, dando um chute na porta, a fechando.

— *HIJO* DA PUTA! — Selina grita com raiva, se virando e batendo seus dedos na porta, atrás da maçaneta, abrindo quando a encontra.

Levanto depressa e a seguro pela cintura quando a puxo, antes que ela dê um passo que seja para fora do quarto.

— Me larga! — Feito uma felina zangada, ela luta, me arranhando quando prende suas garras em meus braços.

— Para de lutar, *chica*! — rosno com raiva quando morde meu braço.

— *NO! NOOOO,* ME SOLTE, *CABRÓN*! — ela grita mais alto, dando uma cotovelada nas minhas costelas.

Caio de joelhos junto com ela, que usa desse segundo para fugir de mim quando meus braços a soltam, engatinhando apressada na direção da porta. Me jogo por cima do seu corpo, a enjaulando no chão, tendo Selina me xingando e batendo seus punhos no piso.

— *Miaaaau!* — Meu rosto se ergue para o gato cínico que está sentado em suas patas traseiras diante da porta, me encarando com desdém.

— Vou jogar você pela janela! — grunho para ele com raiva, o ameaçando. Abóbora bufa e vira sua cabeça para o lado, me ignorando e retornando para sua lata de peixe. — E quanto a você, ficará amarrada na cama!

A viro bravo e rolo seu corpo, a deixando de barriga para cima. Seguro seus pulsos antes que tente me estapear novamente.

— ME SOLTA, ME SOLTA, *HIJO* DA PUTA! — ela berra, se torcendo embaixo de mim.

— Oh, sim, isso seria realmente o que devia fazer, e lhe deixar rolar degraus abaixo, quebrando esse seu maldito rabo ingrato, *chica* teimosa! — digo com raiva, me levantando e chutando a porta, a fechando. Puxo Selina

pelos braços quando a rodo, caminhando para a cama. — Estou protegendo você...

— Até onde sei, manter alguém preso não é proteger, e sim sequestrar! — Viro meu rosto para trás e olho por cima do meu ombro para ela, que esbraveja com raiva.

Mantenho seus pulsos presos com uma mão, usando a outra para soltar a fivela do meu cinto.

— Estou salvando seu rabo! — Inalo o ar com força e ranjo meus dentes, puxando o cinto com ódio.

— Eu salvei o seu, se recorda? E nem por isso lhe prendi dentro da minha casa! — responde com irritação, tentando livrar seus pulsos do meu aperto. — Que som é esse?

Ela para de se mexer quando a fivela estala, girando sua cabeça na mesma hora para trás.

— O som de alguém que nunca mais vai me acertar novamente, porque, caso contrário, na próxima jogo seu rabo em meus joelhos e o encho de palmadas!

Sua boca entreabre, e fica imóvel, antes de começar a se debater, querendo fugir. A seguro, lhe prendendo e passando o cinto em seus pulsos, os mantendo unidos, garantindo que ela não fuja enquanto lhe amarro.

— *Desgraciado*[36], me solte... — ela grita, tentando me morder. — NÃO OUSE FAZER ISSO, ALAN...

— Lhe disse que iria lhe amarrar à cama! — A ergo do chão, depositando seu rabo no colchão.

Ranjo meus dentes quando sinto a pontada de dor em minhas costelas, onde ela me golpeou. A empurro para trás, obrigando-a a se deitar e esticando seus braços por cima da cabeça, usando a outra ponta do cinto para a amarrar à cabeceira.

— Solta-me, seu *desgraciado*!

— Queria saber como uma *chica* pode ter a boca tão suja quanto um marinheiro! — falo zangado, apertando bem a amarra na cabeceira. — Que feio!

— Vou lhe mostrar o que é feio, seu *cabrón* maldito!

Tenho tempo apenas de pressionar minhas pernas às suas, a imobilizando quando empurro meu quadril para baixo, assim que percebo a intenção dela de me acertar entre minhas pernas.

— Nem tente, *cariño*[37]!

— *Cariño una mierda!* — Selina rosna brava e arisca, balançando sua cabeça para os lados, me xingando. — Juro por *Dios* que quando sair daqui, vou amaldiçoar até sua quinta geração.

— Maldição de sereia não pega em condenados, *chica*! — Abaixo meu rosto, falando e rindo, observando a face zangada da Pequena Sereia abaixo de mim.

Ela assopra os fios de cabelos em seu rosto, bufando enquanto me xinga baixinho, com seu peito subindo e descendo rapidamente, chamando minha atenção para os seios desnudos que estão para fora do robe que se abriu durante sua luta.

— Foda-se, mas uma pancada na sua cabeça pega! — ela esbraveja, mordendo sua boca. — E será justamente isso que vou fazer quando me soltar!

— Então lamento informar que esse seu belo corpo ficará lindo e quietinho deitado nessa cama, amarrado por muito, muito tempo. — Ergo meu rosto para ela, apoiando minhas mãos ao lado do colchão, para me alavancar para trás.

— Não ousaria... — ela retorna a discutir, mas suas palavras se calam quando um som baixo escapa da sua boca, ao ter meu quadril afundando sobre sua pélvis. — Ohhh...

Fico imóvel, posicionado entre as pernas de Selina. Sorrio de forma despudorada, reconhecendo esse pequeno som que ela acabou de soltar.

— Acho que finalmente encontrei um jeito de tirar esse robe do seu corpo — falo sério, inalando o ar pesadamente, com meu pau tendo mais consciência de em cima do que ele está repousado.

— Não seria... — Ela se cala, mordendo a boca quando empurro meu quadril para frente novamente, esfregando a braguilha da calça em

cima da sua boceta desnuda.

— Não seria? — pergunto, lhe provocando e repetindo suas palavras, abaixando meus olhos para seus seios, os quais enchem tão bem a minha boca quando os sugo. — Capaz, presumo que diria isso.

Me empurro para trás e fico em meus joelhos, posicionado entre suas pernas, e levo minha mão para trás da calça, puxando minha machadinha de caça. Toco com delicadeza a sua pele com a ponta da lâmina, subindo lentamente por sua barriga.

— Alan... o que... — Ela se engasga, segurando a respiração quando corto o laço da frente do robe. O empurro e afasto o tecido com cuidado, descobrindo de vez seu corpo quando rasgo com a machadinha indígena a lateral do pano, o cortando até não restar nada mais que um trapo embaixo do corpo dela.

— Perfeita — sussurro, me mantendo concentrado na pele nua de Selina, a admirando, sabendo que meu corpo me castiga a cada maldito segundo, sentindo falta dela.

— Seu tarado de *mierda*!

— Vou usar o resto dos trapos que sobrou para amarrar sua boca, se continuar me xingando, *chica*! — falo, reprimindo um riso quando o rosto dela se vira para o lado e cerra seus lábios.

— E depois vai me violentar, quem sabe me matar com esse machado... — Sua voz baixa me faz desviar meus olhos dos seus seios para seu rosto, e esmago meus dedos no cabo de pérola da machadinha. — Afinal, é um assassino, não é, mata as pessoas...

— Sim — a respondo, inalando o ar com força, soltando a machadinha no colchão. — E não, nunca lhe faria mal algum, pequena, jamais lhe tomaria à força e muito menos derramaria uma gota de seu sangue, Selina.

Repuxo o canto da boca, ficando taciturno, não desejando que fosse assim, que ela pensasse essas coisas de mim.

— Selina, não sou um monstro. Não para você, *chica*! — Minha voz muda, ficando baixa, tentando a fazer abaixar a guarda, saber que não sou um perigo para ela. — Apenas estou lhe protegendo...

— Solte-me, então. — Ela retorna sua cabeça para frente ao falar firme.

— Não! — rosno, me negando a soltá-la da amarra. — Não entende, não lhe amarrei para lhe castigar, mas sim para que não se fira. Tem ideia do que aconteceria com você se desse mais cinco passos para fora do quarto? Rolaria...

— 85 degraus. — Suas palavras me cortam, com ela falando séria. — Eu contei seus passos na noite passada. Minha audição ainda estava bagunçada e com um zumbido doloroso por conta da explosão e dos tiros, mas ontem consegui ouvir seus passos com mais nitidez. São 85 degraus em uma escada de ferro. Você dá mais 15 passos quando termina de descer a escada, até chegar à porta.

Fico em silêncio, a observando, olhando a Pequena Sereia deitada debaixo de mim. Sua cabeça se inclina para o lado e ela solta um baixo suspiro.

— Acho que nem seriam os degraus que me atrapalhariam para fugir. — Fico olhando-a, ouvindo sua voz baixinha que sai com tristeza. — Seria a localização. Escuto sua respiração quando sobe as escadas, ela está pesada, e não é por causa dos degraus, mas sim pela longa caminhada que faz até chegar aqui. Não estamos perto das moradias ou de qualquer pessoa que possa me ajudar. Ouço apenas gaivotas e o som das ondas se quebrando nos rochedos, além de sentir a fragrância forte da maresia, que foi o que me confirmou que estamos isolados, e eu não tenho ideia de onde estou e qual direção eu tomaria se saísse do quarto...

— O antigo farol desativado — falo sério, lhe contando onde ela está. — Na noite da tempestade, você ouviu o miado de Abóbora mesmo com o barulho da chuva forte, mas não ouviu Jacó entrar dentro da casa.

— A chuva, os mistos de barulhos e sons, isso machuca a minha audição, por não conseguir me concentrar. Os trovões estourando no céu bagunçaram meus sentidos, por isso não ouvi, e o cheiro forte da chuva com lama mascarou o odor dele.

— Com quantos anos aprendeu que sua audição era tão apurada, *chica*?

— Aos oito anos. O médico para o qual minha mãe me levava, me disse que eu tinha que aprender a viver com meus outros sentidos. Eu fingia que minha audição era um superpoder. — Ela sorri com tristeza. — Mas aos doze eu já tinha consciência que, na verdade, eram só meus sentidos ficando mais aguçados, como uma vantagem a mais do meu próprio corpo para compensar a cegueira. *Mi madre* dizia que era um dom, um dom dado por *Dios* para mim. Quando ficava muito insuportável ouvir tudo ao meu redor, com tanta intensidade, eu usava uns fones de ouvido com o radinho velho que *mi madre* me deu de presente...

Selina se cala, mordendo seus lábios, inalando o ar com força ao falar da mãe dela.

— Selina, não era para ter sofrido. — Respiro fundo e estico meu braço, tocando seu rosto quando vejo uma lágrima escorrer. — Jamais queria lhe causar dor, pequena. Não em você. Sei que sente, que me culpa, e não tiro seu direito...

— Não sabe o que eu sinto. Se soubesse, não diria que eu lhe culpo. — Ela funga baixo, falando rápido. — Eu perdi tudo, todos que amava... não sabe o que é isso.

— Sim, eu sei, *chica*! — respondo sério, esmagando meus lábios, sendo exatamente a última coisa que desejaria a alguém, principalmente a ela. — E lhe peço para que não sinta medo de mim, apenas preciso que fique segura até eu terminar o que vim fazer aqui.

— E depois? — ela pergunta rápido, inalando o ar com força. — Vai me deixar livre, livre para partir?

Não a respondo, me mantenho em silêncio. Não posso a deixar livre, não em Havana ou em qualquer outro lugar que alguém possa chegar até ela para se vingar quando eu acabar com Manolo e todos os putos que estão atrás de nós. Selina seria um alvo fácil, está marcada, e eu sei melhor do que ninguém que vingança é algo venenoso. Sempre terá alguém que virá cobrar essa dívida depois, assim como eu estou aqui para cobrar a morte do meu pai. Terei que a esconder, lhe dar um novo nome, uma nova vida em outro lugar, a mantendo segura e protegida, onde eu possa estar por perto para garantir sua segurança de longe, mesmo que ela me abomine pelo resto da vida. Minha vingança tinha me trazido para Havana, mas também tinha

me ligado à Selina para sempre, pois qualquer coisa que lhe acontecer será por culpa minha.

— Alan, e depois?

— Preciso de um banho, depois lhe darei o que comer — falo breve, saindo de cima dela, caminhando até a porta e a trancando com a chave.

Entro no banheiro e fecho a porta, esmagando meus dedos na pia, enquanto observo minha face no espelho. Vejo a verdade em meus olhos.

Selina tinha se transformado em uma fraqueza.

A minha fraqueza.

Capítulo 18



A MALDIÇÃO DA SEREIA

ALAN SPENCER

— Não vai me obrigar a comer! — Selina esbraveja de forma teimosa, com raiva, e vira seu rosto novamente quando tento levar um pedaço de maçã à sua boca.

— Não? — pergunto sério, rosnando baixo ao encarar a mulher birrenta.

— Não! — ela fala com bravura, empinando seu nariz, enquanto respira fundo.

Jogo o pedaço de maçã que eu cortei na boca e caminho para os pés da cama, puxando de uma única vez a manta que tinha jogado sobre seu corpo, para lhe aquecer.

— ALAN! — ela grita e ergue sua cabeça quando a deixo nua. — Vai deixar eu morrer de frio agora, é isso?! Além de me amarrar?!

O colchão se afunda e a cama velha range quando subo por cima dela, trancando suas pernas entre as minhas quando a imobilizo com meus joelhos.

— Que pensa que está fazendo?! Me cobre!

— Abra a boca, Selina, e coma — falo sério, cortando a maçã lentamente em uma fatia fina com a machadinha. — E então lhe cobrirei.

— Pois morro congelada, porque enquanto estiver amarrada, eu não como! — A pequena teimosa, em corpo de mulher, responde com altivez.

— Frio será a última coisa que tenho em mente para fazer você sentir, *chica*. — Meus olhos percorrem as curvas volumosas dos seus seios redondos e empinados. — Agora irei pedir mais uma vez, seja uma boa menina e me obedeça, não vou lhe soltar enquanto não tiver certeza de que não tentará fugir novamente.

— Não vou fugir — diz baixinho, mordendo o canto da boca.

— É uma péssima mentirosa, *chica*! — Rio, rolando a machadinha em meus dedos, batendo com a lâmina deitada de lado no bico do seu seio, a fazendo soltar um gritinho com o contato frio do material em sua pele quente.

— Oh, seu boçal! O que pensa que está fazendo... — O pequeno corpo se debate e ela repuxa seu braço, fazendo a cabeceira velha estalar.

— Vou pedir mais uma vez, apenas mais uma vez, e se não me obedecer irá comer do meu modo.

Selina esmaga sua boca, a cerrando em resposta, enquanto nega com a cabeça e vira seu rosto para o lado.

— Ok, se é do meu modo que prefere... — Tombo meu rosto e observo com atenção o sobe e desce gracioso dos seus seios ao respirar pelo nariz. — Não serei eu a lhe contrariar!

Escorrego a machadinha fria entre o vale dos seus seios e mantenho o aço deitado, cuidando para não deixar a lâmina tocar em sua pele. Sorrio lentamente e olho a pele de Selina se arrepiando pelo caminho que a lâmina deitada faz.

— O que está fazendo? — ela pergunta, nervosa, e aumenta o ritmo da sua respiração.

— Me lembrei que tenho algumas parcelas de uma dívida atrasada — falo calmo, deixando a maçã em cima da cama, ao lado da cintura dela, e segurando apenas o pedaço que eu cortei. — Se lembra quando lhe falei que iria te fazer gozar em meus dedos, em minha boca e no meu pau...

Meus olhos acompanham tudo, cada resposta silenciosa que seu corpo me dá ao meu toque quando levo minha mão até seu seio e circulo o bico com o pedaço de maçã.

— Alan... Alan, nem pense... — Selina morde sua boca quando me inclino sobre ela e mordisco lentamente seu bico, antes de o sugar como se fosse uma deliciosa fruta suculenta que enche meus lábios.

— Acho que desejo que goze para mim em mais um lugar, *chica*! — Seu corpo treme e ela respira mais rápido assim que solto seu seio, capturando o outro e o chupando com a mesma fome com a qual engoli o primeiro. — Coma a maçã, Selina, ou eu vou comer você.

— Não teria coragem de fazer uma coisa dessas comigo, seu cretino... Oh, *Diosss*!

Ela se torce na cama, choramingando, quando prendo o bico dos seus seios com meus dentes e o mordo lentamente.

— Alan! — ela sussurra meu nome, trocando o choro por um gemido baixo no segundo que resvalo minha língua pelo local que mordi, o acariciando. — Ohhh, céus!

Minha boca desliza por Selina e escorrego por seu pescoço, subindo lentamente por seu queixo e raspando meus dentes, parando meus lábios sobre os dela.

— Deveria ter comido a maçã, *chica*! — sussurro próximo à sua boca e tomo seus lábios com uma fome intensa, a qual apenas a Pequena Sereia consegue despertar em mim.

Selina geme e luta para não se dobrar durante o beijo, negando a se render. Solto a machadinha e levo minha mão entre nossos corpos, acariciando a palma da minha sobre sua boceta, a beijando com mais posse assim que meus dedos sentem a maciez dos seus pelos. Escorrego um dedo até a entrada do seu corpo e o empurro sem pressa, o que me faz congelar enquanto solto seus lábios, a olhando, com meu peito batendo acelerado assim que invado sua boceta.

— Está molhada — digo baixo e empurro mais fundo meu dedo, constatando que realmente o corpo de Selina está lubrificado, como um foguete arteiro pronto para a decolagem ao mais pequeno toque.

— N-não... eu... — Ela morde sua boca e joga seu pescoço para trás assim que começo a fodê-la, quando levo mais um dedo para dentro dela.

Meu peito inflama e se enche de ar a cada respiração, com o sangue nas minhas veias fluindo mais rápido, não conseguindo segurar o homem das cavernas dentro de mim, que se regozija ao saber que é o meu toque que desperta seu corpo pecaminoso.

— Quente e molhada como um vulcão, *chica* — sussurro e sorrio de forma perversa, lambendo em cima da veia que pulsa rápido em seu pescoço. — Que me faz desejar enfiar o cabo da minha machadinha dentro da sua boceta quente, lhe fodendo lentamente, apenas para que seu cheiro

fique para sempre nela. E enquanto estiver ainda mole pelo orgasmo, será o meu pau que se afundará em seu corpo, sendo lambuzado do mesmo modo que está deixando meus dedos, o que o fará se sentir fodidamente bem quando sua boceta o engolir. E apenas irei lhe foder rápido e forte, lhe dando novos orgasmos, até seu corpo ficar sem forças — murmuro o que desejo fazer com ela próximo à sua orelha, mordiscando a pontinha dela, ouvindo novos gemidos saindo dos lábios de Selina, aumentando o ritmo dos meus dedos dentro da sua vagina, que vai ficando ainda mais lubrificada.

— Consegue imaginar isso, Selina?! Porque eu consigo! — Fico com meu rosto pairando sobre sua face, enquanto uso a palma da minha mão para pressionar seu clitóris, o massageando. — Consigo me ver fazendo muitas coisas com esse corpo tentador, à minha mercê, com você amarrada nessa cama, completamente à minha disposição.

— Ohhhh, *Dios*, Alan... — Ela arqueia seu peito para cima quando empurro mais forte meus dedos, lhe fodendo sem parar.

Ergo minha mão e aproveito o rápido segundo que sua boca se abre, levando o pedaço de maçã para dentro dela e cobrindo seus lábios com os meus, a beijando com luxúria, antes de afastar minha boca e ficar de joelhos na cama, olhando meus dedos fodendo a boceta de Selina.

— Oh, sim, fodidamente eu posso me imaginar fazendo isso! — Minha voz rouca sai baixa e retiro meus dedos de dentro dela, os levando para meus lábios e os chupando.

— Alan, por favor... — Ela respira depressa e sua fala sai entrecortada ao passo que mastiga o pedaço. — Eu mudei de ideia, eu vou comer a maçã... Me dá a porcaria da maçã...

Rio e puxo minha camisa, a tirando do meu corpo e a jogando no chão, saindo de cima das suas pernas e usando meu joelho para afastá-las, ficando entre suas coxas, sendo enfeitiçado por seus olhos arteiros e belos.

— Alan... — Ela repuxa seu braço e morde sua boca quando meus dedos retornam para sua boceta. — *Dios*...

Selina vibra em resposta, flexionando suas pernas e afundando os calcanhares no colchão.

— A maçã, me dá a porcaria da maçã, eu vou comer. — Ela balança sua cabeça para os lados e geme, respirando rápido.

— Depois que eu comer sua boceta, você come a maçã. — Sorrio ao lhe responder, tendo meu pau duro, que lateja dentro da minha calça, concordando comigo.

— Oh, *hijo* da puta, te odeio... Ohhhh!!! — ela geme, ficando sem fôlego assim que levo minha outra mão ao seu seio e o massageio com meus dedos.

— Vou amar lhe ter me odiando desse jeito, *chica*! — Me inclino rapidamente, chupando seu outro mamilo e deslizando minha língua sobre ele, brincando com seu seio em meus lábios.

— *Dios*... — Ela vibra, tremendo, tendo o pequeno corpo exalando luxúria, respondendo a cada toque meu de forma intensa.

Endireito meu tronco e retorno minha completa atenção à boceta quente e molhada de Selina. Seguro minha machadinha quando solto seu seio, a rodando em minha mão e a virando, segurando o lado de aço, esfregando o cabo frio de pérolas brancas por sua barriga lentamente.

— Não ouse fazer isso, *marinero*! — Ela levanta apenas um pouco sua cabeça, sentindo o material gelado do cabo trilhando o curto caminho do seu abdômen e da sua pélvis. — Nem tente colar essa porc... OHHH, CRISTO!

Sua cabeça se afunda e se empurra para trás, com ela soltando um grito, com meus dedos entrando e saindo mais rápido e forte, lhe fodendo com a mesma intensidade com a qual meu pau vai se afundar dentro dela. Os puxo com calma, parando os movimentos e a vendo respirar descompassadamente, com suas pernas tremendo e os dedos da mão cravados no couro do cinto que lhe deixa contida. Meu anelar se posiciona sobre seu clitóris e o esfrego sem pressa, em círculos, o massageando.

— Alan... está fazendo isso de propósito — ela choraminga e tomba o rosto para o lado, mordendo sua boca enquanto lhe torturo, negando ao seu corpo o que ela precisa.

— Talvez! — Sorrio e passo o cabo da machadinha com lentidão sobre sua boceta, escorregando lento entre os lábios da sua vagina.

— Oh, *Dios*! — Ela se contrai e esmaga suas coxas na lateral do meu corpo quando empurro com cuidado o cabo de pérolas da machadinha, vendo-o ser engolido pelo interior de Selina.

A seguro pela lateral e garanto que não vai a machucar, deixando alguns centímetros distante entre sua boceta e a lâmina de aço. Continuo a torturando, circulando lentamente seu clitóris, enquanto movo a machadinha pouco a pouco, a puxando para fora e retornando a entrar dentro dela. Meu rosto se ergue e admiro a face delicada de Selina, completamente entregue à luxúria, com ela ficando sem fôlego a cada segundo que lhe fodo, fazendo eu me sentir mais dominante e possessivo ao corpo feminino que está queimando de prazer, lambuzando minha machadinha com seu cheiro e seus fluidos.

— Porra, *chica*! — rosno, baixo, e ranjo meus dentes. — Com toda certeza, a partir de agora, essa será a minha arma preferida.

Meu pau lateja, me condenando por estar doente de tanto tesão, com a porra das bolas inchadas, querendo logo ser ele a estar dentro dela. Mas controlo meus instintos e mantenho os movimentos lentos, a masturbando enquanto lhe fodo com o cabo de pérolas. Seus seios balançam a cada respirar de Selina, aumentando o ritmo que se movem com graciosidade, me fazendo admirar cada parte dela. Abaixo minha cabeça e olho sua boceta, com minhas narinas dilatando e inalando o cheiro de Selina, inflamando meus pulmões com tanta fúria e desejo por tomá-la, me fazendo pensar como poderia a ter assim para sempre. E a ideia que em qualquer outro momento me abominaria, ao pensar em me ligar a alguém, nesse quarto, agora, com Selina, causa outro sentimento, o de posse e desejo animalesco e selvagem. E a cada segundo vai crescendo, tomando uma proporção maior, aumentando meu tesão, por ter sido o primeiro homem a tocar nela e principalmente me fazendo querer ser o único.

— Alan... Alan... — ela fala meu nome com urgência e puxa meu braço com desespero, enquanto seu corpo treme e suas coxas apertam minha cintura.

Admiro com possessividade a beleza única que é vê-la chegar ao clímax, mordendo seus lábios, com seu peito se arqueando para cima, afundando seu quadril no colchão e gozando no cabo da machadinha. O

retiro de dentro de Selina com cuidado e uso o resto de controle que me resta, e assim que a machadinha está longe dela, a jogo para longe e abaixo a porcaria do zíper da minha calça com rapidez, prendendo meus dedos na lateral do corpo, os esmagando em minha mão quando ergo sua bunda do colchão, deixando da altura do meu quadril, a trazendo contra mim quando empurro meu corpo para frente, impulsionando meu pau de uma única vez para dentro da sua boceta.

— Ohhh, porra! — Jogo minha cabeça para trás e sinto o inferno de quente que ela se encontra, escorregadia e perfeita, me condenando a ser seu escravo pela eternidade apenas para sentir o paraíso que é estar dentro dela.

— Ohhh! — Selina geme alto, ainda tendo seu corpo convulsionando pelo primeiro orgasmo quando começo a foder com força, entrando e saindo de dentro dela, estourando meu quadril em seu corpo.

Meu pau se afunda, até estar por completo em sua boceta, sentindo as paredes internas inchadas, o esmagando entre elas, que estão em brasa. Minhas mãos escorregam pala lateral do seu corpo e se prendem em seu rabo, e a fodo denso, com pressão, causando o impacto da cabeceira na parede, que range mais alto a cada encontro dos nossos corpos. Minha cabeça retorna para ela e me perco nos movimentos dos seus seios, que balançam a cada penetração bruta.

Selina grita, gemendo mais alto, com seu corpo eufórico, completamente entregue, e deixa um sorriso arteiro nos lábios. E, nesse momento, nesse pequeno sorriso arteiro, com ela completamente entregue a mim, eu sou fisgado pela Sereia de vez, como um marinheiro amaldiçoado pela sereia que o puxa para as profundezas do oceano. Respiro forte e sinto meu coração bater tão rápido, como se fosse sair de dentro do meu peito, sabendo que ele caiu em uma armadilha, uma armadilha bela e doce, que tem um sorriso levado e corpo pecaminoso, que me prendeu a ela.

Meu corpo cai sobre o seu e beijo seus lábios, que me recebem com paixão, devolvendo o beijo com puro desejo, me tomando para ela, fodendo duplamente minha cabeça e meu raciocínio, me derrubando diante dela. Esmago mais forte meus dedos em seu rabo e movo meu quadril contra o seu, fodendo-a duro. Seus lábios inocentes me tragam, apagando meus

pensamentos e qualquer outra coisa que não seja ela. Sinto o exato momento que o novo orgasmo aplaca seu corpo, lhe consumindo, praticamente sendo torturado pelo aperto infernal que sua boceta faz em meu pau, o engolindo e o trancando dentro dela. Me movo com fúria, intensificando a investida, soltando seus lábios e cravando meus dentes em sua garganta, a chupando enquanto goza.

Selina explode como um pequeno vulcão entrando em erupção, me lambuzando com sua lava quente, e eu vou ao inferno, sentindo meu próprio gozo a caminho. Puxo meu pau para fora da sua boceta, precisando de um inferno de autocontrole para fazer isso. Me jogo para trás e fico em meus joelhos, masturbando meu pau com uma mão e deixando a outra em sua boceta, com meus dedos que voltaram para ela a fodendo tão rápido quanto antes. Sinto a energia que me estoura, me cortando de dentro para fora enquanto esfolo meu pau, desejando que fosse dentro dela que eu gozasse. Mantenho o ritmo dos meus dedos acelerados, saindo e entrando de dentro do seu corpo, e os jatos de porra explodem, caindo sobre seu ventre. Minha cabeça se joga para trás e um rugido rasga minha garganta, ao passo que gozo.

Meu coração quase pula para fora da boca, e meus dedos saem de dentro de Selina. Seguro em sua perna e sinto meu corpo todo ainda rígido pela intensidade que eu gozei. Quando meu rosto volta para frente, com meu fôlego disparado, fico com meus olhos presos na pequena cena sedutora com a qual ela me presenteia. Selina está totalmente exausta, e escorrega suas pernas moles no colchão, com sua pele suada e a barriga marcada pela minha porra, mas é nos lábios que me concentro, na pequena língua arteira que sai para fora da boca e passa na beiradinha dos lábios, capturando uma gota de sêmen que voou perto da sua boca. Ela a lambe, recolhendo sua língua, e dá um sorriso diabolicamente inocente, acorrentando de vez meu destino ao dela.

Eu estou fodido, condenado e amaldiçoado a nunca lhe deixar, porque nada nesse mundo poderá quebrar a maldição dessa Sereia.

Capítulo 19



LA LHORONA[38]

SELINA LOPEZ

— *Dios*, amo amora! — sussurro, fechando meus olhos e mastigando a pequena fruta.

Sentada em cima do que sobrou do meu robe, que foi jogado ao chão, solto um suspiro, relaxando meus ombros e sorrindo lentamente, tombando meu rosto para o lado. Ergo minha mão e puxo um pouco mais o xale grande que cobre minhas costas, tapando meus ombros desnudos.

— Tome, isso irá lhe sustentar ainda mais do que amoras. — O contato dos dedos de Alan se faz lentamente em meu pulso, e ele o segura com delicadeza, o virando até ter a palma da minha mão aberta.

Sinto a textura do que deva ser um pedaço de pão ou bolo macio e fofo em minha mão, mas meus sentidos estão focados no deslizar lento do toque do dedão, que escorrega sobre meu pulso. A respiração masculina é sugada com força de forma pesada, com um baixo ronrono saindo dos seus lábios, como se fosse um grande felino, o que faz meu coração disparar apenas com a simples carícia e o sangue das minhas veias bombardeando mais rápido, aumentando o ritmo do meu fôlego, e não consigo controlar o arrepio que percorre por todo meu corpo. Escuto seu baixo risinho entre sua respiração pesada.

— Coma, *chica,* precisa se alimentar. — A voz de Alan sai tranquila quando ele solta meu pulso e sua mão puxa um pouco mais o xale que me deu, cobrindo meu seio.

— Está me fazendo comer praticamente o dia todo, já estou empanturrada — falo apressada e viro minha cabeça para o lado, sentindo as bochechas do meu rosto arderem por saber que não consigo esconder essas reações que meu corpo tem perto dele.

— Coma o pão, Selina. — Como se fosse um rabugento velhote, Alan se mantém firme em sua ordem.

— Só vou comer mais esse pedaço de pão — digo, repuxando meu nariz. — E depois basta de me obrigar a comer.

Empino meu nariz, sendo firme em minha decisão, e puxo um pedaço do pão quando o rasgo e o levo à boca, o mastigando brava.

— Oh, *Dios*! — Lambo meus lábios enquanto solto um baixo gemido, sentindo o sabor forte de mel e canela que tem na massa, que se desmancha na boca, de tão macia que está.

— Está bom? — Ouço sua risada quando ele pergunta de forma cretina, caçoando de mim por estar praticamente enfiando de uma única vez o resto do pedaço de pão em meus lábios.

— *Sí, me gusta!*[39] — falo de boca cheia e ergo minha mão, tapando minha boca. — Tem mais?

Alan ri e segura meu pulso, depositando outro pedaço de pão na palma da minha mão. Escuto o som do seu corpo quando ele senta no chão, próximo de mim.

— Não pense que estou comendo porque me obrigou, *sí*?! — sussurro, reprimindo um sorriso e rasgando o pão, o dividindo. — Como porque realmente está gostoso...

— Tenho certeza que sim. O fato do seu estômago ter roncado como o motor de um carro foi apenas um pequeno detalhe — ele diz calmo, sendo debochado ao caçoar de mim. — Depois que terminar de se alimentar, pode vestir as roupas que lhe trouxe.

Viro meu rosto e seguro o pedaço de pão próximo à minha boca, mordendo o cantinho dos meus lábios.

— Onde as conseguiu? — pergunto séria, abaixando o pão lentamente dos meus dedos. — A comida também está fresca, de onde a trouxe?

— Faz perguntas demais, *chica*. — Ele ri e me dá uma resposta vaga, não respondendo nenhuma das minhas indagações.

— E você responde pouco. — Encolho meus ombros, falando a verdade.

— O que realmente quer saber, *chica*? — A voz de Alan não é mais risonha, e sim séria.

Encolho minhas pernas e me arrumo sentada no chão, segurando o pão com mais incerteza, sem saber se realmente tenho medo de perguntar ou de ele me responder.

— Quem realmente é você, Alan? — Tomo coragem e pergunto, inalando o ar e abaixando o pedaço de pão, o deixando ao lado da minha perna, em cima do retalho do tecido.

Por um segundo posso jurar que estou sozinha dentro do cômodo, já que não ouço sua respiração nem um movimento sequer. Puxo o ar com força novamente e me levanto lentamente, ficando de joelhos. Estico meu braço e me movo devagar com meus joelhos, procurando por ele. As pernas que se esticam na lateral do meu joelho, servem como um guia. Faço mais um movimento para frente e sinto a palma da minha mão tocar em seu peito. Seu coração está rápido, batendo acelerado, e abaixo minha bunda, sentando em minha panturrilha e subindo meus dedos lentamente por seu pescoço. A respiração quente e forte é solta no topo da minha cabeça, e a veia na lateral do seu pescoço está bombardeando forte o sangue. Posso sentir pelo toque ela pulsando. Levo meus dedos de mansinho e subo lentamente, até ter minha mão espalmada em seu rosto, o tocando com as pontas dos meus dedos quando contorno seus lábios, podendo perceber que ele está com a face retraída.

— Alan Spencer, tenho trinta e um anos, sou americano, filho de Stuart Spencer. — A voz séria dele sai grossa enquanto inala o ar com força. — Herdeiro da empresa Spencer, uma transportadora marítima.

Meus dedos tocam suas pálpebras fechadas e sobem para as sobrancelhas grossas, escorregando de mansinho pelo seu nariz.

— Órfão aos dezesseis, filho de um pai assassinado a sangue frio. — Não é o tom ríspido da sua voz que me conta sobre a escuridão que ele tem no coração, mas sim a respiração que se mantém forte. — Assassino de aluguel há tempo demais para saber a quantidade exata de quantos já matei. E por quinze anos, passei minha vida buscando apenas por uma coisa, uma pessoa.

Os dedos em minha cintura ficam mais rígidos, apertando com força, me puxando lentamente para mais perto dele.

— E foi minha busca que me trouxe para Havana. Vim aqui para resolver assuntos inacabados, *chica*. — Uma das minhas mãos se abaixa e se espalma em seu coração, sentindo seu peito subir e descer com força.

— *Busca venganza, asesino*[40] — murmuro com tristeza, abaixando meu rosto e mantendo minha mão em seu coração, finalmente sabendo o que trouxe Alan para cá.

— Busco paz, *chica*! — Sinto quando o movimento do seu peito para, quase como se fosse apenas uma parede de carne, sem vida dentro dela.

— *No. No* busca paz! — sussurro, negando com a cabeça. — Busca condenar sua alma ainda mais, *asesino.*

— Minha alma já é condenada, Selina. — Sinto sua mão acariciando minha bochecha. — Mas poderei dar um pouco de paz para aquele jovem garoto que viu seu pai ser morto, quando Manolo Sales não estiver mais vivo.

— Manolo... *Dios,* está atrás de Manolo Sales.

Agora compreendo porque ele arrumou briga no beco, porque estava junto com os filhos de Arruda. Alan queria chegar até o tio deles.

— Venha, quero te mostrar algo. — Ergo meu rosto, ficando confusa quando escuto o corpo dele se levantar. Ele segura minha mão e me ajuda a ficar de pé.

Me levanto lenta, arrumando o xale em meus ombros, e quando ele solta meu braço, ouço seus passos pelo quarto antes dele retornar em instantes para mim.

— Se segura. — Sua voz é firme ao falar ao meu lado.

— O que...

Antes mesmo que possa terminar a pergunta, meu corpo está sendo tirado do chão, com os braços de Alan passando por baixo dos meus joelhos, me pegando no colo e me deixando sentir o contato da minha pele com seu tórax nu.

— Que isso? — pergunto, rindo, quando meu rosto se inclina para o lado, para repousar em seu ombro quando enlaço seu pescoço, mas encontro um tecido macio e grosso.

— Iremos precisar para onde vamos. — Ele começa a se mover, andando lentamente na direção da porta.

— Vai me tirar do quarto? — questiono, animada, respirando depressa.

— *Miauuu*! — O miado do meu gato me faz rir, chamando a minha atenção para onde vem o som dele.

— Abóbora, seu trapaceiro, por que não ficou comigo no quarto? — falo rindo, ouvindo seus miados ficarem mais altos. — Traidor, me abandonou na mão dele por conta de latas de peixe? — indago, sentindo o cheiro de sardinha enlatada quando Alan caminha, dando cinco passos para frente.

— Alimentou meu gato, *asesino* — falo baixinho e dou um sorriso de lado. — Acho que alguém gosta de Abóbora.

Rio, o provocando, ganhando uma bufada no topo da minha cabeça e um aperto forte em minhas coxas.

— Nem por um minuto — Alan responde rápido. — Apenas o alimentei porque ele é gordo e preguiçoso demais para ir caçar sua própria comida.

— Viu, mais um motivo para me fazer acreditar que gosta dele. — Alan dá outra bufada mais forte, e viro meu rosto, escondendo minha face em seu pescoço, rindo da respiração brava dele. — Se preocupou com ele.

— Não gosto de baratas, e mesmo assim as alimento quando derrubo farelo no chão — ele fala ríspido, ficando com seu corpo rígido. — Não se mexa e segure firme, vamos descer.

Fico quietinha em seu colo, ouvindo sua respiração pesada, com ele me segurando mais forte, colando meu corpo a ele. E é isso que faço, me mantenho aninhada em seus braços, enquanto ele desce degrau por degrau. Meu rosto apenas desencosta de Alan quando sinto o vento bater em minha face. Imagino que ele tenha saído de dentro do farol, já que sinto arrepios em meu corpo com a brisa fresca. E a cada passo que ele vai dando, mais

forte o som das ondas vai ficando. Inalo forte o ar e encho meus pulmões com o aroma de maresia.

— Me deixe pegar isso — ele fala, parando de andar e puxando lentamente o pano macio de textura grossa que está em seu ombro, o retirando de lá.

Ele volta a caminhar, andando lento, enquanto me mantenho concentrada nos sons ao nosso redor. Ainda não consigo saber com exatidão onde estamos. Próximo ao mar, tenho certeza apenas disso, já que fora os barulhos das ondas não ouço mais nada. Porém, não demora para descobrir quando ele me abaixa, deixando-me de pé à sua frente.

— Ohhhh... — Meus lábios se abrem enquanto seguro firme suas mãos, sentindo meu coração disparado, tendo os meus pés molhados, com as ondas acertando minha perna. — Estamos no mar...

Rio e abaixo minha cabeça, afundando os dedos dos meus pés na areia, dentro da água, rindo enquanto sinto as ondinhas passando pela gente.

— Oh, *Dios*, estou no mar... Estou... — Sorrio e tombo meu rosto, sentindo as lágrimas rolando por minha face.

O mar é uma das últimas lembranças que eu tenho de quando enxergava. Lembro que amava brincar na areia da praia, pulando ondinhas, de sentir a água salgada em meu corpo. Mas *mi madre* nunca mais me trouxe para praia depois que perdi a visão, e os anos foram passando e eu nunca mais retornei. Zapata também tinha medo de me trazer, porque ele não sabia nadar, e Belinda, Belinda não gostava de sair de casa. Então eu apenas sentia a maresia, ouvia o som das ondas distante, nunca mais me aproximando do oceano, vivendo tão perto e ao mesmo tempo tão longe.

Solto uma das minhas mãos de Alan e viro lentamente, esticando meu braço ao lado do corpo quando me abaixo de mansinho.

— *Dios*... — Rio entre o choro, me sentindo como aquela pequena Selina criança, que se encantava com as ondas assim que elas se quebravam nas minhas mãos.

— Ainda é maravilhoso como antes? — Alan me pergunta, baixo.

— *Sí*, *sí*, muito maravilhoso — falo com voz de choro, me endireitando e esticando minha outra mão para ele, segurando seu braço. —

Você se lembrou, *marinero*?

Recordo da nossa conversa em uma das noites de temporal, quando lhe contei que tinha vindo para o mar apenas quando criança.

— Me deixe tirar isso. — Ele solta minha mão e retira o xale que cobre meu corpo.

— Alan... — Tento o puxar para que não o tire. — Alguém...

— Ninguém vai lhe ver, te asseguro, *chica.* — Meu corpo inteiro se arrepia ao sentir a água tocando minhas pernas. — Estamos isolados em uma praia pequena, atrás do farol, e a lua já está bem alta.

Sorrio, sentindo um misto de emoções. A sensação de depois de anos ter a pele tocada pelo mar, ficar nua na praia, tudo novo e ao mesmo tempo mágico...

— Não se mexa — Alan fala sério em tom de comando, enquanto solta meus dedos e me faz virar meu rosto com medo quando ele me deixa sozinha.

Meu coração bate disparado, e o som do oceano vai ficando mais forte, fazendo eu sentir como se tivesse apenas eu dentro dele. Minha mente lembra da vastidão dele, da imensidão azul que brilhava com o sol forte, como a lua ficava bonita quando batia sua luz nas águas, o iluminando.

— Se segura, Sereia. — Viro meu rosto quando sua voz grossa sai alta.

— Alannn! — Rio e dou um gritinho alto depois do susto, quando meu corpo é erguido de uma única vez por ele. Meus braços se agarram em seu pescoço e respiro depressa.

— Vamos descobrir se suas escamas brilham quando a luz da lua toca sua pele no mar, Sereia.


OCEANO
PROFUNDO
Caroline Andrade
Autora de Romances Multiculturais



A água salgada escorre pelo meu corpo enquanto rio feito uma criança que tinha brincado como um peixe, que há muitos anos não se divertia tanto, quando ele me deposita sobre um pano seco depois do banho de mar.

— Roubou essa colcha também, igual a comida e o xale, *marinero*? — pergunto, rindo, e empurro meus cabelos para trás, quando me deito sobre a colcha.

— Não, essa não — ele fala debochado, me pegando rápido em um ataque de tubarão quando seu corpo cobre o meu, mordendo meu queixo. — Estava em um armário embaixo das escadas, devia pertencer ao faroleiro.

— Faroleira — o corrijo, negando com a cabeça. — Era uma *mujer* que cuidava do farol.

Ergo minha mão e toco sua face molhada, sentindo as gotas que escorrem do corpo dele e caem sobre mim.

— *La Lhorona* — murmuro, lembrando da história da mulher solitária que passava seus dias no farol. — Ela virou uma lenda antiga para os outros, um fantasma que nas noites de lua cheia desce pela colina e para perto do desfiladeiro. Alguns dizem que se ficar em completo silêncio, é possível ouvir ela cantando *La Lhorona*.

Fecho meus olhos e escuto as ondas do mar, me lembrando da história triste de Amélia.

— Por que ela canta essa música?

— Para seu companheiro. Amélia e seu marido moravam no farol. Ela cuidava dele, enquanto seu esposo trabalhava embarcado em navios de pesca. Essa era a música preferida dele, então ele pedia para ela cantar quando a saudade fosse muito grande, assim o mar levaria a canção até ele — falo baixo, ouvindo o som da noite. — E ela cantava. Dizem que quando

ela cantava, passavam alguns dias e ele retornava, como se o próprio mar avisasse ao pescador que a esposa dele estava com saudade. Eu sei que no fundo ela devia apenas saber quando ele estava para desembarcar, mas ainda prefiro acreditar que o mar realmente levava a canção para ele.

Eu sei que é tolo acreditar nisso, mas meu coração acha romântico.

— O que houve com ela para ter virado lenda? — O corpo de Alan sai de cima de mim e ele se deita ao meu lado, me puxando para perto dele e passando seu braço por baixo da minha cabeça.

— Um dia, seu esposo partiu, embarcou no navio, e quando chegou o momento de ela cantar, pois semanas se passaram, ela fielmente foi, cantou para o mar levar sua saudade até seu marido, para que ele retornasse. — Fecho meus olhos e sinto os dedos de Alan brincando em meus cabelos. — *Pero*, os dias se seguiram e seu marido não retornou à terra firme. Amélia continuou a cantar com mais força, com mais desejo, e todos os dias durante um mês ela cantou, até que em uma manhã avisaram que o navio explodiu em alto-mar e ninguém tinha sobrevivido, que acharam apenas os destroços. E mesmo sabendo da morte do seu marido, Amélia continuou a cantar, como clemência, para o mar lhe devolver seu esposo. Diziam que era a voz mais triste e sofrida que já se foi ouvida. Uma noite, ela saiu para cantar, mas falam que não foi a voz dela que foi ouvida, e sim de um *hombre* cantando *La Lhorona*. *Mi madre* contava que a lenda diz que de tanto que Amélia implorou para o mar levar sua saudade ao seu marido morto, o oceano o trouxe das suas profundezas, para os dois ficarem juntos.

— Ela se matou — Alan fala sério, inalando o ar lentamente.

— *Sí,* se jogou do precipício — cochicho, espalmando minhas mãos em seu peito. — Mas como a história da canção de saudade, eu também prefiro acreditar que o mar o trouxe para ela, para os dois ficarem juntos.

Viro meu corpo para o outro lado e sinto a lateral das suas pernas raspar nas minhas nádegas.

— O povo besta acabou ficando com medo, dizendo que o farol era assombrado, e ninguém aceitou vir trabalhar de faroleiro aqui, achando que *La Lhorona* iria aparecer para eles. — Fecho meus olhos e solto um suspiro.

— Com o tempo, o lugar foi se destruindo, ficando abandonado, e eles construíram outro farol, largando esse.

— E devo presumir que nem todos da cidade ficaram com medo. — Rio e encolho meus ombros quando ele se move, parando seu rosto perto do meu ouvido e mordiscando minha orelha. — Uma arteira Sereia não tem medo de fantasma.

— Oh, claro que não! — Dou de ombros, rindo. — Sou cega, não posso ser assustada por uma assombração, seria perda de tempo dela.

Alan solta uma estrondosa gargalhada e espalma sua mão em minhas costas enquanto ri de um jeito que nunca o ouvi, uma risada leve e despreocupada.

— E você, *asesino*? — Me apoio nos meus cotovelos e viro meu rosto para o lado quando fico alavancada apenas um pouco. — Com toda certeza não deve ter medo de nada.

Alan para de rir, me deixando sentir o ar quente dos seus lábios que é solto a poucos centímetros da minha face.

— Até algum tempo atrás eu jurava que não tinha nenhum. — Ele inala o ar com força e muda o tom de voz, ficando sério.

— Medo, sério? — pergunto, confusa, não imaginando alguma coisa que tenha o poder de amedrontá-lo. — Medo do quê?

Só que Alan não me responde, ao invés disso ele me desconcerta quando me beija com tanta intensidade, segurando meus cabelos em suas mãos. É como se ele estivesse sugando minha alma para dentro dele, de tão dominador que é o seu beijo, nublando minha mente e me fazendo esquecer do que lhe perguntei. Sua boca solta meus lábios e escorrega por meus ombros, os beijando com lentidão, raspando seus dentes na minha clavícula. Estou tão capturada pela forma que ele me domina, que nem percebo quando seu corpo está sobre o meu, me engaiolando debaixo dele.

— Ohhh!!!

Inalo o ar com força e sinto minha respiração acelerando, os pelos da minha nuca se arrepiando quando o beijo dele é depositado em minhas costas, com suas mãos alisando a lateral do meu corpo e ele se abaixando lentamente.

— Alan... o que... — Abro minha boca, sendo pega de surpresa por suas mãos quando elas se agarram em minha bunda e ele beija a curva da minha coluna.

Seu corpo volta sobre o meu, bagunçando meus sentidos, que não sabem no que se concentrar, se na respiração quente perto do meu ouvido, nos músculos do tórax esmagando minhas costas, ou no seu pau, que está se esfregando entre as dobras da minha bunda. A mão dele escorrega por meu pescoço, o segurando enquanto me causa tremores e arrepios a cada beijo que Alan dá na minha nuca, esfregando seu nariz em meus cabelos.

— *Dios...* — Fecho meus olhos, com minha boca se mordendo, sentindo meu corpo ficando agitado a cada segundo, como se não tivesse tido o suficiente.

— Abaixe os cotovelos, Sereia. — Meu corpo obedece à sua ordem, como se fosse a coisa mais natural fazer o que ele pede.

Ele sai de cima de mim e segura meu quadril, o alavancando para cima e o deixando empinado. Respiro mais rápido e sinto tudo: o ar tocar minha pele, que está em brasa, o som das nossas respirações se misturando como os das ondas, a textura grossa do pano, a areia abaixo dele, cada coisa ao nosso redor, como se me ligasse a esse momento. Ele beija novamente a curva da minha coluna, me causando arrepios ainda mais intensos, ao ponto de fazer os bicos dos meus seios ficarem doloridos. Mas é a língua dele que no fim ganha minha total atenção quando desliza sem pressa para minhas nádegas, com as mãos dele segurando uma banda de cada lado e as afastando.

— Ohhh...

Minha testa se cola à colcha, enquanto respiro rápido, com meus dedos se esmagando nela assim que o toque frio se faz em um local do meu corpo que nunca pensei que podia ser tocado por alguém. E minha mente está entrando em parafuso outra vez, não conseguindo julgar se o que ele faz comigo é certo ou errado, porque tudo que ele me faz sentir é único, perverso e tão correto em meu íntimo, que fico perdida. Meu cérebro diz uma coisa e meu corpo responde outra. Ele havia me fodido com o cabo da sua machadinha, e meu corpo o respondeu com pura luxúria, com uma falta de inibição que eu nunca senti na minha vida, sendo arrastada para o

turbilhão de sensações pecaminosas e prazerosas que Alan me faz sentir. E o mesmo está acontecendo agora, meu cérebro grita em alerta, dizendo que não é um local apropriado para ser tocada, só que meu corpo se mantém curioso, reagindo ao toque da língua que lambe meu ânus, fazendo o proibido ser tentador demais para resistir. E me perco de vez quando seu dedo escorrega para dentro da minha boceta, com ele soltando um baixo rosnado enquanto me chupa. E como um tubarão, ele me ataca e crava seus dentes em minha bunda, a mordendo, antes de retornar a cobrir meu corpo com o dele.

— Abra a boca, *chica* — ele murmura firme em comando em meu ouvido, e obedeço, tendo meus lábios sendo invadidos pelos seus dedos que estão dentro da minha vagina. — Sinta seu sabor, sinta como é doce e perfeita.

Ele beija meu ombro e raspa seu rosto em meus cabelos, os farejando como um animal.

— Tão molhada, Sereia, que me faz querer ficar enterrado dentro do seu corpo. — Meus olhos se fecham e sou destruída pela voz masculina que me conduz à minha ruína, causando tanto estrago em minha mente. — Quero enterrar meu pau dentro da sua boceta, Selina, a sentindo inchada, quente e molhada, a fazendo o lambuzar por inteiro, mas não será dentro dela que ele vai ficar.

Alan apoia sua cabeça em minha nuca, entre meus cabelos, e me deixa sentir sua respiração pesada, enquanto minha boca chupa mais forte seus dedos.

— Mas sim dentro desse redondo rabo carnudo, que o vai tomar lento, o esmagando forte, tão quente e apertado quanto sua boceta, minha Sereia. — Minha mente está a mil, assim como meu corpo, presa na hipnose que o som da voz dele me causa, falando o que deseja fazer comigo, e não o recuso nem nego, é quase como se estivesse enfeitiçada. — Vai me deixar foder seu rabo, *chica*, o comer lento, de um jeito que lhe fará me sentir tão fundo, como se seu corpo e o meu fossem um só.

— *Dios*... — gemo, abafando meus sons em seus dedos, com minha saliva escorrendo por minha boca no segundo que a cabeça do seu pau se encaixa na entrada da minha vagina.

— Vai ser minha, *chica*... — Alan fala com o tom mais rouco e a voz embargada de luxúria, me condenando a me afogar no mar de desejos e prazer que ele me arrasta. — Só minha?

— Oh, *Dios, sí*... — falo e solto seus dedos quando a cabeça do seu pau se empurra para dentro do meu corpo, tendo ainda mais noção de como estou sensível, o sentindo por inteiro. — *Es solo tuyo*[41] — balbucio entre os gemidos, com meu corpo sendo consumido pela angústia, prazer e pecado, com ele se movendo lento, entrando e saindo do meu corpo.

Seu rosnado é alto quando as palavras saem da minha boca, e espalma sua mão na lateral do meu corpo, acelerando as investidas do seu pau dentro da minha vagina. Ele retira seu pau de dentro de mim e puxa seu quadril para trás, alavancando seu tronco, passeando sua mão sobre minhas costas e trilhando um caminho lento, a infiltrando entre seu quadril e minha bunda. Seus dedos se afundam na minha boceta e se arrastam pelo caminho que veio, até o esfregar lento no meu ânus. Sinto a umidade, a respiração pesada dele, assim como a minha, que está descompassada, com meu corpo completamente imóvel pelo medo, pelo desejo de sentir tudo que ele faz comigo. Me retraio e fico assustada quando a cabeça do seu pau se posiciona na entrada do meu corpo, entre minha bunda, e ele empurra lento, forçando sua passagem.

— Alan...

Minha voz é fraca quando digo seu nome, e sinto uma pontada de dor aguda que me faz esmagar mais forte meus dedos na colcha, quando seu pau se empurra com mais pressão. Ele congela e fica estático, usando sua mão para acariciar minhas costas, descendo lento pela lateral, apenas para raspar as pontas dos seus dedos no meu seio.

— Lento, Sereia — sussurra com rouquidão, tendo seu tórax colado novamente sobre minhas costas. Seu beijo é provocativo em meu ombro, subindo lento por minha orelha.

Para sua mão em meu pescoço e vira meu rosto para ele, roubando meu fôlego com seu beijo sedutor. Sua outra mão para sobre a minha e embrenha seus dedos entre os meus, os prendendo forte. Meu corpo silencia minha mente, se perdendo em seus beijos, na carícia dos seus dedos em meu pescoço, enquanto sinto meu corpo ir relaxando outra vez. Seu quadril

se empurra novamente e o investe contra mim, me fazendo querer chorar entre dor, prazer e medo a cada centímetro que ele vai entrando dentro de mim. E sinto as lágrimas rolarem por minha bochecha, querendo gritar para que ele pare, mas ao mesmo tempo implorar para que continue. Estou presa na montanha-russa de dor, que sinto ao tê-lo invadindo minha bunda, e prazer, com os beijos que ele me dá. Alan empurra mais fundo, parando apenas quando posso o sentir completamente dentro de mim. A dor continua, assim como a angústia e a euforia. Ele solta meus lábios e beija meu ombro, lambendo minha orelha, mantendo seu quadril colado ao meu rabo, o esmagando abaixo dele, com seu pau fodidamente fundo dentro de mim.

— Caralho! — ele rosna, com sua face colada em meus cabelos, inalando o ar com força. — Se achei que sua boceta me estrangula, seu rabo quente me esfola, *chica*!

Ele beija meus cabelos, mantendo a carícia da sua mão em meu pescoço, se movendo lento, me fazendo gritar quando a dor aguda fica mais intensa. Seu quadril congela outra vez, não se mexendo quando ouve meu grito. Ele esfrega a ponta do seu nariz em meus cabelos e respira com força. Sua mão em minha garganta se solta, parando em minha cintura, com ele me abraçando.

— Oh, porra, Selina! — ele geme, geme forte quando tenta levantar um pouco meu quadril, me deixando empinada para ele. As paredes internas do meu ânus automaticamente se retraem, o prendendo fundo em mim, com medo de que ele se mova. — Vai me matar se fizer isso novamente, *chica*... — Ele ri baixinho e beija meu ombro. — Não vou durar dois segundos se não parar.

Não entendo o que ele está falando, e muito menos o que estou fazendo, mas antes mesmo que possa lhe perguntar, meu corpo se desliga do meu cérebro, ficando preso nos movimentos giratórios que seu dedo faz em cima do meu clitóris. Sinto minha boceta se retrair, ficando mais úmida, e gemo quando a boca dele morde minha garganta, a lambendo. E quando dou por mim, estou sendo jogada em um misto de prazer e dor, sentindo com extrema intensidade tudo: seu quadril se movendo, seu pau me fodendo lento e ele mantendo seus dedos em minha vagina, causando novas

ondas de prazer, medo e dor. Cada vez que ele me toca, descubro novas emoções, e me entrego, sentindo tudo, todas elas, me negando a perder alguma.

— Minha Sereia, minha... — Alan fala entre os gemidos roucos dele.

Minha face se vira e sinto sua boca pegar a minha para ele, me beijando com paixão, com tanta intensidade que meu corpo inteiro se contrai. Seu quadril se move mais fundo, e ele me toma por inteira. Ele tinha razão, o posso sentir tão fundo dentro de mim, como se eu e ele fôssemos um só. Aqui, agora, tendo o mar como testemunha e a areia da praia abaixo da manta, Alan e eu tínhamos nos tornado um só. A dor do meu corpo vai ficando distante, tendo apenas o prazer e a euforia aumentando com a massagem rápida que seus dedos fazem em minha vagina. E a sensação da ardência, a queimadura das peles se chocando por dentro a cada entre sai, vai se mesclando até se tornarem fogo.

— Ohhhhhh! — Meu rosto tomba na colcha e sinto a energia elétrica que me corta, gritando a plenos pulmões quando a sensação de queda vai me atingindo, com meu cérebro explodindo, sentindo meu corpo todo se tremendo.

— Porra! — Alan esmaga minha cintura com sua mão enquanto gozo, e ouço o rugido dele, sentindo seu corpo tremendo junto comigo, como se compartilhasse a eletricidade que rasga minha alma.

E enquanto meu corpo se treme abaixo dele e mordo meus lábios, me sinto mais quente por dentro, mais melada, completamente cheia. O aperto dos meus dedos relaxa na colcha e estico meus braços molengas, sentindo Alan em cima de mim, com seus cotovelos apoiados na lateral do meu corpo, respirando tão sem fôlego quanto eu, com seu coração disparado, colado em minhas costas. Fico em silêncio e ouço o som do mar, das ondas, e sinto a brisa tocar nossas peles, tendo não só o coração disparado por seus toques e pelo que acabou de fazer comigo, mas sim pelo que ele me conta entre suas batidas descompassadas.

Sim, eu serei só de Alan. Só sua. Porque é isso que eu serei, apenas dele, mesmo quando ele não estiver mais aqui, mesmo quando partir. Eu serei dele, e sobreviverei de lembranças, das memórias que ele me dá a cada

vez que me toca. E, ao fim, meu destino será como o da *La Lhorona*, viver apenas para chorar a saudade de um único homem, meu único homem.

Capítulo 20



2X2

ROB SALES

— *Infierno!* — Rob rosna com raiva, encarando Tobias, que sai da porta da casa e caminha lento quando a fecha pela varanda.

— Calma, estou indo — Tobias fala e ergue suas mãos, enquanto recebe um olhar de impaciência do seu irmão.

— Calma *el carajo*[42], senta logo a porra dessa sua bunda inútil dentro do carro! — Rob o fuzila com o olhar, se sentindo a um passo de estrangular o puto do seu irmão.

— Relaxa, estou entrando — ele fala com aborrecimento, por seu irmão ficar o apressando.

O corpo de Tobias estoura com suas costas na lateria do carro quando seu irmão o puxa pelo colarinho, rosnando feito um cão a centímetros do seu rosto.

— Relaxa? — Ele estreita seu olhar, fazendo Tobias se encolher de medo diante da sua fúria. — Não tem ideia do que está acontecendo, não é, do que está em jogo?!

— Rob...

— *CÁLLATE*! — Tobias tem suas palavras cortadas, fechando os olhos em dor quando seu irmão o empurra contra o carro com força novamente, o mantendo preso pela camisa. — Estou a um passo de me foder por culpa sua, pela sua burrice. Como acha que Manolo irá receber a notícia que até agora ninguém encontrou o *hijo* da puta e a cadela dele?!

— Eu sinto muito, está legal?! Acha mesmo que queria que essa porra toda estivesse acontecendo? Acha que pensei...

— *No,* é burro e não pensa. Esse é seu problema, Tobias.

Rob o solta, negando com a cabeça e esfregando seu rosto, sabendo que está fodido a cada hora que passa e não tem nenhum maldito paradeiro do verme que eles estão caçando.

— Estou farto de sempre ter que limpar suas merdas. Um dia vou cansar e lhe deixar se foder sozinho! — Os olhos de Tobias se arregalam quando seu irmão fala isso, o encarando com raiva. — E é isso que eu devia fazer agora, deixar seu rabo na mira do nosso tio.

— Rob, por favor, não faça isso... — Tobias, como sempre, implora clemência ao seu irmão, lhe dando o mesmo olhar que ele sempre lhe dava quando menino e se metia em encrenca, buscando no irmão mais velho um jeito de se safar.

Rob sente vontade de lhe socar a cara ele mesmo, até o fazer perder todos os dentes. Mas é seu *hermano*. O mesmo ventre que o gerou pariu o burro de Tobias, e se não fosse o amor fraternal que sente por ele, já teria o deixado por sua conta há muito tempo.

— É um *cabrón*. *Pero* é um *cabrón* com meu sangue. — Rob estica sua mão e bate em seu ombro. — Ande, entre no carro, quero passar no bar de Zapata antes da reunião com nosso tio.

— Mas por quê? Tio Manolo já mandou os homens dele passarem por lá, para esvaziar o estoque de bebida e o caixa.

— Não quero dinheiro nem bebida, e sim saber se tem câmeras naquele lixo — Rob responde seu irmão, o empurrando e o tirando da frente da porta do carro. — Talvez, se tiver muita sorte, possa achar alguma imagem desse *hijo* da puta e descobrir quem ele realmente é.

— Porra, como não pensei nisso! — Tobias diz, incrédulo, negando com a cabeça.

— Porque tem cérebro de lesma. — Rob entra no carro, o respondendo com raiva. — Anda, entra logo, *carajo*!

— Estou entrando — Tobias fala apressado, dando a volta, correndo, abrindo a porta do carona e sentando ao seu lado. — *Padre* realmente não vai? — ele pergunta ao olhar para a casa, antes de voltar seus olhos para a face do seu irmão.

— A porra do velho está completamente apagado! — ele responde a Tobias e acelera o carro. — Fodeu a noite toda com as putas dele, e encheu o cu de pinga.

— Velho de bosta...

Tobias tem seu corpo arremessado para frente quando Rob pisa no freio, assim que um pinguço atravessa a rua, levando a bebida à boca.

— *CARAJO!* — ele rosna com raiva, olhando o desgraçado que está cambaleando para trás, todo maltrapilho, com um chapéu furado e velho. — SAI DA FRENTE, VERME, NÃO QUERO SUJAR MEU CARRO COM VOCÊ!

O bêbado soluça, cambaleando, abrindo seus braços, com a cabeça abaixada, a movendo para os lados.

— *Lo siento!* — murmura com a voz arrastada, andando com as pernas trançando até perto da janela do carro. — *Siente lástima por un hombre miserable.*[43] — Ele estica sua mão suja para perto de Rob, mantendo a cabeça abaixada enquanto soluça. — *No daría dinero por un café, compadre...*[44]

— Oh, porra! — Tobias ergue a camisa e tapa seu nariz quando o fedor puro de destilada impregna o interior do veículo. — A única coisa que lhe daria é um banho, está fedendo, seu lixo!

Rob puxa a arma da cintura e aponta para o bêbado, que se afasta, pulando para trás.

— Se lhe ver de novo por aqui, a única coisa que terá é uma bala na sua testa. — O bêbado vira e caminha devagar, cambaleando enquanto leva a garrafa à boca, assobiando. — *Malparido!*

Rob rosna com raiva e recolhe a arma, acelerando o carro em seguida.



Alan Spencer

Meus dedos vão à cabeça e retiro o chapéu, endireitando meu corpo e olhando para os lados antes de me misturar aos arbustos, jogando a garrafa e o chapéu entre eles. A camisa velha que troquei com um mendigo,

ao lhe dar uma garrafa de rum, é descartada junto, enquanto subo o zíper do meu moletom e o fecho, erguendo o capuz para minha cabeça. Uso o mesmo esquema para me aproximar da casa que usei da outra vez, quando vim atrás de Tobias, mas dessa vez não fico dentro do forro da casa quando me esgueiro pelo telhado. Aperto o cronômetro do relógio em meu braço, que roubei em uma loja, para cronometrar o meu tempo de entrada e saída. Meus pés tocam o piso quando abaixo as escadas de acesso do sótão, entrando no segundo andar da casa. Retiro o revólver da cintura, encaixando a silenciadora nele, não fazendo barulho enquanto caminho. Meus olhos estudam o perímetro e ando direto para a porta do último quarto. Me encosto na parede e uso a ponta do revólver para abri-la, a empurrando lentamente.

O corpo rosado do leitão imenso, deitado em cima da cama, está apagado, completamente adormecido, usando uma ceroula vermelha. Abro a porta de vez e entro no quarto, vendo a mulher deitada na cama junto com ele, dormindo em cima da sua barriga. Mantenho minha mira na cama e ando lento para trás, até perto da porta entreaberta à esquerda. Estico meu pescoço e confiro se está vazio, antes de andar com calma para perto dos pés da cama, batendo a ponta da minha bota no pé da garota quando lhe dou um leve chute, deixando minha mira na cara gorda de Arruda. Ela ainda demora alguns segundos para abrir seus olhos, acordando no segundo chute. Sua face fica pálida quando seus olhos se fixam em mim. Faço um movimento de cabeça para ela, quando levo meus dedos à frente dos meus lábios, a mandando ficar calada. Ela pula do colchão e vai para o cantinho, entre a parede e a cama, ficando encolhida. Seu rosto tem um grande hematoma roxo em volta do olho, assim como o canto da sua boca está cortado. Levo meus olhos para o cinto no chão, me abaixando lento e o pegando em meus dedos. Dou um passo à frente e ergo meu braço, soltando uma rápida e única cintada certeira na barriga de Arruda.

— *CARAJOOO*! — ele grita com dor e se senta na cama, atordoado, esfregando a barriga, virando o rosto para o canto e olhando com ódio para a mulher.

Assobio, chamando a atenção dele, que gira seu rosto para frente na mesma hora, me encarando.

— *Hijo* da puta! — ele rosna, tentando rolar na cama, para esticar seu braço para debaixo do travesseiro.

O furo nas espumas, que abre um buraco no travesseiro quando atiro, o faz congelar, olhando para mim novamente.

— Jogue para cá, Arruda! — falo sério, abaixando minha mira para o meio das suas pernas, para que ele saiba onde será o próximo tiro.

— Vai morrer, *cabrón*. — Ele pega a arma escondida abaixo do travesseiro e a joga para mim. — Vai morrer antes mesmo que possa me fazer algum mal.

— Mas não vou te fazer mal. — Jogo o cinto para a garota, movendo minha cabeça na direção de Arruda. — O amarre — ordeno e a vejo se levantar às pressas, chorando, com seu corpo trêmulo.

— Nem pense em me tocar, cadela. — Ele ergue o braço na direção dela quando ela para do outro lado da cama. A mão de Arruda não chega a lhe encostar, já que o tiro acerta o meio da sua palma.

— *DIOSSSS*! — ele grita, segurando sua mão sangrando, enquanto respira depressa.

Ela pula para trás e solta um grito, chorando ainda mais, olhando para mim.

— Amarre-o! — Balanço minha arma entre ela e ele, e a garota faz o que ordeno, passando o cinto em volta dos pulsos dele.

— Quanto quer, quanto realmente quer para sair da minha casa, *hijo* da puta? — Ele ergue o rosto e me olha com dor, com sangue escorrendo em suas pernas e sua barriga por conta do ferimento de bala da sua mão. — Apenas diga seu preço!

— Saia! — Mantenho meus olhos nele quando dou uma ordem para a garota.

Ela passa correndo, fugindo pela porta do quarto, e os olhos de Arruda desviam dela, ficando presos nos meus.

— Devia aceitar a minha oferta, garoto, não tem ideia de quem somos...

— Levante. — Ele rosna, negando com a cabeça para os lados.

Movo a cabeça na direção da porta e balanço a arma na sua frente, parando minha mira na sua testa.

— Escolha. Vai andando ou eu te levo arrastado, deitado. — Disparo a poucos centímetros do seu rosto, acertando a cabeceira da cama quando movo meu braço para a esquerda. — Decida.

— Tem culhões, garoto, mas está morto.

Ele se levanta, rindo com amargura e balançando a cabeça para os lados, andando lento em minha direção. Dou um passo para o lado, para que ele passe, ficando atrás dele e colando a boca do silenciador em sua nuca.

— Morto, servirá de comida de peixe antes desse dia acabar.

— Cala a boca e caminha! — Desfiro uma coronhada em sua cabeça, falando baixo, o obrigando a continuar andando.

Arruda caminha pelo corredor inteiro, não me obedecendo, me amaldiçoando em espanhol enquanto balança a banha nojenta do seu corpo peludo.

— Meu irmão vai até o inferno para caçar você. Não tem ideia do que ele vai fazer com você, quando lhe pegar. — Seu corpo se vira para mim e fala com ódio quando paramos perto da escada. — E a cadela da sua cega, ele vai destroçar a vadia. Não acha que vai ficar vivo se me matar...

Ele ri, falando para mim, balançando seu corpo corpulento enquanto gargalha. Inclino meu rosto para o lado e abaixo o revólver, o encarando sério.

— Devia ter me ouvido e ter ficado com a boca fechada. — Meu pé já está se erguendo com força, e disparo um chute em sua barriga.

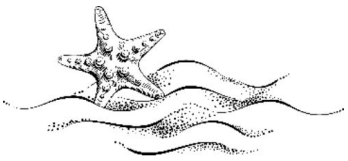
Fico parado e o olho rolar escada abaixo, feito uma grande bola de merda, até se esparramar no final dos degraus, gemendo com dor. Desço os degraus com calma, guardando o revólver na cintura. Piso em suas costas e ouço seu grito quando passo por cima dele. Me agacho e seguro seus cabelos, erguendo sua cabeça, e inclino meu rosto para o lado, vendo seu nariz quebrado, sangrando.

— Não serei eu que vou te matar, Arruda — falo calmo, encarando os olhos dele presos nos meus. — Mas vou igualar o placar. E quando seu

irmão vier atrás de mim, não precisará ir até o inferno para me caçar, pois foi exatamente de lá que eu vim, apenas para o encontrar e saldar uma velha dívida!

Pisco para ele e ergo minha mão, lhe mostrando dois dedos.

— 2x2! — Solto sua cabeça com força, a estourando no chão e ouvindo seu grito de dor.



Rob Sales

— É um burro de bosta, Tobias! — Rob rosna com raiva, virando o carro e entrando na rua da sua casa.

Ainda está puto, por conta de não ter encontrado nada de útil na porcaria do bar de Zapata. A lixeira nem sequer prestava para ter uma câmera. Se sente frustrado com a incompetência de todos, sentindo a corda ficar mais apertada em sua garganta, sem achar o desgraçado que matou seus homens. E como se já não estivesse fodido demais, ainda tem que lidar com a desgraça de ter um irmão burro, que só o atrasa.

— Juro que serei rápido, apenas preciso pegar meu celular no meu quarto. — Rob freia o carro com raiva, querendo socar a cara de Tobias com toda força.

— Deixa que pego essa merda de aparelho, antes que te mate, seu verme! — Rob abre a porta do carro e caminha com raiva, subindo os degraus da varanda e indo rumo à porta.

Ele leva a mão à fechadura, mas a porta não abre.

— Trancou a porra da porta? — Ele se vira para a única pessoa estúpida o suficiente para ter feito isso.

— Claro — Tobias fala prático, olhando seu irmão como se ele fosse um tolo por não fechar a porta.

— Somos os *carajos* dos Sales! — Rob ruge com ódio. — Quem acha que entraria em nossa casa, seu animal?!

Tobias se encolhe no assento, sabendo que seu irmão está bravo ao ponto de lhe socar a cara.

— Me dê a porra da chave, seu estúpido! — Rob estica seu braço com raiva, encarando o incompetente do irmão, que abre a porta do veículo e dá a volta no carro.

— Foi mal, eu pensei...

— Faz um favor para mim — Rob fala, rosnando, tirando a chave da mão de Tobias. — Para de pensar!

Ele leva a chave à fechadura da porta e a destranca, girando a maçaneta. O celular em seu bolso começa a tocar, e o pega em suas mãos, vendo o nome do seu tio na tela.

— Inferno! — Ergue a cabeça e abre um pedaço da porta, tendo seus olhos ficando presos na imagem de Arruda, que está na entrada da sala, com seu corpo nu pendurado por uma corda em sua cintura e outro pedaço na viga de madeira do forro aberto.

Os olhos do seu pai estão arregalados, enquanto se balança, movendo a cabeça para os lados, com a ceroula em sua boca, e na barriga dele, 2x2 está gravado direto na pele, com o sangue escorrendo. Os olhos de Rob desviam do seu pai para o fio no teto, vindo em direção à porta.

— Abre logo, preciso ir ao banheiro... — seu irmão fala apressado, o empurrando para sair de frente da porta.

— TOBIAS, NÃOOOO! — O grito de Rob é alto enquanto ele tenta segurar o irmão.

Mas Tobias já passa pela porta, a escancarando. Tudo é rápido, com o corpo de Rob sendo arremessado para fora da varanda com a bola de calor da bomba que é acionada no segundo que seu irmão abre a porta por inteira, jogando o corpo de Rob para perto do carro, com a casa explodindo em uma sequência de estouros, como dominós sendo abatidos.

— *Hermanoo*... — Rob tosse, levantando e olhando para a casa, tendo apenas destroços e labaredas de fogo a engolindo. — Não, não, Tobias!

Ele dá um passo à frente e abaixa sua cabeça. Seu rosto encara o que deve ser o braço do seu irmão caído perto dos seus pés. Rob cai de joelhos, o segurando em sua mão, enquanto sua mente tenta assimilar o que acabou de acontecer.

— AAAAAHHHHHHHHHHHHH! — O grito grotesco sai dos seus lábios quando ele joga a cabeça para trás, deixando todo ódio sair de dentro dele, ao passo que é rasgado pela sua dor e uma fúria infernal.

Capítulo 21



MINHA ESCOLHA

ALAN SPENCER

Abro a porta do quarto, entrando dentro dele e estourando a bola de goma de mascar, a qual estava mastigando. Encosto a porta e me viro rápido, abaixando o capuz do moletom. Assim que me viro, fico de frente para a cama, e meus olhos não encontram a Pequena Sereia com curvas femininas deitada nela, entre o lençol amarrotado, mas sim olhos frios e julgadores, que me encaram de forma infernal.

Eu sei exatamente o que fez.

Rosno baixo, repuxando meu nariz e girando meu rosto na direção da porta do banheiro, a vendo encostada, com uma fresta aberta e o som do chuveiro ligado.

— Alan? — A voz de Selina me chama de forma preocupada.

— Sou eu — respondo e retorno meus olhos para a cama.

Sou confrontado pelo gato que se mantém sério, com sua cara ranzinza, sentado no meio da cama, me encarando do mesmo jeito que fez na noite passada, quando voltei para o farol com ela adormecida em meus braços. O gato me condenou com seu olhar acusador, parado no primeiro degrau da escada, cravando seus grandes olhos felinos em mim, como se me dissesse:

Sei o que estava fazendo com a minha dona, seu cretino.

E agora sou julgado novamente pelo gato ordinário roliço, que me observa como se conhecesse cada pecado maldito da minha alma.

— Você é a criatura mais diabólica que conheço, sabia?! — rosno e abaixo o zíper do moletom, o tirando do meu corpo e o jogando sobre o braço de uma cadeira velha, ao canto da parede.

— O que disse? Não ouvi direito por causa do chuveiro... — Selina grita, me perguntando.

— Que já vou me juntar a você. — Sorrio para o gato e dou um sorriso de vitória para ele. — É, não é o único que pode entrar no banheiro quando ela está no banho.

— *Miauu!* — Ele mia em resposta, de forma arrogante, balançando sua cauda de um lado para o outro.

Se levanta, enquanto se espreguiça e estica todo seu corpo na cama. O gato gira lento, andando pelo colchão. Me abaixo e tiro meu coturno, os jogando para os lados junto com a meia. Ao erguer a cabeça, vejo a porcaria do gato parado em cima, justamente no travesseiro que usei para dormir, abrindo suas garras e as fechando, empurrando suas patas traseiras para trás, antes de se sentar de novo, mantendo seus olhos presos nos meus.

— Eu ainda vou te dar um tiro — murmuro com raiva para ele e aponto meu dedo em sua direção. — Se fizer qualquer coisa em cima desse travesseiro, juro que hoje eu te dou um tiro.

— *Miauuuuu!* — Ele gira sua cabeça para o lado, me ignorando e deitando de lado, em cima do meu travesseiro, balançando a longa cauda de um lado ao outro.

Retiro o revólver da cintura, junto com minha machadinha, e os deixo em cima da cômoda, jogando minha calça por cima quando a tiro. Ainda encaro o animal diabólico antes de andar rumo ao banheiro e empurrar a porta. A cortina de fumaça, pelo vapor da água quente, está espalhada no banheiro.

— Com quem estava conversando, *marinero*? — Selina pergunta, rindo, girando a cabeça na minha direção, passando a mão em seu ombro, com seu corpo nu embaixo do chuveiro.

— Apenas trocando algumas palavrinhas com o gato. — Meus olhos percorrem seu corpo, admirando a curva avolumada do seu rabo, que definitivamente é minha ruína.

— Oh, céus, não estava o ameaçando? — ela questiona, rindo.

— Talvez. — Fisgo a lateral da minha boca e inclino minha cabeça para trás, olhando na direção da cama pela porta aberta para o gato, que ainda está deitado em cima do travesseiro.

Abóbora se mantém sério, deitado em cima dele, com seu corpo roliço e preguiçoso de lado e sua cabeça peluda laranja virada para mim, com o mesmo olhar acusador que ele sempre me dá.

— Não confio nele — digo sério e levo dois dedos para meus olhos, movendo para ele. — Não pensa que esqueci o presente que deixou dentro da minha bota, gato!

A gargalhada alta e alegre da pequena risonha me faz voltar meus olhos para ela, com minha mente esquecendo meu peludo roliço inimigo. É uma visão perfeita, ver seu corpo nu embaixo do chuveiro, com a água escorrendo por sua pele.

— Saiu cedo, ou eu que dormi muito? — ela suspira, parando de rir, fechando a água do chuveiro e trazendo seus cabelos para frente, os apertando em seus dedos enquanto retira o excesso de água.

— Não, eu que saí cedo — a respondo, tirando a goma de mascar da boca e a jogando dentro do vaso sanitário, caminhando para ela antes que saia de lá. — Onde pensa que vai, Sereia...

Mordo seu ombro lentamente e seguro sua cintura, a puxando para perto de mim, a fazendo rir, se encolhendo e raspando os bicos molhados do seu peito em meu tórax.

— Vou me secar, já tomei meu banho... — Ela para de falar e ergue sua cabeça, repuxando o canto do nariz. — Que cheiro de bebida é esse? Andou se embriagando?

Ela retorce o nariz ao falar e gargalha, me estapeando para que eu a solte.

— Esbarrei em um bêbado na rua — minto e ligo o chuveiro, erguendo minha cabeça e deixando a água entrar na minha boca, a lavando, antes de cuspir. — Já comeu alguma coisa? — pergunto para ela, mudando o rumo da conversa.

— Acordei há pouco — ela fala e esfrega seu pé esquerdo em cima do pé direito. — Quis tomar um banho antes de ir me alimentar...

Pego o sabonete e o esfrego no meu rosto, o enxaguando na sequência, afastando meu rosto da água e olhando para ela, enquanto lavo

minhas mãos. Levo o sabonete para o corpo dela, o passando lento em cima das suas mamas.

— Alan, já me lavei. — Ela ri e tenta dar um passo para trás, mas a seguro pela cintura, não a deixando se afastar.

— E agora estou te lavando de novo — murmuro, não desviando meus olhos do seu corpo enquanto passo sabonete em sua barriga.

Meus olhos acompanham os movimentos dos meus dedos, a tocando com delicadeza, não lhe dizendo que o motivo de ensaboar seu corpo não é porque preciso aplacar essa necessidade constante que desenvolvi de estar tocando-a, mas sim para saber se eu tinha lhe causado algum machucado ou desconforto.

— Está com alguma dor? — pergunto baixo, escorregando minha mão para o meio das suas coxas e lavando a lateral das suas pernas.

— Não... — Ela ri baixinho, estapeando minha mão e encolhendo seu ombro quando mordisco sua orelha. — Estou bem, está legal?!

Esfrego a ponta do meu nariz na lateral do seu pescoço e afasto minha cabeça da dela, lhe virando lentamente, para que fique de costas para mim.

— Sério? — ela pergunta e vira sua face por cima do seu ombro.

— Sério — respondo e empurro seus cabelos para seu ombro, afastando das suas costas.

A ensaboo, percorrendo meus olhos por sua pele junto com minha mão. Seu pequeno corpo é um casulo de desejo, com ela soltando um baixo gemido e encostando sua cabeça em meu peito. Meu outro braço circula sua cintura e espalmo minha mão em sua barriga, acariciando enquanto desço minha outra mão por sua bunda, a lavando.

— Ok, talvez eu esteja um pouquinho assada... — sussurra quando deixo apenas um dedo deslizar entre seu rabo. — Mas, mesmo assim, não precisa ficar me verificando toda vez que me tocar... Posso parecer fraca, mas não sou, *marinero.* Eu aguento alguns músculos doloridos e um bumbum assado...

Sorrio e fecho meus olhos, apoiando meu queixo no topo da sua cabeça, rindo da sua voz dengosa.

— Vou dar um jeito de arrumar comprimidos para dor muscular e uma pomada para aliviar...

— Alan, não me machucou! — Ela nega com a cabeça, cortando minhas palavras. — Eu estou bem... — ela suspira e levanta sua mão sobre meu braço, em sua barriga, o acariciando com as pontas dos seus dedos. — Estou sensível, tendo mais nitidez de algumas partes do meu corpo, as quais eu não tinha muito conhecimento, mas estou bem, *marinero.*

Seu rosto vira e ela esfrega a bochecha em meu peito, ficando colada a mim. Respiro fundo e sinto todos os demônios, que estavam soltos essa manhã, se acalmando, ficando domados ao tê-la em meus braços. Sei que destruirei essa cidade, a explodindo por inteiro se for preciso, para lhe fazer ficar aqui para sempre, perto de mim, protegida e segura. Cada maldito desgraçado pagará por ter feito minha Pequena Sereia sofrer, causando dor no único coração puro que já cruzou meu caminho.

— O que estava fazendo, Alan? — ela pergunta baixinho.

A única coisa na qual sou bom: matando. Igualando o placar pelas duas pessoas que eles tiraram de Selina, por cada lágrima que escorreu da face dela, por cada dor que eles a infligiram. E é apenas o começo.

— Trabalhando — falo sério, não mentindo, mas também não dando detalhes que possam fazê-la sentir medo de mim.

Abro meus olhos e escuto a respiração dela ficar mais forte, com seu pequeno corpo se encolhendo.

— Selina...

— Venha, deixe-me te lavar agora — ela me corta e se afasta de mim, virando de mansinho e esticando sua mão, a abrindo. — Passe o sabonete para cá, está cheirando a gambá.

Ela ri, enquanto estudo sua face, vendo que está mudando o rumo da conversa. Entrego o sabonete para ela, não falando nada, segurando seu pulso lentamente, até sua mão estar em meu peito.

— Matou algum pobre mendigo também? — ela pergunta e ri de ladinho, repuxando seu nariz. — Porque, *Dios,* está fedendo como um...

— Não! — Rio e jogo minha cabeça para trás, ao ver sua face arteira. — O mendigo está vivo e feliz, tomando um rum de qualidade.

— *Gracias a Dios!* — Ela sorri e tomba seu rosto para o lado, ensaboando meu peito.

Fecho meus olhos e sinto sua mão deslizar por meu braço quando ela sobe seus dedos pelos meus ombros, os ensaboando.

— Sabe, estava pensando... Preciso ficar presa aqui por quanto tempo? — Abro meus olhos e encaro a face pequena, com a testa franzida, mordendo a lateral dos seus lábios. — Não que esteja reclamando sobre esse lance de Rapunzel, mas queria saber quanto tempo ainda vou ficar aqui.

— Ainda não tenho certeza de quantos dias, apenas que no momento esse é o local mais seguro para lhe manter protegida. — Ergo minha mão para seus ombros e empurro seus cabelos para trás, acariciando seu queixo. — É para sua segurança, *chica*.

Selina abaixa sua cabeça e fica em silêncio enquanto me ensaboa, passando sua mão para meu outro braço com delicadeza.

— E depois, o que pretende fazer quando tiver finalmente tido sua *venganza*? — Ela retorna sua mão para meu tórax e passa o sabonete em minha barriga, suspirando baixinho. — Quando se for de Havana...

— O mar. — Fecho meus olhos e tento fazer minha mente se concentrar em qualquer coisa que não seja nas pequenas mãos dela escorregando lentamente perto da minha pélvis, e como meu pau está curioso, desejando saber como seriam seus toques nele.

— Vai virar um pescador? — Ela ri e abaixa um pouco mais seus dedos.

— Talvez — respondo, inalando o ar com força. — Viverei no meu veleiro, passando mais tempo em alto-mar do que em terra.

— Como ele é? — Sua pergunta inocente se faz tão curiosa, nem percebendo como está deixando meu corpo agitado enquanto me ensaboa.

— Hades é confortável, um veleiro grande e valente — lhe respondo, obrigando minha mente a focar em Hades, e não na Pequena Sereia que me tem em suas mãos.

— Deve ser mágico. — Abro meus olhos e sou fisgado por ela, que tem sua cabeça erguida, falando risonha.

Os olhos prateados, como diamantes, me hipnotizam junto com o sorriso doce que ela dá de ladinho.

— Talvez eu fique por aqui — diz, rindo. — Sendo a nova faroleira. Já pensou? Todos achariam que eu sou a assombração de *La Lhorona*...

Seguro seu pulso, não suportando a ideia dela se afastar. Quando sua mão se recolhe, dou um passo à frente e me aproximo mais um pouco dela, tirando o sabonete dos seus dedos e abaixando minha cabeça até meus lábios estarem sobre os seus. A trago junto comigo para debaixo do chuveiro, deixando a água nos enxaguar das espumas do sabonete. Selina geme baixinho e suspira quando abraço suas costas, chocando meu quadril com o dela. Uso minha mão para segurar seu pulso, conduzindo sua mão até o meu pau. Seus dedos se abrem e se fecham rapidinho, com ela dando um risinho entre meus lábios, antes de me tocar de forma curiosa. Desligo o chuveiro e separo meus lábios dos dela, com meu pau tendo o sangue passando mais rápido por suas veias, ficando feito rocha a cada deslizar dos seus dedos da cabeça dele até a pélvis. Ela morde o cantinho da boca e dá um risinho tímido, erguendo sua outra mão e o segurando entre elas. Respiro pesado, fechando meus olhos e esmagando meus dedos em seu rabo, sentindo um prazer cretino me estourar pelo corpo inteiro.

— Isso é bom, sente prazer como eu sinto quando me toca? — A respiração quente de Selina acerta meu peito, enquanto se aproxima mais um pouquinho, com ela movendo sua mão sobre ele.

— Pra caralho, Sereia! — respondo e abaixo minhas mãos sobre a sua, a movendo lenta para baixo e subindo novamente até a cabeça do meu pau, apenas para repetir os toques de sobe e desce outra vez.

Estou ferrado, com minha mente dispersa e completamente concentrada em Selina, e sei que isso é um erro. Um erro que custará meu

controle, agindo por impulso, não raciocinando, tendo apenas o instinto de lhe proteger falando mais alto do que tudo.

— Alan, acha que tem algo de errado comigo... — Meus olhos se abrem quando ela pergunta com timidez. — Por sentir que meu corpo nunca tem o suficiente do que você faz com ele?

Meus olhos se abaixam para seus seios, que tem a pele arrepiada e os bicos eretos, e vejo-a respirando depressa, com seu corpo excitado. Ela me mata lentamente, de forma sedutora, enquanto parece uma criança perdida diante de mim, e uma mulher quente ao mesmo tempo, que masturba meu pau.

— Não, é perfeita, minha Sereia!

Minha cabeça se inclina e a beijo com pura posse. Sinto seu medo, seus dedos agitados que se prendem em meus ombros quando solta meu pau, e forço meu domínio, aplacando toda a loucura que Selina causa dentro de mim. Abraço-a com força, com os dois braços, a tirando do chão, e a beijo com uma fome incontrolável. Sei que se ela se acha estranha por responder aos meus toques, que achará que eu sou um doente fodido que ficou obcecado por ela desde o segundo que lhe vi entrar dentro daquele bar. Selina ronrona dengosa e devolve o beijo na mesma intensidade com a qual a tomo.

Meu coração bate acelerado dentro do meu peito, desfibrilado, como se pela primeira vez na minha vida ele estivesse vivo. Eu tinha morrido por dentro quando fui jogado naquele mar, sendo arrastado para uma escuridão profunda, me afogando entre ódio, desespero, sangue e a busca implacável pela minha vingança. Mas aqui, dentro desse banheiro, com minha Sereia em meus braços, ouço os ecos da minha alma gritando dentro de mim que nunca lhe perderei, que irei poder finalmente lutar e cuidar de algo que é meu, que irei abrigá-la em meus braços, destruindo qualquer coisa que possa machucá-la. É minha, apenas minha, e não vou abdicar dela. Estou reivindicando o que é meu, e vou lutar por ela com toda minha fúria, não deixando ninguém sair ileso se tentar ferir Selina.

Uma das minhas mãos se solta das suas costas quando sinto seus braços circulando meu pescoço. Puxo sua perna para cima e a forço a me prender entre elas. Dou dois passos para frente e seguro seu corpo, não

afastando minha boca da sua, a beijando com prazer. Suas costas batem na parede do banheiro quando a uso para apoiar seu corpo, e meus dedos se prendem atrás da sua nuca entre seus cabelos. A beijo com fúria e perdição. Meu desejo por ela é animal, perigoso, me deixando possessivo por seu corpo, por sua essência, por tudo que essa mulher me desperta. E é dessa mesma forma animalesca, que minha paixão por Selina me consome. Me afundo forte e duro dentro da sua boceta, estocando meu pau tão firme, como se pudesse pregá-la na parede.

— Alan... Ohhhhh, *Dios mío*! — Ela solta meus lábios e geme alto, me recebendo dentro do seu corpo.

Beijo seu queixo e arrasto minha boca por cada canto da sua pele, mordendo sua pele sem raciocínio, seu pescoço, movendo meu quadril para trás apenas o suficiente para voltar implacável para dentro do seu corpo. Minha mão se espalma na parede, ao lado do seu rosto, e com a outra solto seus cabelos e esmago sua coxa, a fodendo com tamanha urgência, sabendo que nada faz eu me sentir tão vivo quanto estar enterrado dentro do seu corpo, até minhas bolas colarem em sua pele quente. A bateria desregulada de estocadas é frenética, tão intensa e insana quanto minha mente, e a cada gemido que escapa dos seus lábios colados em meu rosto, com suas mãos presas em meus cabelos, mais necessitado eu fico. Não é só sexo, não é a porcaria de uma foda, é a mais carnal urgência que minha alma pede por ela, que não me renega, não me impede e nem abomina minha alma fodida, apenas se entrega, me tomando dentro dela, enquanto lhe fodo com fúria, como um animal sem raciocínio que apenas precisa a marcar.

Selina trava suas pernas em minha cintura e apoia seus calcanhares em minha bunda, os usando como alavanca para duplicar o impacto das estocadas, me cavalgando com a mesma lascividade com a qual a fodo. Geme com luxúria, sendo tão selvagem quanto eu, me dando tudo e me prendendo em sua magia.

— Ohhhh... — Sinto seus dentes morderem meu ombro, com ela me engolindo por completo. Meu pau escorregadio se afunda em sua boceta molhada, que desliza para fora do seu corpo, voltando mais agressivo.

Fecho meu punho na parede e alavanco seu corpo com a força do meu quadril, chocando com o seu. Meus dedos em sua coxa, atracados em

sua pele, a comprimem, e retiro novos gemidos da sua garganta quando ela se liberta, gritando pelo meu nome, gozando com euforia e lavando meu pau com seu esguicho, me fazendo sentir a porra de um imperador prepotente que chegou ao topo do mundo. Seu corpo trêmulo convulsiona e aperta as paredes quentes da sua boceta no meu pau, o tendo tão fundo dentro dela, ao ponto de fazer minha mente explodir. Sinto quando meu gozo chega, tendo um breve momento de lucidez entre o nirvana que me engole, e saio de dentro dela.

Colo minha face entre seus peitos e escuto seu coração disparado, enquanto meu pau pulsa e solta os jatos da minha porra na parede. Meu corpo todo é cortado pela corrente elétrica, desencadeando por completo minha adrenalina. Ergo minha face para a sua quando os tremores diminuem, me perdendo em seu olhar de brilhante ao passo que suspira e dá um sorriso doce e arteiro. Beijo seu queixo e esfrego meu nariz em sua garganta, ouvindo o suspiro suave que ela solta. Sua pele molhada está colada ao meu corpo, e escorrega suas pernas molengas ao redor da minha cintura. A seguro, mantendo seu corpo preso ao meu, protegido de uma queda, enquanto respiro com força.

— Quando eu partir, você virá comigo, esse será o depois — falo, soltando o ar pesadamente e colando minha testa na sua.

— Como? — ela balbucia ainda perdida, com sua respiração alterada.

— Na sua casa, aquela manhã, quando Zapata e eu brigamos, me perguntou por que eu voltei. — Fecho meus olhos e esmago mais forte meus dedos em sua coxa, com posse e domínio. — Foi por você, por você que eu voltei.

— Alan... — ela murmura meu nome e ergue sua mão, a espalmando em minha bochecha.

— Escolhi você no segundo que voltei para sua casa, escolhi você quando matei Jacó. — Tiro sua mão do meu rosto e afasto apenas um pouco meu tórax do seu, espalmando seus dedos em cima do meu coração, para que ela sinta como ele estoura dentro do meu peito apenas por ela. — Porque sou capaz de explodir essa cidade inteira, matando cada filho da

puta que tem aqui dentro, sem remorso algum, antes de deixar qualquer mal lhe acontecer.

Selina respira depressa e abaixa seu rosto, com seus dedos trêmulos em cima do meu coração.

— Sei que sou o último condenado da face dessa Terra que devia ter cruzado o seu caminho. — Solto sua mão e levo a minha para seu rosto, o erguendo. — Mas no segundo que isso aconteceu, eu soube que nada me faria renunciar a você, Selina. Não lhe deixarei continuar em Havana, *chica*, quando eu partir. Mesmo que se negue, que me odeie por ter tirado tanta coisa de você, não a deixarei. Não lhe obrigarei a me aceitar ao seu lado, mas manterei você segura mesmo contra sua vontade.

Seguro seu rosto e mantenho-a perto de mim, aproximando minha testa da sua e inalando forte, sabendo que estaria sendo condenado ao inferno se ela não me desejasse ao seu lado. Olho em seus olhos brilhantes de diamantes, os quais tinham selado meu futuro.

— Esse é o meu medo, *chica*. O único medo que descobri ter na minha vida, medo de perder você — sussurro, raspando meus lábios nos seus.

Fica à sua mercê me jogar ao inferno, sendo escravo pela eternidade dessa pequena criatura pura que tinha me aprisionado a ela. Lhe conto qual é a minha verdadeira fraqueza: ela.

— Aceite ficar comigo, Sereia.

— *Dios*, Alan... — Seus braços, com gestos nervosos e atrapalhados, se erguem e envolvem meu pescoço. Ela cola seus lábios nos meus, tão pura e doce, me beijando com paixão.

Capítulo 22



LUZ DO FAROL

ALAN SPENCER

— Latitude 23.1330200°, longitude -82.3830400° — falo as coordenadas em graus decimais, segurando o celular descartável em meus dedos, com meus olhos presos no oceano.

Retiro minha mão do bolso e seguro a barra de ferro do parapeito do farol apagado, tendo a vista periférica completa do perímetro.

— *Porra, são 3h15 da madrugada!* — A voz sonolenta e ranzinza de Tony balbucia do outro lado da linha, bocejando. — *Não podia esperar o sol nascer?*

— Não. — Troco o celular de mão e caminho pela pequena sacada circular, analisando o lado sul da colina. — Gravou as coordenadas?

— *Latitude 23.1330200°* — Tony fala rápido, não vacilando e mudando o tom de voz, nem parecendo que tinha acabado de ser acordado. — *Longitude -82.3830400°. Com quem pensa que está falando, com um amador? É claro que gravei.*

Rio da voz arrogante do meu primo, que resmunga mal-humorado, como se estivesse se sentindo insultado.

— *Hades está a quatro horas da sua localização, em alto-mar, fora do território marítimo de Cuba, ao norte. Às 11h30 em ponto, entre os rochedos, mandarei um jet ski, irá o encontrar camuflado entre as pedras* — Tony murmura, me passando a forma de como sairei de Havana. — *Terá que ir de encontro a ele. Se Hades entrar em águas cubanas, a marinha será notificada. Tem exatamente, contando a partir de agora, 8 horas e quinze minutos para finalizar seu serviço...*

— Houve uma mudança de plano. Preciso transportar uma carga para dentro de Hades o mais rápido possível — o corto, deixando-o saber que o serviço ainda não está em andamento e minha urgência é grande. — Uma carga muito preciosa, Tony — falo com mais firmeza, ressaltando a

importância do que será transportado. — Tem que ser uma lancha para a tirar com segurança, não um jet ski.

O silêncio é longo na linha, enquanto escuto os movimentos de Tony do outro lado, com o tilintar de vidro, o que me diz que está se servindo de uma dose de bebida.

— Por favor, não me fode e diz que estamos falando sobre uma caixa de charutos cubanos que vai trazer para mim de presente, e não de uma carga viva.

Não o respondo, ficando em silêncio, apenas ouvindo o som dele bebendo e soltando um rosnado.

— Providencie que quando ela estiver a bordo será levada direto até você. É a única pessoa que confio para protegê-la.

— Oh, porra, está sequestrando a garota que queria que cuidasse ou ela está vindo de livre e espontânea vontade?

— Espontânea vontade — respondo, virando meu rosto para a porta de ferro aberta, olhando o corredor que leva até o quarto onde Selina está adormecida, não dizendo a ele que ela estaria indo do mesmo jeito, mesmo se não tivesse aceitado.

— É arriscado ficar para trás. Finalize o serviço e saia daí junto com ela — ele fala preocupado, rangendo seus dentes.

— Não posso. — Viro e encaro o mar, ouvindo o som das ondas se quebrando.

— Alan, apenas meta a porra de uma bala na cabeça do filho da puta e saia de Havana às 11h30. Pode retornar depois de um tempo e buscar a garota...

— Não posso! — o corto, rosnando entre a respiração pesada. — Não posso ir atrás dele enquanto ela for um alvo, ainda mais agora, e jamais irei abandoná-la.

Inalo o ar com força e esfrego meu rosto, tendo mais noção do quanto preciso tirar Selina daqui.

— Estão caçando a garota. — Tony não precisa de muito para compreender por que não terminei o serviço ainda.

— Sim, sabem que ela está comigo. — Levo minha mão ao bolso da calça, me lembrando das palavras de Arruda. — Coloquei uma coleira no meu pescoço, Tony. Preciso que ela esteja segura e longe daqui, assim posso atacar e matar cada filho da puta sem correr o risco deles a pegarem.

— *Merda!* — ele suspira, abaixando o tom de voz. — *Está com a guarda baixa. É medo que estou ouvindo em sua voz, Alan. Sabia que tinha algo diferente no seu pedido para cuidar dela, se envolveu sentimentalmente com a garota.*

Sim, eu tinha muito mais do que me envolvido com a garota, tinha selado de vez meu destino com o de Selina, tendo uma fraqueza pela primeira vez na minha vida, que seria capaz de me destruir se algo a machucasse, me arrastando para o inferno do qual jamais sairia.

— *Repassa a situação.*

— Explodiram a casa dela e mataram seus entes queridos. Pensam que sou um policial e que ela me acobertou. A trouxe para meu esconderijo, o qual usaria para a partida, que tem munição para 24 horas a mais, tempo suficiente que preciso para acertar minhas contas. Mas apenas farei isso depois que ela não estiver mais aqui.

— *Estamos falando de quantos?*

— Lembra do serviço da Tailândia? — o lembro do serviço que tinha sido encomendado. Um traficante de narco de merda que usava o exército para se proteger, se achando o Pablo Escobar da Tailândia. — Duplique a quantidade de homens. Manolo usa a polícia para trabalhar para ele, assim como outros traficantes, e estão nos caçando. Presumo que devo ter 32 horas ou menos, antes deles acharem meu esconderijo. Ela precisa estar longe antes desse tempo acabar, preciso que entenda o quanto é urgente tirá-la daqui, Tony.

— *Esteja com ela no local marcado, a lancha estará pronta, esperando por vocês. Vai encontrar presentes na caixa de combustível reserva embaixo dos bancos.*

— Encontro vocês assim que tudo acabar — falo sério, inalando o ar com força.

— *Ok, não precisa se preocupar...* — ele diz austero, soltando o ar lentamente. — *Alan, por que sinto que não está me contando tudo?*

Fecho meus olhos e sinto como se fogo corresse em minhas veias, com meu coração disparado.

— Se recorda da Guatemala, quando o tio Lence nos mandou para nosso primeiro serviço juntos? — falo baixo para ele.

— *Oh, como esquecer, até meu pau foi picado pelos mosquitos* — Tony diz rabugento. — *Lugar quente igual o inferno!*

Tínhamos que executar um alvo em movimento dentro de um trem, um traficante de artefatos antigos. Ele tinha roubado uma urna egípcia de um historiógrafo, a qual tinha sido encontrada por seu avô arqueólogo. O artefato era de 1036, de valor inestimável. Tony e eu tínhamos apenas um trabalho, matar o ladrão e recuperar o que foi roubado, o que fizemos com maestria para nosso primeiro serviço.

— *Eu sabia que aquele serviço não era apenas por uma lembrança de família* — Tony fala rindo, se recordando que a urna que tanto precisava ser recuperada tinha escondida dentro dela um *pen drive* que dava acesso a contas multibilionárias. — *Era uma carga preciosa transportando outra ainda mais valiosa dentro dela... Mas por que está...*

O som do outro lado da linha fica mudo por um segundo, com ele não finalizando a pergunta, sendo rápido no raciocínio, ao compreender o motivo de eu ter lembrado daquele trabalho.

— *Alan, seu cretino filho da puta!* — Tony murmura, inalando o ar com força.

Me sinto desfocado, com minha mente dispersa, tendo o medo aumentando a cada segundo, ainda não sabendo como lidar com essa sensação, ficando agitado, com meus nervos mais ansiosos por conta da minha perda de controle. Tinha abaixado minha guarda ainda mais. A forma como ela se entregou depois que a tirei daquele banheiro, me levando ao paraíso, ao ponto da minha mente se desligar, tinha selado nossas vidas, e o medo se transformou em um monstro maior assim que a ficha caiu, me fazendo ter o dobro de medo dela ser tirada de mim.

— *Tem certeza?* — Tony pergunta baixo para mim.

— Sim, eu tenho. — Solto as palavras lentamente, sabendo que até a última gota da minha porra ficou dentro de Selina.

Meus olhos se fecham e travo meu maxilar no segundo que a língua de Selina roça a cabeça do meu pau.

— Porra! — Aperto mais forte meus olhos, respirando com força e afundando minha cabeça no travesseiro.

Ela vai me sugando para dentro da sua boca, voltando a libertar, lambendo a lateral dele, da base até a cabeça.

— É assim? — Ela afasta sua boca do meu pau e o segura com sua mão, me masturbando do jeito que lhe instruí. Abro meus olhos, parando na face delicada dela, tão inocente, nem parecendo que está me torturando com seus toques curiosos. — Isso é bom, sente prazer...

Minha mão se ergue para sua cabeça e achato seus cabelos em meus dedos, observando seus olhos prateados se fechando e um sorriso arteiro se abrir em seus lábios.

— Isso é fodidamente bom, Sereia — rosno entre meus dentes, tendo o tom ríspido da minha voz embargada de tesão, com a forma que sua mão me masturba. — Muito bom, e será ainda melhor quando minha boca estiver em você.

Diminuo a pressão no seu couro cabeludo, acariciando seus cabelos com carinho. Fecho meus olhos quando seu rosto se inclina para perto do meu quadril novamente, com sua boca se abrindo e engolindo meu pau. Sinto meu peito repuxando o ar com força para meus pulmões, enquanto ela me fode com sua boca, curiosa, me tomando mais dentro dela. As pontas dos seus dentes raspam, apenas como forma de provocação, a carne do meu pau, e fica atenta a cada reação minha, fazendo percorrer um pico de euforia dentro de mim enquanto ela me usa de cobaia. Suas engolidas e sugadas são sem recato, apenas a porra do perfeito boquete, aprendendo rápido demais minhas instruções, fazendo exatamente o que lhe disse para fazer. E saber que meu pau é o primeiro de tudo dela me deixa mais possessivo.

Selina esfrega sua boceta encharcada em meu joelho, aumentando o ritmo do seu quadril, com meu corpo deitado no colchão, me fazendo não

saber em qual ponto minha mente se foca, se é na quentura da sua boceta ou na sucção da sua boca em volta do meu pau. Ela o engole com cuidado, abrindo sua boca e alargando a lateral dos seus lábios, até ter a ponta do seu nariz tocando minha pélvis. Meus dedos ficam congelados em cima da sua cabeça, e não consigo comprimir um único movimento enquanto gemo, tendo a cabeça do meu pau tocando o fundo da sua garganta, me fazendo enrijecer meus músculos, soltando um gemido rouco. A descarga de prazer é liberada em meu corpo. Selina vai soltando meu pau lentamente, erguendo seus lábios, e inclino meu pescoço, alavancando um pouco minha cabeça, sendo preso no sorriso dócil com o qual ela me presenteia.

Uma criatura pura e tão pecadora ao mesmo tempo. A deixo livre para fazer o que ela quer, ir conhecendo meu corpo como meus dedos conhecem cada parte dela, e afasto minhas mãos dos seus cabelos quando ela se inclina para trás. Seu corpo se move para frente e ela se endireita, parando com seu rabo perto do meu pau. Sinto a maciez das suas coxas ao lado das minhas, e ela alavanca seu quadril para cima assim que sua boceta está sobre meu pau.

— O leve para dentro de você e me cavalgue, Sereia... — murmuro rouco, erguendo minhas mãos para sua coxa e a alisando entre o aperto com meus dedos, ganhando dela um sorriso sedutor.

Selina segura meu pau em sua mão e o encaixa com cuidado na entrada da sua boceta. Minhas mãos vão para suas nádegas e a prendo com força em meus dedos, afastando-as uma da outra. A veia da minha garganta dispara, tendo meu corpo todo rígido, com ela empurrando sua bunda para baixo pouco a pouco, engolindo meu pau dentro da sua boceta quente, o tomando de forma intensa nessa posição.

— Dios... — Ela captura seu lábio inferior com seus dentes, o mantendo preso, com seus olhos fechados.

Minha atenção fixa no meu pau sumindo dentro do corpo dela, enquanto ela desce vagarosa, o engolindo sem pressa, se acostumando com ele nessa posição, por completo, a preenchendo. O ar é puxado com força para seus pulmões assim que ela aterrissa sua bunda em minhas coxas. Suas mãos ficam achatadas em meu peito, me deixando vê-la bela em cima de mim. A quentura das paredes internas do seu órgão me destrói a cada

segundo que ela o suga com pressão assim que o pequeno corpo sobre o meu começa a se movimentar, se mexendo com preguiça, me recebendo por completo dentro dela nessa posição de cavalgada. Fecho minhas pernas e colo meu joelho um no outro, flexionando minhas pernas, a deixando usar como apoio quando leva uma de suas mãos para trás, estufando seus peitos para frente. Selina se move lenta, jogando seu quadril com leveza para frente e para trás. Minha garganta arranha, sentindo-a me foder com lentidão, intercalando entre movimentos de vai e vem e sobe e desce. Seu quadril se ergue e retira apenas um pouco do meu pau de dentro da sua boceta, apenas para me torturar quando retorna a descer, o engolindo.

— Ohh, merda! — Agarro sua coxa, não sabendo como lidar com essa tempestade marítima que me acertou, revestida em um corpo de mulher, com um sorriso de menina provocadora, cheia de curiosidade com sua sexualidade.

— Alan... — Ela tomba sua cabeça para trás e aumenta o ritmo, me cavalgando com euforia.

Solto uma de suas pernas, levando meu polegar para sua boceta e achatando meu dedo sobre seu clitóris, o circulando. Posso sentir o corpo dela pronto, exigindo para ser liberto a cada segundo que sua boceta quente me engole, fazendo pressão em volta do meu pau. Suas unhas cravam em meu peito, me fazendo desejar que ela aperte com mais força, que suas unhas marquem cada canto da minha pele. Ela morde seus lábios e rebola com mais urgência seu quadril, o mexendo com puro instinto, sendo guiada pela sua natureza selvagem e bela, tão cheia de energia que seria capaz de iluminar esse farol inteiro. Mantenho a cadência de círculos sobre seu clitóris inchado, sentindo o líquido quente da sua boceta que escorrega sobre meu pau, com seu rosto traquina retornando para frente, me deixando enfeitiçado, cativo dela, enquanto seu orgasmo a está rasgando de fora para dentro. Selina prende suas duas mãos em meu peito e comprime seus joelhos na lateral do meu corpo, impulsionando seu quadril a subir e descer com mais rapidez, me dando um sorriso devasso, com a boceta dela expelindo sobre mim, me montando com loucura, quebrando minha mente em mil partículas.

— Selina, precisa subir, se não, não vou... — Esmago minha boca, rosnando alto, mas ela está tão perdida em seu desejo que não me ouve. — Porraaaa! — Esmago seu quadril, com meu pau latejando, sem conseguir me segurar ou tirá-la de cima de mim a tempo.

A boceta de Selina se retrai e ela geme alto junto comigo, ordenhando os jatos de porra, que vou soltando dentro do corpo dela. Meus dedos comprimem mais forte sua pele, de forma densa, e sinto os tremores do gozo passando pelo meu corpo todo, até começar a relaxar meus músculos, com meu gemido se misturando aos dela. Minha Sereia solta seu peso sobre meu peito e respira rápido, esfregando sua face perto do meu pescoço. Solto suas pernas e abraço suas costas, tendo o efeito do corpo dela abalado sobre mim.

— Ohhh... Dios, ficar por cima é bom... — ela murmura, ficando esparramada sobre mim quando relaxo minhas pernas, a deixando se esticar na cama, sentindo meu pau escorregando para fora dela.

Desliza suas pernas por cima das minhas e suspira dengosa, prendendo seus dedos em meus ombros e soltando um suave risinho arteiro. Meus olhos se abrem e encaro o teto, enquanto inalo o ar com força, alisando suas costas, deixando minha mão percorrer por ela, parando em sua nuca, massageando seus cabelos, tentando fazer minha respiração voltar ao normal, ao passo que minha mente ainda não se focou completamente no que acabei de fazer. A mantenho presa a mim como uma dócil gata que acabou de foder com todo meu autocontrole. Ela sorri, com sua bochecha se esfregando em meu peito, e alisa meus ombros, respirando com preguiça. Minha cabeça tomba para o lado, com meu peito disparado, e encontro o par de olhos acusadores cravados em mim. Tinha saído do banheiro com ela em meus braços, me beijando com tanta urgência, que até tinha me esquecido que a praga felina estava dentro do quarto. Ele me olha sério, parecendo uma estátua maligna me julgando por ter acabado de testemunhar minha queda diante da Sereia, e o que eu tinha feito.

— Precisa proteger minhas cargas com a sua vida, Tony — falo sério ao abrir meus olhos.

— Alan, sei que pode ser o que não quer ouvir... — Tony abaixa seu tom de voz, falando sereno. *— Mas por que não enxerga isso como a vida*

lhe dando uma chance de sepultar de vez o passado?!

— Está me dizendo para deixar Manolo vivo? — rosno baixo, apertando o aparelho em meus dedos.

— *Estou dizendo que finalmente pode ter encontrado a paz que procura. Um recomeço para pensar em um futuro e não apenas no passado.*

Não o respondo, fico quieto. Tinha passado minha vida toda atrás de Manolo Sales, com cada dia e cada segundo desejando o matar, e nada tinha desfocado meus pensamentos, desviado o objetivo da minha vida. Isso até Selina cruzar meu caminho. Tinha a morte entranhada em minhas vísceras há tantos anos, que nunca me imaginei colocando vida dentro de alguém ao invés de tirar.

— *Saia de Havana com a garota, apenas entre na lancha e venha embora, Alan. Venha aproveitar essa chance que está tendo...* — Tony suspira ao falar calmo. — *Tem ideia de como eu faria qualquer coisa para a vida me dar uma nova chance como ela deu para você...*

Não retruco, mas sei exatamente ao que Tony está se referindo. Ele nunca conversa sobre seus demônios, muito menos sobre seu passado, há gangrenas antigas soterradas em sua alma, há tanto tempo quanto as minhas.

— *Vingança não traz os mortos de volta, acredite em mim, eu sei disso melhor do que ninguém*. — Meu primo solta as palavras lentamente.

— Talvez seja exatamente por isso que preciso dar um fim em Manolo — falo sério, encarando o mar. — Não posso deixar pontas soltas e correr o risco de demônios saírem do inferno para a machucar.

Meu tio tinha cometido um erro, um erro grande, o qual foi Tony que pagou o preço, lhe custando Catarina, sua noiva, que foi morta em seus braços. Ela estava grávida de cinco meses. Lembro da destruição na qual ele se encontrava, como tinha condenado o céu, o inferno e, principalmente, seu pai, pelo que lhe foi tirado.

— *Sei exatamente o que foi me tirado, Alan, mas também sei o que eu perdi quando finalmente tive minha vingança. E nada, nada do que fiz a trouxe de volta para mim.*

— Ela estará na lancha amanhã, no horário marcado.

— *Pense no que eu lhe disse!* — Tony encerra a ligação, desligando sem despedida ou mais conversas.

Viro e caminho devagar, retornando para o quarto, retirando a bateria do celular descartável, com minha mente dispersa, se recordando do exato momento que meus olhos a viram entrando naquele bar. Ergo meu rosto quando entro no quarto, com meu olhar parando na imagem da mulher seminua, com minha camisa cobrindo seu corpo, deixando suas pernas de fora. Ela está adormecida de lado na cama. Fico em silêncio, com meus olhos presos no ventre de Selina, sentindo meu coração bater mais rápido, sabendo que agora não tenho apenas uma fraqueza, e sim duas.

Capítulo 23



O TROCO

ROB SALES

Os olhos de Rob se mantêm sérios e parados no copo de bebida à sua frente, enquanto inala o ar com força, ouvindo as vozes dos homens se calando atrás dele. O corpo do jovem não se vira quando os sons dos passos de Manolo se faz pelo salão, se aproximando, para o cumprimentar em sinal de respeito, como todos fazem quando seu tio se aproxima. Rob permanece sério, observando o líquido dentro do copo, sentindo a alma vazia e oca. Ver em sua frente, pela projeção da sua mente, os escombros da casa que ele cresceu, dos restos mortais do seu *padre* sendo tirados entre tijolos e cimento, assim como do seu irmão. Tobias era um tolo, burro e patético, mas ainda assim era seu sangue, era o único laço que Rob tinha de humanidade, e por mais que nunca contasse a Tobias e muito menos demonstrasse, Rob fazia de tudo para o proteger. Mas não conseguiu, não conseguiu segurar o burro de Tobias antes de abrir de vez a porta, sendo explodido junto com o merda do seu pai. Ele sente o fel da raiva o consumindo, o ódio lhe cegando, ao passo que seu coração vai se destruindo, não restando mais nada de humano dentro dele.

— Nos deixe a sós. — A voz séria do seu tio sai atrás dele, fazendo os homens que estão dentro do salão do bar se movimentarem com rapidez, saindo a passos ligeiros e apressados de dentro da sala, deixando tio e sobrinho sozinhos.

O som alto da respiração pesada de Manolo é solto lentamente, com o barulho das suas botas caminhando devagar pelo espaço. Ele anda tranquilo até o balcão do bar, indo para trás dele e buscando entre as garrafas de bebidas alguma que seja do seu agrado.

— Não é o que gosto, mas é a única coisa que presta. — Rob desvia seus olhos do copo para o homem de costas que segura uma garrafa de vodca e fala com desânimo.

Demonstra ter mais simpatia pela bebida do que por seu sobrinho, não tendo traços de luto, de raiva, de ódio pela morte dos seus familiares, o

que consome a alma de Rob. É como se a morte de seu irmão e de seu sobrinho caçula fosse menos importante do que a vodca que ele segura, lendo o rótulo dela com tanto interesse.

— Acho que irá gostar. — Ele se vira e diz animado, pegando dois copos limpos e deixando sobre o balcão, sorrindo para Rob enquanto vira a garrafa de bebida nos copos.

Ele abaixa e retira o copo da bebida que seu sobrinho tomava, a tirando do balcão e empurrando a vodca para Rob.

— Vamos, experimente*, hijo*! — Ele tomba o rosto para o lado e ri, pegando seu próprio copo e o virando em um grande gole.

O saboreia com prazer, estalando o canto da língua dentro da sua boca quando abaixa o copo e o bate sobre o balcão.

— Deveria experimentar, é até razoavelmente boa.

Rob abaixa seus olhos para o copo de vodca, antes de erguer seus olhos para seu tio novamente.

— Arruda sempre me dizia que não existe nada dentro do seu peito, e creio que ele realmente tinha razão. — Rob esmaga sua boca, falando para seu tio, compreendendo que o velho maldito do seu pai estava correto.

Observar a serenidade tranquila do olhar de Manolo, mostra que nada lhe afeta. A morte de seu irmão foi tão sem valor para ele quanto a morte de qualquer outra pessoa na face da Terra.

— Existe sim muita coisa dentro do meu peito — Manolo o responde, servindo novamente o copo, o segurando em seus dedos. — Músculo, sangue, nervos...

Ele pisca para Rob, entornando a vodca em sua boca e estalando o canto da língua novamente, ao saborear a bebida.

— Vou lhe contar um segredo, garoto. — Ele enche lentamente seu copo, antes de se virar e guardar a garrafa no lugar dela.

Rob fica em silêncio, observando seu tio quando ele gira e estica seus braços sobre o balcão, espalmando suas mãos e tamborilando lento seus dedos na madeira.

— Quando sentimos algo, isso nos enfraquece. Quando aprendemos a nos livrar disso, isso nos fortalece. — Seu rosto tomba para o lado e encara seu sobrinho. — E o dia que aprender isso, vai saber que nada, nada ficará em seu caminho.

Sua mão se estica e espalma na lateral do rosto de Rob, lhe dando um sorriso calmo, quase ao ponto de ser paternal.

— Saí da sarjeta, um garoto imundo que sobreviveu com seu *hermano* de roubar carteiras e comer comida do lixo, enquanto todos se fartavam, pouco se fodendo para mim ou não. Tão miserável quanto uma poeira sem importância. — Ele nega com a cabeça, dando leves batidas na bochecha de Rob. — E sabe o que eu fiz? Eu aprendi a não me importar, a não me importar em sobreviver do lixo, a não me importar em roubar aqueles putos, a não me importar com nada que não fosse a minha sobrevivência.

Sua mão sai da face Rob e deixa seu sorriso ir se apagando, ficando sério, com o olhar sereno e calmo se dissipando, ficando apenas uma forma oca e fria, sem alma, sem espírito ou coração, encarando o sobrinho.

— E durante anos, foi isso que fiz para sobreviver, para cada puto temer até os ossos da alma ao ouvir o meu nome, e digo... — Manolo inclina o rosto para o lado e solta um suspiro, fechando seus olhos. — Entre todos esses anos nos roubos, assassinatos, chacinas e barbaridades que cometi, nunca senti prazer algum, nunca senti nada.

As pálpebras de Manolo Sales se abrem e ele as fixa em Rob, endireitando sua face e a deixando ereta, tendo o sorriso mais cruel e perverso se abrindo em seus lábios.

— Mas sentirei muito prazer quando matar esse *hijo* da puta — ele rosna baixo, segurando seu copo e o batendo lento no de Rob, como se brindasse. — Porque se ele queria minha total atenção, ele conseguiu.

O entorno do copo nos lábios é rápido, com força e desejo, sem degustação da bebida, como foi nas duas primeiras vezes que Manolo a tomou. Ao terminar, bate forte o copo sobre o balcão.

— Agora, de pé, garoto. Encerre seu luto, porque acharemos esse *cabrón* juntos.

Rob abaixa seus olhos e encara o copo, enquanto seu tio sai de trás do balcão, andando moroso.

— Já revirei Havana, e não tive sinal algum desse *hijo* da puta...

— Esse foi teu erro, Rob — Manolo fala baixo, negando com a cabeça. — Um Sales não precisa procurar, mas sim fazer as pessoas falarem.

Rob ergue a cabeça e gira o pescoço, vendo Manolo parado perto da porta, arrumando a manga do seu terno.

— Digamos que Navegante tem um belo dom de fazer os peixes lhe contarem segredos — Manolo responde de forma tranquila.

Rob vira, com sons de passos lentos se aproximando deles. Seus olhos se fixam no homem baixo e calvo, com olhar de peixe morto, sempre calado, que anda como sombra atrás do seu tio. Navegante é conhecido por ser um *hijo* da puta sanguinário, que tortura cada alma que seu tio lhe manda, sem um pingo de remorso.

— Não estou certo, Navegante? — Manolo pergunta sério, encarando seu matador.

— As pessoas sempre têm o que dizer quando começam a ter seu sangue derramado, patrão — Navegante sussurra, abaixando seu rosto e rodando um canivete lentamente em sua mão. — Só preciso de autorização.

Manolo vira a face para Rob, o encarando, deixando o sobrinho saber o que Navegante irá fazer. Não vai atrás dos becos e nem dos ratos de rua, mas sim dos moradores de Havana, torturando cada um deles, até alguém falar.

— Então, Rob? — Manolo deixa o peso de machucar inocentes sobre os ombros de Rob, realmente querendo saber se seu sobrinho tem sangue Sales em suas veias.

— Ache aquele *cabrón de mierda* — Rob rosna com ódio, virando seu corpo na cadeira e segurando o copo de bebida, o tomando de uma única vez. — Mate cada um que tiver dentro dessa cidade se for preciso, mas o encontre.

Rob fecha seus olhos, não se importando com nada além da sua sede de vingança, sabendo que não descansará enquanto não der o troco. Irá fazer aquele puto pagar pelo que fez a Tobias, o deixará assistir o corpo da cadela dele ser desmembrado parte a parte.

Capítulo 24



UMA CANÇÃO NO ESCURO

SELINA LOPEZ

— Belinda era quem mais conversava comigo — suspiro e esfrego a ponta do meu nariz em seu peito, sentindo suas mãos escorregarem por minhas costas. — Presumo que mi madre não imaginava que um dia acabaria achando algum hombre... Pensando bem, pondero que até eu mesma achava o mesmo. Mas eu lhe encontrei. Está certo de que quase morrendo, mas fazer o quê, se foi o que o destino me arrumou... Aiiii, cabrón...

Rio, abafando minha risada em seu peito quando ele belisca minha bunda e morde meu pescoço.

— Engraçadinha. — Ele respira fundo e abraça minhas costas, me aninhando mais em cima do seu corpo.

Sinto o afago das suas mãos em meus cabelos, enquanto me sinto bem sendo acariciada por ele. Havia despertado com os afagos de Alan em meu corpo, com ele deitado na cama, atrás de mim, de conchinha. Com a voz calma, me disse que o dia ainda não tinha amanhecido, que deveria voltar a dormir, mas não quis.

— Não me lembro de ter reclamado de me encontrar quando se jogou em meu colo — ele fala com preguiça, afagando o local que beliscou.

— Eu me joguei?! — Ergo meu rosto e apoio meu queixo em seu peito, sentindo o calor da sua respiração tocar minha face. — Tropecei e caí. E você que me puxou para o seu colo, como um marinero tarado.

— Salvei seu rabo lindo de uma queda — Alan sussurra e esmaga seus dedos em minha bunda.

— Pode até ser, mas queria mesmo era me fazer cair em seu papinho de Don Juan, isso sim. — Rio, lembrando do primeiro encontro desastroso com o Alan. — Zapata foi me dando sermão até a porta do bar, quando me ajudou a sair do seu colo...

Me calo, deixando o sorriso morrer lentamente, tendo minha mente focando em Zapata, sentindo a tristeza me pegando de forma traiçoeira. Ainda não acredito que o tinha perdido, que tinha perdido Zapata, que nunca mais ouviria sua risada estrondosa.

— Eu sinto muito, Sereia. — Alan muda sua respiração, a deixando pesada, com o tom de voz baixo, depositando um beijo em minha testa, provavelmente observando a expressão de tristeza que toma conta da minha face. — Podia não morrer de amores por ele, mas nunca desejei o que lhe aconteceu...

— Lo sé[45] — sussurro e abaixo meu rosto, depositando minha bochecha novamente em seu peito, murmurando para Alan. Fecho meus olhos, sendo tomada novamente pela sensação de perda.

— Ele lhe amava, apenas queria cuidar de você, acho que teria feito o mesmo se estivesse no lugar dele.

— Zapata foi o mais próximo que tive de um pai. — Sorrio com melancolia, recordando de quantas vezes ele tinha cuidado de mim, ficando ao meu lado quando minha mãe morreu. — Sendo mais meu padre do que o homem que me colocou dentro da barriga de mi madre.

— O que houve com ele? — Alan pergunta calmo, me deixando saber que está mudando o rumo do assunto para aliviar a dor em meu coração.

— Partiu — respondo sem muita felicidade. — Abandonou mi madre quando eu tinha seis anos, logo após os médicos falarem que eu ficaria cega para sempre, já que não podíamos pagar pela cirurgia. Minha mãe, na época, morava em Cuba, então logo depois nos mudamos para Havana.

— E ele nunca mais apareceu?

— Uma vez só, acho que alguns meses depois da sua partida. — Lembro da minha mãe me mandar para o quarto, não me deixando nem me aproximar do meu pai. — Foi a primeira vez que realmente lhe ouvi zangada. Ela estava brava, muito brava quando o expulsou da casa. Não tiro a razão dela por ter o mandado embora, os primeiros meses foram difíceis, quando a cegueira me acamou. Eu chorava constantemente,

implorando a ela para não me deixar sozinha, porque tinha muito medo do escuro. Tive muita febre, causada por uma infecção hospitalar que peguei na primeira semana que fiquei internada no hospital. Minha madre dizia que chorava muito, pois os médicos insistiam em dizer que eu não iria sobreviver. Meu estômago e as vias respiratórias tinham sido contaminados com as químicas das tintas, tinha todas as chances para ter morrido.

— Mas sobreviveu.

— É, sobrevivi. — Repouso minhas mãos em seus ombros, sentindo o calor da sua pele. — Então ela dizia que eu era seu milagre, seu pequeno milagre — falo com carinho de mi madre, a qual tinha me protegido a todo custo, cuidado de mim mesmo quando todos já tinham perdido a esperança. Ela não perdeu, ficou ao meu lado, me dando forças, nunca me deixando sozinha. — Mi madre foi a maior razão para eu aprender que nunca devia me vitimizar, que não devia sofrer pelo que perdi, mas sim ser grata e aproveitar o que recebi.

— E eu sou grato a ela por ter cuidado tão bem dessa Pequena Sereia teimosa. — Alan beija o topo da minha cabeça e suspira baixinho.

— E tu madre? — pergunto para ele, aproveitando essa pequena fresta aberta que ele deixou, para saber um pouco mais sobre Alan.

— Morreu ao me dar à luz — ele fala baixo, abraçando meu corpo com mais força, me deixando perceber como sua respiração fica ainda mais densa ao me contar isso.

— Dios...

— Fui um bebê grande, acima da média de uma criança normal recém-nascida. — A mão dele se prende mais forte em minha pele, tendo as palavras saindo pesadas. — Minha mãe era um pouco menor do que você, casou-se com um aristocrata com sangue inglês que veio estudar na América. Meu pai era duas vezes maior do que ela, minha genética puxou toda para ele. E por causa de uma infeliz tradição familiar da parte materna, minha mãe se negou a dar à luz em um hospital, mesmo morrendo de gritar e sendo rasgada de dentro para fora para me trazer ao mundo, já que todas as mulheres da família dela tiveram seus filhos em casa, e não autorizou meu pai a levá-la para um hospital...

Ele fica em silêncio por um tempo, ao passo que sua respiração fica mais pesada. Quando conversa comigo novamente, a voz é baixa e calma. E se não tivesse tão colada a Alan, nem poderia notar a diferença do tom de voz tranquilo da sua voz para o nervosismo que ele está por dentro, já que sinto o coração dele bater descompassado.

— Ela entrou em óbito, tendo uma hemorragia interna dois minutos depois de me trazer ao mundo — ele finaliza, esmagando mais forte seus braços ao redor de mim.

— Alan, não foi culpa sua a morte da sua mãe... — murmuro para ele, erguendo meu rosto e depositando sobre seu peito o meu queixo, falando com calma.

Posso sentir o nervosismo dele, uma tristeza esmagadora a cada respiração que ele solta.

— Chica, o que houve na cama, quando lhe tirei do banho... Sabe o que aconteceu, não sabe...

— Sim — o respondo com timidez e dou um sorriso envergonhado. — Encontrei minha posição preferida...

— Miauuuu! — O som do miado alto de Abóbora, zangado, sendo solto dentro do quarto, me faz girar o rosto para onde vem, enquanto me espremo, me mexendo para que Alan me solte.

Mas ele não me solta. Sinto meu corpo ser virado, com minhas costas tombando na cama e o corpo dele ficando sobre o meu.

— O que foi? — pergunto, sorrindo e esticando minha mão em seu peito, o sentindo acelerado, com seu coração disparado. — Está tudo bem, marinero?

Antes que minha mão se erga para tocar sua face, para poder saber como está sua expressão, a mão de Alan segura meu pulso e ele beija a palma da minha mão com delicadeza.

— Sim, está tudo bem, pequena — me responde rápido, inalando o ar com força, não tendo mais a voz calma, mas sim transparecendo exatamente como ele está por dentro.

Antes que possa lhe perguntar por que está mentindo, já que é nítido que algo o está deixando nervoso, pela mudança brusca no seu tom de voz, seus lábios se colam aos meus, me beijando com fúria.

— Isso seria exatamente pra quê? — pergunto baixo, segurando o pequeno aparelho em minhas mãos.

— Para distrair — Alan responde sério, levando sua mão para cima da minha. — Aqui é o botão de ligar, e nesse pode trocar...

— Roubou isso de alguém? — Ergo minha cabeça e mordo o canto da minha boca, encolhendo meus ombros, sentada na cama.

— Digamos que peguei emprestado. — Ele solta um riso baixinho, alisando meu rosto. — Experimente.

Balanço minha cabeça em positivo, deixando o pequeno aparelho em meu colo e pegando os fones de ouvido, os sentindo nas pontas dos meus dedos. Os ergo lentamente para minhas orelhas. Os arrumo sem pressa, abaixando meu rosto quando pego o aparelho e escorrego meu dedo pela lateral, até encontrar o botão de ligar que Alan tinha me mostrado. Assim que o ligo, um som nostálgico de 2011 começa a tocar, e sorrio, recordando da música que ouvi aos doze anos dentro do meu quarto, no radinho pequeno que *mi madre* tinha me dado. A voz de Selena Gomez cantando *Love You Like A Love Song* me faz recordar de uma versão minha desengonçada, cantando horrivelmente dentro do meu quarto, como uma adolescente boba.

— Roubou isso de uma adolescente apaixonada — falo, rindo, retirando um dos fones do meu ouvido e perguntando para Alan.

— Por quê? — pergunta seriamente.

— Nada... — Rio e nego com a cabeça, tendo as batidas da música ficando mais agitadas.

I, I love you like a love song baby
I, I love you like a love song baby
I, I love you like a love song baby
And I keep hittin re-pe-pe-peat[46]

— Com toda certeza é de uma adolescente apaixonada — digo, rindo. — Ouvia essa música quando tinha doze anos. — Bato a ponta dos meus pés no chão, os balançando e murmurando o final do refrão. — *Re-pe-pe-peat.*

— Também ouvia por estar apaixonada? — Sua voz séria pergunta em tom rouco.

— Talvez... — respondo, brincando com ele, me distraindo com a música da Selena, mas a verdade é que apenas ouvia porque gostava da batida, não porque tinha alguma paixonite.

— Me deixe ouvir.

Jogo meu corpo para trás, me livrando da sua mão quando ele tenta pegar o fone solto dos meus dedos.

— Não! — Rio e nego com a cabeça, esticando meus braços para que ele não alcance o fone.

— Me deixe a ouvir, Selina. — A mão masculina, presa em meu pulso, me faz sugar o meu fôlego quando ele me prende em cima da cama, retirando o fone dos meus dedos.

Reprimo um risinho e inalo o ar depressa, sentindo a respiração pesada de Alan em minha face, com o corpo dele completamente rígido em cima do meu, enquanto Selena canta no fone de ouvido.

Boy you played through my mind like a symphony
There's no way to describe what you do to me
You just do to me what you do
And it feels like I've been rescued
I've been set free
I'm hypnotized by your destiny
You're magical, lyrical, beautiful
You are[47]

Alan inala o ar mais forte e solta um baixo rosnado, abaixando seu rosto e raspando a ponta do seu nariz em meu pescoço, enquanto me faz quase engasgar com meu próprio ar, ao sentir seus dentes passando por meu queixo.

I want you to know baby
I, I love you like a love song baby
I, I love you like a love song baby
I, I love you like a love song baby
And I keep hittin re-pe-pe-peat[48]

— Então ouvia isso porque estava apaixonada? — Seu tom de voz muda, com ele perguntando sério.

— Não, apenas porque eu gostava mesmo — falo com sinceridade, suspirando. — Mas talvez possa começar a ouvir agora...

Mordo o canto da minha boca, ficando em silêncio assim que percebo o que falei em voz alta. Alan fica imóvel em cima de mim, respirando o ar com força, como se tivesse ficado congelado, e eu quero abrir um buraco e enfiar minha cabeça dentro, por ter praticamente me declarado para ele.

— Está apaixonada, *chica*? — A voz rouca masculina sai baixa, com seu peito batendo rápido, enquanto se mantém sobre meu corpo.

Sorrio com vergonha e ergo meus dedos para tirar o outro fone da minha orelha, mas Alan não me deixa nem chegar perto do meu ouvido, segurando meu pulso e o erguendo para cima da minha cabeça.

— *Sí*... — sussurro e mordo o cantinho dos meus lábios, me sentindo realmente uma tola adolescente apaixonada.

— Por quem, *chica*? — Ele morde meu queixo e solta um riso baixo na sequência.

— *Dios*! — falo zangada, virando meu rosto para o outro lado, pela arrogância dele, porque sabe exatamente que é por ele.

— Me diga, Sereia — ele murmura e escorrega sua mão pela minha perna quando solta meu pulso, a infiltrando entre nós, até lhe sentir acariciando o centro das minhas pernas com lentidão.

— Alan...

Respiro rápido e estufo meu peito para cima quando ele se enche de ar. Minha mente nubla meus pensamentos, com a canção da Selena acabando e tendo a canção *Never Be The Same*, da Camila Cabello, começando a tocar.

Something must've gone wrong in my brain
Got your chemicals all in my veins
Feeling all the highs, feel all the pain
Let go on the wheel, it's the bullet lane
Now I'm seeing red, not thinking straight
Blurring all the lines, you intoxicate me[49]

Alan inala o ar mais pesado, raspando seus dentes em meu pescoço e esfregando seu nariz na lateral da minha clavícula, me cheirando lentamente, enquanto me faz gemer baixinho quando seu dedo escorrega para dentro da minha vagina.

Just like nicotine, heroin, morphine
Suddenly, I'm a fiend and you're all I need, all I need
Yeah, you're all I need[50]

Minha mente fica mais perdida na canção, tendo mais consciência da letra, sabendo que é exatamente assim que ele me faz sentir.

— Eu prefiro essa. — A voz de Alan é hipnótica, enquanto brinca comigo em suas garras, mordendo minha orelha. — Me diga, Sereia, é assim que se sente? Porque é assim que me sinto.

— Ohhhh... — Respiro mais forte, com minhas pernas se afastando e meus braços circulando suas costas, escondendo meu rosto em seu ombro, tendo meu corpo respondendo a tudo que ele faz comigo.

It's you, babe

And I'm a sucker for the way that you move, babe

And I could try to run, but it would be useless

You're to blame

Just one hit of you, I knew I'll never be the same[51]

— *Sí*... — A confissão sai lenta dos meus lábios, enquanto sinto meu coração bater disparado, quase como se fosse sair da minha boca. — *Estoy enamorada*[52], perdidamente *enamorada* por você, *marinero*.

Meu corpo é movido rápido da cama, como se tivesse sido atingido por uma tempestade em alto-mar, uma força da natureza que nos cola um ao outro quando impulsiona seu corpo para trás, ficando em seus joelhos e me erguendo em seus braços. Minhas pernas ficam presas em sua cintura, enquanto meus lábios são esmagados com tanta urgência pela sua boca. Sem palavras ou juras, troca de palavras bonitas, como tinha nas histórias de amor que Belinda lia para mim, apenas a mais pura e crua urgência, com ele usando um dos seus braços para me prender pelas costas e outro se esmagando em meus cabelos. O abraço circula sua nuca e agarro meus dedos em sua pele, sentindo meu coração bater tão descompassado como o dele. Eu não posso dizer claramente se isso terá algum futuro, se permitir meu coração ficar tão mercê de Alan me machucará ou não, mas o que eu sei é que está tarde, tarde demais para querer parar.

Eu tinha razão quando lhe disse que com toda certeza ele devia ser a última pessoa para a qual eu devia ter me entregado, mas agora é tarde demais para querer voltar atrás, porque ele está entranhado em mim como

um vício, do qual eu não quero ser curada. As mãos em minhas costas escorregam para meu rabo, o esmagando com força, alavancando um pouco meu quadril quando levo uma das minhas mãos entre nós dois e empurro sua calça para baixo, libertando seu pau. Seu beijo fica mais forte e denso, com tanta loucura e paixão quanto a forma como seu pênis escorrega para dentro de mim, me fazendo choramingar em seus lábios, a cada centímetro do meu interior que é preenchido por ele. Alan cola sua testa à minha e respira com mais força, me abraçando com todo fervor, me deixando sentir como se estivesse à beira do precipício, o tendo tão fundo dentro do meu ser, completamente imóvel.

Oh, I'm saying it's you, babe

And I'm a sucker for the way that you move, babe

And I could try to run, but it would be useless

You're to blame (you're to blame)

Just one hit of you, I knew I'll never be the same (I'll never be)[53]

— É você, *chica*, só você! — ele rosna baixo, raspando seus lábios nos meus, movendo lento nossos corpos enquanto destrói com o resto que possa ter sobrado do meu raciocínio. — Só você, Sereia, que consegue causar isso em mim — Alan fala rouco e encosta sua testa na minha, ao passo que me segura mais forte, deixando-me sentir como seu coração bate forte colado em meu peito, com meus seios esmagados em seu tórax.

— Vamos embora hoje. — Fico imóvel e sinto sua respiração quente acertar minha face. — Vou te tirar daqui, e iremos embora, Sereia...

— Hoje? — balbucio. — Quer dizer que partiremos... Então vai atrás de Manolo hoje também...

— Não, apenas eu e você, Sereia. — Sua mão se espalma em meu rosto. — Por quinze anos busquei por paz, Selina, trazendo apenas morte por onde eu passei, só que agora é por vida que eu luto...

Alan afasta nossos troncos e sinto quando seus dedos espalmam em minha barriga e ele inala o ar mais com força.

— E é por essa vida que eu fiz minha escolha, Sereia. — Minha mente está bagunçada, tentando compreender tudo que ele está falando.

— Alan, do que... — Mordo minha boca e gemo baixo quando ele move seu pau dentro do meu corpo.

— Não saí de dentro de você ontem, quando me cavalgou em cima dessa cama, *chica.* — Ele me abraça com mais posse, se movendo lento, causando um pico de prazer mais forte quando seus dentes mordem meu pescoço. — Se recorda de como me tomou dentro de você, como engoliu meu pau tão fundo, ao ponto de me tirar o controle...

Meu coração disparado bate mais rápido, tendo as lembranças invadindo minha mente, fortes e intensas a cada estocada do pau dele dentro de mim. Estava tão perdida em tudo que Alan me faz sentir, que não me atentei ao fato dele ter gozado dentro de mim.

— *Dios*... Gozou dentro de mim. — Respiro mais forte. — Ficou dentro de mim.

— Fiquei, Sereia. — Minhas costas desabam sobre o colchão, com o corpo dele sobre o meu. — Porque é só você, só você que realmente me faz ter paz, Selina...

— *Dios,* Alan... — respondo, segurando seu rosto e beijando seus lábios, entregando por completo meu coração para ele, não só meu corpo, mas meu ser inteiro, mergulhando de vez nesse oceano profundo que me arrastou para ele, chamado Alan Spencer.

Capítulo 25



O ALTAR

ALAN SPENCER

Abaixo o binóculo e encaro o ponto de saída ainda vazio, sem a entrega da lancha. Ergo meu pulso para o relógio e observo os ponteiros, sabendo que faltam 30 minutos. Tony é um perfeccionista meticuloso, e sei que às 11h30 em ponto cumprirá o que foi combinado. Viro e caminho lento, indo em direção à colina. Precisarei de 15 minutos para atravessar o caminho de rochedos com Selina em meus braços. É arriscado a deixar caminhar, não quero que corra o risco de se machucar. As pedras com lismo são escorregadias, assim como a descida até o ponto de partida é estreita. Descerei com ela, a deixando escondida dentro da pequena capela abandonada, ao pé da colina. Há um altar oco lá dentro, e a esconderei por alguns minutos, até ter certeza que o caminho estará seguro. Não que não confie em Tony, pelo contrário, sei que ele não me deixará na mão, apenas não desejo cometer erros.

— Acha que ele está aqui... — o sussurro se faz ao meu lado enquanto inalo o ar lentamente. Viro meu rosto para a esquerda, a observando deitada ao meu lado, com sua mão espalmada em seu ventre. — Bom, digo, talvez possa não ter...

— Está — falo sério, lhe respondendo e me virando de lado, esticando meu braço sobre seu corpo e deixando meus dedos sobre os seus. — Tenho certeza de que está. Nunca erro um tiro.

Rio quando ela gira seu rosto para o meu e nega com a cabeça enquanto bufa.

— Arrogante...

Fecho meus olhos e inalo seu perfume, esfregando a ponta do meu nariz em seus cabelos, ouvindo o som baixo da sua respiração.

— Não é arrogância — murmuro entre seus cabelos, falando calmo. — Se tinha uma pequena, minúscula chance de não ter engravidado ontem, pode ter certeza de que agora ficou.

— É, acho que sim — ela suspira, relaxando seu corpo e jogando sua perna sobre a minha. — Com toda certeza fiquei. Dios, um hijo...

Abro meus olhos e levanto um pouco minha cabeça, usando meu braço para apoiar ela, parando meus olhos no ventre de Selina.

— Isso lhe assusta? — ela pergunta baixinho, chamando minha atenção para seu peito, que está subindo e descendo mais rápido. Paro meu olhar no canto da sua boca e observo os lábios se comprimirem.

— Não — falo a verdade, sendo sincero com ela. — Isso me acalma.

Inalo o ar fundo e viro meu rosto na direção do mar, sentindo algo que há muito muitos anos não sentia dentro de mim. Calmaria. Nunca tinha visto algum futuro para mim, algum outro caminho que não fosse morte e sangue, mas a Pequena Sereia tinha me dado muito mais do que apenas salvar a carcaça de um moribundo baleado, ela tinha me dado um motivo para viver. Quero ficar ao seu lado, ver seus sorrisos, ouvir sua voz e escutar seus risos, admirar sua barriga crescer, viver tudo ao lado dela. Quero descobrir como minha vida será sem ter mais sangue em minhas mãos. Ao fim, não estava enganado, realmente terei uma outra vida quando sair de Havana, mas não a que imaginei, de um lobo solitário dentro de Hades, sem porto fixo. Terei que a levar para a mansão e providenciar algumas modificações no veleiro, para acomodá-la.

— Talvez jogue o gato em alto-mar. — Sorrio ao imaginar o fazendo voar em mar aberto toda vez que ele me olhar de forma acusadora.

Nego com a cabeça, descartando a ideia, por mais tentadora que seja. Selina ficaria brava. Pensando bem, a melhor vingança que poderei dar ao gato será justamente o deixar vivo, muito bem vivo dentro de Hades, tendo que aguentar a instabilidade das ondas batendo nos cascos. Meus pensamentos de tortura ao animal diabólico são bloqueados no segundo que giro meu rosto para leste, olhando a vila de pescadores. Observo fumaças pretas vindo daquela direção. Meus passos param e me aproximo de uma rocha, subindo em cima dela e erguendo o binóculo. A fumaça está densa, se espalhando com rapidez. Movo o binóculo de direção, estudando o perímetro, vendo o pequeno comboio de carros estacionados. São picapes pretas com homens armados, andando nas ruas, com os moradores sendo arrastados de dentro das suas casas e jogados ao chão. Mas é no homem

saindo de dentro de uma das casas que meus olhos ficam focados. Rob, filho de Arruda, está sério, caminhando lento e fumando um charuto. Ele dá dois passos à frente e fica parado diante de um pescador que está com a mulher e seus filhos agarrados a ele. Vejo a cabeça do homem balançando em negativo, segundos antes do braço de Rob se erguer, disparando na sua cabeça.

— Droga! — Me viro rápido, sacando o revólver da minha cintura, pulando da rocha e correndo na direção do farol.

Mas paro, com meu braço erguido, apontando o revólver para o jovem que atravessa meu caminho, correndo em disparada. Seu rosto gira para mim, com ele tendo a face machucada, completamente ferida.

— *No me mates.*[54] — Ele chora e ergue seus braços, enquanto suplica em espanhol, negando com a cabeça.

Levanto minha mão para a frente da minha boca, o pedindo para ficar em silêncio, negando com a cabeça.

— Não se mexa! — falo sério, sentindo meu coração bater disparado, mantendo minha mira na cabeça dele. — *Un paso adelante.*[55]

Chamo por ele, tendo meus olhos se abaixando, sabendo exatamente perto do que ele está. Se o garoto der mais dois passos para o lado, irá ter pedaços dele explodindo pelos ares, alertando Rob da minha localização. Tinha fechado o perímetro, cada palmo do lugar, com minas terrestres. A colina inteira, até a praia, está repleta de bombas. O fato dele ter conseguido chegar até aqui sem acionar nenhuma enquanto corria foi um milagre, mas sua morte será certa se der mais dois passos.

— *Por favor, ruega que no me mates.*[56] — Abaixo minhas mãos e retiro a mira da arma da cabeça dele quando seu corpo dá um passo para o lado.

— Parado... *sí?* — falo rápido, negando com a cabeça. — Veja, não quero te matar, agora venha... *Un passo adelante.*

Olho do pé dele, que está a centímetros da bomba, para o farol, sentindo meu peito bater rápido. Se meter uma bala no garoto, ouvirão o tiro da vila de pescadores, e se o deixar explodir as bombas, eles ouvirão a explosão. Minha única salvação é o fazer dar apenas um passo adiante, para

que eu possa o derrubar sem alarmar ninguém. O som de tiros altos e gritos de mulheres e crianças ecoam no ar, fazendo meu rosto virar para lá.

— *Dios...* — O garoto chora, levando as mãos à cabeça, e meu rosto vira no segundo que os joelhos dele se flexionam, tombando no chão, com ele jogando o corpo para o lado.

Meu corpo já está correndo para a direita, e me jogo atrás de uma pedra, tapando meus ouvidos. A grande explosão se faz, voando pedaços do corpo dele pelo ar. Me levanto e respiro depressa, correndo como se o próprio diabo estivesse assobiando em meu ouvido, tendo meu coração disparado. A porta do farol é estourada pelo meu pé quando a chuto com força. Subo os degraus praticamente pulando por eles, tendo meu foco apenas em chegar até ela e a tirar daqui.

— SELINAAA! — grito, a chamando, passando meus olhos pelo quarto e ouvindo sua respiração nervosa vindo da direção da cama. A vejo encolhida perto da parede, e ela levanta sua face pequena para mim.

— Oh, *Dios,* Alan... Eu pensei... pensei... — Ela engatinha entre o choro, se levantando com seus braços trêmulos, com Abóbora preso neles.

— Estou aqui, *chica*! — digo e vou ao seu encontro, segurando sua face. — Precisamos sair, ok? Preciso que faça algo por mim, Sereia.

Dou um passo para trás e abro a mochila, jogando minhas armas que estão dentro dela no chão, as pegando e arrumando-as em minha cintura. Caminho para a cama, pegando o pequeno MP3 com fones que tinha arranjado para ela.

— Manolo, é eles, não é... Alan, por favor...

— Vai ficar tudo bem, ok?! — Seguro seu rosto, falando com firmeza. — Vou te tirar daqui, e nós dois vamos partir...

— Juntos...

— Preciso que coloque os fones, Sereia... — Seguro sua mão e deposito o aparelho de música nela, retirando Abóbora do seu colo. — Acho bom ficar quieto aí! — ordeno a ele quando me abaixo, o levando para dentro da mochila, fechando o zíper e deixando apenas um buraco aberto, para ele poder respirar.

— Selina! — falo firme com ela, a vendo com seus dedos trêmulos segurando os fones, enquanto me levanto e arrumo a mochila nas minhas costas. — Os coloque nos ouvidos...

— Foi por isso que me deu eles... — Ela morde o canto da boca e soluça baixinho, compreendendo qual era a verdadeira finalidade dos fones com o MP3 de música. Não queria que ela ouvisse os gritos e as mortes se eu não conseguisse evitar deles nos encontrarem.

— Venha! — Não a respondo, apenas a pego em meus braços, a fazendo se segurar firme enquanto a arrumo perto do meu peito, descendo às pressas com ela pelas escadas.

Mantenho minha respiração neutra, assim como tento controlar minha frequência cardíaca, deixando minha mente focada em um único objetivo: levar minha mercadoria intacta e segura até a lancha.

— Coloque os fones, *chica*! — falo em comando, saindo de dentro do farol.

Meus olhos estão fixos na estrada que sai das vilas dos pescadores e que vem em direção ao farol, e vejo a poeira na estrada alta, enquanto o comboio está se dirigindo para cá, com três picapes e mais quatro motoqueiros.

— Se segura! — Estico meu braço e bato minha mão na parede, acionando a bomba que tinha instalado dentro do farol, que detonará em 15 minutos a partir de agora.

Tenho que reduzir esse tempo de 15 minutos do meu percurso de 65 metros, do farol até a capela, em 10 minutos, antes da explosão que atingirá tudo em um raio de sete metros. Me movo rápido, dando a volta no prédio, a prendendo mais forte em meus braços, não olhando para trás, apenas mantendo meus passos rítmicos, sem descanso, na direção da capela abandonada, indo por cima das pedras, evitando andar pela trilha que tinha escondido as minas terrestres.

— Alan, eu posso andar...

— Não! — rosno, não a permitindo ir ao chão.

Me concentro no caminho que faço, mantendo meus olhos focados em cada pedra que piso, não a soltando por nada. Chuto a porta da capela, a

estourando e entrando com Selina em meus braços, passando pelos bancos tombados entre os escombros do teto destruído por alguma tempestade que deva ter atingido o local.

— Fique parada — digo rápido, a deixando ir ao chão.

— Onde estamos? — pergunta assustada, enquanto respira forte.

Empurro o altar, ficando sério e encarando o fundo falso no chão. Estico meu braço e seguro seu pulso, a trazendo para perto de mim.

— Se segura. — A pego pela cintura e ergo Selina, a colocando dentro dele, a soltando lentamente quando tenho certeza que seus pés tocaram o chão.

— Alan... Alan... onde estamos...

— Coloque os fones. — Me agacho e retiro a mochila das minhas costas, entregando para ela.

— *Miauuu*... — Abóbora mia, empurrando sua cabeça para fora do buraco, me olhando assustado.

— Alan, por favor, entra comigo... — Selina segura meu braço, negando com a cabeça.

— Não importa o que aconteça, vai ficar aqui dentro. — Seguro seu rosto em minhas mãos, falando firme com ela. — Vai ficar aqui escondida com Abóbora, até eu vir lhe buscar...

— *No... no, marinero*... — Sua face está molhada enquanto ela nega com a cabeça, tentando me segurar pelos ombros. — Por favor, entra... Alan...

Meus olhos se fecham quando encosto minha testa na sua, esfregando meu nariz em sua pele, inalando o ar tão forte como se pudesse marcar seu cheiro para sempre em minha mente. Sinto a calmaria indo embora, tendo meus demônios se agitando, pronto para a guerra, com a morte assoprando em meu ouvido, como uma amiga amarga que sussurra que a paz não é para mim, me chamando para executar o que eu realmente nasci para fazer. E eu o farei, vou matar cada fodido desgraçado que tentar chegar até essa capela, a mantendo segura até ela estar dentro daquela lancha.

— Não me diga que está preocupada com esse moribundo? — falo baixinho, limpando as lágrimas da sua face, recordando dela dentro da sua casa, parada na porta. — Ei, ei, *chica.* Vou ficar bem...

— Alan... — Beijo seus lábios, a silenciando, roubando um pouco mais de Selina para dentro do meu ser.

— Me espere, Sereia. — Solto seus dedos dos meus ombros, me perdendo uma última vez em seu olhar de diamante. Me afasto de Selina, a vendo se encolher dentro do buraco, segurando a mochila, com seu gato em seus braços.

Empurro o altar e tampo o local, escondendo-a debaixo dele, no fundo falso. Levanto meu braço e encaro o relógio, contando os minutos que restam antes da explosão. Retiro a arma da cintura e a destravo, caminhando para fora e procurando um ponto de mira com uma base boa de proteção. Assim que o encontro, me arrumo e estico meu braço, tendo uma rocha como apoio e abrigo em relação às balas que virão em minha direção. Ouço o som do mar, do vento, tudo se silenciando, ficando vazio, enquanto minha mente condicionada a matar se concentra na matança que vai começar. Escuto os freios dos carros, os gritos dos homens enquanto se espalham, e me mantenho imóvel, quase como se meu próprio corpo fizesse parte da mesma matéria da rocha. Sem vida, sem alma, apenas estático.

A primeira explosão é alta, e me deixa saber que eles estão subindo a colina. Já na segunda, os gritos são mais raivosos, e tudo se silencia. Mantenho meu olhar fixo no caminho abaixo do farol, que traz até a capela. E então o primeiro alvo aparece. O disparo é certeiro, não pisco e nem tremo as mãos, apenas aperto o gatilho e estouro seus miolos. E a bateria de tiros começa, fazendo os fogos do Dia da Independência parecerem brincadeira de criança. Rolo para o lado e fico abaixado, ouvindo os tiros ricocheteando a cada estouro na rocha. A terceira explosão vem forte, sendo uma distração perfeita, e me ergo, mirando na garganta de um filho da puta, o acertando com precisão, vendo seu corpo ir ao chão.

— Filhos da puta! — rosno com raiva e me jogo no chão quando uma metralhadora automática é disparada em minha direção.

A poeira da areia se ergue, com os pedregulhos se partindo, virando pedrinhas com a chuva de balas sendo metralhadas. Meu rosto se vira para a

capela quando a parede dela é detonada, sendo atingida pelas balas perdidas. Me jogo no chão e me esgueiro como uma cobra, tendo uma visão do puto que caminha com a metralhadora na mão. Abaixo meus olhos e me concentro no chão, desviando minha mira dele.

— Mais um passo, cuzão! — rosno e esmago minha boca. — Te peguei.

Estalo o conto da boca e disparo diretamente no chão, fazendo o cretino virar pedaços, desmembrando, quando a mina terrestre explode.

— *HIJO* DA PUTAAA!

Os homens gritam, me xingando, enquanto rolo e apoio minhas costas na rocha. Ergo meu pulso e observo o relógio cronometrado, o tempo que tenho antes da grande explosão. Um minuto, apenas um minuto e todos os putos que estiverem em um raio de sete metros perto do farol irão ser apenas restos de corpos misturados um no outro, sendo atingidos pela cadeia de bombardeamento. A bomba que explodirá dentro do farol acionará automaticamente as minas terrestres no segundo que o solo sentir o impacto dos explosivos, levando o prédio abaixo. Matarei os putos que sobrarem, os mandando para o inferno de uma única vez, e a tirarei de dentro da capela, a levando para o ponto de partida.

Os vejo caminhar com armamento pesado, rifles de longo alcance e pistolas automáticas, se espalhando e se dividindo em três grupos, com oito cabeças cada, cercando o farol, descendo a colina rumo à capela. Viro meu rosto para a construção e inalo o ar com força, enquanto ranjo meus dentes e esmago o revólver em minha mão, balançando minha cabeça em positivo.

— Sete, seis... — Inalo o ar com força e conto baixo, não desviando meus olhos da porta estourada de madeira. — Três, dois... Cabum!

Fecho meus olhos quando a explosão vem forte, impiedosa e completamente mortal. E como dominós caindo, leva os outros juntos. A sequência de bateria de estouros começa tremendo o chão, com os gritos se misturando ao zumbido agudo que as bombas causam. E apenas quando a quinta explosão é solta, abro meus olhos e prendo a respiração, me levantando, dando a volta na rocha. Meus olhos se concentram a cada movimento que é feito entre a fumaça, disparando contra corpos

moribundos que gemem entre a dor e o caos. Giro meu corpo para a esquerda e disparo na cabeça de um atirador, que se levanta, tentando ficar de pé. Me abaixo e pego o rifle, o segurando em modo de combate, deixando os anos de treinamento militar, ao ser criado pelo meu tio, comandar meus passos, como se fosse tão normal para mim transitar entre a morte quanto espalhar os miolos de cada um que ainda respira.

Me agacho e inclino minha perna esquerda para frente, a flexionando, disparando no alvo que tenta correr para o alto da colina. Seu corpo cai no chão no segundo que movo meu braço e derrubo outro alvo, liberando a cápsula do rifle e deixando outra entrar. Meus movimentos estão alinhados e sincronizados com a arma. Meus olhos buscam apenas por um, um único fodido alvo entre os vivos e mortos, derrubando ainda os que insistem em ficar de pé. O vulto passando rápido à minha esquerda me faz girar, apertar o gatilho e acertar sua nuca, o derrubando. Ainda sinto a adrenalina percorrer meu corpo quando a poeira abaixa, e o odor de pólvora e sangue impregna o ar. Solto o rifle vazio, sem munição, no chão, sacando minha outra automática da cintura e andando entre a carnificina, rastreando Rob Sales.

— Acho que agora entendo a razão de ter sido tão fácil entrar em minha casa. — Meu corpo se vira, com meu braço firme tendo a arma apontada para o filho da puta à minha esquerda. — Confesso que realmente fiquei pensando: como? Como um homem podia ter tanto culhões para fazer a pior burrice da vida dele em atacar um Sales?

Seu rosto, sujo de pó, se ergue, com ele me encarando e falando rindo, cuspindo no chão.

— Fiquei pensando: por que não revidou no dia que atirei em você? Podia ter me desarmado ou matado o burro de Tobias com a mesma facilidade que acabou de matar os meus homens.

Meus olhos ficam presos nele, não desviando por um único segundo sequer. Rob ri e bate suas mãos em seu corpo, negando com a cabeça.

— Não é um policial, e percebo agora que estava errado. — Ele tomba sua cabeça para o lado e passa seu olhar em volta, sorrindo. — Isso aqui tudo não é o modo que um policial de merda das narcóticos faria, e sim um mercenário.

Destravo a arma, mantendo meus olhos nele quando ele se move lento, se escorando em uma pedra e abrindo sua jaqueta, retirando um maço de cigarro.

— Sabe, eu lhe respeito. — Ele puxa um cigarro para fora e o leva aos lábios, o acendendo enquanto traga lentamente. — Respeito um *hombre* de culhões. E se fosse em qualquer outra circunstância até poderia lhe deixar ir, mas entende meu lado. Matou o burro do Tobias, que realmente era um burro, mas ainda assim era o burro do meu irmão.

Ele traga seu cigarro e passa seus olhos em volta, soltando um suspiro enquanto retorna seus olhos para mim.

— Sabe, isso me faz lembrar de quando era um *ninõ*... — Ele me olha pensativo, estalando o canto da boca. — E *mi padre* me levava para caçar. Eu era péssimo com a mira, mas achava curioso e sempre ficava fascinado com os predadores, em como eles mantinham sua concentração, mesmo com os cães os farejando. *Mi padre* tinha o costume de soltar os cachorros primeiro, isso fazia a fera atacar, saindo da toca.

Ele balança a cabeça para os lados e repuxa seu nariz, enquanto se desencosta da pedra.

— Normalmente, todos os caçadores ficam com seus olhos no alvo maior, mas *mi padre* era um bêbado, porém um bêbado esperto. Ele se mantinha distante, observando os movimentos da fera, porque ele sabia que se atacasse direto, ela também o atacaria. — Ele inala o ar com força e joga o cigarro fora, erguendo seus olhos para mim. — Principalmente quando ela queria proteger os filhotes.

Movo meu braço para cima, deixando minha mira em sua cabeça, atento a cada gesto traiçoeiro dele.

— *Sí*, o predador nunca fica muito longe dos filhotes. — Ele vira o rosto para o lado, estudando o perímetro. — Escondeu tua *mujer* por aqui, não seria tolo o suficiente para deixá-la longe dos seus olhos, mas não é burro o suficiente para a deixar muito perto. Não quando tinha certeza do que as suas amiguinhas iriam fazer quando detonassem.

Ele sorri e levanta sua mão, balançando seu dedo em minha direção, negando com a cabeça enquanto suspira.

— Sabe, me deu um trabalho grande lhe encontrar, mas foi divertido. — O som do helicóptero sobrevoando me faz ficar atento a Rob, e o vejo tranquilo enquanto me encara. — Está ouvindo?

Ele sorri e aponta para seu ouvido, dando uma piscada para mim e erguendo sua cabeça para o céu.

— Achei que seria justo devolver seu presente em minha casa. Já deve ter ouvido falar de bomba teleguiada, não é? — Sinto o suor escorrer por minha testa, ao passo que mantenho meus olhos presos em Rob. — Dizem que ela faz um grande estrago quando toca o solo.

Rob olha em volta e dá de ombros, balançando a cabeça em positivo, e sinto meu coração bater mais rápido ao inalar o ar com força.

— Vai morrer aqui, antes mesmo dela tocar o chão — rosno baixo.

— Oh, sim, *pero*... — Ele retorna seus olhos para mim e dá um sorriso lento. — Não serei o único, certo? — Rob fala calmo, enquanto olha em volta. Mantenho meus olhos presos nele, não desviando para a capela. — Você, essa pedra no sapato que se tornou em minha vida, morrerá. Eu morrerei. — Ele retorna a me olhar, inclinando sua face para o lado. — Sua puta morrerá. Realmente não me importo, não tenho ninguém mesmo me esperando em casa, *compadre*! Todos nós morreremos.

Rosno com raiva, sentindo meu coração disparar enquanto inalo o ar com força, vendo nos olhos do filho da puta, que ele está falando sério.

— Abaixe a arma, americano. — Rob muda o tom de voz, ficando sisudo, me dando um olhar de ódio. — E dou minha palavra que sua cadela não vai sofrer. Mantenha essa porra ainda apontada para mim, e eu explodo cada canto maldito dessa colina.

Ele ergue seu braço e me encara, abrindo sua mão no ar, pronto para dar um sinal. Rosno com ódio e abaixo o revólver, grunhindo com ódio.

— Bom garoto, agora jogue a arma, americano.

Me mantenho parado, puxando o ar com força, sentindo cada nervo do meu corpo completamente estourado, de tanta pressão, desejando rasgar com as minhas mãos a garganta desse desgraçado.

— A arma, a jogue!

Encaro sua mão ainda erguida e jogo a arma no chão, mantendo meus olhos presos nele. Rob sorri com cinismo e abaixa sua mão lentamente enquanto balança sua cabeça em positivo.

— Realmente, meu tio tinha razão. Um homem que não sente, não tem nada a perder. — Ele respira fundo e tomba o rosto para o lado, em seu ombro.

Abaixo meu rosto, ouvindo o helicóptero que sobrevoava, se afastando. Meus olhos o acompanham e o vejo ir em direção ao mar.

— Sabe o que seu tio não ensinou, Rob? — Viro meu rosto para ele, o vendo levar sua mão à cintura.

— O quê? — Ele ri, com seus olhos presos em mim.

— A não ser burro o suficiente para dispensar a única coisa que me faria lhe deixar vivo — rosno com ódio, chutando a terra em sua direção e acertando sua face.

Meu corpo rola e caio para o lado, desviando dos tiros. Meu punho acerta seu rosto, no mesmo segundo que meu cotovelo estoura em seu braço, o que o faz derrubar a arma. Rob cambaleia para trás e chuta minha coxa, acertando um soco em minhas costelas. Seguro sua camisa e grito com ódio, desferindo uma cabeçada direta em sua face, o fazendo urrar alto tanto quanto eu, assim que seu nariz quebra. Ele solta outro golpe em minha costela, conseguindo se desvencilhar e correr na direção do penhasco. Lhe dou uma rasteira, o derrubando, com meu punho já acertando seu rosto novamente, antes que possa se levantar. Rosno com ódio, tendo um terceiro golpe em minhas costelas me fodendo por dentro, ao ponto de eu rosnar como um animal. Cambaleio para trás e respiro com dificuldade, com Rob ficando de pé, cuspindo sangue no chão, se preparando para atacar de novo.

— Não vai sair vivo, não irá sair vivo daqui! — Ele olha por cima do meu ombro e dá um sorriso, com seu olhar morto.

Não olho para trás, os cascalhos embaixo da minha bota na terra árida me fazem saber exatamente onde estou, três passos no máximo e a queda será eminente.

— Eu não tenho mais nada a perder. — Ele ri de forma mórbida. — E você?

Seu corpo investe contra o meu, mas rodo e levo meus dedos à cintura, puxando minha machadinha, o surpreendendo quando passo meu braço por sua garganta e lhe dou uma chave de pescoço, erguendo o objeto para o peito dele e mirando no coração.

O tiro seco, repercutindo no ar, é o que me faz congelar meu movimento, sendo seguido pelo grito aterrorizado, o qual poderia reconhecer em qualquer lugar desse mundo.

— *DÉJAME IR...* — Selina grita, se esperneando enquanto um homem a segura pelos cabelos, a empurrando até ela cair de joelhos no chão.

Ele mantém seus olhos em mim, jogando os fones dela no chão, perto dos seus pés, e pisando em cima, com seu braço se erguendo e apontando uma arma em sua cabeça.

— Oh, *Diosss...* — Selina chora assustada, soluçando com sua face vermelha e o canto da sua boca cortado.

— Não devia ter tocado nela — rosno com fúria, chutando a perna de Rob e o fazendo se ajoelhar.

— Alan... Alan... — Selina, assustada, vira sua face no segundo que ouve minha voz.

— Tua puta vai morrer, *cabrón*... Mate-a, mate a cadela, Navegante! — Rob ri de forma asquerosa, e chuto seu maldito rabo com ódio. O seguro pela cabeça e esmago a lâmina em sua garganta.

— Se afasta dela, ou juro que esse filho da puta vai virar comida de peixe — grunho com fúria para o homem, que aponta a arma para a cabeça de Selina.

O cara baixo e calvo se mantém sério, não desviando seus olhos de mim, e muito menos a arma da cabeça de Selina.

— ABAIXA A PORRA DA ARMA, SE NÃO VOU MATAR ESSE PUTO DE MERDA! — grito com mais ódio, forçando a machadinha no pescoço de Rob.

— Vá em frente, seria um favor que me faria. — Sinto meu corpo inteiro se enrijecer, reconhecendo a voz masculina que sai sisuda, a mesma

voz que por quinze anos ecoou dentro da minha mente.

— Se despeça do seu pai, garoto! — Sales cospe no chão, tombando seu rosto para o lado.

Meus olhos se movem para a esquerda, ficando fixos em Manolo Sales, sentindo quinze anos de fúria borbulhando dentro da minha alma ao finalmente estar frente a frente com o maldito que matou o meu pai.

Capítulo 26



OCEANO PROFUNDO

ALAN SPENCER

— Fazia um tempo que algo não chamava tanto a minha atenção. — O homem em seu terno bege caminha lento, soltando um leve suspiro e parando ao lado de Selina, tendo seus olhos presos em mim. — E você conseguiu, conseguiu ter minha total atenção.

Sua face desvia da minha e ele se agacha ao lado de Selina, enquanto a observa. Seu braço se ergue e a faz se encolher, com os dedos dele a tocando, acariciando os cabelos dela, os empurrando com lentidão para trás da orelha.

— OHHHHH! — O grito de Rob é alto, quando forço ainda mais a lâmina da machadinha em seu pescoço, puxando sua cabeça para trás com toda força.

— Te acalme, garoto. — Manolo gira seu rosto para o meu e me olha curioso enquanto se levanta. — Fez uma bagunça e tanto, hein, isso deveria me deixar honrado.

— Honra vai ser a última coisa que vai sentir quando minha arma estiver dentro do seu rabo, o estourando com um tiro! — rosno com ódio, sentindo as veias da minha garganta a um passo de estourar, de tanto que o sangue corre por elas.

Manolo ri e joga sua cabeça para trás, levando as mãos ao bolso, enquanto nega com a cabeça.

— O garoto tem espírito. — Sua face gira para o homem de pé atrás de Selina, rindo para ele. — Gosto disso, não é um *maricón*[57] como os emprestáveis dos homens da minha família.

— Tio...

— *Cállate!* — ele grunhe com raiva, cortando Rob, o silenciando. — Compreende? É disso que estou falando.

Seu olhar é de desgosto, enquanto não demonstra sentir nada pelo seu parente, que está a poucos segundos de ter a garganta cortada pela

minha lâmina.

— Me responda, garoto, de onde lhe conheço? — Sua face se suaviza, ficando curioso ao me encarar. — Porque, com toda certeza, já vi esse olhar em algum lugar.

— Por que não se aproxima um pouco mais? Talvez meu punho estourando na sua cara lhe recorde. — Desvio meus olhos dele para a face molhada de Selina, encarando o canto da boca dela machucada.

— Navegante! — Manolo estica seu braço e estende seus dedos. A voz de dor de Selina se faz alta quando chora ao ser erguida pelos cabelos pelo filho da puta, que a leva até Manolo.

— SOLTE-A! — rujo com ódio, erguendo Rob com fúria e girando a machadinha, deixando a ponta cravada embaixo do seu queixo.

— Por quê? — Manolo indaga, sorrindo, me fazendo rosnar enquanto o vejo esfregar a lateral do seu rosto nos cabelos dela. — Shhhh, *ninã*...

Ela soluça e se encolhe ainda mais, com seu corpo pequeno tremendo, com seus joelhos ralados, machucados, enquanto respira rápido.

— Uma pena ver algo assim, tão belo, machucado. — Seu anelar escorrega pelo canto da sua boca e nega com a cabeça. — Não acha, garoto? — Ele sorri lento para mim, a deixando de frente para ele, a usando como escudo, observando meus dedos se esmagando no cabo da machadinha. — Por que está aqui? E acho bom me dizer a verdade, ou Navegante fará um estrago ainda maior em sua puta.

— Juro que vou lavar esse chão com o sangue desse merda, se não soltá-la agora, Manolo! — rosno com raiva, empurrando a lâmina para dentro da pele de Rob, o fazendo gritar como um porco.

— Já disse, é um favor que me faria. — Ele dá de ombros, soltando Selina e a empurrando para frente, tirando uma arma da cintura e engatilhando na cabeça dela. — Diga de onde eu já vi seus olhos, garoto, e a deixo viva.

— Não diga nada, *marinero*... Manolo é uma cobra mentirosa, vai me matar de todo jeito — Selina grita, negando com a cabeça. — Quer me matar, me mate, *tu cobarde*[58].

Seu grito de dor é alto quando ele a puxa pelos cabelos, a trazendo para perto dele ao rir.

— *Mirar*[59], Navegante, é geniosa como a *madre* dela! — Meus olhos se movem rápido junto com a mão dele, que se fixa na garganta de Selina. — E pelo visto não é só o gênio raivoso de Maritiza que ela herdou, o gosto por *hombres* imprestáveis também é o mesmo.

— *Callaté*, puto! — Selina se debate com raiva quando ele a prende pela cintura. — Lave sua boca para *hablar* de *mi madre.*

— Talvez mude de ideia e fique eu com você, ao invés de lhe dar para Navegante — ele fala baixo, alisando a lateral do rosto dela com a boca do revólver.

— Uma rota comercial, quinze anos atrás — falo rápido, tirando a atenção dele de Selina, e consigo com êxito assim que ele ergue seu rosto e me encara. — Um navio mercante que transportava uma grande carga de tapeçarias e pedras preciosas da Índia para Nova Orleans.

O braço dele se estica e solta Selina, a entregando para seu homem, que a puxa pelos braços e a imobiliza, com Manolo ficando mais atento em minhas palavras.

— Oh, sim, me lembro desse trabalho. Grandes lucros, muitos lucros... — Ele sorri e levanta sua mão, esfregando seu queixo. — Trabalho fácil, sem muita dificuldade...

Ele se cala e abaixa seu rosto, dando um sorriso lento antes de erguer sua cabeça para mim.

— O filho do *maricón!* — Ele ri mais alegre, com seus olhos brilhando em divertimento, insultando meu pai. — Oh, sim, estou certo, o *niño* jogado ao mar! Sabia que conhecia esse olhar de algum lugar. Admito que até jovem teve mais culhões que *tu padre*, que morreu chorando como uma *chica*!

Ele tomba o rosto para o lado e olha curioso para mim enquanto bate a ponta dos seus pés no chão.

— Alguns meses atrás fiquei sabendo que um antigo amigo que participou daquele roubo foi encontrado morto, com um tiro na cabeça. — Ele estala o canto da boca, virando sua face e olhando para seu homem, que

prende Selina nos braços. — Presumo que tenha sido você que passou por lá para lhe dar um olá. E agora veio até Havana para me cumprimentar, na tentativa patética de vingar um homem fraco e frouxo que morreu chorando como um bebê.

— Meu pai era um homem bom, que tinha muito mais coragem que você, seu rato maldito! — rujo com ódio, sentindo toda ira que me consumiu por quinze anos saindo com fúria. — E quando acabar com minha vingança, não sobrará nada, nem uma memória que alguém possa ter de você nessa face da Terra. Irá pagar pela morte de Stuart Spencer.

Rodo a machadinha com ódio, a enfiando na lateral do corpo de Rob, tão fundo que posso sentir o cabo dela se forçando para dentro da pele. Arrasto sem um pingo de misericórdia para baixo, estripando a lateral do corpo dele, o fazendo grunhir como uma vaca quando é retalhada, se debatendo. O solto e o deixo cair de joelhos no chão, enquanto grita com dor e sangra aos meus pés. Os olhos de Manolo Sales repousam em seu sobrinho antes de erguer a cabeça para mim, a jogando para trás e gargalhando, rindo com toda força, como se tudo não passasse de uma piada que o diverte.

— *Dios!* — Ele ri mais alto, negando com a cabeça e olhando para mim com divertimento. — O destino é uma cadela, garoto! *Mirar*, isso está ficando melhor a cada segundo, Navegante!

Ele vira, rindo, e abre seus braços, olhando o puto que segura minha Sereia colada ao seu peito com brutalidade.

— Veio pra cá para se vingar. — Manolo sorri e vira para mim, balançando sua cabeça em positivo. — *Muy bien*, vamos resolver isso agora!

Sua mão levanta e joga o revólver dele em minha direção, enquanto o olho perdido.

— Ande, pegue. Pegue a arma. — Ele aponta para o revólver, rindo. — Vou gostar de ver isso!

Meus olhos desviam dele para Navegante, e não me mexo, sabendo que é uma armadilha.

— Vá, não me deixe esperando, *cabrón*! — Ele ri e aponta para a arma. — Pegue, ou prefere me matar com essa machadinha?

Seus braços se abrem e ele retira seu paletó do corpo, o jogando ao chão, ficando de frente para mim.

— Aqui, precisa acertar bem aqui, para ter sua vingança... — ele fala rápido, deixando seu sorriso morrer, ficando sério. — Por que foi isso que veio buscar, não é?! Vingança, justiça, matando todos que tiveram envolvidos na morte do *mierda* do *tu padre.* Já matou um, agora faltam dois.

Ele se silencia e estica seu braço, estalando seus dedos novamente. Vejo o corpo de Selina ser empurrado para ele, e é o que preciso para me abaixar rápido e pegar o revólver, o deixando mirado na cabeça de Manolo, que a usa como escudo.

— SEU CORPO VAI ESTAR NO CHÃO ANTES MESMO QUE POSSA A MACHUCAR OU QUE SEU HOMEM CONSIGA ME ACERTAR! — rosno com raiva. — Deveria ter ficado com sua arma, desgraçado.

— Oh, mas que graça daí isso tudo teria — diz, rindo, alisando os cabelos dela. — Cá estamos, você atrás da sua vingança e os dois responsáveis pela morte do seu pai à sua frente.

Meus olhos desviam dele para Navegante, enquanto minhas narinas dilatam. Não tinha visto esse desgraçado lá, talvez devesse ser o marinheiro do barco que o resgatou depois que explodiu o nosso.

— Atire, garoto, atire e tenha sua *venganza* — ele fala sério, enquanto me mantenho firme, com a mira apontada para sua cabeça.

Meu cérebro calcula todas as hipóteses, sabendo que preciso ser rápido o bastante para acertar Navegante primeiro, e depois a cabeça de Manolo.

— Chama meu pai de covarde, mas quem se esconde atrás de uma *chica* é *você*! — sibilo com ódio, olhando Navegante, que segura o revólver em seus dedos.

— Mas quem disse que estou me escondendo atrás dela? — Meu olhar retorna para Manolo, e vejo o sorriso lento em sua boca, enquanto ele

ergue uma mecha dos cabelos de Selina, a levando para perto do seu nariz. — Estou lhe dando seu direito de vingança.

Pisco, confuso, não entendendo o que esse filho da puta está querendo fazer, nem qual jogo está jogando.

— Quer vingar a morte do seu pai, pois bem, atire na verdadeira responsável pela morte dele.

Ele segura a cabeça de Selina, virando o rosto molhado dela de lágrimas para mim.

— O QUÊ? — Selina fala assustada, com seu corpo trêmulo. — COBRA asquerosa, solte-me, seu mentiroso...

— O quê? Vai me dizer que não sabe, garoto!

Sinto o suor escorrer por minha testa, com meus olhos passando entre Navegante, que caminha lento, se movimentando para os lados, e Manolo, que segura firme Selina contra seu peito. O tiro é certeiro quando miro no chão, como um aviso para que ele se mantenha onde está.

— Mais um passo e estouro sua cabeça. — Retorno meus olhos para Manolo, rosnando. — Solte-a, seu mentiroso.

— Sou muitas coisas nessa vida, garoto, mas não mentiroso. — Ele se endireita, parando seu olhar em Rob, que está sangrando no chão, encarando seu sobrinho com desprezo. — O verme que andou visitando antes de mim era tão fraco e inútil quanto esse que está rastejando no chão, perto dos seus pés. Provavelmente, chorou que nem criança, quando deu a minha localização para você, mas julgo que o verme esqueceu de lhe contar o porquê dele ter selado o destino do seu pai.

A face inchada de Black, repleta de feridas e pus, chorando feito criança, caindo no píer da Costa Rica, enquanto me contava que Manolo estava em Havana, se encolhendo de forma fetal e soluçando entre as lágrimas, murmurando coisas patéticas, volta à minha mente.

— É, ele não contou. Não contou que entregou seu pai para mim, trocando a vida dele por dinheiro, para pagar a cirurgia da pobre *hija* dele. — Manolo destila seu veneno, falando sério. — O que um pai não faz por um filho, não é?! Uns dão a vida, já outros matam.

— SEU MENTIROSO! — Selina grita com raiva, se debatendo. — Mentiroso, desgraçado! Meu pai nunca voltou, meu pai não passava de um bêbado maldito que abandonou a mim e *mi madre...*

— Oh, não, criança. Ele não a abandonou. Era um bêbado *sí*, isso é verdade, mas um bêbado burro, que faria qualquer coisa por sua filhinha. — Ele olha para mim e nega com a cabeça. — Já Maritiza era uma mulher honrada, tão honrada que escolheu deixar a filha cega do que aceitar o dinheiro sujo que o marido dela tinha arrumado comigo...

— MENTIROSO DE MERDA! — rosno com ódio, mantendo meus olhos nele.

— Acha que minto? — Ele ri, segurando com força a boca de Selina. — *Dulce niña*, conte para nós qual o nome de *tu padre*!

Selina chora, com seu corpo trêmulo, o que me faz odiar esse verme desgraçado por a estar usando contra mim, a impregnando com sua mentira.

— Valesco. — Inalo o ar com força, jurando o fazer pagar por estar a tocando, ouvindo a voz de choro dela. — Valesco Ortega Black Lopez...

Sinto meu sangue gelar, enquanto meu coração fica estático, parando as batidas. Meu corpo inteiro se enrijece.

— Oh, sim, Capitão Black, como era conhecido pelos mais íntimos! — ele diz, baixo, me dando um sorriso calmo. — Há quantos anos está cega, pequena? Quinze, certo? Se não estiver enganado, são quinze anos.

— Você já nasceu cega?

— Vejo que acordou disposto a ficar me enchendo a paciência e me interrogando. — Ouço sua risada baixa, que me cativa, com ela me fazendo observar cada movimento seu ao se virar lenta e retornar para a mesa.

— Pode se dizer que sim, afinal, ou é isso ou ficar sendo encarado pelo seu gato rabugento. — Me levanto e empurro a cadeira, olhando dela para o gato diabólico que me olha de forma acusadora.

— Abóbora não é rabugento. — A risada dela, tão espontânea enquanto nega com a cabeça, defendendo seu gato, me faz ficar absorto, encarando seus lábios. — Eu sofri um acidente quando tinha seis anos, em Cuba, onde eu morava com minha madre.

Minha mente se revira, trazendo cada lembrança da conversa como se fosse um quebra-cabeça que vai se formando de forma rápida.

— Quinze anos... — A voz de Selina sai baixa ao responder Manolo. — Mas está mentindo, meu pai nunca faria algo assim... Ele nem sequer se importava comigo ou com minha *madre.*

— Eu sinto tanto, sinto tanto... Juro que nunca pensei que aquilo terminaria daquela maneira. — O homem covarde chora baixo, com seu corpo encolhido enquanto soluça. — Só queria consertar as coisas, só queria fazer algo bom, mas eu perdi... perdi tudo.

— Foda-se o que você perdeu. Eu perdi o meu pai! — rosno com ódio e destravo a arma, disparando contra sua cabeça e fazendo um buraco do tamanho de uma bola de gude no seu crânio.

— Oh, sim, ele se importava, tanto que entregou a melhor carga que eu já roubei em troca do dinheiro para sua cirurgia. — A cabeça de Manolo se ergue e ele me olha. — Ande, garoto, atire. Dê a ela o mesmo fim que deu ao nosso velho amigo. Porque se for me matar, acho bom meter uma bala na cabeça da sua puta, já que foi por ela que a vida do seu pai foi entregue a mim.

Meu braço gira rápido no segundo que o vulto se move à minha esquerda, e disparo contra Navegante, que cai para trás, gritando quando é atingido no braço. Minha mira, que estava concentrada na cabeça dele, foi desviada pelo idiota do Rob, que se levantou com ódio.

— Se despeça do seu *hombre*, chica! — A voz de Manolo falando com raiva me faz erguer meu rosto na direção deles.

O tiro é disparado no mesmo segundo que Rob se joga em cima de mim com fúria, nos empurrando para a queda.

— ALANNNNNNNNNNN!!! — Um grito alto, de medo e dor, se mistura com o vento, ao passo que sinto meu corpo sendo estourado dentro das águas.

— Se despeça do seu pai, garoto! — Sales cospe no chão, tombando seu rosto para o lado.

É tudo muito rápido. Vejo as costas do meu pai ficando eretas, e em um rompante ele se vira para mim, batendo forte sua mão em meu peito e

me lançando ao mar quando me empurra com força para fora do barco.

— PAIIIIIIII...

Sinto como se tudo estivesse em câmera lenta: meu grito de desespero, os olhos do meu pai me encarando com tristeza, o som do tiro, a mancha de sangue se espalhando em sua camisa, o baque do meu corpo ao cair na água e afundar no mar... Vejo metade do corpo do meu pai ficando dependurado pela lateral do barco, com seus braços esticados, como se fosse para me alcançar.

Sou engolido por tudo, pelas ondas revoltas que me puxam para as profundezas do oceano, que me devoram de dentro para fora.

Capítulo 27



A DESOLAÇÃO DA SEREIA

SELINA LOPEZ

— Entra no quarto, cadela! — O empurrão forte em meu ombro me faz tropeçar, com meus joelhos batendo no chão duro, causando dor em meus ossos que sustentam o meu corpo. — *Caminar*[60], vadia, levanta...

— Solte-me, seu porco! — grito entre o choro quando a mão dele se prende em meus cabelos, os puxando para trás.

— Basta, Navegante! — A voz de Manolo Sales sai alta, estourando feito um trovão.

Escuto a respiração pesada de Navegante, enquanto solta meus cabelos e dá um passo para trás.

— Vá cuidar desse ferimento, está manchando meu tapete — Manolo rosna baixo em comando.

Me encolho, sentando no chão e abraçando meu corpo, arrastando minhas pernas para perto de mim, com meu corpo trêmulo quando Navegante passa rápido ao meu lado.

— Perdoe os modos de Navegante, ele fica mal-humorado quando é baleado. — Fico imóvel, assustada, acompanhando o som dos passos de Manolo ao andar ao meu redor.

Meu corpo se arrasta para trás, como o de um animal assustado, quando sinto a respiração dele perto do meu rosto. Minhas costas estouram em algo sólido, uma parede ou armário, o que me deixa encurralada.

— Arisca como uma felina. — Manolo ri, me fazendo ficar ainda mais aterrorizada quando se aproxima tanto de mim ao ponto de eu senti-lo a poucos centímetros do meu rosto. — Não sou um animal, não precisa ter medo de mim, criança. Enquanto ficar dentro desse quarto estará segura.

Giro meu rosto para o lado e fecho meus olhos, sentindo as lágrimas escorrendo por minhas bochechas quando a mão dele toca meu pescoço e o acaricia lento.

— Bela como *tu madre*, pequena. Tinha me esquecido de como Maritiza era tão linda quando jovem. — Meu rosto se volta para a frente, sendo obrigada por ele quando agarra meu pescoço e fecha sua mão em volta da minha garganta. — Deixe-me limpar isso, algo tão belo assim não devia estar sujo.

O medo é algo monstruoso. Com a escuridão me engolindo com tanta força em meio ao desespero, à perda, a tudo, fico vulnerável, ainda mais diante da maldade de Manolo. Fecho meus olhos novamente e esmago meus lábios, engolindo meu choro enquanto gelo por inteira, como se uma cobra peçonhenta estivesse me tocando. Sinto a ponta do seu dedo escorregar pela lateral da minha boca machucada pelo tapa forte que Navegante me deu quando tentou me tirar do esconderijo que Alan me deixou, me puxando pelos cabelos e me arrastando para fora. Tentei fugir, mas não consegui. O tapa em minha face foi tão forte que me deixou tonta. Ouvi o miado de dor de Abóbora, que foi arrancado dos meus braços, com a mochila sendo jogada para longe.

— *Tu madre* era a criatura mais bela em sua juventude, assim como você. — Ele fica em silêncio e solta um suspiro, afastando a mão dos meus lábios, empurrando as mechas dos meus cabelos para trás. — A conheci junto com seu pai, eu e ele trabalhávamos no píer de Cuba batendo carga, éramos dois merdas, sem termos onde cair mortos. E ela era uma flor bela que adorava rir com a gente. Uma pena que quando finalmente tomei coragem para lhe cortejar, Maritiza já tinha feito a escolha dela. Uma escolha errada, diga-se de passagem...

Minha respiração fica presa a cada deslizar da sua mão em meu corpo, escorregando para meus ombros, enquanto me faz ficar aterrorizada ao ponto de não conseguir me mexer.

— Se tivesse me escolhido, poderia ter sido minha rainha, e tu... — Sua mão solta minha garganta, afastando-a do meu pescoço. — Minha princesa. Provavelmente teria sido um *padre* muito melhor que o bêbado de Valesco — ele suspira e solta o ar lentamente, me assustando quando segura a barra da camisa em meu corpo, a balançando devagar. — Com toda certeza, *hija* minha não sairia por aí fodendo como uma cadela suja de rua com um forasteiro.

Sua mão solta com raiva a bainha da camisa de Alan do meu corpo, enquanto se levanta e dá um passo para trás.

— Ainda não tenho planos do que fazer com você, mas enquanto não me decidir, estará segura dentro desse quarto. — Ele inala o ar com força e me deixa ouvir seus passos ao caminhar dentro do cômodo. — Vai encontrar uma cama à esquerda e um banheiro à direita. Navegante irá providenciar comida e roupa limpa para você. Sugiro que se banhe e vista as roupas que eu mandar, a menos, é claro, que prefira que Navegante faça isso por você.

Me encolho ainda mais, praticamente colando meu corpo à parede, como se pudesse me misturar a ela, me integrando entre os tijolos e cimento, de tão apavorada que estou.

— Tenho certeza de que vai saber se comportar. Não é como se tivesse muita escolha também. — Ele dá um riso baixo e bate palma de forma alegre. — Bom, agora que minha convidada está acomodada, se me der licença vou tirar essa roupa, odeio odor de morto.

Sinto as lágrimas escorrerem por meu rosto, enquanto meu coração sangra por dentro ao ouvir sua risada fria.

— Não chore, pequena, seu destino podia ser mil vezes pior se o idiota do Rob não tivesse se jogado na frente daquele forasteiro e o empurrado para o penhasco junto com ele. — Meus olhos se esmagam e mordo minha boca, soluçando, ainda podendo ouvir o som do tiro e dos corpos caindo no mar. — Com toda certeza, Rob estaria lhe arrastando para o quarto dele, onde lhe foderia como uma cadela, e depois lhe entregaria para os homens dele. Não tem ideia de como meu sobrinho podia ser bem criativo em torturar uma boceta.

Manolo ri com escárnio e suspira enquanto anda pelo quarto, me deixando ouvi-lo se afastando.

— Até mais tarde, pequena — diz, rindo, fechando a porta atrás dele quando sai.

Meu corpo, enrijecido pelo medo, se amolece, enquanto o choro me pega com mais desespero. Me encolho e viro de lado, abraçando minhas pernas ao soluçar, sentindo uma dor tão forte dentro do meu coração, uma

dor maldita e torturante, que me rasga a alma e me faz querer abrir meu peito e tirar meu coração para fora, apenas para que ela pare. Não consigo acreditar que ele morreu, não posso aceitar que ele se foi...

Ergo minha mão e a mordo com força, abafando meu choro, o desespero que me destrói com tanta brutalidade. Minha outra mão escorrega para meu ventre e fica espalmada sobre ele, ao passo que choro e mordo com mais densidade ainda minha mão.

Capítulo 28



A FÚRIA DO KRAKEN

ALAN SPENCER

Meu corpo pesado se ergue e esmago a areia entre meus dedos, tendo água escorrendo pelo meu corpo, sentindo como se a própria fúria do mar estivesse estourando dentro do meu peito, depois de ter lutado para sobreviver às ondas impiedosas que me engoliram, me arrastando para o fundo do mar, até conseguir chegar à praia. Meu rosto se ergue e olho o grande paredão rochoso, enquanto rosno com ódio, começando a escalá-lo. O ódio é meu combustível, assim como a ira, uma fúria monstruosa que me alimenta, aumentando a fome por destruição e morte a todos que cruzarem meu caminho, como um veneno perverso que corre por minhas veias, tendo um único objetivo martelando em minha mente.

Selina.

Jogo meu corpo para o lado, o impulsionando, e estico meu braço, alcançando uma pedra superior. Me movo feito uma cobra se esgueirando entre as pedras, as escalando, não parando por um único fodido obstáculo que seja. Flexiono minhas pernas e dou impulso para o salto, indo para a outra até chegar ao topo. Meu corpo se rasteja quando passo pela borda, movendo meus joelhos, esmagando meus punhos fechados nos cascalhos, enquanto rosno com ódio. Minha machadinha ensanguentada está no chão, em cima da poça de sangue seco de Rob, e a puxo para meus dedos, a segurando e levantando minha cabeça, vendo a imagem dela enchendo meus olhos, com seu corpo pequeno imobilizado por Sales.

Levanto e caminho devagar, parando perto da marca no chão e me agachando. Acompanho a trilha no chão, das marcas de calcanhares pequenos que foram arrastados, o que me garante ser de Selina. Ao lado tem gotas de sangue, com pegadas maiores, o que me faz supor que deva ser de Navegante. Rosno com ódio, sentindo fúria por não ter o matado. Nunca tinha errado um tiro, e o merda do Rob me fez errar. Meus olhos se movem para a esquerda, sabendo exatamente de quem são as pegadas ao lado das de Selina, que andou lento, acompanhando Navegante a levá-la à

força. Esmago meus dedos e ranjo meus dentes, sentindo meu coração bater forte, com minhas narinas dilatando.

O som do tiro alto me faz girar meu rosto para a esquerda, rodando a machadinha em minha mão e caminhando para lá. Sou guiado pela fumaça negra que se ergue no céu, vinda da direção da capela. Tem rastros de sangues espalhados, com destroços do estrago que a bomba fez para todo lado. O ar contaminado pela fumaça traz o cheiro de corpos, de carne sendo queimada. Outro tiro se faz, tendo uma gargalhada o acompanhando dessa vez, e vejo dois homens de costas. Enquanto um segura um pedaço de perna, falando em espanhol e a jogando na fogueira; o outro está com o braço esticado, segurando o revólver e rindo, mirando contra duas rochas. Meus olhos se movem para o alvo que ele dispara, vendo a mochila entre as pedras, com a cabeça de Abóbora para fora, miando desesperado. O terceiro tiro ergue areia, enquanto ele tortura o gato, brincando de tiro ao alvo, acertando alguns centímetros de distância da bolsa propositalmente. Meus pés já estão se movendo na direção deles, tendo o cabo da machadinha esmagado em meus dedos.

— Ande logo, Pacho, mate logo o bicho idiota e me ajude a queimar esses vermes!

— Estou apenas brincando um pouco com ele, calma. Não é como se a polícia fosse aparecer... — o cara com o revólver fala rindo, mirando novamente em Abóbora.

— Isso, brinque bastante, enquanto eu fico com a porra do serviço sujo... — O homem que se vira para pegar outro pedaço de corpo para jogar na fogueira é o primeiro a me ver atrás dele.

A machadinha já está sendo enfiada dentro do seu ouvido quando o golpeio com ódio, o fazendo cair no chão, gritando. O cara do revólver vira, assustado, não sendo rápido o suficiente com a arma, porque seu braço já está sendo quebrado quando o torço, o fazendo a deixar cair no chão. O seguro pela camisa e lhe dou uma cabeçada, o fazendo cambalear para trás, caindo de costas. Viro e rosno com ódio, puxando minha machadinha de dentro da orelha do puto, que grita, se torcendo. Seus olhos se arregalam e ele se cala quando enterro a lâmina no topo da sua cabeça, a girando com ódio. Chuto seu peito e faço o corpo sem vida cair em um baque seco,

passando por cima dele, tendo meus olhos no outro, que disparava em Abóbora, que está se arrastando no chão, de bunda, segurando seu braço quebrado. Me agacho e pego uma pedra, a segurando com ódio entre meus dedos.

— *Por Dios, no me mates...* — O sangue já está voando por sua boca quando minha mão estoura no seu rosto, disparando a pedra com pura fúria em sua face.

— Ninguém tortura o gato! — rosno com ódio, tendo minha boca espumando de cólera.

Caio por cima dele e dou outro soco, e mais outro, não vendo mais nada diante de mim sem ser apenas ódio, tendo o sangue dele lavando meu rosto a cada golpe de raiva que desfiro nele. E não paro, meu braço se levanta e o acerto com pura pressão, não tendo contagem nem limite, apenas destroçando a cara dele. Não sinto mais meu braço, não sinto mais o peso da pedra que esmago em meus dedos, nem o sangue dele que voou em mim, escorrendo pelo meu rosto, sinto apenas fúria e loucura. Estou completamente fora de controle, como se algo dentro de mim tivesse sido libertado e precisasse de Selina para o controlar. Meu corpo está rígido, com minha respiração pesada, quando meu braço para de se mover. Meus olhos observam a face destroçada pelos golpes, com a pele rasgada e a boca cortada, além do nariz amassado para dentro e dos olhos parados sem vida.

— *Miauuu...* — Giro meu rosto para o lado quando o miado se faz.

Encontro Abóbora fora da mochila, sentado em cima dela, olhando de mim para o cadáver. Ele tomba sua cabeça peluda para o lado e balança sua cauda de um lado ao outro, me encarando.

— Isso não quer dizer que gosto de você — falo baixo, voltando meus olhos para o filho de puta com a face esmagada.

Inalo o ar com força e solto com raiva a camisa dele, comprimindo meus lábios. Fecho meus olhos e passo meu antebraço em minha testa, deixando a pedra escorregar por meus dedos. Sinto como se estivesse caindo no caos, nos destroços da minha alma, que fica fora de eixo quando ela não está por perto, com demônios violentos soltos, incontroláveis, que

estão agitados, buscando pela única coisa que os fizeram descobrir o que é paz.

— *Miauuuu...*

Abro meus olhos e abaixo minha cabeça quando sinto o toque lento da cabeça de Abóbora em minha perna, passando seu corpo por ela, se esfregando enquanto mia baixo, como se compartilhasse o que sinto. O pego em meu braço e levanto devagar, o deixando perto do meu peito, ouvindo o som de tristeza que sai da boca dele enquanto mia, precisando tanto da sua dona quanto eu. Caminho para perto do primeiro puto que matei e puxo minha machadinha, que está cravada no topo da sua cabeça. Sugo o ar com força e ranjo meus dentes, a guardando na cintura, e estico meu braço, pegando a arma caída no chão, ficando com meu corpo ereto e com meu olhar preso na mochila suja entre as pedras, vendo as gotas pequenas de sangue na alça.

— Vou matá-los, gato, vou matar cada puto de merda que a tocou! — grunho com ódio, deixando Abóbora mais perto de meu peito, apoiando meu queixo no topo da sua cabeça.

— *Miauuu...* — Ele mia baixinho, esfregando a cabeça em minha garganta.

Meu braço se ergue e o estico, mirando à minha esquerda, quando um som baixo se faz atrás de mim. Vejo o mercenário de pé, perto dos destroços do que sobrou do farol, segurando uma arma em minha direção. O som seco de disparo se faz, mas não é da minha arma que sai. Tombo meu rosto para o lado e vejo a gota de sangue escorrendo da sua testa, enquanto os joelhos dele vão se abaixando, com o corpo dele rolando pela trilha da colina. Mantenho meu braço erguido, mirando no local que ele estava de pé, ouvindo os sons de passos lentos se aproximando.

— Destruição por onde você passa é algo normal. — A voz cínica sai grave. — Agora, o gato é novidade.

Abaixo a arma e encaro o par de olhos castanhos do puto parado, segurando um rifle em sua mão, me dando um sorriso de lado.

— Está atrasada, mamãe ganso — rosno, cuspindo no chão e levando o revólver para trás da minha calça, o guardando na cintura.

— Fui convocado para proteger uma carga. — Tony passa seus olhos pelo perímetro, antes de retornar seus olhos para os meus. — Não me disse que daria uma recepção de arromba.

— Espero que tenha trazido seu terno, mamãe ganso. — Viro meu rosto e olho na direção do mar, acariciando a cabeça de Abóbora. — Porque a festa que vou dar, vai ser um estouro!



— Estava a caminho de Havana, dentro do avião, quando meu homem me ligou avisando que tinha tido complicações — Tony fala baixo, tendo seus olhos concentrados na faixa que ele passa na minha cintura. — Abriu uma boceta enorme na lateral do seu corpo, mas vai sobreviver.

Ele se afasta e abaixa a garrafa de água que usou para limpar meu ferimento, erguendo seus olhos para mim. Abaixo a camisa e balanço a cabeça em positivo. Meu corpo, quando foi sugado pelas ondas, foi jogado direto no coral, o que causou o machucado.

— Você a viu? — pergunto sério, deixando meus olhos nos destroços do farol. — Quando chegou, eles ainda estavam por aqui...

— Não, mas o amigão ali já contou para onde ela foi levada. — Ele aponta para trás dele, me fazendo olhar para o corpo de um dos homens de Manolo, que está com o peito esfolado e sem pálpebras.

— Teve bastante tempo para brincar — digo baixo, retornando a olhar para ele.

— Pois é. Não me deu muita informação, então precisei achar um amiguinho para brincar. — Ele se abaixa perto de mim, fazendo desenhos no chão quando pega um graveto, marcando um x. — Estamos aqui, na colina, e sua garota foi levada para Castanheira. — Ele desenha novamente, arrastando o graveto na terra. — Na outra ponta de Havana, uma antiga área militar desativada, onde é atualmente a casa de Manolo Sales. Tem mais de quarenta homens fazendo a segurança dele, pelo que pude puxar pelo satélite...

Ele retira um celular do bolso e o joga para mim, me mostrando a área geral.

— Só tem uma entrada e uma saída. Pelo fato de ficar localizada perto de um paredão rochoso ao pé de uma montanha, e ao redor de fazendas, as entradas são escassas — Tony fala rápido, abrindo a foto de satélite e apontando para o paredão. — Se entrarmos por baixo, temos chance maiores. Há túneis de esgoto que passam por baixo do território, temos apenas que esperar pela madrugada...

Nego com a cabeça, entregando para ele o celular e me levantando lento.

— Isso demoraria — falo sério, puxando o ar com força para meus pulmões.

— Alan, essa é a melhor forma de invadir o lugar e resgatar...

— Não vou entrar pelo esgoto, não vou esperar até a madrugada. — Giro meu rosto e o encaro, o deixando saber que não farei isso.

— E me fala então por onde está pensando em entrar, ou vai bater na porta da frente da casa de Manolo e pedir para ele devolver sua mulher...

— Na verdade, não penso em bater. — Abaixo meu rosto para o desenho, esmagando meus dedos ao lado do corpo. — E muito menos pedir.

— Oh, porra, sério?! — Tony se levanta, me olhando. — Essa é sua ideia, entrar pela porta da frente...

— É! — Não dou meio-termo nem vacilo, apenas respondo rápido, me virando e caminhando na direção da vila dos pescadores. — Gato, vem! — chamo por Abóbora, que salta de cima das pedras e anda ao meu lado, miando baixo.

— Gato? — Tony ri, andando junto com a gente. — Vai levar esse gato gordo em uma missão de resgate?

— Vou! — Me abaixo e pego Abóbora, o deixando preso embaixo do meu braço. — E ele não é gordo — falo sério, mantendo meus passos, com minha mente sendo arrastada para a Pequena Sereia.

— *Oh, não o chame de roliço. Abóbora não é gordo, e sim fofinho, por conta dos pelos...*

— Ele é obeso! — falo a verdade, pois o grande gato preguiçoso está tão gorducho que parece uma bola peluda alaranjada.

Ergo meu rosto para a porta do banheiro, ouvindo o som da risada dela, e uma estranha calmaria me pega, me fazendo esquecer a inquietação que o som da tempestade me causa.

— E então, qual é o seu plano? — Tony pergunta sério, andando ao meu lado.

— Matar todos!

Rujo, virando meu rosto para ele, sabendo que não terá sobreviventes, que cada filho da puta que estiver naquele lugar terá uma passagem de primeira classe direto para o inferno.

— Claro, como não pensei nisso, muito genial! — Ele claramente debocha, me deixando saber que preferia seu plano. — Bom, já que as chances de mudar de ideia são nulas, preciso apenas de vinte minutos e uma lista do que vai precisar.

— *C4*[61]! — lhe respondo rápido, dizendo tudo que preciso. — 100 quilos de C4 e um MP3 com fones de ouvido.

— 100 quilos? — Tony assobia, rindo. — Vamos realmente dar uma festa de arromba.

— Será um estouro. — Viro meu rosto e encaro Tony, abaixando meus olhos para o rifle pendurado em seu braço. — Ainda se lembra de como se usa esse rifle 700?

— Tá brincando, essa garota é o único caso de amor duradouro na minha vida. — Ele o retira e o rola em seus dedos, dando um beijo nele. — Mira telescópica subeMA. É tiro na cabeça a 1km de distância. Essa gostosa sabe foder com um homem como ninguém.

Respiro fundo, parando de andar, e fico com meus olhos presos perto de uma casa destruída dos pescadores, vendo o carro parado.

— Não precisava ter vindo — digo sério, enquanto estudo o perímetro, buscando por mais homens de Manolo que possam ter ficado na vila.

— Achou mesmo que eu não iria vir no segundo que me repassou a importância da sua carga preciosa?! — Ele ergue o rifle, usando o telescópio da arma para observar o vilarejo destruído. — Queria apenas ter chegado mais cedo. Mas prometo que vamos tirar ela de lá, vamos tirar sua garota de lá em segurança e matar cada puto que estiver respirando, e depois irá me apresentar essa diabólica mulher que conseguiu fazer Alan Spencer ficar de quatro.

Rio, negando com a cabeça, começando a andar, indo em direção ao carro assim que temos certeza de que a vila está abandonada.

— Ela não é diabólica, é meu anjo — falo baixo, vendo o sorriso doce de Selina em minha mente. — Ela é completamente oposta do que eu sou. Acredito que realmente o destino é uma cadela vingativa por ter cruzado o caminho dela com o meu.

Paro perto do carro e uso meu cotovelo para estourar o vidro, abrindo a porta.

— Como assim?

— Selina é filha de Black, Tony. — Ergo meu rosto e o vejo se virar na mesma hora, abaixando o rifle e me encarando.

— Tá de sacanagem! O cara que você matou, um dos que participou da morte do tio Stuart...

— Sim, ele mesmo. Manolo fez questão de contar assim que descobriu quem eu era. — Me lembro do rosto dela assustada, das lágrimas escorrendo por sua face. — Selina é cega, Tony, ela sofreu um acidente quando tinha seis anos de idade, e o pai dela precisava de grana, por isso entregou meu pai para Manolo.

Respiro fundo e fecho meus olhos, sentindo tudo me pegando: o passado, o presente...

— A mãe dela não aceitou o dinheiro, e não tinha como custear, por isso ela não fez a cirurgia, o que acabou a deixando cega para sempre — comento baixo, negando com a cabeça. — Eu falhei, por um segundo fiquei sem reação, e por isso eles a levaram...

Entro no carro e me sento, tendo Abóbora em meus braços, ouvindo o miado dele baixinho, enquanto nós dois compartilhamos a perda da nossa

dona.

— Em todos esses anos nunca fiquei sem reação, nunca tive um retardamento de ação que fosse, sempre soube onde atirar, como agir, como matar, não importando as consequências, os efeitos colaterais, nada segurava meu dedo no gatilho. — Meus olhos ficam presos nos de Abóbora que, pela primeira vez, não tem um olhar acusador direcionado a mim. — Mas hoje eu fiquei, fiquei completamente paralisado, sentindo medo de errar o tiro e acertar ela. E Manolo viu, ele sabia que ela era meu ponto fraco. Sabia que eu não iria arriscar disparar a arma enquanto ela estivesse na linha do tiro...

— Isso se chama ser humano, Alan — Tony fala baixo e solta o ar lentamente, sentando no banco do carona. — É uma reação natural sentirmos medo quando algo que nos é importante está em perigo. É uma fraqueza que não conseguimos controlar.

Meu rosto se ergue e se vira para ele, tendo uma fraca brecha das feridas que o engolem ficando expostas, coisa que nunca acontece com Tony desde o dia que mataram sua noiva. Tony nunca mais abaixou a guarda, nem demonstrou nenhum traço humano que fosse sobre seus sentimentos. Mas sei que não conseguirei ser como ele se algo acontecer com Selina, não posso erguer um muro ao meu redor e me trancar dentro da minha alma, sendo um morto-vivo igual ao meu primo. Porque era isso que eu era antes de conhecê-la, um morto-vivo, sem nada dentro de mim, até me perder no feitiço da Sereia. A mais perversa loucura e insanidade doentia será o que me restará se ela for tirada de mim, como tiraram Catarina de Tony. Eu mesmo meterei uma bala na minha cabeça depois de ter matado todos, os fazendo sofrer o dobro do que possa acontecer a ela.

— Não vou poupar ninguém — rosno baixo, entregando Abóbora para Tony. — Segura o gato.

— O que... Como assim? — Tony me olha, retraindo seu corpo para trás, tendo Abóbora sério, sentado no colo dele, o encarando.

— *Miauuuu...* — O bichano mia bravo, gostando menos ainda da ideia do que Tony.

— Sério, por que estamos levando esse gato estranho com a gente?

Me inclino para frente e puxo os cabos para baixo do volante, fazendo uma ligação direta no veículo.

— Alan, por que esse gato gordo está olhando desse jeito para mim, como se estivesse julgando até os pecados dos meus antepassados?

— É porque ele está! — respondo sério, dando um sorriso e endireitando meu corpo, acelerando o carro na estrada. — Para sua segurança, acho bom não deixar nada acontecer com ele.

— Oh, fala sério, vai me deixar de babá de um gato psicopata?

Não respondo as reclamações de Tony, apenas me concentro na estrada, acelerando, tendo minha mente voltada para a única coisa que ainda me segura de cair de vez na loucura.

Minha Sereia.

Capítulo 29



UMA RAINHA PARA UM REI

SELINA LOPEZ

— Ande, cadela, caminhe! — Navegante empurra meu ombro, me forçando a andar para fora do quarto.

— *Hijo* da puta! — o xingo com raiva, puxando meu braço quando ele tenta me segurar, lhe dando uma cotovelada. — Sou cega, não aleijada, sei andar com minhas pernas.

— Vadia desgraçada... — Escuto sua respiração forte, com ele me fazendo gritar quando esmaga meus cabelos em seus dedos, os puxando com força.

— NAVEGANTE! — Uma voz masculina sai séria, chamando por ele, me fazendo reconhecer o timbre grosso da voz do homem que levou as roupas para mim no quarto, me ordenando a tomar banho a pedido de Manolo.

Eu estava assustada, ainda encolhida no chão, praticamente colando meu corpo na parede, quando a porta foi aberta, e senti muito medo, achando que era Navegante. Mas não era ele. Manolo tinha ordenado para outro de seus homens me levar a roupa, dando a ordem para eu me limpar, até ser chamada por ele. Apenas me forcei a levantar quando a porta foi fechada, com ele se retirando, não tendo mais nenhum som de respiração dentro do quarto, depois de me dizer a mesma coisa que Manolo, que deveria ir por conta própria me limpar e me vestir, porque quando ele viesse me buscar para me levar até Manolo, se não tivesse pronta, Navegante faria o trabalho por mim. Eu chorei, chorei a cada maldito passo que dei, me segurando na parede e andando devagar, procurando pelo banheiro, abraçando a muda de roupas em meu peito, que o homem tinha empurrado no chão, até ficar perto do meu pé.

— Ouviu a ordem do chefe — ele fala firme, a alguns metros de distância de nós. — Mantenha as mãos controladas.

Mordo minha boca e abafo meu grito de dor, inalando o ar mais forte, com meu pescoço rígido curvado para trás, sentindo como se ele fosse

arrancar o couro da minha cabeça, de tão forte que puxa, não me soltando e rosnando com mais ódio.

— Não vai ser protegida do patrão todos os dias, cadela! — A voz asquerosa, com hálito nojento, colada na lateral do meu rosto, murmura zangada, tendo seus dedos esmagando mais forte meus cabelos. — E quando isso acontecer, vou gostar muito de lhe mostrar de verdade como uma cadela é fodida...

Sinto uma lágrima escorrer por minha bochecha, enquanto meu corpo inteiro está trêmulo, com puro medo.

— Mesmo tomada banho ainda está cheirando a uma cadela no cio, o mesmo cheiro que estava quando te encontrei. — Minha cabeça é forçada para o outro lado, com ele tombando meu pescoço, esfregando sua boca nojenta na minha garganta e inalando o ar com força. — Quem sabe essa noite não te dou uma amostra do inferno que te espera, vagabunda. Pode acabar gostando do meu pau lhe fodendo como um *hombre* de verdade, agora que não tem mais seu puto para lhe comer, porque ele não passa de comida para peixe no fundo do mar.

— Navegante! — o homem fala com mais raiva, chamando por ele. — Preciso ir até Manolo e lhe dizer por que a garota ainda não foi levada até ele?

— Não! — Navegante responde ríspido, empurrando minha cabeça para frente. — Apenas estava tendo uma conversinha com a cadela, garantindo que ela entenda que se não obedecer terá que ser disciplinada, não é, vadia?!

— *Cabrón de mierda!* — murmuro com dor, sentindo o couro da minha cabeça dolorido pela forma bruta que ele puxa.

— Ande!

Ele me empurra mais forte, me fazendo tropeçar na porcaria da barra da calça imensa que estou vestindo. Caio de joelhos e sinto dor nos meus ossos por conta do impacto forte, e automaticamente me encolho, abraçando meu ventre como se pudesse proteger o que tem dentro dele.

— Mas que inferno, Navegante! — o homem rosna com raiva. — Tenho coisas para fazer, não posso ficar de babá, controle a porra do pau,

carajo.

Ouço ele caminhar a passos duros em minha direção, me fazendo repelir seu toque quando segura meu ombro.

— Deixe-me! — Ergo meu rosto e falo com a voz de choro, tirando sua mão de mim. — Não preciso de sua ajuda!

Me levanto, sentindo minhas pernas trêmulas, com meu corpo fraco cansado, tão amedrontada, sem ter ideia do que será de mim. Mas me nego a ficar caída no chão, precisando de alguma ajuda deles que seja para me levantar. Inalo o ar com força e levanto minha cabeça, enquanto endireito meu corpo e fico com ele ereto, mantendo meus braços em volta do meu ventre, o abraçando com toda força, ainda não sabendo como vou sair daqui, mas jurando para a vida que cresce em meu ventre, que lutarei até o último fôlego de ar em meus pulmões para o proteger.

— Ande, vá, caminhe à frente, é um corredor longo! — o cara fala sério, me ordenando a caminhar à sua frente.

— Os homens que ficaram para limpar a bagunça, já deram alguma notícia? — Navegante pergunta para outro homem, andando junto com a gente.

— Falei com Pacho perto das 13h30, depois tentei conversar com ele no fim da tarde, mas não me atendeu — o cara responde, rindo, segurando meu cotovelo, me fazendo virar, seguindo para a esquerda. — Devem estar comendo o cu um do outro, aqueles dois *maricónes*.

— *Hijos* da puta, por que não podem simplesmente fazer o trabalho direito?! — Navegante fala bravo. — Já deviam ter retornado.

— Patrão que deu a ordem, e enquanto os corpos de Rob e do forasteiro não forem encontrados, é para eles ficarem lá.

— Oh, mas não irão encontrar! — Ouço a voz asquerosa de Navegante, que fala alto. — Tanto Rob quanto o forasteiro tiveram uma morte bela, caindo os dois feito um saco de merda de cima do penhasco.

Eu tento bloquear meu cérebro do que ele está falando, não querendo lidar ainda com isso. Não consigo pensar que nunca mais ouvirei a voz de Alan. Fico em silêncio, não o deixando saber como estou morrendo por dentro, mantendo minha mente concentrada em contar os

meus passos desde o segundo que saí do quarto. Dou dez passos retos virando à esquerda, presumo que em outro corredor, já que estamos andando reto novamente, sem nenhum desvio.

— Realmente, o merdinha de Rob se jogou lá de cima? — o cara pergunta, curioso.

— Sim, se atracou como um saco de merda junto com o pau que estava fodendo a cadela. — Ele ri e empurra meu ombro quando toma o lugar do rapaz que estava atrás de mim. — Fique no canto, puta!

Meu corpo é colado na parede, enquanto escuto diversos passos, e um som de algo como rodinhas correndo no chão, vindo em nossa direção.

— Sales pediu comida de mulherzinha de novo? — Navegante ri, enquanto segura meu braço.

— Sim, ele fala que é comida gourmet, mas para mim é só um lixo francês. — Os dois riem, enquanto o som de várias pessoas andando e cheiros de doces com salgado se misturam, sendo extremamente desagradáveis.

— Pode caminhar, cadela... — O empurrão forte em meu ombro se faz novamente com brutalidade, com Navegante me forçando para retornar a andar.

— *Hijo* da puta, pare de ficar me empurrando, *cabrón!* — Escolho meus ombros e solto meus braços, que circulavam meu ventre, chorando baixinho e levantando meus dedos, limpando minhas bochechas molhadas.

Ainda ouço os passos de homens andando perto de nós, e me encolho, mordendo minha boca. Navegante esmaga meu ombro com seus dedos, para que eu fique parada, esperando os homens passarem, me fazendo morder meus lábios com a dor que ele está me causando. Abaixo meu rosto e ouço uma porta ser aberta, com mais passos pesados vindo em nossa direção, além de sentir os odores de suores masculinos se misturando com comida, nicotina e bebidas. Posso pressentir os olhares em cima de mim, como se eu fosse um bicho em exposição, o que faz eu me sentir ainda mais inferior e amedrontada.

— Ainda acho um bando de *maricónes* esses fodidos andarem com os rostos cobertos, todos sabem que são policiais corruptos — o cara perto

de Navegante fala baixo, soltando o ar com desânimo.

Sinto as respirações perto de mim enquanto eles passam, e me encolho, suspirando com tristeza, inalando o ar quando ergo a cabeça. Meu rosto vira quando um aroma se faz presente, mais forte entre os outros. Um cheiro de notas oceânicas invade meu olfato de uma maneira tão intensa, que faz meu coração tolo errar uma batida, como se por um segundo, um milésimo de segundo, fosse o cheiro de Alan que eu sentisse. Meu rosto se vira e acompanho o perfume, ouvindo o som dos passos caminhando lentos ao meu lado.

— Anda, cadela, caminhe!

Sou empurrada por Navegante, que me faz querer chorar ao comprimir seus dedos com brutalidade na minha clavícula, me fazendo retornar minha cabeça para frente, andando tropicando. Mordo minha boca e abafo meu choro, o engolindo e erguendo minha mão, limpando meu rosto. O cheiro de charuto intenso tão forte, é quem me avisa da presença de Manolo.

— Minha convidada chegou!

Ele bate palma, tendo o som de uma cadeira se arrastando com os passos dele, caminhando em minha direção.

— Infelizmente, não tenho muita visita feminina, mas prometo que amanhã terá roupas melhores para vestir. — Sua respiração acerta o topo da minha cabeça, com ele soltando um estalo com a língua dentro da sua boca. — Pode se retirar, Navegante, não precisa nos acompanhar no jantar...

— Patrão...

— Disse que pode se retirar — Manolo rosna mais alto, deixando clara sua ordem. — Acredito que esses quatro soldados dentro da sala possam me proteger de uma pequena *mujer*.

Manolo ri com escárnio, parando ao meu lado e passando sua mão em minhas costas, me fazendo encolher diante do seu toque, que é tão peçonhento quanto o de Navegante. A diferença é que Navegante é uma cobra asquerosa que destila seu veneno, não escondendo suas vontades, já Manolo é traiçoeiro como um escorpião, silencioso e mortal.

— Venha, deixe lhe acomodar, *ninã*. — Sou levada por Manolo pela sala, que me conduz lentamente, parando a sete passos à frente. Ele segura meu ombro quando me empurra para baixo, me fazendo sentar em uma cadeira. — Presumo que deva estar com fome. Vai gostar do que mandei trazer para gente, uma iguaria francesa. Navegante, o que ainda está fazendo aqui?

Ouço uma bufada de ar saindo da boca de Navegante, enquanto seus passos pesados estouram no chão, saindo a contragosto, partindo da sala.

— Gosta de vinho?

Manolo segura minha mão como se eu fosse uma boneca com a qual ele brinca, como uma criança entretida com seu brinquedo novo.

— Não bebo — digo séria, puxando minha mão para o meu colo quando ele tenta me fazer segurar um copo.

— Jura? — pergunta, intrigado, e me encolho, me sentindo mais amedrontada em estar perto dele do que com Navegante. A respiração quente sendo solta na minha bochecha me deixa saber que seu rosto está a poucos centímetros do meu. — Algum motivo em especial?

Sua mão toca minha face e alisa com o dorso do seu dedo indicador minha orelha, acariciando quando empurra meus cabelos para trás. Meus dedos se esmagam em minha perna e aperto forte o tecido da calça, negando com a cabeça, sentindo medo. Medo e pavor do que ele fará comigo se eu realmente tiver engravidado de Alan. É como se estivesse caindo no inferno depois de ter chegado ao céu. Tudo parecia tão certo essa manhã, e agora eu me sinto sem esperança alguma, como se tivesse caído entre os demônios e tivesse passado uma eternidade ao lado deles.

— Apenas não bebo — pronuncio, baixo, virando meu rosto para a esquerda e fechando meus olhos, não desejando o toque desse homem em minha pele.

— *Muy bien*. — Ouço seu corpo se mover, com ele se afastando da minha cadeira. — Suco, então. — Seus dedos se estalam e ele fala zangado. — Você, mande alguém trazer suco para ela.

— *Sí.* — A voz masculina se faz alta atrás de nós e escuto sons de quem foi ordenado saindo da sala.

— Gosta de massa? — Manolo pergunta alto, retornando ao tom de voz animado. — Espero que sim, porque me disseram que é maravilhoso esse prato. — Ele se senta, me deixando ouvir o som da cadeira. — Confesso que ainda não entendo que massa estranha é essa, parece um bolinho de trigo do tamanho de um ovo, com molho de carne. Incrível como dinheiro faz tudo parecer mais chique. Ande, coma, ou deseja que eu lhe sirva na boca...

— Não estou com fome. — Nego com a cabeça e giro meu pescoço para frente, me encolhendo mais na cadeira.

— Não torne isso difícil, Selina, não pense que sou um monstro.

Sorrio com tristeza, achando irônico da parte dele me dizer isso com tanta calmaria e falsidade, realmente crente em suas palavras que devo me sentir grata por ele não ter me matado e nem me violentado, ou me entregado para Navegante me espancar enquanto me estupra.

— Impressionante como se parece com ela. — Seu tom de voz muda e solta um longo suspiro. — Sabe, quando conheci sua *madre*, eu não passava de um cão sarnento, e veja só hoje, sou o homem mais poderoso de Havana, e tenho diante de mim a filha da única mulher que foi digna de ser minha rainha.

Ele ri e dá uma grande gargalhada, como se fosse uma piada que estivesse me contando.

— Homens como eu, Selina, para chegar aonde cheguei, para ter o poder que eu tenho, têm que matar muitos inimigos. — O timbre não é mais animado, nem engraçado, mas sim baixo e sério. — E amigos, principalmente.

— Inocentes também — o respondo séria. Manolo traz tanto sangue de pessoas inocentes em suas mãos, que nem uma vida inteira de sofrimento poderá o fazer pagar pelo que ele já fez aos outros.

— Pequenas pedras no caminho. Como dizem, ninguém faz um bom bolo sem quebrar alguns ovos...

— Matou pais de famílias, mães e filhos, não quebrou ovos, Manolo. — Esmago meus dedos com mais força na calça, sentindo tanta dor dentro de mim. — Você destruiu vidas. Por favor, não converse comigo

como se eu fosse uma tola, sou cega, não burra. Sei exatamente que por trás dessa sua voz calma de bom amigo, não pretende fazer nada de bom por mim. Então, por que não fala logo a sua sentença, o que vai fazer comigo, e acaba com essa porcaria de teatro?!

— Não disse, idêntica à mãe. — Ele ri, me fazendo ficar imóvel quando escuto seu corpo levantar da cadeira. — Vou lhe dizer uma coisa, Selina.

Meu coração bate disparado, sentindo minha respiração ficar presa dentro dos meus pulmões quando ele se abaixa perto de mim e esmaga seus dedos em minha garganta.

— Eu aprendi cedo o meu lugar na cadeia alimentar, e aprendi que se você introduzir um pouco de anarquia, morte, suborno e sangue por onde passa, tudo irá se transformar em um caos. E, sabe, pequena *ninã*, qual é o caminho mais fácil para o caos? — Ele gira meu rosto, me fazendo ficar de frente para ele, tendo seu hálito tocando minha face. — O medo, e eu me tornei rei dele.

— Ahhh... — Minha boca se abre e inalo o ar rápido por minha boca quando ele solta meu pescoço, se afastando de mim.

Levanto minha mão e esfrego meu pescoço, respirando angustiada, me encolhendo na cadeira quando sua mão começa a alisar meus cabelos.

— *Pero*, sou um rei sem uma rainha. — Fico imóvel quando Manolo escorrega sua mão por meu rosto, até parar em meu ombro. — Sem herdeiros, e graças ao seu forasteiro, sem sobrinhos...

— O suco. — A voz de Manolo é cortada por um dos seus homens, que avisa que o suco chegou.

— Pode deixar em cima da mesa — ele fala ríspido, demonstrando braveza por ter sido interrompido.

Meu coração está disparado, enquanto uma lágrima escorre por minha bochecha, ao descobrir agora o que ele realmente pretende comigo.

— Porcaria de macarrão estranho! — Manolo reclama, fazendo um barulho pesado ao sentar em sua cadeira.

Escuto som dos talhares e dele resmungando enquanto come, fazendo ruídos de porco se afundando dentro de um latão de lavagem.

— Que coisa horrorosa, não tem nem como mastigar! — O barulho da boca cheia falando enquanto resmunga é tão horrível quanto sua tosse rouca.

Me mantenho imóvel, sentada na cadeira, me sentindo tão perdida, desejando que ele me mate. Minha mão se estica lentamente para frente e a ergo de mansinho, mas paro, sinto a vibração da madeira, assim como do talher que está vibrando em cima da mesa. Meu rosto gira e fico mais atenta aos sons, prestando atenção em um que se destaca, latente, como tambores batendo com pressão. Levanto devagar e abaixo minha cabeça, ficando mais atenta, enquanto o som fica mais forte. Percebo que não são tambores, e sim como se a terra tivesse se movendo, como se algo tivesse correndo com fúria, vindo direto para cá. Mas não é só uma coisa, são várias, vários cascos estourando no chão.

— Tem alguma coisa se aproximando... — sussurro, assustada, e dou um passo para trás, erguendo minha cabeça.

— Não lhe dei permissão para se levantar. — A voz de Manolo entrecortada, com a boca provavelmente cheia de comida, sai brava. — Se sente agora nessa... Que porra é essa que tá acontecendo?!

— Não sei, chefe... parece um terremoto. — Escuto a voz preocupada de um dos homens.

O rosnado bravo de Manolo se faz quando sua cadeira cai para trás, com ele se levantando. Giro minha cabeça, tendo gritos vindos do lado de fora, chamando minha atenção, enquanto a vibração nos talheres e nas taças em cima da mesa fica mais forte.

— Oh, cale a porra da boca e mande Navegante vir para cá agora! — Manolo ruge, andando pela sala. Os passos dos outros soam enquanto eles ficam mais agitados, assim como as respirações deles, que me deixa saber que estão nervosos.

— Ele não está atendendo o celular, chefe!

A voz do soldado está alta quando a cadeira de Manolo cai para trás, com ele se levantando. Gritos vêm do lado de fora.

— Escoltem-na para o quarto, agora! — Manolo ordena entre os berros. — E alguém descubra que porra está acontecendo lá fora e onde o puto do Navegante se meteu!

Sinto uma mão se fechar em meu braço, ao passo que me vira, me fazendo andar apressada.

Capítulo 30



CAOS

MANOLO SALES

Os olhos de Manolo desviam da garota sendo levada para fora da sala, para a taça de vinho em cima da mesa, e vê o líquido dentro dela se mexendo conforme o cristal vibra. Sua face gira na direção da janela e anda para lá, observando os homens no lado de fora, no pátio, agitados.

— Encontrem Navegante, agora! — Sua voz rosna com raiva e abre as portas de vidro, caminhando para a varanda. — Passe um rádio para a portaria e me diga o que tem do lado de fora...

— Estou tentando, chefe, mas ninguém atende...

— Me dê essa porra aqui! — Ele estica seu braço com raiva, balançando sua mão, virando seu rosto para trás.

Retira o rádio comunicador da mão do soldado, rangendo seus dentes.

— QUE PASSA AÍ FORA? — pergunta com fúria, voltando seus olhos para o grande portão.

Não tem nenhuma resposta do outro lado, apenas o silêncio. Seus olhos se comprimem e estica seu pescoço, mantendo seus olhos concentrados no portão. Seu corpo age por impulso e se agacha atrás da mureta da varanda quando o portão de aço é arremessado no ar, seguido de uma grande explosão.

— ESTOUROOOOOOOO!

As vozes dos homens gritando do lado de baixo, junto com um som ensurdecedor de respirações monstruosas, bufando alto, o faz se levantar, tendo seus olhos se arregalando, vendo a poeira erguida misturada às grandes cabeças imensas dos touros, que nem consegue saber a quantia exata, que explodem em uma corrida cega, invadindo o pátio num grande estouro furioso. Trotando como demônios vindos do inferno, eles batem seus cascos no chão, esmagando e destruindo tudo que tem à sua frente.

Os olhos de Manolo passam pelos animais que invadem suas terras e ouve os gritos dos homens, que são arremessados altos pelos chifres pontudos das feras, e os outros que estão sendo pisoteados pelos cascos. É como se todos os touros das fazendas vizinhas tivessem vindo para dentro do pátio da sua casa. Uma grande explosão, vinda da parte de trás, o faz se virar e desviar seus olhos, em choque, dos touros para o grande paredão rochoso, que rola suas pedras abaixo, com grandes labaredas de fogo, causadas pela tal explosão.

— O que...

Sua voz balbucia ao ver seu império caindo em ruína entre os escombros das grandes pedras que rolam pelo paredão, acertando o pátio e a casa, que treme por inteira.

— CHEFE... CHEFE, ESTAMOS SENDO ATACADOS... — seu homem grita, o puxando pela camisa, o abaixando enquanto a poeira vai aumentando, junto com os outros abalos de terremotos.

Seu soldado o puxa para dentro da sala, o jogando ao chão, tendo o piso da varanda desabando no segundo que Manolo é tirado de lá. Seu corpo trêmulo levanta e vê o grande buraco imenso feito em sua parede, que arrastou a varanda inteira para baixo, a transformando em escombros. Os grandes animais burros correm em um grande estouro, se espremem uns nos outros, trotando para a montanha, com seus cascos ensanguentados, largando apenas corpos pisoteados por onde passaram. Mas não são os touros que trotam que fazem Manolo rosnar, nem grande parte dos seus homens mortos, e sim um homem, um único homem que caminha devagar pelo pátio, disparando contra seus soldados que sobreviveram ao estouro maldito.

— *HIJO* DA PUTAAAA! — Manolo grita com pura fúria a plenos pulmões. — Não pode simplesmente ficar morto no fundo do mar, *carajooo*?!

A cabeça do atirador, que está com um rifle na mão, se ergue, e cruza seus olhos com Manolo, o encarando como se fosse o próprio diabo. O homem sobe em cima de um corpo pisoteado e levanta seus dedos, tocando a lateral da sua testa, cumprimentando Manolo.

— TRAGA-ME AQUELA CADELA, TRAGA-ME AQUELA CADELA DE VOLTA AGORAAAAAAA! — Manolo rosna com ódio, tendo seus lábios trêmulos de pura ira.

Seu corpo se vira e arranca a arma da cintura de um dos seus homens, andando a passos duros para fora da sala.



Selina Lopez

— *Dios*! — Fecho meus olhos e sinto o chão abaixo de mim tremer por inteiro.

O soldado que me segura pelos ombros, me prende pela cintura, sustentando meu corpo e evitando que eu seja empurrada para a parede com a força com que a casa se treme. Ele me cola mais à lateral do seu corpo, andando rápido, não parando de andar, enquanto respiro depressa, sentindo meu coração disparado, quase como se estivesse saindo pela boca. Ele me solta, me fazendo parar, e viro quando ouço sons estranhos, ficando confusa, não entendendo o que está acontecendo. Um grito alto se faz ao meu lado, o que me faz pular quando sinto um corpo caindo perto do meu pé.

— *Con licencia*[62] — fala em um espanhol forte, com seu timbre rouco me pegando de surpresa quando sinto algo ser colocado em cima da minha cabeça, cobrindo meu rosto.

— *Dios, no. NOOOOOO... SOLTE-ME!* — grito em puro pânico, me esperneando, apavorada.

Mas ele não me deixa fugir, não me deixa dar um passo que seja quando me segura pelos braços e os leva para trás, me obrigando a andar. Escuto sua respiração forte, enquanto caminha rápido, me movendo com ele, além dos passos de homens correndo à nossa volta. Está tudo confuso, não sei no que minha audição pode se concentrar.

— Me coloca no chão... — berro, completamente em pânico, quando ele me ergue e desce as escadas, me segurando, apenas me soltando quando me coloca no chão.

Eles vão me matar, é isso. Serei morta por um soldado, com meu corpo sendo jogado em algum bueiro sujo. Ele retorna a segurar meus pulsos, os mantendo presos por suas mãos, atrás das minhas costas, me fazendo andar.

Ouço a porta sendo fechada atrás de nós quando ele se move e solta meu braço, me virando de frente para ele.

— *HIJO* DA PUTA*, MALPARIDO DE MÍERDAAAA!* — esbravejo com ódio, batendo em sua mão quando tenta tirar o pano fedorento do meu rosto. — Tire sua mão nojenta de mim, *ratón. S*ou cega, seu *desgraciado.* Se vai me matar, que mate, mas não cubra meu rosto com essa porcaria! — falo com raiva, tirando o pano da minha cabeça e jogando-o no chão.

— Tem certeza de que ela é um anjo? — A voz dele pergunta debochada ao segurar o riso, enquanto se afasta. — Tem dois minutos!

Meu rosto vira para o lado ao notar que não é comigo que ele está falando. O som da porta sendo aberta, com ele saindo, se faz, com ele me largando em algum lugar. Abaixo minha cabeça e tento me concentrar, sentindo a presença de mais alguém junto comigo. Mesmo não ouvindo sua respiração, nem seus passos, eu sei que tem mais alguém aqui. Encolho meus ombros e abraço minha cintura, mordendo meus lábios e mantendo minha cabeça baixa. As lágrimas escorrem por minhas bochechas lentamente quando mais uma vez o aroma de oceano me pega, entrando em minhas narinas, como um bálsamo para aliviar a dor da minha alma antes do fim. O som dos passos se aproximando fica nítido, enquanto me mantenho imóvel, sem coragem de me mexer. Minha cabeça se ergue no segundo que a respiração quente é solta no topo da minha cabeça, me deixando sentir seu tórax colado em minhas costas, não me deixando saber se é minha mente me pregando uma peça ou se realmente é real.

— *Estás a salvo, chica.* — O timbre de voz que tinha marcado tão profundo em minha mente fala baixo, e ele enterra seu nariz em meus cabelos, os farejando.

— Ohhh, *Dios,* Alannnn! — Me viro na mesma hora, em desespero, e prendo meus dedos em seu peito, sentindo meu corpo inteiro tremer. — É você, é você, *marinero....*

Minha voz de choro sai em um misto de alegria, alívio e pura felicidade, e sou abrigada por seus braços, que me prendem pela cintura, me tirando do chão e colando sua testa na minha.

— Eu pensei, pensei que tinha te perdido... — Choro, segurando seu rosto, precisando o tocar, precisando o sentir para ter certeza que não é um sonho. — *Dios*, está vivo, *mi amor*... vivo.

Meu rosto se inclina para a sua face e a beijo com amor, distribuindo beijocas em cada pedacinho, de forma agitada e agoniada, o cheirando, tocando, passando meus braços em volta do seu pescoço e o prendendo a mim.

— Prometi que voltaria, não foi, Sereia... — sussurra e esfrega seu nariz em minha face, prendendo seus dedos atrás da minha nuca, me abraçando com força com seu outro braço. — E nem o inferno me deixaria longe de você, *chica...*

Sinto como se a vida estivesse sendo colada dentro de mim, no segundo que ele cola seus lábios nos meus, me tirando o fôlego, tendo tanta paixão e entrega em um único gesto, trazendo luz para minha escuridão.

— Vou te tirar daqui, mas preciso que confie em mim, Sereia — murmura, me abaixando e alisando meu rosto.

— Confio, confio, *marinero*... — Balanço minha cabeça em positivo para ele, o abraçando. Ainda não conseguindo me separar do seu corpo, colo meu rosto em seu peito.

Meus olhos se fecham e sinto o beijo que ele deposita no topo da minha cabeça, me embalando em seus braços com carinho, sendo o maior porto seguro que eu já tive em toda minha vida. Alan me afasta com delicadeza e alisa meu rosto, esfregando seu nariz no meu de mansinho, beijando minha testa. Antes de dar um passo para trás, ouço o som de um zíper, com ele respirando pesado.

— Vai colocar os fones e os deixar no volume máximo — fala baixinho, segurando minhas mãos e depositando o aparelho. — E não vai os

tirar até eu mesmo fazer isso, ok?!

Abaixo meu rosto e sinto o aparelho com fones em meus dedos, respirando depressa, movendo minha cabeça em positivo.

— Quando sentir o vento batendo em seu rosto, vai começar a andar, apenas andar em linha reta, sem parar. São cinquenta passos em linha reta, sem tirar os fones dos seus ouvidos em nenhum segundo sequer...

— *No*, *no* vou sair daqui sem você...

— Não, não vai — diz firme, abaixando sua cabeça e colando sua testa na minha. — Vamos sair juntos, vou estar atrás de você, vou estar um passo atrás de você — Alan fala sério e se afasta, me deixando ouvir os sons de velcros, de algo sendo retirado rápido.

— O que é isso... — pergunto nervosa quando sinto ele colocar algo pesado em meu corpo, passando pelos meus braços.

— É um colete à prova de balas... — Minha mão se estica automaticamente na mesma hora e toco o peito dele, compreendendo o que ele fez quando sinto apenas o tecido da camisa fina.

— Não, não pode me dar o seu colete... — Ergo minha mão com a intenção de o tirar, mas Alan segura meus dedos, não me deixando fazer nada.

— Selina, precisa ficar com ele...

— *NOOO*! — grito e puxo meu braço, para que ele me solte, para que devolva seu colete.

— Não entende, precisa estar segura...

— E EU PRECISO DE VOCÊ! — rujo em plenos pulmões, sentindo meus nervos completamente esgotados, socando seu peito com força. — NÃO POSSO TE PERDER, NÃO POSSO!

Meus olhos estão transbordando de lágrimas enquanto tremo, abalada física e emocionalmente, sem força alguma para passar pela dor de o perder novamente.

— Sereia... — As grandes mãos de Alan seguram meu rosto ao murmurar.

— Não posso, Alan... — Esmago meus dedos em sua camisa, segurando o aparelho que ele me deu, negando com a cabeça e soluçando baixinho. — Não posso te perder de novo, *marinero*...

Seus braços passam por minhas costas e me puxam para ele, me abraçando como se fosse algo quebrado, frágil e completamente perdido, deixando eu me sentir segura ali, abrigada no único lugar que eu já senti felicidade, em seus braços.

— Não vou te perder, assim como não vai me perder, lhe prometo — ele sussurra, beijando meus cabelos. — Vamos sair por aquela porta, eu e você. O homem que lhe trouxe é meu primo, ele está indo para o hangar de helicóptero que tem do outro lado do pátio, e vai estar lá nos esperando. Vai contar cinquenta passos, enquanto eu te sigo, e vamos entrar no helicóptero e vou te tirar daqui...

O som do alarme de algo bipando em seu pulso o faz se afastar, com ele inalando o ar com força.

— Temos dez minutos para chegar até o helicóptero, antes que uma cratera se abra abaixo de nós. — Ergo meu rosto para ele ao ouvir sua voz baixa. — Preciso que confie em mim, *chica*. Apenas coloque os fones e não pare de andar.

A verdade é que sempre confiei, mesmo não entendendo o porquê e como, eu sempre confiei. Confiei nele quando o levei para dentro da minha casa, ouvindo meus instintos que gritavam para salvar a vida dele; confiei nele quando me irritava, me provocando, e não chutei sua bunda para fora da minha casa; confiei nele quando entrou naquele quarto, com o temporal desabando do lado de fora, me entregando para ele; confiei nele até quando achava que odiava e sofria pela perda das pessoas que eu amava; confie nele em cada passo que dei ao seu lado até aqui.

— Se morrer, saiba que vou pessoalmente na porta do inferno chutar seu rabo, arrogante *marinero* — falo firme, erguendo os fones para os meus ouvidos.

— Não espero menos que isso de você, Sereia — sussurra e dá um riso, limpando minhas bochechas em seguida.

Respiro fundo e o deixo ligar o aparelho, arrumando os fones, para ficarem bem presos às minhas orelhas.

This world can hurt you

It cuts you deep and leaves a scar

Things fall apart, but nothing breaks like a heart

And nothing breaks like a hear[63]

Escuto o som da canção tocando nos fones baixinho, enquanto ele aperta o colete em volta do meu peito. Meus dedos se esticam e espalmo seu tórax, em cima do seu coração, o sentindo bater tão disparado quanto a batida da música, soltando sua respiração quente em minha face.

— *Mata a todos, marinero...* — murmuro e dou um sorriso quebrado, sabendo exatamente por que ele está me fazendo ficar com esses fones. — *Pero mantente vivo para nosotros*.[64]

— É só por vocês. — Alan segura meu rosto e esfrega a pontinha do seu nariz no meu. — É só por vocês que eu sobrevivo, Sereia. — Uma de suas mãos solta meu rosto e espalma meu ventre. — Passei boa parte da minha vida vagando no mar, pulando de porto em porto, buscando por algo que até então não compreendia, como um morto-vivo. Por duas vezes o oceano me devolveu à terra firme, quando podia ter me engolido dentro dele. Porque desde o começo, desde o início, minha vida estava entrelaçada à sua, Sereia.

Seus lábios se colam aos meus e me beija com posse, enquanto me entrego a ele, selando nossos futuros. Viver ou morrer, mas que seja um do lado do outro. Alan se afasta de mim e aumenta o volume da música, segurando minha mão com força quando me entrega o aparelho com *Nothing Breaks Like A Heart* tocando no máximo, abafando qualquer outro barulho da minha audição com a voz de Mark Ronson e Miley Cyrus.

We live and die by pretty lies

You know it

Oh, we both know it

These silver bullet cigarettes

This burning house, there's nothing left

It's smoking

We both know it

We got all night to fall in love

But just like that, we fall apart

We're broken[65]

Meus olhos se fecham e entrelaço meus dedos aos seus, inalando o ar com força, enquanto meu coração bate forte, desejando o manter preso a mim. Os dedos de Alan soltam os meus lentamente, quando o vento toca minha face, e abro meus olhos, não tendo nada além da grande escuridão que sempre me acompanhou, mas dessa vez eu não ando dentro dela sozinha.

Capítulo 31



A VINGANÇA DE POSEIDON

ALAN SPENCER

Ergo o rifle, o segurando firme em meus dedos, e aperto o botão da parede, abrindo a porta retrátil da garagem.

— Acho bom não errar um maldito tiro sequer — falo sério, com meus olhos presos em Selina. — Porque eu não vou errar quando disparar uma bala dentro do seu cu, se algum arranhão que seja acontecer a ela!

— *Ohhh, como o amor é lindo! De uma declaração apaixonada fomos para ameaças macabras.* — A voz debochada responde, rindo pelo pequeno dispositivo no meu ouvido. — *Estou vendo o pacote com visão privilegiada, mande-a para a entrega.*

Destravo a arma e arrumo minha mira, tendo uma visão livre do perímetro por cima da cabeça de Selina.

— Tony! — chamo seu nome, rosnando baixo e sentindo minha corrente sanguínea pulsando rapidamente. — Não erra!

— *Somos Spencers!* — ele fala sério, não tendo mais o riso em sua voz. — *E nós nunca...*

Um corpo cai de cima da sacada, sendo abatido com um tiro preciso na cabeça no segundo que ela dá o primeiro passo, saindo.

— Perdemos um tiro! — finalizo por ele, girando e disparando no soldado que vem correndo pelo corredor lateral do pátio.

Viro e fico de costas para ela, atirando nos dois de cima, que passam pelo piso superior e gritam na sacada. Escuto outro tiro, com o cérebro dele voando na parede, sendo atingido por Tony. Meus olhos se movem rápido a cada sombra que aparece, tendo meu dedo sendo mais ágil ao apertar o gatilho, matando cada filho da puta que ainda restou nesse lugar. Giro e me movo junto com ela, mantendo um passo de distância entre nós, acertando os alvos. Comigo limpando sua retaguarda e as laterais, e Tony protegendo a frente, varrendo o caminho, a deixamos passar em segurança. Troco o pente do rifle, descartando o vazio no chão e trocando pelo cheio quando o

retiro do bolso de trás da calça, erguendo o rifle e acertando um atirador na janela esquerda da casa em seguida.

Os touros enfurecidos, arrebentando os portões da frente em um estouro de boiada, tinham pisoteado 80% dos homens de Manolo, e a explosão no topo do rochedo, no pátio da frente da casa, bloqueou a saída leste, prendendo 10% dentro da casa, enquanto os outros 10%, que ficavam na área de trás da saída da garagem, estavam sendo abatidos por nós. Era a saída mais limpa e segura em meio à carnificina que poderia usar para tirá-la daqui. As saídas de esgoto tinham sido bloqueadas com uma quantia alta de C4, que poderia facilmente fazer o Grand Canyon no norte do Arizona parecer um buraco de asfalto perto da cratera que iria se abrir aqui, quando a C4 fosse acionada. Giro para a direita, abatendo mais um, estourando seu joelho e o fazendo cair ao chão antes de balear sua cabeça. Meus olhos acompanham tudo que se mexe, não tendo nada mais importante do que a fazer cruzar esse caminho em segurança.

— *Estou na frente!* — Tony fala, rindo, disparando na direção sul, mantendo o campo aberto.

— Se concentra, isso não é uma aposta! — rosno com raiva e me abaixo, mirando no carro que está vindo na nossa direção. — Até porque, se fosse, eu estaria na frente.

Disparo, acertando o motor, o fazendo estourar, com o motorista puxando o carro contra a coluna lateral da casa e o acertando precisamente no local.

— *Filho da puta, está roubando!* — Tony xinga, derrubando mais outros dois.

Viro e caminho de costas para Selina, quando ela passa a metade do terreno, em completo campo aberto, tendo meus olhos presos nos destroços, matando qualquer um que esteja nos seguindo. Assim que tenho certeza que Tony consegue manter o perímetro limpo até chegarmos ao helicóptero, giro e solto o rifle, o deixando pendurado pelo cinto de apoio, passando meu braço em suas costas, a fazendo se assustar e dar um grito quando a tiro do chão. Esfrego meu rosto no seu e beijo sua testa, a fazendo se acalmar quando percebe que sou eu, envolvendo seus braços em meu pescoço, ficando quietinha. Ando rápido em linha reta, não desviando

minha atenção por nada, a não ser para tirá-la de vez daqui. Subo as escadas que levam para o hangar, tendo os disparos de Tony assobiando por cima da minha cabeça, terminando o serviço com qualquer um que tenha restado. Apenas abaixo e solto seu corpo, lhe deixando de pé, quando estamos a poucos metros do helicóptero. Seus dedos trêmulos se seguram em meus braços enquanto respira depressa.

— Conseguimos? — ela balbucia, assustada.

Meus dedos se movem e vão para suas orelhas, retirando os fones, a trazendo para perto de mim.

— Sim, conseguimos, *chica*!

— *Gracias a Dios!*

A pego em meus braços no segundo que ela se joga, pulando em cima de mim, e a prendo tão forte em meu abraço, precisando a ter colada em mim, para meus demônios finalmente acreditarem que ela está segura.

— Está segura, Sereia... — murmuro e beijo o topo da sua cabeça, esfregando meu nariz em seus cabelos, a cheirando, lhe sentindo rente ao meu corpo, tendo toda a loucura se silenciando.

Não me importa de ter até meus ossos marcados por sangue e morte, porque tudo que fiz foi exatamente por ela, para a ter segura comigo.

— Não quero ser chato, mas acho que podemos continuar essa doçura dentro do helicóptero. — A voz de Tony sai alta e ele desce um barranco que tinha usado para ter uma boa mira. Está carregando uma mochila em sua mão.

— *Miauuuu...*

— Viu, o gato psicopata concorda comigo! — Tony ergue a mochila, tendo a cara gorda e peluda do felino se espremendo, saindo de dentro da mochila.

— Abóbora! — Selina vira na direção do miado do gato, que fica mais agitado ainda quando ouve a voz dela.

Tony estica sua mão e para a alguns passos de Selina, me entregando a mochila. Solto o gato gordo, o entregando para ela, que o esmaga em seus braços e o enche de beijos.

— *Dios,* está bem, *cariño*! — Seu queixo se apoia em cima da cabeça alaranjada enquanto o gato lambe seu pescoço, miando para ela.

— Temos que sair agora! — Tony fala sério para mim, erguendo seu pulso e batendo seu dedo sobre ele.

— Sim, vamos! — Movo Selina com cuidado ao tocar em suas costas.

— Mas Manolo, Manolo ainda está vivo, e Navegante... — Ela gira seu rosto para mim, falando com medo. — Navegante, ele pode ir atrás de...

— Ninguém virá atrás de nós, Sereia — falo calmo para ela, lhe pegando no colo e passando meus braços por baixo das suas pernas, ainda podendo ver o medo que o filho da puta pôs nela, que é demonstrado em suas palavras assustadas.

— Pode ter certeza que sim! Porque não vão sair daqui. — A voz alta, cheia de ódio de Manolo, se faz nos pés das escadas do hangar. — Solte-a agora, *hijo* da puta maldito!

Olho para Tony, que está com suas mãos indo para o revólver, ao lado do corpo. Nego com a cabeça e faço um movimento na direção do helicóptero, para que ele vá para lá. Viro devagar, a deixando ir ao chão lentamente, mas a mantendo ao meu lado.

— Alan... — Selina se encolhe e esmaga seus dedos em minha camisa.

Seguro sua mão e deposito um beijo nela, retirando lentamente o MP3 dos seus dedos, tendo meus olhos presos em Manolo, com sua face encrustada de ódio nos encarando, com a arma dele apontada para mim.

— Podia ter ido viver sua vida, por que não o fez, ao invés de vir me sacanear?! — ele ruge com fúria, esmagando sua boca. — Não lhe matei da primeira vez, nem na segunda, mas garanto que na terceira vez não retornará, porque realmente serei eu a lhe matar, garoto.

Meus olhos se movem na direção da casa e vejo seus homens vindo em nossa direção.

— Só tinha que morrer, mas é teimoso demais! — Ele troca sua mira, mudando para Selina e negando com a cabeça. — Quem sabe aprende

a ficar morto, se eu mandar sua cadela primeiro para o inferno!

Solto um suspiro lento e abaixo meus olhos na direção da barriga dela, antes de erguer meus olhos para os seus.

— Poderia fazer um favor para mim, Manolo? — falo sério, a trazendo para mais perto. — Quando chegar ao inferno, mande lembranças minhas para Navegante!

— Seu garoto de merda....

O relógio no meu pulso bipa, me avisando que a hora tinha chegado.

— Coloque os fones, Sereia — sussurro para Selina, que abaixa sua cabeça e faz o que eu peço, pegando os fones que estão em seu ombro enquanto segura Abóbora firme em seus braços, tapando os ouvidos dele.

A mantenho perto de mim quando a primeira onda de explosão vem, com a casa sendo engolida e desabando, com bolas de fogo explodindo de dentro dela. Manolo se assusta e se abaixa, virando sua cabeça para trás e vendo sua casa não passar de escombros, fumaça e fogo, com cada cano de esgoto sendo estourado.

— *HIJO* DA PUTAAAA! — Ele me olha com raiva e se levanta com suas mãos trêmulas.

Estalando o canto da boca, faço um gesto de cabeça para seu abdômen, olhando para lá. A cabeça dele se abaixa, acompanhando meu olhar, ficando confuso ao observar a luz infravermelha que está mirada nele. Sua cabeça se ergue e olha para minha mão, que está apoiada no ombro de Selina, percebendo que a luz infravermelha vem dele.

— Devia ter cuidado com o que come — falo sério, mantendo meus olhos nos seus.

Horas antes

Seguro firme o rifle em meus dedos, andando atrás dos guardas junto com Tony, saindo do escritório de Manolo, garantindo que o prato de massa seja servido para ele. Tony tinha aproveitado a entrada do pessoal do restaurante para nos colocar para dentro, com a gente se passando pelo

pessoal da cozinha. Apagar os dois guardas e sumir com os corpos foi fácil, e logo tomamos os lugares deles, cobrindo nossas faces com as balaclavas que usavam, por serem policiais corruptos trabalhando para Manolo. O difícil foi misturar a C4 no prato de comida de Manolo, a fazendo parecer os pequenos bolinhos estranhos que ele iria comer. Mas nada que eu não conseguisse fazer, garantindo uma morte digna ao porco quando Tony mirasse a mira de infravermelho nele, antes de partirmos. Primeiro tinha que garantir a retirada de Selina daqui.

Caminho lento, seguindo os outros guardas saindo da sala. Sinto seu cheiro, sinto sua presença antes mesmo de meus olhos a encontrarem, e a vejo parada no corredor, encolhida, com sua face molhada. Sinto como se meus passos estivessem pesados, sentindo vontade de matá-los, de a pegar e sair correndo agora. Ela está na minha frente, apenas preciso a puxar para mim. Sua face se ergue e gira na mesma hora, tendo os olhos de diamantes me prendendo neles, me deixando ver seu medo e toda sua dor.

— Ande, cadela, caminhe!

Meu corpo se retrai, tendo minha boca se esmagando enquanto rosno baixo, segurando firme o rifle. No segundo que ouço a voz de Navegante, viro meu rosto e olho por cima do ombro, o vendo esmagar seus dedos na pele dela, a fazendo se encolher de dor.

— Não. — A voz baixa perto de mim sai séria, me obrigando a continuar caminhando.

Tony nos empurra para uma porta aberta assim que o pelotão se afasta, prendendo seu antebraço em meu peito, negando com a cabeça.

— Se for atrás dela agora, vai morrer, assim como sua garota — ele rosna baixo, sendo firme.

— Me deixa...

— Não! — Ele me mantém imobilizado, empurrando seu antebraço ainda mais para cima e esmagando meu pescoço. — Olha pra mim, olha pra mim, Alan!

Rosno com raiva e viro meu rosto para ele, inalando o ar com força e sentindo como se uma fúria incontrolável me consumisse.

— Sei o que está sentindo, ok? — Ele muda seu tom de voz, tornando-se sisudo. — Sei exatamente o que está sentindo, mas se quer ela viva, se quer a tirar daqui, preciso que desça, que saia de dentro da casa, acione as porras das bombas e me espere na garagem. Vou levá-la até você, como combinamos.

Esmago minha boca e ranjo meus dentes, sentindo ódio, raiva, precisando chegar até ela.

— Eu vou buscar ela!

— Não está em condição, está com a mente turva. — Ele nega com a cabeça. — Qual a primeira regra, Alan?

— Fodam-se as regras...

— QUAL A REGRA? — Ele me empurra com mais força, não me deixando o empurrar de volta.

— Mente limpa e o alvo nunca sai da mira — rosno baixo, com ódio, o respondendo.

— Não está com a mente limpa, e seu alvo vai fugir, porque se ficar dentro daquela sala, vai agir por impulso — fala sério e solta meu pescoço, dando um passo para trás. — Agora vá e faça o que tem de fazer, vou tirá-la daqui e você vai a levar até o hangar, ninguém vai machuca ela, ok?!

— O que as duas bichas estão fazendo aqui dentro? — Tanto meu rosto quanto o de Tony se vira para a porta, vendo Navegante parado.

Tony inala o ar com força e nega com a cabeça, esfregando seu rosto, ouvindo meu rosnado sendo solto com fúria pelos meus lábios.

— Tem um minuto! Seja rápido — diz sério, passando por Navegante.

O filho da puta se vira para olhar para Tony, e quando seu rosto retorna para minha direção, é para encontrar meu punho estourando em sua cara em cheio, o fazendo cair para trás. O puxo pelas pernas e o trago para dentro do cômodo, fechando a porta, enquanto retiro a porcaria da balaclava.

— Você... — Ele nem chega a se erguer, não quando a coronhada do rifle o acerta precisamente no nariz, o quebrando, fazendo ele cair de costas

novamente.

Meu joelho se prende em cima do seu peito e o deixo imobilizado, enquanto meu rosto demonstra meu ódio sem controle. Puxo a machadinha de caça, a rodando em meus dedos, enquanto inalo o ar forte e afundo ainda mais meu joelho em seu tórax.

— Sabe, me poupou alguns minutos que teria que tirar para ir atrás de você — sibilo as palavras e solto o ar pesadamente. — E, por Deus, queria muito, muito mesmo que tivesse alguns segundos a mais, mas acho que posso garantir que iremos brincar, mesmo que seja um espaço de tempo curto.

Sorrio e tombo meu rosto para o lado, o encarando. Ele xinga em espanhol e tenta empurrar meu joelho de cima dele. Sua mão se ergue, querendo me acertar, e deixo meus olhos ficarem presos em seu ombro, onde eu atirei, esmagando meu dedão em cima do ferimento. Meus olhos focam nos seus quando o esfaqueio na lateral do seu corpo, na altura dos pulmões, torcendo tão fundo até acertar seus pulmões, os perfurando e o impedindo de gritar. A puxo lentamente e tiro meu joelho de cima do seu peito, ficando ajoelhado ao seu lado, segurando seu rosto, enquanto o observo agonizar.

— Vai demorar alguns minutos para morrer, mas a perfuração nos seus pulmões vai causar um estrago e tanto, com eles se enchendo de sangue a cada respiração que você tentar sugar. Penso que deva ser a mesma sensação de morrer afogado, sabe, a diferença é que é com seu próprio sangue — falo lento, lhe explicando como será o seu fim. — Mas vou poder me divertir um pouco antes da sua morte. Lhe avisei que não deveria ter tocado na minha mulher. — Sorrio e nego com a cabeça, dando um leve tapinha em sua bochecha, antes de segurar seu queixo. — Está tão sério, por que não está sorrindo agora, cadela? — rosno com ódio, girando o cabo da machadinha em meus dedos, o levando para sua boca e o obrigando a ficar com ela aberta, cortando a lateral da sua bochecha, enquanto ele se debate, se retorcendo no chão.

O sangue lava meus dedos, escorregando por eles, ao passo que vou deixando um rasgo imenso na sua face, no mesmo lado que ele machucou Selina, fatiando a pele como um pedaço de carne podre. A movo e faço o

mesmo estrago do outro lado, enquanto ele mantém seus olhos arregalados, agonizando entre a dor, me encarando. Forço meu dedo ainda mais fundo no ferimento do tiro, enfiando meu anelar por inteiro, desejando causar o dobro de dor que ele causou nela.

— Ainda não vai morrer, vai ficar um tempo lutando para viver, como um verme asqueroso, e eu também não vou te matar, lhe dando uma morte rápida agora. — Abaixo meus olhos para sua perna e vejo a faca dele. — Parece ser boa essa faca — digo, sorrindo, virando a machadinha em minhas mãos. — Segure minha machadinha, sim?! — falo animado, a enfiando no ferimento de bala em seu ombro, a cravando fundo, puxando a dele, que está presa na lateral da perna, em um compartimento da calça. — Oh, sim, boa. Muito boa faca. — A rodo lenta na palma da minha mão, sentindo o peso dela.

A giro com tranquilidade em minha mão e prendo o cabo em meus dedos, erguendo seus pulsos para cima da sua cabeça e a enterrando na palma da sua mão, o deixando pregado ao chão. Vejo seus olhos ficarem ainda mais arregalados, com lágrimas escorrendo pela lateral, tendo o sangue saindo por sua boca arregaçada.

— Espero que goste do show, porque ele vai ser um estouro!

Sorrio e me levanto, puxando minha machadinha do seu ombro e pegando a porcaria da balaclava do chão, caminhando lento para fora da sala ao abrir a porta. Retiro a chave da fechadura do lado de dentro e tranco a porta por fora quando saio, jogando o objeto pela janela.

Tempo atual

O pé de Manolo não chega nem a tocar o chão, quando a C4 começa a fazer seu trabalho, o inchando como uma grande bexiga humana, fazendo o sangue escorrer por seus olhos e nariz, tendo seus órgãos internos sendo destruídos pela massa explosiva plástica que o estoura lentamente, com os ouvidos sangrando, a boca se abrindo e não saindo um único som.

— Cabum! — Pisco para ele e dou um sorriso de lado.

Tapo o rosto de Selina e nos viro de lado, quando pedaços de carne voam, junto com suas tripas, por todo canto. Abaixo meu rosto e olho para a poça nojenta no chão, onde a única coisa inteira que sobrou foi seu tronco inferior.

— É isso que chamo de a comida desceu como uma bomba no estômago — Tony fala alto, enquanto observa os restos de Manolo. Nossos olhos se erguem ao mesmo tempo para o paredão, que começa a desmoronar, tendo as estruturas rochosas abaladas pelos explosivos que detonaram a casa. — Bom, acho que agora realmente é a nossa deixa!

Abaixo meu braço e a pego no colo, entrando no helicóptero com ela e Abóbora, fechando a porta. Solto o aparelho dos meus dedos e tiro os fones de ouvido de Selina, a vendo encolhida, com seus olhos espremidos.

— Acabou, Sereia — sussurro e ouço seu choro baixinho, enquanto ela esconde seu rosto no meu peito e esmaga seus dedos na minha camisa.

Capítulo 32



A SEREIA SEM ESCAMAS

SELINA LOPEZ

Nova York
Mansão Spencer
48 horas depois

Sinto meu corpo pesado, como se estivesse afundando, e sinto minha cabeça dolorida e cansada. Pisco, sonolenta, e tombo meu corpo lentamente, o virando devagar. Tenho a sensação que dormi uma vida inteira, de tão esgotada que estava. Bocejo e passo minhas mãos no travesseiro ao lado, coçando a ponta do meu nariz. Um cheiro bom entra nas minhas vias respiratórias, enquanto afago meu rosto no tecido gelado e fico um segundo quietinha, sem me mover, percebendo que meu corpo preguiçoso está deitado em cima de algo extremamente confortável, tão bom que me faz desejar ficar mais um pouco deitada. Não lembrava do meu colchão de mola ser tão macio assim. Viro e fico de barriga para cima, soltando um suspiro, e abro meus olhos, tendo a certeza que não estou na minha cama. Não é o meu colchão. Nem a minha casa, porque ela já não existe mais.

As lembranças da explosão e do som alto repercutem em minha mente, caindo sobre mim como uma avalanche. O farol, a praia com Alan, cada segundo... E meu coração começa a ficar acelerado, com minha respiração mais urgente, lembrando da voz de Manolo, das mãos nojentas dele. Um calafrio percorre meu corpo inteiro, me assombrando, quando me recordo de Navegante. Tudo vem rápido e forte demais, esmagador. Meus passos, a música, o choro... Sento em um pulo, tendo a última lembrança me acertando como um soco no meu estômago, com meus dedos agarrados a Alan enquanto eu não conseguia falar nada, apenas chorava. Chorava incontrolavelmente, com uma comporta de emoções transbordando de dentro de mim, sentindo medo, alívio, perda, alegria, amor, tudo me pegando de uma única vez, me fazendo chorar como criança, agarrada a ele,

sentada em seu colo. E chorei, chorei entre soluços, até não lembrar de mais nada quando o choro se foi e eu apaguei. Giro meu rosto para o lado e tento me concentrar nos sons, não tendo ideia de onde estou ou quanto tempo estou dormindo. Algumas horas, não sei...

Ergo meus dedos e esfrego meu rosto, soltando minha mão sobre minhas pernas. As sinto de fora, com um tecido fino e frio sobre meu corpo. O toco com curiosidade e percebo que é um vestido, com alças fininhas, e que estou sem sutiã ou calcinha. Um pequeno som à esquerda me faz virar meu pescoço para lá, e presto atenção no barulho baixo de uma respiração agitada. Acompanho o som dos passos se movendo, passos lentos e vagarosos. Um movimento de peso se faz na cama, o que me faz erguer minha cabeça e girar meu pescoço na mesma hora para a direção dos meus pés.

— *Miauuuu*... — O miado preguiçoso se faz no mesmo segundo que sinto a maciez dos pelos de Abóbora, que esfrega sua cabeça nos meus pés, subindo por minhas pernas.

— Oi. — Sorrio e estico meus braços, o pegando para mim e o abraçando com amor, sentindo suas lambidas em minha bochecha. — O que andou aprontando, Abóbora?

Sorrio e acaricio sua cabeça, esfregando meu nariz em seus pelos e sentindo o cheiro bom que está vindo dele.

— Tomou banho? — questiono, rindo, o enchendo de beijos.

— *Miauuuuu*... — Abóbora mia, rabugento, me deixando saber que seu momento de carinho tinha acabado e que ele quer ser solto.

O espremo ainda mais, rindo da forma que ele mia, zangado, como se estivesse brigando comigo por estar o enchendo de beijos.

— Seu malandrinho, onde estamos para você estar assim tão cheiroso... — O solto e aliso suas costas, enquanto sinto ele se espreguiçar no colchão, alongando seu corpo. — Talvez você possa me dizer, já que Abóbora não quer me contar...

Viro meu rosto para a esquerda, perguntando para a pessoa que está silenciosa dentro do quarto, evitando fazer barulho, mas mesmo assim me deixa saber que está aqui, já que posso sentir seu aroma doce. O cheiro de

chocolate e marshmallow fica mais forte quando um pequeno e leve passo se faz.

— *Miauuuuu*... — Abóbora senta em minha perna, como se me contasse que nosso telespectador está se aproximando.

— Gostaria de se apresentar? — pergunto calma, mantendo minha atenção nos sons lentos da sua respiração.

— Mamãe disse que eu não podia entrar no quarto, mas queria brincar com o gatinho... — Sorrio ao ouvir o som baixinho da voz infantil, a qual me diz que uma pequena curiosa é minha telespectadora. — Ele entrou no quarto e eu o segui, não queria lhe acordar... me desculpe.

— Está tudo bem, *ninã*. — Nego com a cabeça, falando com carinho para ela. — Não me acordou. Venha... — Ergo minha mão, chamando por ela. — Se aproxime, pode brincar com Abóbora...

— *Miauuuu*... — O gato rabugento resmunga, como um velho chato, que não quer brincar.

— Não seja mal-educado, Abóbora. — Rio, alisando-o, lhe dando uma bronca. — Venha, pode fazer carinho nele, ele apenas finge que não gosta, porque no segundo que começamos a coçar sua barriga fofinha, ele fica todo dengoso...

Ela ri baixinho e se aproxima ainda mais da cama, quando eu falo, brincando com Abóbora, coçando sua barriga, tendo o corpo peludo dele tombando de lado na cama, demonstrando que eu falo a verdade.

— Viu, ele apenas finge ser rabugento?! — Sinto o toque lento dos pequenos dedinhos perto da minha mão quando ela começa a acariciá-lo.

— Ele é fofinho...

— Sim. — Confirmo com um balançar de cabeça para frente e para trás, e sorrio. — Uma bolinha fofinha e peluda, muito preguiçosa...

— *Miauuuu*... — Abóbora resmunga, fechando suas patas em meu braço quando meus dedos coçam a lateral da sua cabeça, com seus dentes finos, como agulhas, me mordiscando.

Ela ri, brincando com ele, se aproximando ainda mais, me deixando saber pelo som da sua respiração que está ao lado da cama.

— Então, pequena, qual seu nome? — Afasto meus dedos de Abóbora e deixo apenas ela o acariciar.

— Me chamo Dorothy, tenho seis aninhos, assim, ó... — Ela se cala, parando de falar. — Eu esqueci, mamãe disse que não pode enxergar... É verdade que não pode ver meus dedinhos?

— Não, não os posso ver — falo calma para ela, confirmando o que sua mãe lhe contou. — Mas posso os ver da minha maneira, se você deixar.

Ergo minhas mãos na direção dela, não precisando esticar muito meus braços para sentir as mãozinhas pequenas erguidas em minha direção. Conto os dedinhos pequenos e finos dela, sorrindo.

— Sim, tem seis aninhos — suspiro, falando com ela. — Eu me chamo Selina, Dorothy, mas acho que só com os dedos da mão não vou poder mostrar minha idade. Eu tenho vinte e um anos...

Meus dedos se movem por seu braço e toco seu ombro, ouvindo o riso dela quando meus dedos passam por sua orelha e se erguem pelo pescoço. A face pequena, redondinha como um biscoito, tem um nariz fino arrebitado, e levanto devagar meus dedos para seus cabelos, sorrindo ao sentir os cachinhos pequenos e volumosos em sua cabeça.

— Muito linda você, Dorothy. — Sorrio ao falar com ela, abaixando meus braços.

— Quer conhecer Zezé também? — ela pergunta rapidinho, me dando nem tempo de lhe responder, pois logo coloca algo em minha mão. — Zezé, essa é a Selina. Selina, essa é Zezé.

— Olá, Zezé. — Rio ao tocar a pequena boneca em meus dedos, sentindo seu vestidinho rodado, com pequenos sapatos em seus pés.

— Somos amigas agora. Mamãe sempre fala que não podemos conversar com estranhos, mas não somos mais estranhas.

— Sim, somos amigas. — Lhe entrego a boneca. — E já que fomos apresentadas, poderia me dizer onde estou?

— Na mansão — ela fala rapidinho. — Tio Alan mandou o tio Tony buscar a mamãe, para ela cuidar de você...

— Oh, entendi! — suspiro lentamente, erguendo meu rosto e girando minha cabeça. — Onde está seu tio Alan?

— Lá embaixo, no escritório.

Abaixo minha cabeça quando sinto a pontinha do seu dedo cutucar minha perna, me pegando de surpresa.

— Não tem escamas! — ela diz, pensativa, soltando um suspiro. — Precisa entrar na água para sua cauda aparecer?

— Como? — Fico confusa, sem entender sua pergunta curiosa.

— Sua cauda — ela dispara rápido, ainda pensativa. — Ouvi tio Alan dizer que você era uma sereia que tinha o enfeitiçado, mas sereias têm caudas, onde está a sua...

— Ohhh! — Sorrio envergonhada, encolhendo meus ombros e erguendo meu braço, coçando minha cabeça. — Acho que não é bem...

— Você o enfeitiçou? Sabe fazer mágica? — Eu acho que meu cérebro ainda está tentando processar a primeira pergunta dela, quando a voz curiosa dispara como uma metralhadora de curiosidade.

— Não, infelizmente, não. — Sorrio e nego com a cabeça. — Acho que foi só o jeito do seu tio Alan falar...

— Ohhhh, entendi! — Ela solta um suspiro de desânimo. — Igual o tio Tony, quando chama minha mamãe de bruxa má. Mas minha mãe não faz bruxaria. — Ela ri enquanto fala. — Tio Alan não é meu tio, ele é primo do tio Tony, que também não é meu tio, mas eu os chamo de tio. Mamãe trabalha para o tio Tony desde quando eu era um bebezinho.

A cama se move, me deixando sentir o peso pequeno subindo sobre ela, com a pequena Dorothy sentando no colchão, mantendo o ritmo acelerado da conversa.

— Você dormiu bastante, igual a Bela Adormecida — ela fala sem parar, o que me faz rir da pequena menina. — Tio Alan estava chateado, andando de um lado para o outro dentro da sala, e tio Tony teve que segurá-lo ontem, para não bater no médico. Depois foi o tio Alan que teve que segurar o tio Tony, que queria bater no médico porque o médico falou

alguma coisa que deixou tio Tony bravo, daí mamãe entrou no meio e deu uma bronca nos dois, e o médico foi embora e ninguém bateu nele.

— Ohhh! — Minha boca abre e fecha, ainda processando o que ela fala de forma tão rápida e espontânea. — Por que queriam bater no médico?

— Porque você não acordava. Tio Alan estava nervoso, achando que o médico tinha lhe dado alguma injeção sem que ele autorizasse. Mas o médico disse que você estava com... roteamento, acho que foi isso que ele falou... Você gosta de marshmallow, Selina?

Ela muda o assunto rapidamente, me deixando ainda mais confusa ao cochichar, como se tivesse me contando um segredo.

— Eu gosto! — Ela ri, falando de forma arteira. — Tio Tony me deu um pacote para comer, mas não pode contar para mamãe, porque ela não quer que eu coma doce antes das refeições...

— Como? — Seguro o riso e tombo meu corpo para frente, ouvindo a voz dela tagarelando.

— Oh, meu Deus, sabia que ia te encontrar aqui, mocinha! — Uma voz alta e feminina vem da direção da porta, o que me faz erguer a cabeça na mesma hora.

— Dorothy, o que lhe falei para não fazer? — Ela entra no quarto, fazendo o som do salto ser ouvido no piso. — Oh, céus, eu sinto muito, desculpa se ela acabou lhe acordando! Nós duas vamos ter uma longa conversa depois, mocinha...

— Mas, mamãe...

— Sem “mas, mamãe”, Dorothy.

— Ela não me acordou — falo rápido, negando com a cabeça, sentindo o aroma de perfume cítrico se espalhar dentro do quarto.

— Viu, mamãe, não a acordei. O gatinho entrou... — Dorothy pula da cama e ouço seus passos se distanciando, o que me faz presumir que esteja caminhando na direção da sua mãe. — Mas juro que não a acordei. Estava apresentando Zezé para Selina, somos amigas agora... Selina cutucou meu rosto com os dedos dela, dizendo que é a forma dela enxergar, também me disse que eu sou linda.

— Sim, uma linda arteira danadinha! — Escuto o riso da menina, enquanto os sons de beijos se fazem. — Ande, dê tchau para sua amiga, desça e me espere lá embaixo.

Dorothy parece um pequeno trator correndo no quarto, me fazendo rir quando ela salta na cama e estala um beijo na minha bochecha.

— Até depois, Selina! — diz, rindo, se afastando.

— Ei, isso no canto da sua boca é sujeira de ma... — A voz da mulher nem termina de perguntar antes da risada alta e arteira de Dorothy se fazer, com ela correndo para fora do quarto. — Essa pequena ainda vai me fazer ter um infarto.

Sorrio ao ouvir o suspiro da mulher, que anda lentamente para perto da cama, falando e rindo.

— Sou Donna, a mãe da pequena tagarela que saiu daqui. — Meu rosto gira para a direita e escuto a respiração dela quando para ao meu lado. — Fico feliz que acordou, senhorita Lopez.

— Selina, apenas Selina — digo, baixo, negando com a cabeça. — Dorothy me contou que cuidou de mim. *Gracias,* Donna. — Sorrio com carinho, realmente sendo grata a ela.

— *Ha sido un placer*[66] — ela me responde em espanhol, rindo.

— Fala minha língua? — Sorrio e sinto o movimento da cama lentamente, quando ela senta na beirada.

— Não muito, como minha *abuela*[67] gostaria, mas falo sim. — Ela estica sua mão e segura meus dedos, dando uma leve palminha. — Como está? Gostaria de comer algo ou beber?

— Não, estou bem — falo a verdade, dando um sorriso grato por sua atenção. — Na verdade, eu queria saber onde estou, e quanto tempo já estou aqui. Sinto como se tivesse dormido mil anos... Poderia me ajudar a sair do quarto?

Tento me mover, para sair da cama, mas sinto muita dor em minhas pernas e nos meus pés, quando tento apoiar meus pés no chão, para me levantar.

— Acho que seria bom continuar um pouco mais na cama. — O toque de sua mão se faz em meu ombro com delicadeza, com ela me fazendo retornar a ficar sentada. — Bom, vamos por partes. — Sinto os travesseiros sendo arrumados em minhas costas, enquanto ela mantém o tom baixo e tranquilo da sua voz: — Está na casa do senhor Alan, em Nova York. — Segura meus dedos junto aos seus, de uma forma acolhedora, conversando em tom calmo e me passando tranquilidade. — Está dormindo há dois dias. Está fraca e o médico aconselhou que o melhor seria repouso...

— Nossa... — Respiro fundo, ainda não sabendo o que me impactou mais, se é descobrir que estou longe de casa ou se é estar dormindo há dois dias.

— Estava fragilizada demais e abalada, e quando cheguei já estava dormindo. O doutor disse que teve um esgotamento nervoso... — ela suspira e ergue sua mão, alisando meu rosto. — Imagino como deve ter sido difícil tudo que passou, mas está segura agora, não precisa temer mais nada. Deus, fiquei com o coração na mão quando o senhor Spencer me contou que o senhor Alan e a companheira dele sofreram um acidente em alto-mar!

Minha boca se abre e se fecha logo em seguida, não falando nada, ainda sem entender as coisas que ela falou.

— Cristo, sempre quis fazer um cruzeiro, mas morro de medo do navio afundar ou explodir, como foi o caso de vocês! — Mordo o canto da minha boca, tendo certeza de que outra história foi contada a ela.

— Quando diz o senhor Spencer, se refere a Alan?

— Oh, não, falo de Tony, foi ele que me contou — ela suspira e dá um risinho. — Confesso que achei muito romântica a história de vocês dois.

— Achou? — balbucio, nervosa, não sabendo o que dizer.

— Claro que sim, como não achar?! Imagina encontrar um homem ferido e o levar para casa, depois de o salvar — ela fala rápida e apressada, não tanto como Dorothy, mas ainda assim depressa. — Alan não fala muito, mas contou meio por cima que você cuidou dele, e fiquei muito contente pelo senhor Alan ter arrumado alguém, sempre achei que ele precisava de uma mulher na vida dele... Bom, por falar no senhor Alan, ele me pediu

para buscar roupas para você. Comprei algumas peças de acordo com seu tamanho, e acho que acertei, porque a camisola ficou perfeita em você.

Sua voz fica alegre quando muda de assunto, soltando meus dedos e se levantando.

— Vou trazer algo para se alimentar. — Ela ri e se afasta da cama.

— Não, não. — Ergo meu braço, querendo que ela fique, tentando novamente me levantar, mas a dor em meus pés é horrível.

Minha cabeça se ergue e escuto os passos dela se distanciando, enquanto respiro depressa, com nervosismo. Mas não é neles que fico concentrada, e sim no perfume masculino que invade o quarto. Meus dedos se esmagam em meu colo e permaneço em silêncio, sentindo sua presença. Mesmo sem ter ouvido seus passos, sei que ele chegou. Abaixo minha cabeça.

— Bom dia, senhor Alan. — O tom de voz de Donna muda, com ela falando baixo. — A senhorita Lopez acordou. Vou providenciar o desjejum dela.

— Obrigado, Donna. — O timbre dele é baixo ao lhe responder sério.

Seguro a respiração, me sentindo mais agitada, desejando que ele se aproxime da cama, que se aproxime de mim.

Capítulo 33



MEU MUNDO

ALAN SPENCER

Sinto meu coração disparar enquanto esmago minha boca com força, ao ponto de cravar meus dentes nos lábios. Meus olhos estão presos na pequena sentada na cama, com seus cabelos soltos caindo em suas costas, tendo a face delicada girada para mim, deixando ainda mais nítido os hematomas em sua pele. O canto da boca está mais roxo, assim como as outras marcas em seu corpo, e a camisola prateada que coloquei em seu corpo deixa à mostra seus braços marcados pela brutalidade que ela foi tratada.

Recaio meu olhar para seus pés, ainda lembrando de como senti um misto de ódio e horror quando tirei os sapatos deles e a deitei na cama. Seu calcanhar está na pele viva, assim como a sola machucada, cheia de ferimentos abertos, me mostrando o que Navegante fez a ela quando a arrastou pela colina cheia de destroços do farol explodido. Ela também tem um corte grande na lateral da panturrilha. Os efeitos colaterais da minha busca por vingança tinham ficado marcados em Selina. Senti o mundo todo em meus braços enquanto a segurava firme, rente ao meu colo, e ouvia seu choro, com meu olhar parado no mar ao passo que Tony sobrevoava com o helicóptero. Descemos apenas quando chegamos nas minhas terras.

Não me lembrava mais de casa, nem quando foi a última vez que tinha retornado para cá, e a cada passo que eu dava ia me sentindo mais destrutivo, mais acabado, andando em linha reta e segurando o pequeno corpo frágil e machucado em meus braços. Minha face estava lavada em sangue, minhas mãos sujas de pólvora, e não tinha remorso algum de ter matado todos, apenas desejando os querer ter matado de uma forma ainda pior. E tive a certeza de que queria fazer isso enquanto a despia, a deitando na cama e vendo as lágrimas secas em suas bochechas, que de uma forma ou de outra também fui o responsável por causá-las.

— Vou chamar o médico novamente — Donna sussurra quando para ao meu lado, saindo do quarto. — Ela precisa ficar deitada, pelo que pude

ver os machucados nos pés dela pioraram.

Balanço minha cabeça em positivo, entendendo o que Donna diz. Sua mão levanta e toca lentamente meu ombro, antes de se retirar do quarto. Meus olhos se erguem para a face pequena, e a vejo girada para frente, com as mãos dela esmagando a lateral da cama, enquanto respira fundo. Sinto como se o fôlego voltasse para o meu peito, como se realmente tivesse saído das profundezas do oceano ao vê-la aqui, acordada. Sinto que o inferno me engoliu a cada segundo que passou, que eu a observava apagada na cama, e agora, apenas em lhe olhar, sinto como se meus demônios se silenciassem novamente. Dou um passo lento à frente e entro no quarto, fechando a porta atrás de mim.

— O quão grave está? — Selina murmura, cabisbaixa, e solta o ar lentamente, passando seus dedos em suas pernas.

— Digamos que vai ficar algum tempo descansando na cama — lhe respondo, não fugindo do assunto, sabendo que ela tinha ouvido o que Donna me falou.

Ando ainda incerto, retraído, como se não tivesse o direito de estar perto dela, como se fosse um fodido de merda, doente demais para conseguir me afastar da única coisa boa que já tive em minha vida. Meus passos param quando fico à sua frente e flexiono meus joelhos ao me agachar.

— Os estilhaços das bombas causaram feridas grandes, muito grandes, e algumas infeccionaram — murmuro e estico minhas mãos, segurando seus tornozelos e erguendo devagar seus pés do chão. — Não pode sair da cama, muito menos andar, por enquanto.

— Acho que os papéis se inverteram... — Ela força um sorriso com tristeza e vira sua face para o outro lado, mas não conseguindo esconder de mim a pequena lágrima que escorre por sua bochecha.

Minha cabeça se abaixa e repousa em seu colo, enquanto esfrego meu rosto em sua coxa, raspando meu nariz em sua pele, a farejando, precisando sentir o calor dela, para amenizar esse inferno que destroça minha alma.

— Está parecendo Abóbora, se esfregando dessa forma em mim, como um gato perdido... — Selina sussurra e espalma uma mão na minha cabeça, acariciando meus cabelos, e com a outra alisa minhas costas.

Ela ri baixinho e solta um suspiro, não tendo ideia que por dentro é exatamente assim que me sinto, desde o segundo que a tiraram de mim, perdido. Foi como se me tirassem tudo. Enterro mais fundo meu rosto em suas coxas e inalo com força, sugando cada partícula do seu aroma, sem vergonha alguma de estar ajoelhado no chão, diante dela, lhe farejando como um animal, um gato de rua, que tinha encontrado paz quando foi acolhido por ela.

— Eu estou bem, *marinero* — ela sussurra e alisa minha face, suspirando baixinho. — Acho que posso me sair bem como a enferma. Melhor do que você, que apenas sabia gritar e ficar me incomodando quando estava cansado de ficar apenas deitado.

Ela ri com timidez quando mordo a pontinha do seu dedo, que escorrega para perto da minha boca, o agarrando com meus dentes.

— Se tivesse ficado deitada comigo, eu teria ficado — balbucio, libertando seu dedo e deslizando minha boca em sua perna, depositando um beijo.

Fecho meus olhos e retorno a afagar sua pele quente com minha bochecha, sentindo a bomba que tinha dentro de mim sendo desativada, e a calmaria me tomando outra vez.

— Alan... — Sua voz tímida sai baixinha, com seus dedos se prendendo em meu ombro. — O que Manolo contou... Eu quero que saiba que eu nunca tive ideia que meu *padre...*

— Não — a corto, não permitindo que ela entre nesse assunto. Ainda não tinha pensado em como contar para Selina que eu tinha estourado a cabeça de Black. — Não importa mais, nada mais importa, *chica*. Eu passei quinze anos tendo a ideia fixa de que no dia que matasse Manolo, finalmente eu teria paz. Mas sabe o que realmente me dá paz, Selina?

Solto o ar lentamente por minha boca e deito de lado meu rosto em sua perna, segurando firme seus tornozelos, ficando perto dela e apenas

sentindo seu calor, seu cheiro que me embriaga.

— Você, Sereia — digo firme e libero o ar pesadamente por minha boca. — Você é a paz que eu procurava, só você, *chica*.

Fico aqui, com minha face em sua perna, apenas me mantendo em silêncio, ouvindo sua respiração, me deixando sentir a paz que tenho quando ela está ao meu lado. Minha pequena e perfeita Sereia.

— Acho que cheguei em um momento inoportuno, digamos.

— Sim! — rosno, baixo, abrindo meus olhos no segundo que a voz descarada de Tony fala de forma risonha.

— Pensei em dizer olá para minha priminha... — Ele me encara em silêncio e arqueia sua sobrancelha, abrindo a porta do quarto por inteiro, entrando dentro do cômodo.

— Acabou de dizer, já pode sair. — Afasto meu rosto da perna dela e deixo a pontinha do seu pé sendo amparada por meu joelho quando o abaixo, puxando a manta em cima da cama e cobrindo suas pernas.

— Alan... — Selina fala séria, me dando um leve tapinha no ombro.

— Oh, minha querida, não se preocupe, já estou acostumado com os péssimos modos dele! — A criatura abelhuda caminha a passos largos para perto da cama, a olhando com mais curiosidade. — Sou Tony Spencer, primo do Alan. Chegamos a ter uma conversa, mas se me recordo foi bem instrutiva em xingamentos latinos.

A pequena boca de Selina se abre, com ela girando sua face para mim antes de abaixar a cabeça.

— *Dios*, o cara que colocou o pano no meu rosto era você! — ela fala envergonhada, encolhendo seus ombros. — Me lembro da sua voz...

Giro meu rosto para Tony, o fuzilando com o olhar, o deixando saber que vou chutar sua bunda de merda para fora desse quarto.

— Sinto muito, eu não quis insultá-lo daquela maneira tão feia, pensei que era um dos homens de Manolo... O que eu disse foi apenas a raiva...

— Oh, pare, não precisa se desculpar! Também odiaria se alguém colocasse algo em minha face, mas precisei fazer aquilo, para garantir que

ninguém entraria no meu caminho se me visse levando você. — Ele desvia seus olhos dela para mim, me questionando com seu olhar por me ver ainda ajoelhado ao lado dela. — Quer que peça um potinho com leite, bichano?

Rosno com ódio quando ele sussurra para mim e dá um risinho sacana. Ranjo meus dentes, pronto para lhe socar a cara, mas sua sorte é que minhas mãos estão em volta do tornozelo de Selina, protegendo seus pés do chão. Me levanto lento, ajudando-a a se deitar na cama corretamente, embolando suas pernas na coberta e as mantendo tapadas.

— Na verdade, já estou acostumado com mulheres latinas zangadas. — De forma despreocupada, ele senta na beirada da cama, tomando exatamente o lugar que eu ia usar para me sentar perto de Selina. — Fui castigado com uma assistente encrenqueira, que não sabe conter a língua quando está brava. Às vezes me pergunto por que a tolero...

Ele cruza suas pernas, parecendo um aristocrata almofadinha e engomado em seu terno. Qualquer um que o visse agora, nem imaginaria o grande filho da puta sanguinário que é, quando está exercendo sua verdadeira vocação, a qual foi treinado pelo meu tio.

— A verdade é que Tony não despede sua assistente, porque ele não sabe nem limpar o próprio rabo se Donna não estiver por perto, para lhe entregar o papel — falo baixo, arrumando os travesseiros nas costas dela e vendo o sorriso doce em seus lábios enquanto ri da minha deslocada e estranha família. — Donna é a babá dele.

— Engraçadinho! — Tony rosna, falando sério atrás de mim. — Me diga, pequena, realmente preciso que me responda uma coisa.

Me afasto dela e fico ao lado da cama, com meus braços cruzados, encarando meu primo, que olha curioso para ela.

— Ele lhe obrigou, não foi? Te sequestrou ou fez lavagem cerebral? Sei lá, alguma coisa estranha, para fazer você se interessar por ele? — Fecho meus olhos e balanço a cabeça para os lados, enquanto ele retira uma risada alegre dos lábios dela. — Porque ele é feio. Vou te contar, se ninguém lhe contou, Alan é horroroso, parece um bagre gosmento.

Selina joga sua cabeça para trás e encosta na cabeceira, rindo, completamente leve, da forma ordinária que meu primo me provoca. E é

apenas por isso que não sinto vontade de socar a cara dele, por esse som doce que sai dos lábios dela.

— Não penso que ele seja parecido com um peixe — ela murmura, negando com a cabeça e alisando a coberta em suas pernas. — Mas também, se for, não tem problema.

Dessa vez quem arqueia uma sobrancelha para meu primo sou eu, lhe dando um sorriso sacana.

— Tira seu rabo enxerido da cama. — Movo minha cabeça para o lado, para que ele se levante.

— Oh, não, estou extremamente confortável! — Tony relaxa seu corpo, balançando a ponta do seu pé. — Acredito que Selina também esteja muito feliz com minha visita.

— Estou sim, na verdade, gostaria de lhe agradecer. — Sua mão se estica lentamente, se estendendo para Tony, e o olhar dele se concentra nos hematomas roxos ao longo do seu braço. — *Muchas gracias.*

— Não tem o que agradecer, pequena — ele fala, mantendo sua voz alegre, mas com o olhar preso ao meu. — No fim, sou eu que tenho que agradecer, pensei que nunca mais veria Alan em Nova York. É bom ter vocês aqui.

Tanto eu quanto Tony não voltávamos para a mansão desde a maior idade, quando saímos daqui. Foi quase como um pacto mudo não retornar para cá. Essas paredes gastas e envelhecidas contavam histórias que não eram boas lembranças para mim e nem para ele. Nunca reclamei de como meu tio me criou, ou a vida que ele me deu, tinha me habituado a ela como se tivesse nascido para isso, mas Tony, Tony era o que mais tinha pagado caro por trazer o sangue de um Spencer em suas veias.

No seu aniversário de dezessete anos, Tony não ganhou um carro ou uma moto, ou outro presente qualquer que um pai gostaria de dar para o filho, pelo contrário, ele foi contemplado com quatro dias no Tampão de Darién, local que meu tio escolheu para o jogar e deixar os anos de treinamento serem executados. Darién é uma selva indomável, compacta e quase intransponível. Um dos territórios menos acessíveis da América Latina, com 575 mil hectares de selva entre o Panamá e a Colômbia,

completamente inóspito e perigoso. O teste era para que Tony rastreasse uma pessoa lá dentro, tinha que encontrar um pacote e o executar, não o deixando sair da selva com vida, tendo que passar despercebido pelos contrabandistas, que usam a selva como rota de tráfico; não ser visto pelos imigrantes corajosos, que movidos pelo desespero tentam atravessar Darién, em busca de uma vida melhor no norte; e de quebra sobreviver à própria selva diabólica que te traga vivo, lhe comendo entre sua vegetação, enquanto você morre de calor com a temperatura infernal do lugar.

Então você se pergunta: que tipo de pai larga o filho no pior local que existe na face da Terra? Bom, eu respondo: meu tio, que ensinava ao filho de dez anos como escalpelar uma cabeça, ao invés de jogar beisebol com ele. Não precisa ser um gênio para saber que Tony executou o teste com perfeição. Ele tem o escalpo do cara que ele matou até hoje, guardado em um cofre. É um rastreador pragmático, sanguinário, calculista e filho da puta, que pode rastrear qualquer coisa, em qualquer lugar do mundo. Sua mente analítica consegue sempre estar um passo à frente de qualquer pessoa, o fazendo enxergar cada passo pelos olhos do inimigo. Mas ele abaixou a guarda quando conheceu Catarina, uma bailarina que o encantou quando ele foi assistir uma peça e ela estava lá.

Por um tempo, realmente era como se ele fosse normal, como um engravatado esnobe como qualquer outro, que apenas vivia para trabalhar na empresa de transporte e cuidar da sua noiva, que tinha ficado grávida. Eles iriam esperar o bebê nascer para se casarem, e o sonho de Catarina era entrar vestida de branco em uma igreja. Tony nunca recusava nada a ela, tanto que não recusou quando ela quis sair em uma noite. Mas o passado é algo impiedoso, não importando o tanto de bem que você faça, depois que lava suas mãos de sangue, ele vem para te cobrar. Não foi a dívida de Tony que o passado cobrou dele, até porque meu primo nunca deixou pontas soltas, mas sim o passado do meu tio, o pai dele.

Chegaram até Tony e o alvejaram de bala. Tony conseguiu escapar do tiroteio sem um único arranhão, já Catarina não pôde dizer o mesmo. Os dois tiros na barriga e um no coração, garantiram o débito da dívida do passado do meu tio, jogando Tony em um inferno do qual ele nunca saiu, depois que mataram sua mulher e o seu filho dentro da barriga dela. Porém, de um jeito estranho e completamente inusitado, o destino fez o caminho do

Tony cruzar com uma pequena coisa que consegue ser a única a ter um micro vislumbre do antigo Tony. E a vejo passar pela porta do quarto, com seu sorriso maroto e jardineira amarela, além dos seus cabelos volumosos em um Black Power, tendo um laço rosa na lateral da cabeça, segurando sua boneca em suas mãos.

— Mamãe disse que o café da manhã já está quase pronto, Selina. — A pequena Dorothy ri e ergue um cookie de chocolate em sua mão, o mordendo. — Vai ter cookie, eles estão gostosos, peguei um para experimentar...

Dorothy faz o que eu não consegui fazer, chutar o rabo de Tony, que se levanta e gira o rosto para ela assim que escuta sua voz.

— Sua mãe não lhe disse que é falta de educação comer a comida de outra pessoa? — ele pergunta sério, andando em direção a ela, que ri de boca cheia e balança a cabeça para ele em positivo, quando é tirada do chão, com ele a erguendo nos braços. — Acho bom ter trazido um para mim, mocinha, tem que pagar propina se quer o meu silêncio.

— Eu saí correndo antes da mamãe me pegar. — Ela quebra o biscoito e empurra um pedaço para dentro da boca dele. — Mas trouxe esse para dividir com você, tio Tony... Tem suco de uva gostoso, e leite quentinho também, Selina, mas esse eu não bebi.

— Entendeu, o leite ela não bebeu. — Tony se vira e me olha enquanto ri.

— Mas pelo visto o suco sim? — pergunto para ela, que ri e joga sua cabeça para trás, agarrada ao pescoço de Tony, com a boneca presa entre eles.

— Só um pouquinho. — Observo ela levantar seus dedinhos e os espremer, mostrando para mim.

Selina ri, se divertindo com a conversa de Dorothy, e viro meu rosto para ela, tendo meus olhos presos na expressão abatida da sua face, que mesmo com ela rindo, ainda é nítido seu cansaço.

— O café da manhã chegou! — A voz jovial e sempre alegre de Donna sai alta, com ela aparecendo na porta.

Reprimo o riso e tento ficar sério, fingindo que não vi Tony e Dorothy se assustando com a chegada de Donna e ele tirando o cookie da mão dela e socando de uma única vez na boca, para esconder o flagrante do roubo da pequena.

— Espero que goste, Selina. — Donna sorri gentilmente, olhando para Selina e caminhando para o outro lado da cama. — Tentei trazer tudo que imaginei que gostasse.

— Suco de uva gostoso e leite quentinho são meus preferidos... — Selina sorri, falando para ela.

— Sério, ai que bom, porque estava em dúvida... — Donna para de falar, ficando pensativa. — Mas como sabe o que tem na bandeja?

A cabeça dela se vira na mesma hora para Dorothy e Tony, encarando os dois seriamente, ao passo que meu primo se mantém em silêncio, com a boca cheia de cookie.

— O aroma, meu olfato é bom. — Selina é rápida na resposta, encobertando os dois delinquentes. — Senti o cheiro assim que entrou no quarto.

Donna suaviza sua expressão e retorna a olhar para ela com carinho.

— Bom, agora podem dar licença para ela tomar o café? — Donna se move lentamente, arrumando a bandeja no colo de Selina. — Depois pode tomar um banho, prepararei a banheira...

— Pode deixar que eu mesmo faço isso, Donna — digo rápido, deixando claro que não vou ser enxotado do quarto e muito menos me afastar de Selina.

Não escondo que desejo ficar sozinho com ela quando estico meu braço e aliso seus cabelos, olhando o sorriso lento que aparece no canto da sua boca.

— Se importa se lhe der banho, Sereia...

— Oh, eu posso tomar banho também com vocês? Quero ver as pernas dela virando cauda... — A voz de Dorothy soa animada, fazendo tanto eu quanto Donna erguer o rosto na mesma hora para a menina risonha.

A boca de Tony se abre, com ele tossindo metade do cookie para fora, enquanto nega rapidamente com a cabeça.

— Não! — Tony fala entre a tosse.

— Mas queria tanto ver a cauda de sereia dela...

Donna se levanta, reprimindo o riso assim como eu, pela face vermelha do meu primo.

— Amor, por que não vamos e deixamos o senhor Alan dar o café da manhã para Selina? — Ela estica seu braço e pega Dorothy no colo, parando seu olhar em Tony, lhe repreendendo ao ver os farelos escorrendo pelo canto da boca dele. — Assim, o senhor Spencer pode ir se limpar, porque agora está parecendo um *perro*[68] vira-lata com a boca babada de cookie.

Tony franze o cenho e repuxa o canto da boca, rosnando baixo, fuzilando sua assistente, que sai do quarto.

— Bruxa! — Ele respira fundo e gira o rosto para mim, me vendo rindo da cara dele.

— Vá limpar a boca, vai, vira-lata. — Pisco para ele, passando meu anelar no canto dos meus lábios.

— O leite quente é para você, bichano — ele fala rabugento, virando e saindo do quarto, fechando a porta atrás dele, me provocando.

Solto o ar pesadamente e nego com a cabeça, me sentando ao lado de Selina, a vendo rindo.

— Eles são disfuncionais — digo baixo, segurando o copo de suco e ajudando-a a beber. — Não repare.

— Eu gostei deles. — Selina gira seu rosto para o lado, me dando um sorriso doce. — São maravilhosos!

— Fale-me isso de novo, depois que ficar mais de 48 horas perto de Tony e Donna. — Abaixo o copo e afasto uma mecha de cabelo da face dela, a empurrando para trás da orelha. — Dorothy, com toda certeza, vai ter que fazer terapia quando for adulta.

— Ela é uma graça! — Lhe entrego um cookie, segurando a bandeja e trazendo para meu colo, para não ter perigo de cair em cima dela. — Acha

que sou uma sereia.

— Pois eu garanto que é — falo de forma tranquila, pegando o copo de leite e o levando à minha boca.

— Bom, pelo que sei, felinos sempre gostaram de peixes, então talvez eu seja... — Ela gira seu rosto para mim, me fazendo engolir o leite quando seus olhos brilhantes como diamantes ficam presos nos meus. — Está tomando leite quente, *marinero*?

— Não — minto, abaixando o copo, rindo ao ouvir a risada dela.

— Gatinho mentiroso...

Ergo minha mão e seguro seu rosto, colando meus lábios nos seus e a beijando lentamente, ouvindo seu suspiro baixo quando minha língua invade sua boca, lhe tomando cantinho por cantinho, a beijando com puro amor e adoração.

— Casa comigo, Sereia — sussurro, colando minha testa na sua, esfregando meu nariz no seu. — Casa comigo e me deixa ser o gato mais vadio e leal que já se deitou na sua cama, até mais que o obeso preguiçoso do Abóbora.

Aliso seus cabelos e afasto meu rosto poucos centímetros do seu, passando meus olhos por ela, vendo meu mundo inteiro diante de mim, minha paz, minha alma, tão bela e delicada, minha Sereia.

— Acho que eu ia gostar de ter um felino gigante dormindo na minha cama. — Ela ri baixinho, mordendo o cantinho da boca, enquanto fecho os meus olhos. — Eu aceito, *marinero.*

Selina me faz sentir como se meu coração fosse explodir, batendo rápido e forte, com a forma doce e linda que ela se entrega.

— *Miauuuuu!*

Abro meus olhos, não quebrando o beijo com Selina, tendo meu olhar se cruzando com o infernal animal sentado na janela, sério, me encarando, garantindo que ainda seremos inimigos, com a forma diabólica que me olha.

Estico meu braço e ergo meu dedo do meio para ele, rindo e fechando meus olhos, a beijando com pura posse, o fazendo saber que

gostando ou não, nada vai me fazer ficar separado dessa sereia.

Fodidamente, sou um gato na mão dela, e sem um pingo de vergonha de admitir isso.

Epílogo



SELINA LOPEZ

Quarenta e cinco dias depois

As grandes mãos masculinas erguem meu vestido de noiva com rapidez, enquanto deslizo meus dedos em direção à braguilha de sua calça, libertando seu pau, que já se encontra completamente duro. Eu estava pegando fogo, sentindo meu corpo queimar, no segundo que Alan me ergueu em seu colo e se infiltrou no quarto, quando Donna saiu para buscar o buquê, e nos trancou aqui dentro. Ele me beija com fome e pura posse, me deixando saber que sente tanta saudade dos meus toques quanto sinto dos dele. Não que esteja reclamando ou sendo ingrata pelos cuidados de Donna; ou da presença da minha pequena amiga tagarela Dorothy, por quem tinha criado um carinho especial, já que ela passa horas dentro do quarto comigo, conversando e brincando; nem do pobre doutor, que se tremia por inteiro, ficando até com medo de respirar perto de Alan quando ia me atender, cuidando dos ferimentos dos meus pés. Todos foram atenciosos, mas a única coisa que eu não conseguia era ter alguns segundos sozinha com Alan, e quando isso acontecia, eu estava dopada de tanto remédio ou caindo de sono.

Alan me tratava como se eu fosse uma boneca de porcelana, a qual ele se mantinha sempre em alerta, evitando qualquer toque que pudesse ser mais bruto. Eu amava beijos na testa e dormir colada ao seu peito, mas também amava seus toques e a forma como ele me fazia incendiar em seus braços, e desejava que ele fizesse isso. Já me sentia melhor e até caminhava pela casa, não estava em restrição de sexo. Mas ele se mantinha contido, mesmo eu alegando que estava bem. Porém, ontem, quando o doutor veio me visitar, trazendo os resultados de alguns exames de sangue que ele tinha feito, eu tive que pedir para o médico me dizer se Alan estava respirando, porque ele ficou completamente congelado quando o médico confirmou a minha gravidez. Sim, vamos ser realmente pais.

Tinha passado esses dias todos deitada na cama ou na espreguiçadeira da varanda, quando Alan me levava para sair um pouco do quarto, pensando sobre isso, sobre se realmente tinha engravido ou não, e como seria para mim ter de cuidar do bebê, em como minha vida tinha simplesmente mudado desde o dia que caí sentada em seu colo dentro do bar. As memórias da minha mãe me criando sozinha me pegaram, me fazendo imaginar se isso poderia acontecer comigo também, se talvez Alan achasse que seria responsabilidade demais. Só que todas as dúvidas, receios e pensamentos se dissiparam da minha mente no segundo que ele se ajoelhou ao lado da cama e esfregou sua face em meu ventre, enquanto ria baixinho.

— Lhe disse, nunca erro um tiro! — Sua voz alegre murmura de forma convencida, enquanto beija minha barriga. — Eu prometo que sempre vou proteger vocês, minha Sereia.

Eu estava rindo, ouvindo a voz de Dorothy alegre, conversando com Donna, que falava animada sobre o bebê, quando Alan saiu do quarto. Quinze minutos depois ele retornou, dizendo que nos casaríamos. Pobre Donna, quase infartou quando Alan falou que seria na manhã seguinte! Eu apenas ri, realmente acreditando que ele estava falando sério. E não me surpreendi quando um juiz, amigo de Tony, confirmou que estaria na mansão às 12h de hoje, para nos casarmos. Foi Tony que veio avisar, antes de arrastar Alan para fora do quarto, o levando com ele. Donna realmente não é uma bruxa, mas ela com certeza faz magia. Acho que eram seis horas

da manhã quando ela expulsou Alan do quarto, trazendo um batalhão de vestidos para eu experimentar, me maquiando e me ajudando a me aprontar.

— *Dios*, como estava com saudade... — sussurro entre os beijos, segurando seu rosto em minha mão.

— Pode apostar, *chica*, que não tanto quanto eu...

Em um único movimento rápido e duro, sinto o pau de Alan me invadir por completo, sem preliminares ou momentos mais lentos, com o corpo dele desabando na beirada da cama e sentando-se comigo em seu colo, me fodendo forte, com apenas a pura e crua necessidade de se entregar um ao outro. Minha cabeça cai para trás e minhas unhas cravam em seus cabelos. Alan dá mais uma estocada, o que me faz soltar um grito de dor e desejo. Ele continua a entrar cada vez mais forte em mim, aproveitando meu abandono total. Sinto seus dentes morderem meu pescoço, e com isso meu corpo todo começa a tremer com a força do orgasmo, que chega como um cavalo selvagem em busca de libertação, comigo desabando em seu corpo. Respiro depressa, tendo meu fôlego acelerado e o coração batendo descompassado. Somos bons nisso, nessa necessidade pura um do outro. É uma fome que apenas aumenta dia após dia. Ele me fode mais forte, mordendo meu pescoço, e o sinto tremer e todo meu corpo ser invadido por sua porra quente.

Aperto meus braços em torno dele e me seguro como se ele fosse meu farol. Sua face se esfrega lenta na minha, mordiscando meus lábios com carinho, de forma travessa, e desta vez sou eu que o puxo para um beijo, mas sem o furacão de antes. Alan me leva de encontro a ele, e nossos corpos caem para trás, com as costas dele desabando no colchão e meu corpo mole por cima do seu. Ainda estamos ligados um ao outro, o que me deixa sentir seu pau dentro de mim. Aliso seus cabelos e suspiro baixinho, gostando de ouvir seu coração bater tão rápido quanto o meu.

— Depois do casamento quero te levar para casa... — fala baixo e ergue suas mãos, alisando meus cabelos e soltando um suspiro.

— Casa? — balbucio, perdida, ainda sem o entender. — Pensei que iríamos ficar aqui, em sua casa...

— Não é minha casa, nunca me senti em casa em canto algum do mundo — murmura, virando o rosto para o lado e beijando minha testa. — Mas eu descobri como é um lar, Sereia. E ele tem sons de ondas, cheiro de maresia e areia quente.

— Está dizendo que vamos para perto do mar? — Mordo minha boca e agarro meus dedos em seus ombros.

— Não pensou que eu iria deixar minha Sereia longe da casa dela, não é?

Tapo minha boca para segurar o choro e escondo meu rosto em seu pescoço. Não tinha falado para ele nem uma única palavra sequer, mas eu sinto saudade do mar, do cheiro de maresia. Passei minha vida toda em Havana, tendo os sons das ondas, das árvores ao meu redor, e aqui, por mais que seja um local confortável, ainda assim não faz eu me sentir em casa. Abraço-o forte e sinto um beijo casto na minha cabeça enquanto ele suspira.

— Em alguns minutos será oficialmente a nova senhora Spencer, e acho que posso viver para sempre com ela à beira-mar — ele diz baixo, me beijando com mais carinho.

Quando Alan separa seus lábios dos meus, minha mente ainda fica um tempo perdida, demorando para se atentar ao que ele disse.

— Senhora Spencer... Gosto de como isso soa.

Alan me abraça mais forte, me arrumando em seu colo, mantendo minhas coxas na lateral das suas pernas, enquanto acaricia minha bochecha e acerta minha face com sua respiração morna.

— Amo você. Sempre amarei só você, Selina, minha Pequena Sereia. — Ele beija meu ombro com carinho e respira fundo. — Jamais poderia amar outra mulher como eu te amo.

Meus olhos se enchem de lágrimas com sua declaração, e não me importo com a bronca que Donna vai me dar quando ver que borrei a maquiagem que ela fez em mim.

— Eu te amo, *marinero*. — Beijo seus lábios levemente, segurando seu rosto em meus dedos.

— Selina, o buquê acabou de chegar... — Minha cabeça gira na direção da porta quando escuto a voz de Donna. — A porta tá trancada?

— Ela vai derrubar essa porta daqui a pouco — sussurro, rindo.

— Não duvido — Alan resmunga, me erguendo em seu colo quando fica de pé, movendo seu pau lentamente de dentro de mim.

— Como estão seus pés hoje?

— Estão melhorando, e muito, ouviu o médico. — Sorrio e suspiro, abraçando seu pescoço.

— Posso te levar no colo, não precisa ter que se esforçar para andar — ele murmura ao beijar minha orelha. — Eu até prefiro, assim tenho certeza de que não vai fugir de mim.

Belisco seu braço e nego com a cabeça enquanto rio, tendo suas mãos firmes esmagando minha bunda, movimentando lentamente seu pênis para a minha vagina, me fazendo a sentir melada.

— Acho que é tarde para eu pensar em uma fuga. Não quero nunca mais ficar longe de você, *marinero*.

Meus dedos se erguem e aliso seu rosto, o trazendo para mim, o beijando com mais força, sentindo meu corpo ir se aquecendo ao seu toque. Alan ruge baixo e empurra meu rabo contra sua pélvis, retornando a me foder lento.

— Oh, merda, me diz que não está aí dentro com o Alan? — Donna fala zangada, batendo na porta.

— Tenho certeza de que estão. — A voz masculina sai alta ao esmurrar a porta. — Anda, bichano, pare de brincar com sua bolinha de lã, o juiz já chegou!

— Eles estão brincando de bolinha, mamãe? — O timbre infantil pergunta alegre. — Tio Alan, posso brincar também...

— Cristo! Não! — Tony a responde, tossindo nervoso. — Nada de brincadeira de bolinha para você, mocinha.

— *Dios!* — sussurro entre nossos beijos, rindo ao ouvir a voz de Dorothy, que sai alegre.

— Não vou permitir as visitas deles — Alan rosna baixo.

— Vai, sim. — Rio e balanço a cabeça em positivo.

— Selina, ele tem que sair desse quarto — Donna fala séria, batendo na porta novamente. — E você, mocinha, ande, vá nos esperar lá embaixo.

Escuto os passos de Dorothy correndo, se afastando da porta.

— Ande, *marinero*, vá. Logo a gente se encontra, *sí*?! — suspiro e dou um tapinha em seu ombro, para que ele me coloque no chão.

— Não quer mesmo que te carregue? — ele rosna baixo, ainda incerto se me larga ou não.

— Sim... — Rio ao ouvir seu resmungo enquanto retira seu pau de dentro de mim, me fazendo morder minha boca quando gemo baixinho, com ele me colocando no chão.

Sua respiração está pesada ao abaixar meu vestido, o arrumando, e logo o som da fivela do seu cinto sendo fechada se faz.

— Vou abrir a porta antes que Donna a derrube — ele fala a contragosto, caminhando para a porta.

Viro devagar, sentindo minhas bochechas arderem de vergonha, passando meus dedos no vestido.

— Sabia que dá azar o noivo ver a noiva antes do casamento? — A voz de Donna sai brava para Alan quando ele abre a porta, o que me faz rir da respiração pesada que ele solta.

— Isso é bobagem! — Alan a responde rápido, me deixando ouvir seus passos caminhando para fora do quarto.

— Claro que não. Em Sinaloa, uma vez, teve um casamento quando eu era criança... — ela tagarela ao entrar no cômodo. — Que o noivo viu a noiva antes dela subir no altar, e quando chegou na hora, a garota fugiu com o motorista. Cristo, vou fazer de conta que não sei por que esse vestido está amassado!

Encolho meus ombros e sorrio quando Donna fala perto de mim, rindo baixinho. Mas não chego nem a responder, já que a respiração pesada feito um touro se faz perto de mim, me fazendo gritar quando meus pés são tirados do chão.

— Alan, que pensa que está fazendo? — Rio e jogo minha cabeça para trás, ao passo que ele me segura forte, colando meu corpo ao seu peito.

— Estou garantindo que minha noiva não fuja.

Ouço a gargalhada alta de Tony vindo de perto, à minha esquerda, tendo meu corpo sendo levado pelo homem bufando pelas narinas, que trota para fora do quarto.



Alan Spencer

Em alguma ilha particular de Fiji – País da Oceania

Três meses depois

Meus olhos se abrem no segundo que sinto a batida lenta na ponta do meu nariz. Meu cérebro precisa de dois segundos para despertar, ficando em alerta. Encontro meu alvo sério, a poucos centímetros de mim, me encarando, com seu corpo roliço sentado em cima do meu peito.

— Não tem motivos para ficar bravo, nem foi tão ruim assim o passeio de barco — murmuro e fecho meus olhos, bocejando, recordando dos miados de Abóbora, zangado, quando o levei junto com Selina para passear em Hades.

Mas antes mesmo que possa me virar, sinto a patada peluda na minha bochecha, com ele tendo a coragem de me bater.

— *Miauuuu!* — Abóbora mia alto, retornando a me dar outra patada, não me deixando voltar a dormir.

— Eu odeio você! — Abro meus olhos e encaro o gato obeso, que se levanta lento e gira em cima do meu peito, esfregando de propósito sua

cauda na minha boca, antes de virar sua cabeça para o lado.

— Bola peluda preguiçosa! — resmungo e viro meu rosto na direção que ele olha, encontrando a cama vazia, sem o pequeno corpo da mulher que dormiu a noite inteira em meus braços.

Abóbora pula do meu peito e fica no lugar vazio de Selina, tombando sua face para o lado, me fuzilando, como se contasse que nossa dona não está dormindo.

Sento rápido e olho para a janela aberta, tendo a brisa fresca entrando por ela, vendo que o dia está quase amanhecendo. Giro meu rosto e observo a casa sem divisórias, passando meu olhar em cada parte, não a encontrando, mas tendo uma leve ideia de onde posso lhe encontrar. Estico meu braço para Abóbora e o pego no colo antes de caminhar para fora do quarto, alisando sua cabeça grande e ouvindo seu ronrono. Caminho descalço pelo assolho de madeira, percorrendo meus olhos pela mobília antiga, a qual tinha sido recriada sob medida, idêntica a que tinha na casa dela. A estrutura inteira da casa é a mesma, claro que com muitas melhorias, porém o mais fiel possível que pudesse ser da casa da mãe de Selina. Havia usado minha memória fotográfica para recriar a residência, deixando tudo perfeito para ela.

Infelizmente, nem tudo pude lhe devolver, como as fotografias da sua mãe, que tinham virado cinzas, assim como as únicas pessoas que ela tinha. Belinda não tinha ninguém, nem um parente vivo, assim como Zapata, e quando construí a casa para Selina na ilha particular que comprei para ela, deixei específico na planta um local para trazer os restos das ossadas que foram encontradas pela polícia, de Zapata e Belinda, dando um descanso digno para eles. Essa também foi uma forma da minha Pequena Sereia se despedir dos seus amigos. Tony tinha dado um jeito de mexer os pauzinhos, conversando com alguns contatos, para trazer os dois para serem enterrados na ilha.

Paro perto da porta e observo a imagem perfeita ao longe, da Sereia na areia, perto do mar, alisando seu ventre enquanto ouve o som das ondas. Solto Abóbora e o deixo ir ao chão, em seguida desço os degraus de madeira e caminho descalço na areia, na direção de Selina. O nascer do sol vai se aproximando, com os primeiros raios de luz surgindo, a fazendo

parecer ainda mais com uma sereia perdida na areia. Olho em volta e vejo a praia particular completamente vazia, apenas à disposição dela. Essa é uma das vantagens de ter comprado uma ilha inteira, que possui apenas alguns moradores nativos, que vivem ao sul. O antigo dono da ilha os permitiu morar aqui, em uma vila pequena de pescadores, que tem comércio e escola, mas a parte norte inteira é fechada para mim. Tinha me assegurado de patrocinar a melhoria do hospital da ilha, o reformando por inteiro, para ter certeza de que ela estaria segura quando chegasse o momento do nosso bebê nascer. Eu conhecia o meu passado e sabia bem o que fiz, e não viraria as costas para ele, por isso proteger e a deixar segura tinha se tornado minha missão principal de vida. Vir para uma ilha distante e longe de qualquer um que conheceu Alan Spencer, foi o jeito mais correto de garantir a proteção da minha mulher.

— Acho que alguém fugiu da cama novamente — falo baixo, ficando atrás dela e encostando minha face em seus cabelos, os cheirando com calma.

Ela suspira devagar e tomba sua cabeça para trás, a recostando em meu peito, sorrindo. Circulo sua cintura e espalmo meus dedos em sua barriga, que começa a ficar volumosa, a acariciando.

— Gosto do som do mar — sussurra, soltando um suspiro. — Na verdade, ele também gosta, talvez seja por isso que me acorda sempre no mesmo horário, para eu fazer xixi, porque quer ouvir o barulho do oceano.

Rio ao ouvi-la, e fecho meus olhos, ficando em silêncio, tendo as palavras dela entrando lentamente em minha mente.

— Ele? — pergunto sério, abrindo meus olhos, tendo certeza do que ouvi ela falar.

— Sim, Stuart — Selina suspira e vira devagar, ficando de frente para mim.

Meu rosto se abaixa e encaro seu ventre, sentindo meu coração bater mais forte.

— Stuart?

— Pensei que seria um bom nome para nosso filho. Acha que o avô dele ficaria feliz em saber que seu neto se chamará como ele?

— É um menino... — Meus dedos trêmulos se erguem e tocam sua barriga, e sinto meu corpo inteiro vibrar.

— *Sí*, é menino. O médico me contou ontem na consulta, quando fui fazer o ultrassom... — Ela ri e tomba seu rosto de lado.

— Mas, como... eu estava com você — digo, confuso. Tinha estado ao seu lado durante o exame e o médico falou que ainda não dava para saber o sexo.

— Pedi para ele contar apenas para mim, na última consulta, quando fiquei uns minutos sozinha com ele. — Ela ri de forma arteira. — Quando saiu ontem para buscar o jipe, ele me disse. Então, sim, senhor Alan Spencer, será pai de um belo menino...

— Stuart... — falo, rindo, abraçando-a e sentindo minha paz com ela em meus braços. — Nunca vou deixar de te amar, *chica*. Nunca!

Beijo seus lábios e seguro seu rosto, sentindo algo ainda incompleto dentro de mim, desejando que o passado não nos assombre.

— Selina, existe uma coisa... — Ergo meu rosto ao murmurar. — Algo que fiz no passado e que preciso te contar.

— Um tiro na cabeça — Selina me corta, falando baixinho. — Eu sei o que vai me contar. Não precisei de muito para saber quem foi o amigo da história que Manolo contou naquela manhã no farol. O amigo que apareceu morto com um tiro na cabeça e que tinha participado do roubo que causou a morte do seu pai. Era *mi padre*...

— *Chica*...

— Eu não tinha passado, Alan — me corta novamente, abaixando seu rosto e levando sua mão ao seu ventre. — Nem presente ou futuro. A verdade é que eu só sobrevivia aos dias que iam aparecendo, sem muita expectativa ou ilusões que em algum momento da minha vida, eu fosse vivê-la de verdade.

Fico em silêncio, a vendo diante de mim, delicada com sua camisola branca, parecendo uma miragem linda, igual na primeira vez que meus olhos a avistaram.

— Mas então você apareceu e me fez realmente descobrir o que é viver. Não me importo com o passado, eu não o tinha. A única coisa que importa é o presente. E esse futuro. — Sua cabeça se ergue e me dá um sorriso belo, o sorriso pelo qual eu morro e mato sem pensar duas vezes. — Você tinha razão, *marinero*, quando disse aquela noite, dentro quarto, que não era o homem certo. Mas para mim isso não importava, porque você realmente não era o homem certo, mas sim o homem perfeito.

Meu rosto se move para frente e a trago para mim, lhe prendendo em meus braços enquanto lhe beijo, sentindo meu mundo, minha vida, meu pequeno e perfeito oceano profundo.

Fim!

TERRA FIRME

CAROLINE ANDRADE

O Vira-lata e a Bruxa

Donna Cortéz

— Oh, meu Deus! MEU DEUS....

Minha mão se ergue com raiva e tapo a boca grande da mulher chorona, que está praticamente se debulhando em lágrimas, completamente desesperada.

— Cala a porra da boca! — rosno para ela, me virando zangada, olhando pela fresta do quarto conjugado e vendo os cinco homens armados no outro cômodo, que observam em volta.

O homem de terno negro, com sotaque árabe, está praticamente espumando pela boca, com os olhos dele presos na figura odiosa do meu patrão canalha, que bebe sua dose de uísque tranquilamente, não parecendo nem um pouco abalado pelo fato de estar a poucos segundos de levar um tiro no meio da cara.

— Diga, me diga logo onde aquela cadela está! — o cara de terno preto grita, apontando o dedo na cara do cachorro ordinário de Tony. — Sei muito bem que ela está aqui, meus homens a viram entrando.

— Merda! — murmuro, tendo meu coração disparado, sabendo que o corno não está brincando.

Quero matar Tony, rachar a cabeça dele inteira no meio, por não conseguir controlar a porra do pau dele e me meter nessa enrascada junto com ele. Maldita hora que vim atrás dele para avisar que já estava indo embora. Era melhor se tivesse saído da festa do hotel sem falar nada, mas, como sempre, me vi indo atrás dele, para ter certeza que estava bem. O tinha visto seguindo para os quartos, tanto que Gil, o motorista, foi quem me avisou que ele estava no quarto 530, em uma reunião. Só que Gil esqueceu de me contar que a porcaria da reunião de Tony era com Olívia Araic, a esposa do turco enfurecido no outro cômodo, com seus seguranças armados, a um passo de dar um tiro no rabo de Tony. Nem sei como entrei nesse barco furado, foi tudo rápido. Apenas bati na porta, e quando ela foi

aberta, eu comecei a informar que estava de partida. Porém, meu braço foi puxado para dentro do quarto, nem dando tempo de eu gritar. Tony estava zangado, com sua respiração agitada, tendo a mulher semidespida do outro lado do quarto, e antes que pudesse o mandar à merda e sair de lá, eu e ela já estávamos sendo enxotadas para outro cômodo conjugado, quando os gritos do marido bravo se fizeram no corredor.

— Juro que vou meter uma bala na sua cabeça, se não me disser onde está minha mulher!

— Sua, não minha — Tony suspira e dá de ombros. — Se você que é o marido não sabe, como acha que sou obrigado a saber?

O marido alterado, completamente zangado, puxa uma das armas do seu segurança com raiva, e a aponta para o rosto de Tony, rugindo de ódio.

— Porra, fodeu! — Mordo minha boca, desesperada.

— Vou lhe dar a chance de abaixar a arma, Ramir, e sair de dentro da minha suíte com os seus homens. — Tony leva a bebida à boca e a toma calmamente, nem sequer tendo ideia de como eu mesma estou a um passo de abrir essa porta e pegar aquela arma e atirar na cabeça oca dele, por agir como se estivesse tudo bem, e não como alguém que vai morrer aqui.

— Acha que está brincando com quem, garoto? — Ramir nega com a cabeça, destravando o revólver. — Sei que não está sozinho nesse quarto, e sei muito bem que meus homens não mentiram ao dizer que uma mulher entrou aqui.

Ele ergue o revólver com mais firmeza, deixando apontado para o centro da testa de Tony, rosnando com raiva.

— Vou contar até três, e se essa cadela não aparecer, ninguém vai sair vivo desse quarto...

— Oh, meu Deus... — Viro na mesma hora, ao ouvir o choro da mulher, que tapa seu rosto. — Vou morrer, ele vai me matar...

— Se controla! — Seguro seu ombro e a chacoalho para se calar, para que eu possa pensar em uma saída. — Me deixa pensar... me deixa...

Meus olhos se abaixam para ela e a solto, dando um passo para trás, lhe estudando com mais atenção. Sua altura é a mesma que a minha, assim

como o tom negro da pele e seu cabelo na altura dos ombros. Talvez, se soltar os meus, posso facilmente os fazer achar que tinham se enganado. Mas, ainda assim, tem uma grande chance de algum deles terem visto o rosto dela.

— Precisava manter a mente deles focados em outra coisa — murmuro, pensativa. — Mas o que...

Fico em silêncio e encaro o vestido vermelho dela aberto na frente, deixando seu corpo inteiro à mostra.

— Droga! — Meu olhar recai para meu decote e rosno com raiva. — Serviço de merda! Juro que se não o matarem, eu mesma dou um tiro naquele cachorro vira-lata!

Ergo meus dedos rapidamente para meus cabelos e os solto, deixando-os caírem por minhas costas, enquanto os bagunço.

— O que está fazendo... — ela pergunta, sem entender.

— Me passa seu vestido, anda! — Estico minha mão, balançando meus dedos.

— O quê?

— O vestido. Quer sair viva daqui ou não? — falo com raiva. — Porque eu quero, tenho uma filha que precisa da mãe viva, e nem por um inferno vou morrer nesse quarto por causa de uma mulher casada que não sabe se comportar e daquele *perro* do meu patrão.

Ela começa a passar os braços pelo vestido, e em seguida o estende para mim, enquanto eu abro o zíper do meu próprio vestido preto na lateral do corpo e o largo no chão. Passo o vestido dela em meus braços, o mantendo aberto na frente, e solto meus cabelos, que ficam presos nas costas pelo tecido. Respiro fundo, odiando Tony com todas as minhas forças.

— Ele não me paga o suficiente para passar por isso!

Dou uma rápida olhada no espelho da porta do quarto e vejo a lingerie vermelha de renda, com um sutiã meia-taça, e o puxo para baixo, deixando ainda mais destacados meus seios imensos, que quase saem para fora do sutiã. Olho o fio dental cretinamente minúsculo tapando a frente da

minha vagina depilada. Belisco minhas bochechas, enquanto respiro rápido, para parecer uma mulher que estava na cama, louca para ter uma trepada. Paro meu olhar na garrafa de champanhe aberta dentro de um balde com gelo perto da cama, e a pego em meus dedos, repuxando meu nariz, sabendo que vou odiar fazer isso, pois não tomo bebida alcoólica. Bebo um grande gole de uma única vez quando a viro.

— Tem certeza...

— Só cala a porra da boca e se esconde! — Abaixo a garrafa da minha boca, a segurando e respondendo com rispidez à mulher.

Ando a passos lentos para perto da porta e sinto meu coração disparar, enquanto os pelos da minha nuca se arrepiam.

— Vou meter a porra da bala no meio da sua testa se não falar! — A voz em comando de Ramir é quem me faz não desistir e esticar meu braço, escancarando a porta. — Olhem o outro...

— *Me vas a hacer esperar en la cama, papá...*[69] — falo dengosa, com a voz arrastada, me escorando na porta, e ergo a garrafa de champanhe aos lábios, enquanto suspiro manhosa e afasto o champanhe da boca.

A tosse seca de Tony, com ele cuspindo sua bebida para fora da boca e com seus olhos arregalados me encarando, só perde para a face vermelha de Ramir, que está petrificado, com seus olhos presos na frente do meu corpo. O que realmente me faz agradecer pela primeira vez por ter seios grandes, pois o velho fica encarando minhas tetas, e não o vestido da mulher dele em meu corpo.

— *Mirar, papá*. — Desvio meus olhos de Tony para os seguranças, sorrindo de forma molenga para eles, como se realmente tivesse embriagada. — Não me disse que teríamos convidados...

Me afasto da porta, tirando a concentração deles do local, e ando a passos lentos, como uma felina preguiçosa desfilando sem pressa no cômodo, sendo completamente o oposto de como estou por dentro, quase infartando, de tanto que meu coração está acelerado, com medo de algum deles entrar no quarto. Estico meu braço e sorrio, tombando minha cabeça para o lado, ganhando atenção total de um dos seguranças quando passo ao

seu lado e dou uma visão privilegiada do meu decote. Levanto meu braço e arranho a pontinha do seu queixo com minha unha.

— Praticamente uma festa. — Retiro minha mão dele e retorno a andar para perto de Tony, com meus olhos ficando presos no outro segurança. — *Me gusta y mucho.*[70]

O cara com a arma na mão abaixa o revólver e dá um pigarro lento, além de um sorriso safado para mim.

— Essa não é minha esposa... — A voz baixa de Ramir me faz girar meu rosto para frente e o encarar a poucos centímetros de mim.

— *No, pero puedo serlo si quieres*[71] — falo dengosa, levando minhas mãos à cintura e inclinando levemente meu tórax para frente, mantendo o olhar dele em meu busto.

— Com toda certeza, ela não é! — O rosnado alto, vindo atrás de Ramir, me faz olhar para meu patrão, que tem sua face tão vermelha quanto um tomate, parecendo que vai explodir feito uma panela de pressão.

Tony rosna baixo e empurra Ramir, prendendo sua mão em meu cotovelo e o puxando com força, até ter a frente do meu corpo colado ao seu, que serve de proteção para os olhos curiosos.

— Não pedi para me esperar no quarto? — Ele não fala, ele grunhe como um bicho raivoso e ingrato, nem ao menos me dando crédito por estar salvando seu rabo de cachorro vira-lata.

— Demorou muito, *papá,* e senti saudade... — Faço beicinho para ele e jogo minha cabeça para trás, erguendo meu braço e cravando minhas unhas compridas em sua nuca. — Achei que seríamos apenas nós dois, benzinho!

Soluço de forma fingida e dou um suspiro baixo, tombando meu rosto para o lado, olhando Ramir, que ainda está em choque, me encarando.

— Senhor Ramir já está de saída, se não me engano. — Tony estica seu braço ao longo da minha cintura, mantendo o vestido abaixado, com sua mão grande espalmada em meu rabo. — Não é?

— Cristo, a mulher aqui dentro é sua assistente? — Ele fecha seus olhos e respira fundo. — E-eu realmente não imaginava que vocês dois...

Ele olha em volta, inalando o ar com força antes de dar um sorriso, negando com a cabeça.

— Isso explica por que sempre ficava bravo quando eu dizia que iria a pegar para trabalhar pra mim. — Pisco, confusa, saindo por alguns segundos do meu papel de falsa bêbada, não entendendo o que o senhor Ramir fala. — Não se sinta envergonhado, meu amigo, não é o primeiro chefe e nem o último a se envolver com uma empregada... Ainda mais...

Ele se cala, fazendo praticamente um raio-X completo com seu olhar em meu corpo. Sinto o peito de Tony vibrar, com ele rosnando novamente e me apertando mais forte, quase me fazendo não conseguir respirar com a forma que ele me prende, como se pudesse cobrir meu corpo inteiro com o dele.

— Lhe aconselho a não terminar o que vai dizer, Ramir... — Tony sibila, me fazendo quase querer encolher com o olhar de aço que ele dá ao homem, antes de cravar as duas pedras castanhas opacas das suas íris em mim. — Acho que já bebeu demais, benzinho.

Sua mão retira a garrafa de champanhe da minha, e ergue sua cabeça, olhando para trás de mim e inalando o ar mais forte.

— Agora que sabe que não é sua mulher que está comigo, e sim a minha, retire seu rabo e seus seguranças de dentro da minha suíte! — A voz de Tony sai tão grossa, ao ponto de parecer animalesca, seguida de um rosnado.

— Oh, claro! — Ramir respira rápido, estalando seus dedos em comando. — Saiam, andem, tão olhando o quê?!

Ele bate o pé no chão, enxotando seus seguranças, que trotam rapidamente para a saída, parecendo uma filinha indiana.

— Eu realmente lamento. Juro que não foi minha intenção expor você e sua mulher... — Fecho meus olhos, não tendo coragem de olhar a face de Ramir, me odiando por estar participando desse circo.

O pobre se desculpa com a voz envergonhada, completamente mortificado, nem tendo ideia que a sua esposa realmente está aqui dentro, escondida no outro cômodo.

— Me desculpa.

Suspiro baixo, mordendo minha boca e abrindo meus olhos, vendo o homem de ombros caídos andando cabisbaixo para a porta, a fechando atrás dele.

— Cristo, estou morrendo de pena dele! — digo, suspirando, dando um risinho de lado. — Mas fui extremamente convincente. Olha o potencial que descobri para a vida artística!

Rio, não acreditando no que eu acabei de fazer, mas minha mente logo se concentra na bufada de touro que recebo sobre minha cabeça e no som rouco da respiração zangada. Assim que retorno meu rosto para frente, sou confrontada pelo par de olhos de Tony, que parecem mais duas bolas de fogo ao invés de castanhas, que fazem meu riso morrer. Meu corpo inteiro vibra, como se estivesse queimando apenas com o olhar dele, me incendiando por inteira, tendo o perfume amadeirado nublando meus pensamentos como uma fumaça tóxica, a qual por alguns segundos sempre me faz esquecer porque é má ideia abaixar a guarda ao lado dele. A grande mão se mantém espalmada em meu rabo, me deixando tão rente a ele, que posso sentir o pau dele colado em minha barriga, e a porra está tão dura e rígida quanto os músculos dos seus braços, que meus dedos esmagam. Inalo o ar rapidamente, tendo meu peito subindo e descendo depressa, recaindo meu olhar para sua boca, que está semicerrada de forma zangada.

— Não era para ter saído da porra do quarto! — ele rosna, rangendo seus dentes.

Pisco rapidamente, erguendo meus olhos para ele, compreendendo que é comigo que ele está bravo, o que me faz querer chutar sua bunda arrogante e ingrata. Seu olhar se abaixa para meus seios, ficando ainda mais brilhantes, com ele dilatando suas narinas e inalando com força, como se olhar para mim fosse tão desagradável quanto o fato de eu ter lhe salvado.

— De nada! — O empurro com raiva e me afasto dele, me sentindo uma idiota.

— Tem ideia do caralho do risco que se pôs? — ele ruge alto, fazendo eu me assustar quando prende meu braço e me puxa novamente, não me deixando afastar.

— Tenho ideia de que foi eu que salvei seu rabo, vira-lata — falo com raiva, desvencilhando meu braço do seu quando o puxo para trás. — E, adivinha, dizer obrigado não vai te tornar menos homem, sabia?! E não é a primeira vez que te salvo de uma encrenca...

— Mas é a primeira vez que se coloca deliberadamente em perigo. — Sua voz alta explode no quarto, como um leão furioso rugindo, me assustando, porque nunca o vi tão raivoso. — Ainda mais desse... Porra!

Ele morde sua boca e desvia seus olhos de mim, encarando a porta, me fazendo sentir como se eu fosse um extraterrestre, anormal, que tinha que ter vergonha por ter usado meu corpo para distrair a atenção dos seguranças, quando chuta com pura fúria o sofá.

— Quer saber, faz um favor para mim? — falo magoada e puxo a porcaria das pontas soltas do vestido na lateral do meu corpo, o cobrindo apressada. — Da próxima vez que for foder com a boceta de uma mulher casada, não me obriga a entrar no quarto, para ser surpreendida com uma situação dessa!

— Acha que foi para isso que eu estava aqui... — Ergo minha cabeça na mesma hora, o encarando com deboche. — Me avisaram que era Ramir, que ele queria se reunir comigo, e quando entrei a mulher dele já estava aqui...

— Sério, Tony?! Para cima de mim? — Reviro meus olhos, negando com a cabeça. — Não precisa inventar histórias.

— Porra, estou falando a verdade!

Viro e o largo falando sozinho, caminhando para a porta aberta do outro cômodo, para pegar meu vestido e minha bolsa. Meus olhos param na mulher de lingerie, sentada no sofá, com as pernas cruzadas, batendo seus dedos lentamente no encosto, me dando um sorriso de quem foderia a noite inteira com o cretino se não tivesse sido interrompida.

— É, eu tenho certeza de que está... — murmuro, andando para dentro do quarto e arrancando às pressas o vestido dela do meu corpo, como se fosse uma cobra que estivesse me tocando.

Me abaixo e pego meu vestido e a minha bolsa, caminhando em seguida para fora do quarto.

— Onde pensa que vai...

Não ergo minha cabeça, muito menos o respondo, apenas mantenho meu passo apressado, esmagando o vestido em meu braço junto com a bolsa.

— DONNA, NÃO PENSE QUE VAI DAR UM PASSO PARA FORA DESSE QUARTO VESTIDA ASSIM!

Não dou um passo, mas sim dois, já me virando para o corredor, parando apenas quando estou na frente do elevador e aperto o botão. Arrumo o vestido e passo minhas pernas por ele, me vestindo rápido, subindo o zíper na lateral.

— Donna... — Sua mão se fecha em meu braço e me viro para ele.

— Se não vai precisar de mais nada, senhor Spencer, sugiro que solte meu braço antes que o espanque com essa bolsa! — A ergo em minha mão, mirando na direção do rosto dele, o deixando saber que é exatamente isso que vou fazer.

Ele respira fundo e solta meu braço, esfregando seu rosto com força e dando um passo para trás, levando suas mãos à cintura, enquanto rosna baixo, erguendo seus olhos para mim.

— Realmente não trouxe essa mulher para cá. Ela já estava no quarto quando entrei, com seu corpo semidespido — ele fala, perdido, me dando seu olhar de cachorro vira-lata sem rumo.

Isso me faz o odiar, por não entender por que sempre que quero socar sua cabeça, também quero o abraçar. Tony é o único cretino do planeta inteiro que ao mesmo tempo que tem um ar arrogante e insuportável, consegue ser um menino perdido!

— Estou falando a verdade, bruxa. — Ele engole a saliva, fazendo seu pomo de adão se mexer, tendo as veias da sua garganta saltadas.

Direciono meus olhos para cima do seu ombro, na direção do quarto, no segundo que as portas do elevador são abertas. Me viro calma, entrando dentro dele e me virando de frente para Tony.

— Boa noite, senhor Spencer, até mês que vem — digo calma, de forma profissional, ficando com minha postura ereta e arrumando a bolsa

em meu ombro.

— Mês que vem... Como assim? — Ele muda sua expressão, não tendo mais o olhar de cachorro vira-lata perdido, e sim de um cão em ataque. — Me disse que não iria sair de Nova York, disse que não viajaria nas suas férias...

Realmente não iria, não estava nem um pouco encorajada a viajar, mas eu preciso. Preciso me afastar de Tony, preciso disso para poder continuar trabalhando ao lado dele, e tinha percebido isso com mais intensidade agora. Estou desmoronando, sufocada por dentro, tendo esses seis anos que estou trabalhando ao lado dele me cobrando um preço absurdo, pelo que eu tive que enterrar dentro do meu peito, ao ser estúpida o bastante para ter me apaixonado por ele.

— Decidi essa semana. Vou levar Dorothy para Sinaloa, minha irmã quer conhecê-la, as passagens estão marcadas para amanhã cedo — digo meias verdades, realmente não mentindo sobre minha irmã querer ver Dorothy, mas sim sobre as passagens, já que as comprarei hoje, assim que chegar ao meu quarto. — Ela vai gostar de conhecer sua tia — falo baixo e estico meu braço, apertando o botão do térreo, para o elevador descer.

Sua face está nervosa, com ele confuso, ainda processando o que eu falei, quase dando a impressão que acabou de receber um tiro, de tão perdido que está. Seus olhos retornam a ficar abatidos, com melancolia, e ele parece um menino.

— Se cuida, Tony. — Lhe dou um sorriso quando as portas se fecham, ainda podendo o ver agitado, estufando seu peito e inalando o ar com força.

— Donna...

Continua...

Agradecimentos

Realmente preciso agradecer a Alan e Selina por terem me feito ficar perdidamente apaixonada por eles. Eu amei cada segundo que passei nesse mundo.

Obrigada às minhas meninas, por estarem sempre ao meu lado e por ajudarem a enriquecer ainda mais essa obra.

Muito obrigada à minha doce Val, por sempre embarcar nesses mundos novos.

E muito obrigada a vocês, minhas leitoras, por todo carinho e amor.

Espero vocês em *Terra Firme*, e preciso admitir que já cadelei perdidamente nosso Vira-lata e sua Bruxa.

Beijos, Caroline Andrade

OUTRAS OBRAS



Outras obras:

Séries:

KATORZE - LIVRO 1

PAOLO A RENDIÇÃO DO MONSTRO - LIVRO 2

PAOLO O DESPERTAR DO MONSTRO - LIVRO 3

ATENÇÃO: contém cenas eróticas e gatilhos que podem gerar desconforto. não indicado para menores de 18 anos.

KATORZE

SOMOS UM SÓ

Quando um pesadelo deixa marcas. Quando em um dos piores momentos, nasce uma luz para guia-la. Quando ela se apaixona por seu algoz e finalmente tudo está na mesa, o desejo carnal e selvagem se revelam. Mas a ferida agora, está aberta.
Vocês irão odiá-lo, cobiçá-lo e até mesmo desejá-lo. Conheçam Daario Ávila e embarquem em uma aventura na Espanha, regada de erotismo e reviravoltas de tirar o fôlego. Será que o príncipe encantado, pode se tornar um pesadelo?

PAOLO

A RENDIÇÃO DO MONSTRO

Criado como um animal de estimação desde criança, entre a sarjeta e os abatedouros da fazenda Ávila, Paolo se tornou o cão de ataque perfeito de Joaquim Ávila, um animal feroz, sem remorso, sem empatia. Moldado pela dor e degradação, é uma alma condenada e vazia, que sente gosto de liberdade

quando sua coleira invisível é quebrada. O destino, contudo, o leva, entre a vida e a morte, pelas as águas turbulentas do rio, até os cuidados da pequena Yara.

Em um ímpeto de desespero pela morte que o chama em seu leito, Yara faz de tudo para salvá-lo, até o que não deve. A pequena boneca solitária só não sabia que quem ela salvava não era apenas um forasteiro com faces tristes, mas sim um monstro que traz em seus olhos tanta morte quanto o cano do seu .38.

Yara entende de monstros. Teve seu caminho cruzado por um, que a deixou marcada para sempre. Mas ali, diante da face do mal encarnada entre os olhos marrons daquele forasteiro, que traz uma dor tão antiga, não é medo que sente, mas sim sua luz, que se liga à escuridão dele.



Tudo nessa vida tem um preço, e Yara sabia disso quando salvou a vida do monstro que entrou em seu caminho. Tendo que escolher entre o homem que amava e os frutos dessa paixão que cresciam em seu ventre, partiu, deixando-o sem olhar para trás. O que ela não sabia é que sua magia deixou rastros, e agora algo muito pior vêm atrás dela.

Seu mundo desaba quando suas filhas são levadas por um mal maior, e o destino brinca com a pequena bruxa, colocando-a frente a frente com o homem que tanto assombrou suas lembranças por longos anos.

O monstro se perde assim que seus olhos pousam na pequena mulher solitária que vê em seus sonhos, e que agora está em carne e osso na sua frente. Algo dentro de Paolo desperta, puxando-o para ela cada vez mais, sem entender o que os liga.

O Cão e a Bruxa estão de volta em mais uma batalha.

Yara lutará com toda sua força para ter suas filhas de volta. No meio da sua jornada, precisará mostrar ao monstro o poder e a força da magia do amor, e encarar a ira de cinco anos longe dos olhos tão sombrios quanto o portão do inferno.

Poderá o cão de caça perdoar a bruxa que o jogou no limbo por cinco anos, sem despertar o monstro que habita nele?

OS ÁVILAS

ASCENSÃO DOS MONSTROS

Um inimigo antigo uniu os irmãos Ávilas em uma derradeira vingança. Daario e Paolo juntos, lado a lado, abriram as comportas do inferno, trazendo carnificina e sangue para aqueles que machucaram suas famílias.

A cada percurso da caçada, em uma busca cruel e implacável pelas suas mulheres, os monstros estavam famintos por morte e justiça, fazendo aliados poderosos e alianças inquebráveis, deixando um rastro de corpos por onde passavam.

A pequena bruxa Yara encontrou forças para lutar pela sua sobrevivência e do seu filho quando a destemida pantera Katorze cruzou seu caminho de uma forma inesperada. As duas mulheres traziam fé em seus corações de que seus monstros iriam libertá-las, afinal nem todo predador é fatal, mas todos os monstros Ávilas criados pelo cruel Joaquim são assassinos.

HELL

O SENHOR ENTRE DOIS MUNDOS

Um amor além do tempo, do universo, do grande desconhecido. E se nada fosse o que realmente é? E se entre seu mundo tivesse outro, onde magia e realidade se chocassem? Onde uma maldição foi imposta, obrigando um príncipe do submundo a enxergar com outros olhos a raça que ele julgava a mais inferior de todas. Onde fosse condenado a vagar por eras e eras em busca de uma estrela solitária.

E se nada fosse o que é?

JESSE

O PERDÃO DA CIGANA

Uma maldição rogada por um erro cometido no passado faz Jesse correr contra o tempo, para conseguir se libertar antes que a Lua de sangue se erga. Porém, o que para ele é maldição, para Constância significa liberdade. Um segredo do passado entrelaça o futuro dos dois, mas Jesse não imagina que a única pessoa que poderá libertá-lo é a mesma que poderá odiá-lo pelo erro que cometeu.

Amores do campo:



Maria Eloiza estava acostumada com a batalha diária que a lavoura tinha e com o esforço sobre-humano que seu trabalho lhe trazia. Seguia batalhando mais uma vez, atrás de outra usina, dando graças a Deus quando essa apareceu, mas nunca imaginou que o canavial lhe traria mais do que já estava acostumada a ter, até se perder nos olhos mais verdes que as plantações de cana.
Pedro Raia trazia o legado de sua família junto com ele. Mesmo renunciando aos sonhos que tinha, aceitou voltar para casa quando foi convocado, cuidando de perto de cada um que entrava em suas terras, pois nunca foi de ficar dentro de quatro paredes. Sua paixão pela terra era antiga, desde menino trabalhava na lavoura. Gostava da terra em suas mãos, sabendo que era dali que vinha toda sua essência. Mas sua vida mudou quando, entre mais uma remessa de boia-fria, a pequena cabocla, com olhos assustados, lhe mostrou o mais puro brilho de sua alma. Dois mundos, que andavam entre linhas finas, se chocaram. A realidade de um contra a vida do outro.



A vida sempre foi puxada para Maria Rita, fazendo-a se tornar o alicerce da sua casa e a moldando para ser a presença materna e paterna para suas irmãs. Não é de riso fácil, e muito menos de ser

dobrada por homem, mas algo muda em sua vida quando seus olhos se cruzam com o peão chucro, Zeca Morais. Ele fará de tudo para laçar a mulher endiabrada, que faz seu coração disparar. Um amor nasce sem freios entre os dois em meio aos cafezais. E juntos terão que enfrentar um grande inimigo, que fará de tudo para acabar com a vida de Zeca Morais.



João Paulo Guerra ama a vida que leva, sem ter que dar satisfação do seu destino para ninguém. No entanto, ele tem apenas uma fraqueza, a qual nunca permitiu nem sequer se aproximar, pois é a sua perdição. Uma criatura pequena, de boca atrevida, que sempre lhe provoca. A cada dia está mais difícil ele esconder o sentimento que aumenta dentro do seu peito por Maria de Lurdes. Mas, entre intrigas, mentiras e maldades que rondam Maria de Lurdes e João Paulo, eles se aproximam, especialmente quando Maria é condenada por toda a cidade, com injúrias e calúnias sendo desferidas contra ela. Porém, há um mal maior a espreitando, o que faz com que João jogue as cartas na mesa e mostre o lado cruel da família Guerra para defender a pessoa que ama.



Para conseguir se livrar da maldade do pai e de todo sofrimento que Manoel Arena lhe empunhava, para manter o poder da herança que sua mãe deixou sob os seus cuidados, Madalena aceitou a proposta de se casar com o taciturno homem de olhar sombrio chamado Tião Raia. Um casamento de conveniência, onde Madalena poderia partir para bem longe da cidade e Tião Raia poderia usufruir de todo o poder que a afortunada herança de Madalena tinha. Caminhos se separaram, com cada um seguindo sua vida, mas cinco anos depois, Madalena retorna, não mais como a menina sofrida que tinha partido, levando apenas um beijo de despedida do seu sombrio marido. E Tião Raia, que conseguiu se tornar o novo prefeito da cidade, tem uma surpresa quando a mulher vistosa e cheia de vida, com uma beleza encantadora e olhos felinos, bate em sua porta, vindo atrás do divórcio, não lhe lembrando em nada a desnutrida menina com quem seu irmão lhe obrigou a casar. A guerra entre prefeito e primeira-dama é declarada no primeiro contato, arrancando farpas e faíscas de uma atração fatal, que desperta amor e ódio na mesma medida.



AVISO DE ROMANCE DARK
NÃO RECOMENDADO PARA LEITORES SENSÍVEIS.
CONTÉM CENAS DE VIOLÊNCIA, SEXO, ESTUPRO DE VULNERÁVEL, INCESTO, VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA, RELACIONAMENTO PERVERSO E NARCISISTA, TRANSTORNO MENTAL E LINGUAJAR INAPROPRIADO PARA MENORES DE 18

ANOS.
PODE ACIONAR GATILHOS EMOCIONAIS.

Ginger Fox embarca para a Austrália, com destino a uma ilha remota, cheia de mistérios e segredos escondidos entre as paredes da mansão Roy. O que começou como uma aventura, se transforma em perigo quando recebe a proposta de um jogo erótico e envolvente, tão pecaminoso quanto os pensamentos devassos que ela nutre pelo seu anfitrião. O que Ginger não sabe, é que seu oponente, Jonathan Roy, é um astuto tratante, que a prende cada vez mais entre suas teias de sedução. E em meio à sua curiosidade descabida pelo jogo, mais fundo ela se perde no mundo sadomasoquista, e a paixão avassaladora por seu mestre a leva às últimas consequências. Ginger lutará para conseguir sobreviver no mar de piche e mentiras que soterram a grande mansão da família reclusa.



Mabel embarca para Moscou atrás de esquecer o passado, mas os demônios nunca deixam seus condenados por muito tempo. Mabel descobrirá muito mais do que apenas prazer quando adentrar em Sodoma, sendo envolvida em um jogo perigoso por um sedutor e charmoso russo. Czar Gregovivk despertará Mabel da vida monótona que ela vive por tantos anos, reprimindo seus desejos. Um enlace do destino a leva direto para o mais letal oponente que já cruzou sua vida. De volta ao jogo em Sodoma, em uma trama repleta de sedução, luxúria, perversidade e prazer, com ameaça de novos e velhos inimigos que os espreita. Até onde você aguentaria a submissão, antes de dizer GOMORRA?

A ordem das messalinas:

A ORDEM DAS MESSALINAS

SALOMÉ

spin-off da duologia SODOMA & GOMORRA

A busca de Sodoma pelas Messalinas se inicia, e a primeira delas é Salomé. Uma tempestade em forma de mulher, que vai virar o mundo do controlador egípcio, Ramsés, de ponta-cabeça, testando seus limites e seus desejos, ao se ver enfeitiçado pela terrível criatura sexy que sempre o desafiava e que lhe cativou com sua inocência. Uma história de amor completamente recheada de aventura, romance e muita sedução, onde pela primeira vez em Sodoma, um mestre se transformará no submisso de uma Messalina.

AVISO DE ROMANCE DARK. NÃO RECOMENDADO PARA LEITORES SENSÍVEIS. CONTÉM CENAS DE VIOLÊNCIA, SEXO, VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA, TORTURA E LINGUAJAR INAPROPRIADO PARA MENORES DE 18 ANOS. PODE ACIONAR GATILHOS EMOCIONAIS.

Sessão da tarde:

Doce cretina

Saila perdeu sua paz quando o novo acionista majoritário de onde trabalha chegou para tomar posse do comando da empresa. O irresistível homem de olhar sexy estava levando-a à loucura a cada sonho erótico que ela tinha, o tendo como seu personagem principal, a seduzindo, acabando com sua lucidez e encharcando suas calcinhas. E por um grande descuido de um celular com a câmera ligada e uma ajudinha do destino, a vida de Saila vira de pernas para o ar quando um vídeo dela desabafando seus desejos mais lascivos e pecaminosos com seu charmoso chefe, viraliza nas redes sociais, explodindo na internet.

Únicos

NO LABIRINTO DOS SEUS SONHOS

O QUE FIZESTE DE MIM, AMOR?

ATENÇÃO: CONTÉM CENAS ERÓTICAS E GATILHOS que podem gerar desconforto. NÃO INDICADO PARA MENORES DE 18 ANOS.

Se me perguntarem se já era amor desde o início, garanto-lhe com as minhas palavras salgadas pelas lágrimas que sim. Eu já o amava antes do princípio, assim como no meio e fim. Nosso amor mórbido e louco nos unia em nossa agonia chamada vida.
Se existia um inferno, eu iria para lá por ele, pois onde mais dois pecadores poderiam descansar suas almas negras manchadas pelos pecados da carne? E então, eu fui. Joguei-me de cabeça em seu mundo. Conforme trazia Ben para mais perto de mim a cada sonho, a cada parte dele que eu salvava, uma parte minha ficava presa em seu labirinto. Em meu peito, onde batia um coração de uma menina apaixonada, não importava em quantos pedaços eu teria que destruir minha alma para salvá-lo, pois a loucura que o habitava era a mesma que tinha morada fixa em meu coração.
Lizandra, essa sou eu, ou a sombra de quem eu fui um dia.

RABIOSA

MÉNAGE À TROIS

ATENÇÃO: CONTÉM CENAS DE SEXO E LINGUAJAR INAPROPRIADO PARA MENORES DE 18 ANOS

Zelda estava preparada para tudo em sua vida: uma híbrida latino Afro-Americana com sangue quente que desejava apenas ter uma chance para mostrar que não veio ao mundo para brincar. Queria um lugar ao sol entre as indústrias de construção civil. O que ela não imaginava, no entanto, ao aceitar o estágio na Indústrias Ozbornes, era que, junto com a porta do seus sonhos ao mundo do negócios, também se abriria a porta dos desejos e fantasias quente como o inferno: seus dois chefões em ascensão.

HISTORIETAS
ASSOMBRADAS PARA MULHERES MALCRIADAS

Quatro mulheres desesperadas por apenas uma noite de folga e por um segundo de descanso ganham, misteriosamente, um sorteio relâmpago de rádio, que tem como prêmio uma estadia nas suítes luxuosas do novo hotel da pacata cidade.

Cada uma tem sua história e seus segredos, mas todas trazem uma coisa em comum: desejos reprimidos.

O Dia das Bruxas nunca mais será o mesmo para elas.

Não deixem de perder essa deliciosa noite de Halloween, principalmente se for uma menina malvada.



Handrey, junto com seu irmão Jonny, participava ativamente de um grupo de neonazistas violentos, pregando a supremacia branca. Seu destino mudou ao encontrar o corpo do seu irmão junto a um homem negro dentro do seu apartamento, ambos sem vida. Ele nutriu apenas ódio e autodestruição por catorze anos, jogado dentro da penitenciária federal, almejando apenas uma chance de descobrir quem era o verdadeiro assassino do seu irmão. Sua chance veio acompanhada de um pro bono misterioso, que lhe deu sua liberdade provisória.

O homem passou a ver as coisas de uma maneira diferente ao se deparar com Eme, uma stripper negra que o levou a questionar uma doutrina de uma vida inteira. Ele já não se sentia mais à vontade com o grupo neonazista.

Quando corpos mutilados de mulheres negras e imigrantes começaram a aparecer pelas ruelas do porto, assombrando todas as garotas de programa ao descobrirem que tinha um assassino em série que matava por esporte, Handrey percebeu que mais alguma coisa tinha escapado junto com ele do esgoto imundo que era seu passado.



Dylan Ozborne sabia que a pior época da sua vida era dezembro. Ainda não acreditava que seu irmão havia o obrigado a ser o Papai Noel para o evento beneficente.
Elly poderia ter sido a boa menina o ano inteiro, mas deixou para ser a menina má justamente três dias antes do Natal, indignada com o nada bonzinho e muito menos velhinho Noel. Então resolveu se vingar do tirano e por fim lhe dar uma lição que nenhum



Sedrico Lycaios, mais conhecido pelas noites quentes regadas às promiscuidades de Chicago, como uma divindade do prazer, é proprietário do clube peculiar, nada ortodoxo e, sim, envolvente e pecaminoso: a Odisseia, onde proporciona todas as experiências desejadas por seus clientes, para aplacar seus prazeres mais obscuros. Mas, como todo semideus, Dom Lycaios tem sua fraqueza, e é entre as paredes do seu templo da perdição que se vê sendo fisgado pela doce inocência de Luna, a dançarina exótica, tão silenciosa e misteriosa, que o prende a cada movimento do corpo dela. Uma perfeita *sugar baby*, que desperta o interesse do *sugar daddy* que ele traz aprisionado no canto mais obscuro do seu ser. Luna não tem chances para escapar das manobras do implacável homem, que a envolve em suas teias de aranha. Afinal, o prazer sempre fora o maior império de Sedrico.



Yane Rinna tem sua vida mudada da água para o vinho quando se torna testemunha principal de um assassinato. Ela se vê obrigada a entrar em um disfarce para garantir sua segurança até o dia do julgamento. E de uma *stripper* desastrada, inteiramente azarada, se torna uma freira monitora de quatro adolescentes rebeldes. O que ela não imagina é que no último lugar que poderia sonhar, o amor e o desejo puro estarão no ar. Dener Murati, o vizinho aristocrata do convento, tem seu autocontrole testado por uma fajuta freira sexy, nada santa, que invade sua residência para se refrescar na calada da noite, pelada, em sua piscina. A pequena feiticeira que o encanta vai virar sua vida meticulosamente organizada de cabeça para baixo.



Cristina Self passou anos reclusa em seu mundo seguro, o qual criou para si mesma depois de uma separação conturbada e violenta. Até que seu caminho se cruzou com o notório advogado criminalista Ariel Miller, conhecido nos tribunais por seu cinismo e frieza calculista. Seduzida pelo magnetismo que ele possui, a encantando com seu olhar intenso, Cristina se desprende do seu mundo seguro, se permitindo se perder por uma única noite no calor dos braços do charmoso homem. Mas o que Cristina não sabe é que o destino tem outros planos para eles, um que ligará as duas almas quebradas para sempre. E de um engano nada angelical, mas sim completamente sexy e envolvente, Cristina irá do céu ao inferno para viver sua história de amor.

AVISO DE GATILHO: o livro contém violência doméstica e relacionamento abusivo.

IRMÃOS FALCON

Doty só queria uma coisa: achar o miserável que engravidou Tifany e chutar o rabo dele até Dallas.

A única coisa que Joe queria era dobrar o demônio de olhos negros que o tirou do sério e fazê-la pagar por sua língua afiada e boca suja.

Uma proposta!

Sete dias!

E tudo foi para os ares!

B.D.L.

Um pacto incomum entre duas amigas, na adolescência, as precede na vida adulta. Miranda Lester, uma jovem universitária gananciosa e cínica, prestes a ter seu sonhado diploma, não vê impedimento algum em tirar da prostituição o dinheiro que paga por seus estudos, pelo conforto da sua família e pela vida de luxo que ela aprecia. Focada em uma meta que deseja bater antes de largar de vez seu trabalho, cria um esquema de prostituição usando sua loja, a BDL, como fachada, entregando aos seus clientes as melhores babás de luxo para adultos que eles possam desejar. O caminho de Miranda se cruza com um intenso e poderoso admirador, o qual despertará emoções e desejos antigos nela, silenciados por sua vida adulta precoce, que a fez amadurecer rapidamente. A chegada de Mr. Red em seu caminho a faz questionar até onde realmente ela será capaz de ir para manter sua lealdade, sua ambição por dinheiro e, principalmente, até qual ponto o amor pode levá-la. Um romance

intenso, envolvente, sórdido, soberbo e pecaminoso, com duas almas nefastas marcadas por seus passados corrompidos, que acarreta em um enlace que os liga além da moralidade da sociedade.

SEÑORITA

CAROLINE ANDRADE

Tina encontra uma chance de conseguir recomeçar sua vida, zerando o placar e esquecendo seu passado, quando uma proposta de trabalho, para ir cuidar de quatro crianças na vinícola da família Sánchez, chega até ela. Mas o passado nunca esteve tão presente em sua vida quanto agora, ao ter seu destino cruzado com um espanhol mal-humorado e amargo, que também esconde demônios que lhe assombram, os quais há muito tempo ele deseja esquecer, mas que estarão mais vivos do que nunca quando monstros antigos vierem atrás dele. Uma história de amor, recomeço, vingança e justiça, mas, acima de tudo, de duas almas perdidas que buscam redenção.

Atenção: contém gatilhos para prostituição, drogas, violência contra mulher e criança, morte, tortura física e psicológica, necrofilia e canibalismo.

Coisas leves, mais um dia normal no parquinho com a tia Carol.

---

[1] A cirrose hepática é o resultado final de anos de agressões ao fígado, fato que provoca a substituição do tecido hepático normal por nódulos e tecido fibroso. No fundo, a cirrose nada mais é do que a cicatrização do fígado. Onde deveria haver tecido funcionante, há apenas fibrose.

[2] Meu Deus.

[3] Está segura, menina.
[4] Obrigada, senhor.
[5] Don Juan é um personagem arquetípico da literatura espanhola e que detém uma ampla descendência literária no continente europeu. Ele foi criado por Tirso de Molina.
[6] A palavra leão de chácara (pré- AO 1990: leão-de-chácara) é uma forma coloquial de chamar os encarregados da segurança e confisco de drogas em portas de boates, bares, padarias e supermercados, para prover a segurança nos locais, verificar as identidades dos frequentadores para conferir idades etc.
[7] Marinheiro.
[8] Pequena.
[9] Muito obrigada, marinheiro.
[10] É como se fosse um pastel frito feito com farinha, e dentro está o "segredo": o recheio. O tradicional leva nozes, avelãs, açúcar e anis. Porém, dependendo da zona da região, é possível experimentar recheios que não levam todos os ingredientes e em outras, que ainda levam vinho branco ou mel.
[11] Deus, não!
[12] Me solte.
[13] Criança.
[14] Sua mãe.
[15] Bastardo.
[16] Homem.
[17] Sim.
[18] Não.
[19] Homem tolo.
[20] Meu pai.
[21] Boa noite.
[22] Quer.
[23] Atenção.
[24] Me solte.
[25] Teimoso.
[26] Eu não preciso do seu dinheiro, muito menos de você.
[27] Dois animais.
[28] Sinto muito.
[29] Cale a boca você também
[30] Eu tinha razão quando disse que ele carrega a morte.
[31] Assassino.
[32] Mas sim para mim.

[33] Filho da puta.
[34] Muito bem.
[35] A morte anda de mãos dadas com você, marinheiro.
[36] Infeliz.
[37] Querida.
[38] A chorona.
[39] Sim, eu gosto.
[40] Vingança, assassino.
[41] É só seu.
[42] O caralho.
[43] Tenha pena de um homem miserável.
[44] Não daria um dinheiro para um café, compadre...
[45] Eu sei.
[46] Eu, eu te amo como uma canção de amor, meu bem
Eu, eu te amo como uma canção de amor, meu bem
Eu, eu te amo como uma canção de amor, meu bem
E continuarei repetindo-ti-ti-ti-indo
[47] Garoto, você brinca com minha mente como uma sinfonia
Não há como descrever o que você faz comigo
Você apenas faz comigo o que você faz
E eu sinto como se tivesse sido resgatada
Eu fui libertada
Estou hipnotizada por seu destino
Você é mágico, lírico, lindo
Você é
[48] E quero que você saiba, meu bem
Eu, eu te amo como uma canção de amor, meu bem
Eu, eu te amo como uma canção de amor, meu bem
Eu, eu te amo como uma canção de amor, meu bem
E continuarei repetindo-ti-ti-ti-indo
[49] Algo deve ter dado errado no meu cérebro
Estou com toda a sua química nas minhas veias
Sentindo toda a alegria, sentindo toda a dor
Solte o volante, estamos na faixa de alta velocidade
Agora estou nervosa, não estou pensando direito
Ultrapassando todos os limites, você me intoxica
[50] Assim como nicotina, heroína, morfina

De repente, estou viciada e você é tudo que preciso, tudo que preciso
Sim, você é tudo que eu preciso
[51] É você, amor
E eu sou uma idiota apaixonada pelo jeito que você se move, amor
E eu poderia tentar fugir, mas seria inútil
A culpa é sua
Apenas uma dose de você e eu soube que eu nunca seria a mesma
[52] Estou apaixonada.
[53] Oh, estou dizendo que é você, amor
E eu sou uma idiota pelo jeito que você se move, amor
E eu poderia tentar fugir, mas seria inútil
Você é o culpado (você é o culpado)
Apenas uma dose de você e eu soube que eu nunca seria a mesma (eu nunca serei)
[54] Não me mate.
[55] Um passo adiante.
[56] Por favor, imploro, não me mate.
[57] Homossexual. É usado como um termo pejorativo: viado, bicha.
[58] Seu covarde.
[59] Olhe.
[60] Anda.
[61] A mistura plástica explosiva conhecida como C4 é composta por 91% RDX e 9% de aditivos plastificantes. O poder de detonação do C4 é suficiente, por exemplo, para gerar ondas de compressão capazes de iniciar a fissão nuclear de uma bomba de urânio-235.

[62] Com licença.
[63] Esse mundo pode te machucar
Te cortar profundamente e deixar uma cicatriz
As coisas desmoronam, mas nada quebra como um coração
E nada quebra como um coração
[64] Mas fique vivo por nós.
[65] Nós vivemos e morremos por belas mentiras
Você sabe disso
Oh, nós dois sabemos disso
Esses cigarros eletrônicos
Esta casa em chamas, não sobrou nada
Está queimando
Nós dois sabemos disso

Nós temos a noite inteira para nos apaixonarmos
Mas, em um estalar de dedos, desmoronamos
Estamos quebrados
[66] Foi um prazer.
[67] Avó.
[68] Cachorro.
[69] Você vai me fazer esperar na cama, papai.
[70] Eu gosto e muito.
[71] Não, mais posso ser se quiser.